



384

L.

14986

Faltun as
pag. 55-56

SECRETARIA DE EDUCACION 1022 1907-1910

AOS ALUMNOS

DO

Curso Industrial e Commercial

de Lisboa

EM MEMORIA DE

C. A. Gonçalves

OBRAS

DE

Antonio Feliciano de Castilho.

Constando-me ter havido quem reimprimisse em França, sem licença minha, dois volumes de minhas Obras, e sendo isto sobre iniquidade, manifesto roubo, declaro que perseguirei em juizo com acção de furto, em quanto a noma fôr sobre imprensa não estabelecer outra propria para tais casos, a quem quer que, sem minha expressa licença, reimprimir esta ou outra qualquer Obra minha, ou impressas fóra as introduzir e vender neste reino.

A. P. de Castilho.

L. A PRIMAVERA

POR

Antonio Feliciano de Castilho,

Bacharel Formado em Direito, Socio da Academia das Sciencias de Lisbon, da Sociedade Juridica e da dos Amigos das Letras da mesma Cidade, da Sociedade Literaria Portuense, do Instituto Historico de Paris, da Academia Real das Sciencias e Bellas Letras de Roão.



SEGUNDA EDIÇÃO,

Muito correcta, emendada, e copiosissimamente accrescentada.

Lisbon.

NA TYPOGRAPHIA DE A. J. S. DE BEINHOS.
Rua do Soccorro de Cima N.º 39. 1.º andar.

1837.

BIBLIOTHECA MAGNADO

N.º 47

Stet quicumque volet potens
Aula culmine lubrico :
Me dulces saturet quies ;
Obscura positus loco
Leni perfruar olio ;
Nullis nota Quirilibus
Ætas per tacitum stuat.
Sic cum transierint mei
Nullo cum strepitu dies ,
Placatus moriar senex .
Illi mors graui incubat ,
Qui notus nimis omnibus ,
Ignotus moritur sibi .

Sen. Thyest. Act. II.

ANTE-PROLOGO.

Bem será para alguns motivo de maravilha, e de riso para muitos, a declaração por onde me agrada começar este Able Prologo; e he, que o estou principiando, e querendo Deos o levarei ao cabo, antes de conhecer a Obra para que vai feito. Quatorze annos, e não poucos d'elles bem estirados, são hoje d'iscurridos depois da impressa, e por tanto segundo meu costume aposentada e esquecida, a minha Primavera. N'estes quatorze annos, começados a contar aos vinte e dois da minha vida, não só se conheceu, e desvaneceu aquella melhor, mais florida e derramada parte d'ella, que tanto discrimina, e afasta o periodo seguinte do anterior, senão que ali se desatou tão desfeito temporal de successos estranhos, de terrores e calamidades publicas; tantas certezas saíram, realisaram-se tantos impossiveis; por tal arte se transformou e renovou ora em bem ora em mal a face do nosso Portugal; tão poucas e tenues reliquias de um passado, que ainda nós os nigos alcançamos, subsistem já agora quer nas pessoas, quer nas cousas e costumes, e enfim por tudo isto nos petreficamos, e envelhecemos em tanta maneira, que por mim digo, n'estes quatorze annos me parece ter a Pátria desbaratado cabedal de seculos, e o Tempo

uma larga idade do mundo. Tantos e tais annos que da minha Obra me separão, não costará muito a erer na tenção tornado ao cabo tão alheia, como se d'ella só mui por longe me houvera susurrado uma leve noticia. Esta idea confusa, mas suave e suavissima como apagado retrato de antigos amores, como lua de estio contemplada em fundo de grão, ou como vista de remotas velas ao coração do que alem-mar desinha desterrado entre asperzeas, esta idea toda mansa, toda rosada, toda primavera, mais temo perdê-la do que todas as minhas outras illusões, se por ventura já hoje alguma tenho. Talvez receie, e se receio talvez me não falte razão, que ao reler estes Poemetos, nem ache n'elles as cores que os longes me figuravão, nem os gostos com que os hia não compondo, mas para assim dizer colhendo e entranalhando pelas varzeas e valles do Mondego: tanta foi a metamorphose, que de mim fizeram os livros, as côzias, e a idade! Como que tenho uma dolorosa certeza de que me acontecerá com isto o que já me succedeo visitando, depois de espagocissima ausencia, as cazas opde a minha primeira infancia: lóga brincado, amado e perdido: tudo achei mequinho, solitario e quasi mudo, tudo me dizia muita saudade e nenhum prazer; cada pedra tinha sua historia, mas toglas me clamavão outros tantos desenganos. Grande differença esta entre as nossas proprias antigalhas e as do mundo! as do mundo pelo seu mesmo misterio nos deitão, tão a primeira pagina

de um romãse para a imaginação; as noias pela sua certeza nos contristão, e são a pagina ultima de uma historia que nãoz nos corria formosissima.

Apraz-me por tanto boiar ainda por algumas horas ao de cima d'estas fantasias, e antes de se me apagarem, se já he que isso tem de ser, alegrar com o seu reflexo estas paginas, que mal poderão ser muitas; sempre he cedo para lançar pelas janellas fóra os brinquelões de nossa puericia; e mal haja quem o faz sem que todo o coração se lhe aperte dentro ao peito.

Por isto que digo, entenderão meus leitores o porque, exhausta logo no primeiro anno a primeira impressão da *Primavera*, tantos se tem devolvido sem que jamais me deliberasse a reimprimi-la. Pelos fins de todos os invernos e começos da melhor estação, me era ella de todos meus livreiros requerida; por mais de uma vez me senti abalado, mas a lembrança do meu desencantamento me era sempre esquivã, e repugnava-me, como uma certa simonia, o arriscar-me a por alguns cruzados malbaratar uma delicia do santuario de meu animo. N'esta parte não me entenderão todos, mas os meus intimos confirmarão com juramento o que digo. Agora porém que até a minha pobre bibliotheca já se ali vai rareando e desfazendo vendida, e me importa pôr entre mim e a terra do meu nascimento muita outra

terra de permeio, e Deus sabe para quanto tempo, obedeco aos desejos de muitos dos que ainda lem, no conselho dos amigos, e á lei da necessidade. Reverei para a impressão, e perderei para mim este livro de saudades, livro que só fechado eu poderia ler como me convinha. E por quanto, depois de sua leitura talvez me desamparasse a vontade de aventurar algumas reflexões sobre este género de poemas, fa-las-hei antes, e já aqui; deixando para o Prologo as que ácerca da Obra me forem por ella mesma suggeridas.

A Poesia campestina, ou segundo vulgarmente lhe dão nome, pastoril, com ser de todas a mais antiga, nunca em nenhuma parte se perdeu, dado em muitas decaisse não raro do seu credito e lustre; e segundo todas as mostras, deitará ainda até ao fim das idades literarias. Sempre moça como a terra sua mãe, mansa como os annos seus irmãos, formosa como as flores que lhe guardam o chapeo de palha, livre e leve como os zefiros pela asso-mada dos montes, alegre, namorada e innocente como as aves na madrugada do anno, he de ver qual se vai sozinha e vivisima por entre tantas couzas mais fortes que morrem; com o seu cajado de pastora, segura entre tantos inimigos; girando todo o orbe, e por todo elle bem vinda; vingando e vencendo todos os seculos; dando a alguns d'elles de mais amovavel indole a sua propria fórma; e relevando-lhe, ainda os mais ferozes e guer-

reiros, que lhes ella misture coim a sua frauta
do verão os binnos da guerra, lhes entretença
maliciosa violetas com os louros, e os campos
que elles a ferro e fogo devastarão os repouso
ella de imaginadas verdura, flores e felicidade.

Hum curioso reparo poderão ter feito os que
os fazem no ler poetas, e he, que apenas haverá
alguim dos chamados Epicos, para quem o
campo e sua vivenda não fosse deleitoso as-
sumpto. Compraz-se Homero de travar com
as suçanhas dos lieros toques e pinturas do
viver natural e primitivo; Virgilio, que ja pri-
meiro que se abalançasse as armas e guerras
tinha cantado os pastores, e doutrinado os la-
vradores, particularmente se recreia quando no
meio das batalhas pode a uns e outros man-
dar algumas saudades; nos dois Orlandos e
em todos os livros de cavallaria, vai igual mis-
tura; o mesmo na Jerusalem, cujo autor ha-
via escrito o Amintas: e d'entre os nossos,
para por todos citar um, mas um que por todos
valha, Camoës, não só afamou os Portugue-
zes sujeitadores de elementos e homens, mas
tudo se deleita em converter os pegureiros e
campos da nossa graciosa Lusitania, terra cujos
filhos, se me não engano, são por indole do-
tados destes dois extremos, de brandura e de
valor, de amor ao obscuro rusticar e ao glo-
rioso correr de aventuras e perigos: por onde
entendo que para muito mais do que são os
fizera Deos, assim como fizera para muito
mais do que he o grandioso torrazinho que
habitão.

Disse ingenho subtil, e bonsjuizos a crêrão,
 que o desejo, ancia e esperança de bem que
 todos temos innatamente, era claro argumentu
 de uma vida futura, ja que nesta se nos não
 deparava contentamento: assim tambem disse-
 ra eu, que este natural e universal gosto á
 poesia amena he um indicio de que, se jámais
 o homem foi homem e ditoso, ja nos cumprou
 o foi; que as plantas d'onde nos brotão su-
 tento e recreação, exhalão secretamente
 amor para os seus vizinhos, e que pelos riu-
 dos vallas das idades patriarchaes, em quanto
 os bosques não enfião para em sua vez se le-
 vantarem as muralhas, as benções do ceo or-
 valhãvão muito mais anuide. Alguma conta
 farão para aqui palavras do meu Floren, que
 porque d'ellesão as vesterei de muito boa men-
 te = “Oh se nós poderemos ler em seu ori-
 “ ginal texto os bons autores d'essa Altiua-
 “ nha, enlexar-nos-hia a tanta singeleza, a
 “ tanta doçura por onde de todas as outras
 “ se estendião suas obras! Era conhecer a
 “ natureza, e especialmente a natureza cam-
 “ peziã, lerão-nos elles uma infinita sãma-
 “ geim: arião-na mais de veras, retratão-na
 “ com tintas mais fies. Todos nossos poe-
 “ mas pastoris nada tem que ver com os me-
 “ mos traducções do Gesner. Ninguém jámais
 “ fecho a Morte de Abel, os Idyllios ou Da-
 “ phnis, sem ja se sentir mais soltrido, mais
 “ terno, mais mavioso, e porque tudo diga,
 “ mais virtuoso qua antes da lição. Não res-
 “ pira senão moral pura e facil, e virtude

“ d'aquella que logo vem trazendo bemaven-
 “ tanças. Pôse eu parochu de aldeia,
 “ que sempre á estação da missa havia de ler
 “ e ler Gessner aos meus freguezes: e por
 “ certissimo tenho que todos meus aldeões se
 “ fazião probos, todas minhas parochianas
 “ castas, e ninguém me havia de ao sermão
 “ adormecer. ” —

Isto dizia de Gessner Florian, digno de o
 louvar pelo mal bem que o sabia comprehen-
 der e seguir. Isto não escrevia eu nem o dizia,
 mas amplamente o sentia n'esse bom tempo
 que já lá vai. Gessner não era para mim um
 nome, senão um individuo presente, um su-
 rrisimo contemporâneo; nem já suas obras me
 eram livros, mas realidades, vida e mundo. — Sei
 que se não leva a bem o muito fallar um in-
 dividuo de si proprio, mormente em publico,
 e mormente ainda quando esse individuo
 he tão mequinho sujeito como eu: mas de
 que outra couza posso eu escrever? dos outros?
 não os conheço; erudito, não sou; descobri-
 mentos não os fiz, nem já agora os farei:
 fôlgo de espalhar conversa com os meus pa-
 trícios, na falta de melhor assunto, fallo-lhes
 de mim e de meus gostos. — O mais selecto de
 todos elles era pois Gessner, no qual a nais-
 colha de Poesias Allemãs por Huber, andou
 por alguns annos cifrada toda minha leitura,
 porque de quantos autores patrios meus conhe-
 cidos haviam escrito e poetado de couzas risti-
 cas, nenhum havia que ou por sujeição de

engenho e argueia, ou por mal cabida escuridade, ou pelo trivial do pensamento e dicção, ou pelo desageitado do metro, ou pelo urbano artificio do que lhes parecia singeleza, ou enfim por um não sei que de mais ou de menos, me não lançasse lodo e areia no jardim que bem no incio da alma me havia sido por Gessner plantado. (*) Muito aproveitei em tão boa escola: como poeta não, que bem o sabem meus leitores; como homem sim, que disso tive mui cabal e experimentada certeza. Minhas nativas propensões benéficas se arraigaram; minha interior asperidade, que todos de si a tem, se amollecio; sentia-me palpitar no peito um coração da idade de ouro; esvoaçava-me na cabeça uma alma inteira de Arcades; empunha todo o meu economico futuro de uma cioupana, um pomarinho, e pomboas mui brancas e cordeiros mui nedijs: em summa, se Floriani fosse meu parcho, propor-me-

(*) Alguma vez publicarei o que acerca d'isto disputamos por Cartas, de Lisboa para Coimbra, o Padre José Agostinho de Macedo e eu. Negava aquelle escriptor, de incontestavel talento, que a Poesia Alleni e Suíza mais fosse do que a nossa rica em graças naturaes, e amena frescura, antes affirmava que a nossa a excellia grandemente. Eu não escrivia elle de veras, ou se convenceo do erro, como se já de ver das Cartas. quando ellas apparecerem. O motivo porque até hoje as tenho dos publicos elhes esquivandolas, outro não fui senão medo de que se me attribuisse a vã gloria a publicação de uma disputa em que tamanho anjello me cedeo, principalmente sendo notorio que o favor que em tens escriptos deu ás minhas primeiras tentativas poeticas o infantil, juvenil e denegou com o andar do tempo, antes o reforçou com mui generosas lucturas.

bia nas suas homilias como um snail da sua bemaventurança. Assim, e por esse tempo, foi a minha *Primavera* improvisada, e como ella as *Flôres* e as *Quatro Partes do Dia*, Poemas que brevemente sairão estampados, e inteirão com o presente volume o fragil monumentinho dos annos, em que fui tal, qual desejava permanecer toda a vida.

Passa ainda adiante a sinceridade: com vergonha não só minha, mas do tempo em que vivo, confesso que d'essa ingenua honradez, pela qual eu mesmo a mim me compraxia, o de mais (como espirito que era subtilissimo) se evaporou; parte se azedou no vaso com as más sementes de odio que de fóra lhe lançavão; o resto se recozco e estragou no fogo das civis dissensões: procuro-me e não me acho, ou se me acho não me amo. Ainda a minha antiga choupana, os cordeiros neldos e as pombas alvissimas se me fazem lembrados por uma noite de estio, mas riem menos, e não me acenão senão francamente. Tanto vi e vejo de alheas maldades, tanto tem procurado os entes mais abjetos a vis ananigurar-me, que nem quasi na virtude acredito, nem na possibilidade de ser feliz: e este estado, se não he de todos o mais antipocético, se na escola romantica pode até lograr os fôros do *bello ideal* e ultimo sublime, pelo menos he o mais avesso á filosofia e mansidão Gessnerica. Oh quando poderão os dois monstros, em cujas garras inexperatamente caí, quando poderão Politica o

Romantismo dar-me um longe: uma sombra dos interiores enmoldados que me lá ficarão com a poesia natural e singela: É igual pergunta dolorosa poderia fazer o mundo, n ter um coração e uma voz. Já quanto à Política me calo, que esse voto fiz eu; mas quando será que o Romantismo exclusivo e tiranno qual se presenta, se gabe de perfumar condimentos para o amor, de reclinar o amor como filho nos braços da virtude, e de transformar o templo da virtude em casa do contentamento? Quando será que outro homem, da laia e costumes dos nossos velhos, possa dizer na sinceridade da sua alma: — “Se eu fosse parochio, teria Byron ou Schiller á estação da missa, para tornar castas e probas as minhas ovelhas,,? Mas todas estas reflexões de nada valem: a torrente vai fundo e rapida, ninguem, e muito menos eu lhe poria dique. Até (que tão pouco dou pela minha filosofia) talvez que tudo o que por ahí vai, que certamente parece bem triste e bem máo, seja bem necessario ao concerto e melhoria do mundo. Não digo eu o que as cousas são, sim o que se me ellas figurão: não as sentencio sem appellação; na minha primeira instancia as julgo, e o que moralmente me pareceem isso assento com afoita liberdade. Perde ou ganha a humana especie em cada vez mais se apartar por obra, por palavra, e por pensamento, do rural e simples theor de seu primitivo ser? por minha experiencia affirmaria que perde, mas os sabios que o decidão, e a mim seja-me licito pôr duvidas.

Não me intrumetterei com o que vai por outros reinos; esse uso de qualquer contrabandista literario de nunca chegar ás couzas patrias sem primeiro haver tocado nas de França e Inglaterra, não me quadra a mim, quo ao menos tenho a sufficiente consciencia e pejo para não citar o que mal conheço em Portugal me linito. ~~Quem~~ ^{Quem} nos mais felizes ou melhores que nossos avós? Certo que não; e tanto, que se esses bons e honrados velhos podessem ter ndivinhado quaes seriamos nós, nós herdeiros de tãta nomia, escarnecedores de seus exemplos, e deshonoradores de seus castos e amigaveis coallunas; nós que ao seu velho fallar e userever de *deixres*, substituímos o noiso novo fallar e esciezer de *direitos*, e a moda de ter palavra, a moda de ter palavras, ter-se-hião horrorisado como de abominação, do penannento de gerar. Acordai do sepulchro um d'esses anciãos, que depois de pagar inteira a divida a pai e mãi, viveo todo para a mulher, matou-se pelos filhos, guardou a palavra como religião, a religião como necessidade, e cada pacheira de flores, bem com Deos, contentissuno consigo, se ufanava de sentar no melhor lugar de sua mesa o patocho, e todos os seus vizinhos de envolta com seus filhos. Mostrai-lhe todos os nossos progressos, que em nós algumas vantagens materiales e corporaes se resumem: alardeai-lhe o que esperamos, mas não lhe escondaes o que destruímos: lede-lhe a primeira pagina do primeiro Jornal que topardes d'esse mesmo dia, raza de impudencia,

empapada com sel, estillando lagrimas, revendo sangue, suando calumnias e desavergonhamentos, respirando e soprando odios de nação contra nação, de cidade contra cidade, de familia contra familia, de irmão contra irmão, de povos contra reis, de reis contra povos, e dos homens contra a Providencia. Supponde que Deos lhe offerece renovação da vida, e offerecei-lhe vós todas as blazonadissimas excellencias do nosso viver e do nosso esperar: repellir-vos-ha com aquelle braço que antigamente defendia e não apunhalava a Patria; tapará com o resto da mortallia o rosto que só depois de cadaver cõra pela primeira vez; e cerrando rijo os olhos contra a luz, e deixando-se recair pesadamente, de vós não pedirá mais do que um favor, o de lhe restituirdes a sua lagea. (*)

Emquanto assim vai o presente avesso do preterito pelo que toca á moral e á felicidade, fallo da verdadeira felicidade, d'aquella em que a moral entra como elemento, e não da fizica e corporal, da de fazenda e honras, como hoje se entende: vejamos a que ponto subirão com o movimento e progresso as nossas letras. Entrai as typografias, e dizei-me, porque assim amotivão com o seu noturno

(*) Conceder-lha-heis, se ja não tiverdes determinallo empregá-la em outro uso, ou fundar neste sítio alguma casa de Commissão que nada faça, ou algum quartel de guarda que segle sobre os destinos publicos.

e diurno labor a vizinhança ? perguntai-lhes porque assim gemem e se afadigão? em quaes livros nós estão preparando mananciaes de doutrina, ou de costumes, ou de suave, honesto e já tão preciso desenfadamento? Disseréis que nossos laboriosos maiores as deixarão esalfadas com os copiosos frutos de suas lucubrações: o mais com que se alzeiem, são ridiculos farrapos de bestinas torpetas. Seguem-se os mezes nos mezes e os annos aos annos, sem outras literarias novidades. Terra he que já deo opimas searas e vinhas abundosas; agota descultivada e baldia, e á lei da natureza bruta, desata toda sua força e substancia em cardos, em ortigas, em venenosas serpentes. Quantos livros, e quantos bons livros, que nós outros nem conhecemos nem já vulemos a sepesar, saião dos nossos prelos, nos tempos em que a probidade, e a mansidão, e a concordia tinham seu prego. Um só reinado, e ainda bem chegado a nós, e de réi que por bom se não cita, com tanta copia de literarios monumentos nos deixou avergadas as bibliothecas, que dez centos de annos como o presente não produzirão a decima parte. São os nossos typógrafos de hoje, se com aquelles os comparamos, como os nossos entileiros de punhaes, comparados com os bons armeiros que forjavão espadas como as de nossos heroes de boa data, que só com sua pezada presença nos maravilham, a nós, que por nossa verbosa sabedoria, acabaremos de desbaratar tantas e tão longas terras, como nos ellas ganharão esgrenhando-se.

Tal vai pois o estado literario como o social; e nem menos podia ser, porque estas duas cousas, como alma e corpo, se pertencem inseparaveis: Não de Deos que ao corpo politico quizesse restituir a saude, por ali lhe fortaleceria não menos o espirito; Sopra do Deos que ao espirito restituísse a luz, por ali lhe ordenaria e vigoraria todos os movimentos. Por tanto, conhecendo e confessando que nem facil he nem possível torcer a carreira desenfreada que o nosso mundo leva não sei para onde, todavia para mim tenho, se na cabeça está isto, se no coração, não o direi, mas tenho para mim, que mihi bem fará, e muito amado será dos rectos juizos quem nos fizer volver olhos de saudade para a vida que já se viveo, e que ainda um ou outro, aqui ou acolá poderá inteira, ou quando mais não fór, em partes, em amostras reviver. É pois será isto uma illusão minha? Se o geral da gente vai por entre dores para uma cousa que se chama perfeição, não pode um individuo em particular deixar-se ficar almoz, despir essas suadas armas de milicia conquistadora, e recolher-se, honrado desertor, lá onde viva segno com Deos, comiso, com poucos vizinhos, logrando-se da natureza, e desfrutando em variados prazeres todas as estações, presentes que Deos envia para todos os homens, mas de que as das cidades só pela folhinha tem noticia? Por quão feliz se não deverá dar o escritor desambicionado, se aos pures sons de sua lira afinada nos bosques, lograsse, não como Anfião fun-

dar e povoa cidades, não como Orfeu arrancar as feras dos arvoredos e domesticá-las; mas arrancar d'entre feras humanas homens inda não corruptos, e assenta-los, para sempre feridos do reboliço das grandes povos, no divino remanso do ama campestre solidão! De mul-
leves causas e tenuíssimos momentos pende ás vezes o destino de toda uma vida: assim como de um encontro fortuito resulta uma affeição amorosa, que logo produz um consorcio é um systema completo de existir, assim de uma palavra em uma conversa casual, da substancia de uma pagina lida em certa hora, do aspéto de um painel, podem nascer, e mil vezes terão nascido, determinações, vocação e fados de indivíduos. E para vir a um exemplo recente e meu, aquelle bom livro das *Prisões* de Silvio Pellico (todo imbuido, relece-me a expressão, de uma christã e filosofica filosofia, que a maior parte das assim chamadas nem uma nem outra coisa tem) aquelle bom livro, ja principiou e talvez acabará de me curar o animo: não lhe restituirá a muita harmonia com que o de Gesner me temperára, porque a mocidade das illusões passa e não volta; mas deixar-mo-ha provavelmente mais alto e forte, que ainda no meio das maiores tempestades repouze e abençoe tudo. E não he isto maravilha, que a alguns outros que o lerão ja eu onvi iguaes, senão maiores encarecimentos de sua medicinal virtude. (*)

(*) O Livro *Le mie Prigioni*, quanto á utilidade publica, me parece, egualia á *Imitação* de Kempis. Em Kera-

— Este desvio, por onde me agora deixava ir, lerar-me-hia longe, que assim he accomodado a meus gostos; mas porque he desvio o largo, e retomo o caminho que hia seguindo. A poesia amavel, a que nas mãos e seio nos vinha offerecendo ramalhetes, e frutos no regaço, e amores nos olhos, e nas fallas consolações, afastou-te d'entre nós, onde ainda a alguns poderia aproveitar, e assim como outras muitas boas artes e prendas, sói reclinarse á espera na beira da torrente dos dias, d'onde não volverá, sem que primeiro se restitueam muitas optimas cousas e todas suas, que o mundo velho tinha produzido. Mas d'onde virão estas cousas? Do mesmo mundo velho? mal o creio, que o novo quebrou a ponte que os juntava, e rio de usania vendo abismar-se a fábrica que assim parecia eterna. Renascerão por tanto da propria natureza da terra, da indole da alma humana que ja uma vez as produziu, ou do topro docco: renascerão tarde; renascerão quando nós ja não formos; renascerão talvez diversas, mas renascerão. E quaes são estas cousas do mundo passado, cuja perda tanto dóe ás Musas e á Virtude? são as formosuras e magnificencias da religião, o respeito nos sinados e a seus sepulchros, ás lições da experiencia, ás obras dos antigos homems, a veneração ás cãs, o quasi culto ás mu-

pis apparece a descripção da caridade e piedade, em Silvio a applicação d'ellas aos successos da vida. Kempis aconselha, Silvio ensina a perdoar, a amar, e a ser feliz, em despeito da fortuna: dá o exemplo d'isso, he elle proprio o exemplo.

lheres, a benevolencia e sociabilidade, o afeto aos usos e modas patrias, o amor do estudo, que nós dissipámos com as leituras efemerias, e o amor do torrão natal, nobre secundissimo sentimento, mas impossivel onde se vive sem muita brandura e sem firme certeza de permanecer. Tudo isto se perdeu para nós, e não sei que bens haja em seu lugar posto a *Philosofia*. A que verdadeiramente o he, ainda que esse nome se não dê, a que realmente faz homens livres e felizes, não he Furia que destina tão venerandos objetos; ama-os, defende-os, reformna-os quando o tempo os viciou, concerta-os que se amparem mutuamente, pede-lhes frutos, e com seus frutos se fortalece.

Quando de espaço me dou a escavar estas verdades, nada me assombra a nossa crassa e desdenhosa ignorancia, mai ou filha, e certamente socia da nossa immoralidade. Esta mal-agoirada ignorancia e esta immoralidade crescerão; ja nossos filhos apenas saberão ler, e se o turbilhão que a roda leva não houver quem o suspenda, brutos e ferozes sairão os netos. Applicai todos os vossos sentidos ao coração da nossa Cidade: se a vida he movimento, ali trabalha vida; se posem a vida ha-de ter um perfume, uma harmonia, ali não ha senão morte, e aquelle movimento he de cadaver que fermenta para se dissolver. Poesia, verdadeira poesia ja n'este Reino, onde em todos os tempos pullullava espontanea, posto que raro amadurecesse, ja por consequencia acabou: quanto desde hoje se poetas nas enamo-

radas doçuras da vida aldeã, mais não serão que recordações sem germen da futuro. D'entre a memoria e o espirito, não da experimental convicção do poeta, nascerão esses versos, como lagrimas de bálsamo, que não de dentro da arvore, mas d'entre a casca e o libro vem raras gotejando, para cairem e se perderem no terreno bravin da solidão. Oh Liberdade, Liberdade! quão mal te comprehendem os que te separam do bello! quão mal te servem os que te malquistão com os homens de bem! como involuntariamente te levão á morte os que só te pedem como summa felicidade, o direito de nada respeitar, estradas de ferro, navios de vapor, um himno, e punhaes ou carcerees contra quem quer que não beber ás suas meias! Pobre Liberdade, não he este ainda o teu dia: não és tu idolo de selvagens, mas Divindade benefica de homens prudentes.

Eis-me outra vez com a Politica, e o meu voto quebrado. Já vejo que a minha cura não está tão adiantada como o eu suppunha: não ha remedio, amanhã releteremos Silvio Péllico, e por hoje voltemo-nos com toda a diligencia a rematar, como quer que seja, este escrito.

São pois o presente livro por todos os modos extemporaneo, já porque a estação nem he d'elles nem para elles, já porque lhe fallecção não dá para amadurecer e suavar, e já porque dos que lhe tomarem o sabor, uns o taxarão de temporão, outros de serodio, sendo

que uma e outra couza he elle, e demais a mais péco, segundo a planta de que se erece. Uma só lembrança me consola, e he, que assim mesmo ja deveo ser peor, quando da primeira vez appareceo, e mais lhe não faltirão, gostadoras; tanto he assim que nunca faltarão sympathias ao que de sua origem he bom, ainda quando deslizado e estragado pela impetria de quem o tratou. Melhor he hoje do que então era; não porque o eu tornasse á forja e á bigorna, ou o recorresse e lustrasse com esmerada lima, senão porque havendo hoje, menos dados á lição dos livros, e em especial d'este genero, tambem ja não ha criticos, e não he para as acções da vida publica e domestica; por onde as obras escriptas podem passar a seu salvo, sem que suas pobreza e vergonhas sejão vistas e apupadas na praça. Desconsolada consolação he esta de se poder desafinar cantando, por se cantar entre surdos: mas cise mal, se o he, só a mim me toca, e para o descontar me sobra a lembrança, de que alguns caladamente me agradecerão o divertimento do publico espectaculo. Para estes em boa hora saia e sai o livrinho fallador de campos e amores: suave appareça como a violeta sozinha encontrada no passeio de inverno: suave e não estranhado como o raio de sol por cima de campo de batalha apoz uma noite de geada; nada aproveita elle aqstadeveres, mas alegre e consola como esperanza aos que mal feridos jazão, e a quem o regelado lenitor das trevas coallhaya o sangue, desesperaya

as dores, tranzia os ossos, e os descoroçoava da providencia.

Ramalhete he de flores silvestres que a meus amigos deixo na hora do apartamento, que ao menos em quanto durar lhes recordará que os amei. Terra de Portugal e outr'ora de Portuguezes, terra namorada do mais formoso ceo, terra sombreada de laranjeiras e murtoas, acobertada de verde e bordada alcatifa, amorosamente abraçada do Oceano, talhada e regada de tão espelhados rios, terra de tanta poesia e de tanto amor, eu te deixo! E para que ja nunca onde quer que a fortuna me detenha, me cuides de ti esquecido, terra do meu Portugal lembre-te que o meu ultimo pensamento ao sair das tuas pratas foi o da tua Primavera e o da minha Mocidade.

Lisbon: 1 de Dezembro 1836.

PROLOGO.

Não erão vãos os meus receios; acabo de visitar a *Primavera*, não ainda para lhe emendar as mindezas, mas para a conhecer por alto, e podê-la sentenciar no todo. Reconheci-a, mas de mudada, mui outra da que a tinha deixado na graça, geito e amores; trocarão-ma os annos, trocando-me. Desaina-la ainda não, mas ama-la também já não! Se lhe não quero mal, he só porque lhe quiz muito bem, e foi minha; mas como já me risquei de seu namorado, não hei de chamar-lhe formosa, que o não he, nem dissimular que sejão defeitos, muitos que em bom tempo já talvez lhe tive por perfeições e primores. Não ha remedio, prometti-me seu juiz, passará por onde houvera de passar, se de inimigo fôr. Se ella perder do seu preço, e eu do meu, consolemo-nos ambos d'esse pouco damno; ella por não receber de mim injustiça, eu com ter obedecido á consciencia, que também em letras a ha. Antes porém que entremos a contas e lhe formemos o sumario, releva anticipar uma dúvida não leve, que se me pode pôr, e desfazer um septo, que deixado a si pareceria de força.

He o reparo e a dúvida; que pois he o Livro inamovel por defeitos a seu proprio autor, não havia porque de novo o semear em público, antes importava pôr todos os meios para que o nunca mais vissem, nem d'elle se fizesse menção; que o contrario he saltar a toda a reverencia, que aos leitores se deve, dando-os por brancos para conhecer o máo; ou a caridade natural consigo proprio, expondo-se sem força de obrigação a menoscabos, se não injurias.

Não quero responder que em dar o que ha quando ou emquanto não ha melhor, ja o que o faz se ha de haver por desempenhado; nem que, para reo que sem tratos e sulto confessa os delitos, sempre por bom direito se usou de misericordia; melhores me pareceru do que estes, os inputs fundamentos: e ei-os aqui.

Primeiro: que andando a *Primavera* ja impressa e corrente por muitas mãos, e não podendo ser recolhê-la eu de novo, e desluzi-la da memoria de muitos que a bem agazalharam, melhor arbitrio ho, pois que tem de se conservar no mundo, renascer n'elle expurgada de muitos vicios da primeira impressão, e se a paciencia me acudir com o preciso valor, retoçada no que pertence ao literario.

Segundo: que havendo talvez oiada, e podendo vir a haver, moços que se deem a poetar, acontecerá que entre os mais livros por-

inguezes que ás mãos lhos cheguem, vão de-
 envolta os meus (assim me promette sua boa
 fortuna, que os livros a tem como os homens,
 e ás vezes os mais ruins muito melhor do que os
 bons): niños de principiautes não sabem esco-
 lher, os amores, ameadades e branduras da
Primavera cáeni muito a gente moça, ir-se-
 hão traz o gosto, e hecharão muitos defeitos;
 do que seria minha a culpa, se eu não procu-
 rasse agora arrancar boa parte d'elle, e con-
 tra os demais os não precavesse com honestas
 advertencias.

Tercero, finalmente: que eu pretendo an-
 tes ser bem conhecido pelo que fui, sou, e
 hei de ser, do que só pelo que sou; porque
 nascendo-nos o presente do passado, ainda
 que diverso, o produzindo-nos ainda que tam-
 bem diverso, o futuro, o sermos só conheci-
 dos pelo que somos não he sermos conhecidos.
 He pensamento que merece ser entendido. Ale-
 xandre Dumas o explicará. Sem pedir venia
 traduzo o passo, com quanto seja longo, cer-
 to de que o não parecerá.

— “ A maior desgraça da crítica, ainda
 quando se não sae com ignorancias e vellaca-
 rias (diz elle no prologo da *Catharina Howard*)
 consiste em sentenciar uma Obra nova des-
 membrada do seixte literario cuja he parte:
 ahí está porque nunca se pôde avaliar um li-
 vro com execção antes da morte do autor; e
 mais ainda he preciso que Deos lhe haja con-

cedido desde o primeiro até o ultimo, os dias, que para acabar seu edificio, se lhe faziaõ mister; por quanto, se antes de tempo morro, o monumento que traçura tem de ficar incompleto para sempre como a Sé de Colonia, e os homens mal justos para com elle ainda para além da sepultura, lançar-lhe-hão a conta de humana fraqueza o ter-lhe ficado certo vão por tapar, quando a morte de invejosa e apressada lhe veio ntar as mãos, e ja talvez para se arrematar mais não faltava que uma só pedra: ora por aquelle vão, he que a critica se mette e entra, quer o autor esteja vivo, quer defunto. ,,

“ De trez idades se compoem a vida de quem nasceo sadado a dar desi produções, e em trez periodos se desparte: como couza alta o nobre que he, tem primeiramente sua base por onde se começa; depois um cume onde se chega; ultimamente la por dentro um motivo, tensão e fim particular para onde se torna a descer. Pelo que, he necessario que o homem tenha vivido todas estas trez idades e que o seu talento haja cursado estes trez periodos, para se poder avaliar aquelle talento no seu todo, aquelle homem na sua produção. ,,

“ Primeira idade, quando a fantasia prevalece á razão. A esta idade de viço pertencem as horas que tão despedidas voão dos vinte e cinco aos trinta e cinco. He o periodo para dever inventar *Hamlet* quem se chamar Sha-

Shakespeare, o Cid quem tiver nome de Corneille, os Salteadores quem foi Schiller.,,

“ Segunda idade, em que a fantasia e a razão se embalam, ajudando-se mutuamente, e vindo a formar das suas duas uma só força neutra. A esta idade vigorosa pertencem os dias que vão correndo dos trinta e cinco aos quarenta e cinco. He o periodo em que os mesmos trez sujeitos produzem *O Rei Lear*, *Cinna*, *Wallenstein*. „

“ Terceira idade, em que a razão prevalece á imaginação. A esta idade de reflexão pertencem os annos que descem dos quarenta a cinco aos cincoenta e cinco. He o periodo em que elles compoem *Ricardo III*, *Polycetes*, *Guilherme Tell*. „

“ Ora pergunto, ficariao completos Schiller sem *Wallenstein* e *Guilherme Tell*, Corneille sem *Cinna* e *Polycetes*, e Shakespeare sem *O Rei Lear* e *Ricardo III*? „

“ Parece-me portanto que nunca devera a critica requerer de um poeta, senão as obras de sua idade; e bem sabemos nós como o faz ella sempre ao reves, sendo as obras que mais se empenha em querer extorquir de um engenbo as dos annos que ainda não vingou, ou as dos outros annos que ja deixou transpostos. Pelo que toca a uma obra que vem condizendo com o periodo d'onde dimana, nunca a

impetlinencia dos juizes n dá por cabal: são uns Aristarchos sem paciencia, que acodem logo com a critica a cada pedra de per si, ao passo que ainda se está guindando, sem advertirem que aquella pedra só assente e junta com as outras pedras tie que ha de dar prova da traça e desenho geral do archilcto: são como uns pomareiros esquipaticos, que não tomando em conta o inalteravel fio das quadras do anno, pedem fruta madura á primavera, frutos verdes no verão, e ao outono flores. „ —

Bem haja Alexandre Dumas, que tão artificioza e claramente me decifrou, e me ajudou a pôr em limpo uma verdade, cujos arcanos elle ha que eu, longe da longe; uma verdade que eu andava adivinhando como parente nevado.

Ora pois, dos tres apontados motivos de determinação, foi este ultimo o de maior momento: quiz dar completo o meu testam, me nos o intellectual do que o moral, a quem desejasse conhecer-me: não podia omitir como feição o que eu havia sido, e ainda antes d'aquella primeira idade, que dos vinte e cinco decorre até os trinta e cinco annos. A Primavera, escrita por vinte e dois, tinha por tanto de entrar incorporada na collecção das minhas Obras. Se a refuldisse pelo meu gosto do hoje em dia, não sei se ficaria melhor, mas sei que ficaria outra, e por consequente faltar como feição. Tudo quanto era meu gosto, meu pensar,

seu ser proprio passarão intacto; e n'isso, se se
 hão de perdoar gabos a quem sem disfarces neih
 dó se disciplina deante do Povo por peccados
 poeticos, n'isso digo, alguma cousa ha de
 bom, sem o que não tivera agradado a tanta
 gente. O por onde a lima pode e deve corre
 r afasta o sem dó, são — as numerosas faltas de
boa fulta portugueza — delecta de frave — e
estiramento de períodos.

Quero-me explicar, não para os Mestres,
 sim para os novéis no officio de escrever, com
 os quaes particularmente conversei nos meus
 prologos; e porque não havia eu repartir de
 fructo de minha tanta ou quanta experiencia
 com quem não a pôde ainda ter, nem supprí-
 la com seguit cursos de Bellas-lettas que entre
 nós se não ensinão? Um dos maiores delictos
 literarios, e em que innu usualmente chãem os
 moços, he o desprezo de lingua e correção;
 delicto que per si basta para descahtar muitos
 meritos intrinsecos de escriptura. Setu bẽm sa-
 ber sua lingua, diz Boileau, o autor m'ã
 divisaõ nunca passará, por muito quẽ façã, de
 máo executor. He allã a ferramenta para este
 gẽnero de labor da alma; e quem pdeir sã
 mãos na obra sem prãseirõ ajuntar, conhecer,
 escolher e apontar bẽm os instrumentos de quẽ
 se ha de valer, nem se pôde mostrar hõm ar-
 tífice, nem metecer desculpa de o não ser.

Toda a lingua em creança padecẽ dispẽpsia de
 versos, diabetes d'istã quem to mẽdos prezã

de cortez com Divindades. Na primeira idade he costume, e por muitas razões, das quaes não será a mais fraca a averção ao trabalho, presumir-se antes de facilidade e presteza no escrever, do que de correção e primor: coração e fantasia tudo ainda ligeiro, querem que a penna lhes obedeça, como se ella podesse; forção-na, e dahi resulta que pensamento ou affeto que lá dentro era soberbo, apparece em fora frio, mesquinho, desengraçado; e maravilha-se o escrevedor quando a mesma couza que valentemente o agitava, em quanto em si a revolvia, depois de passada para o papel adormenta os ouvintes, e n'elle proprio o desconsola. De todos os defeitos de autor, talvez se podesse affirmar que só este he verdadeiro, real e absoluto defeito: porque, se os pensamentos e affetos de cada idade são d'ella, e dessão e de contentão a todas as outras, tem por si a serem d'ella, e como taes se defendem por conterem verdade e pintarem o homem; não assim a lingua, que em todas as idades he ou deve ser uma, não provando outra couza o fallar-se a ella, senão que se quer fallar antes de se ter aprendido. Sou experimentado, e por hein do proximo direi com vergonha minha, que no que me ficou escrito d'essa quasi infancia poetica, as couzas nem me espantão nem me offendem, ainda quando as desapprovo, mas a linguagem e o dizer me fazem de continuo cair as faces; e por isso que he escolho em que naufraguei tão desastrosamente, o assignalo com tanta miudeza e coi-

ma ; nem cangarei de assignalar e accender-lhe em cima bon luz de farol, em quanto vir, como vejo, outros, que nem por idade se absolvem, esbarrar n'elle e perder-se a todas as horas. Mancebos, (se os ha ali que se demias letras) vós que encetaei a muí ardua e perigosa vereda que pelas letras conduz á fama, seja qual fôr o genero de poesia para onde propendaes, seja qual fôr o vosso não vulgar engenho, sejam quaes forem os louvores que os velhos na arte vos concedão, e os applausos com que as sociedades vos afoutem, não vos deis pressa de apparecer : os conselhos que Horacio vos deu, durão com toda a fôrça que a natureza e a pratica lhe basejarão. Deve-se compor de espaço, consultar os bons e petitos, guardar por nove annos, chamar, e tornar a chamar dez vezes á unha a obra ja perfeita. O amor proprio nos persuade e impelle a apparecermos cedo, devia elle, se não fôra cego, ter-nos inão para nos não sairmos senão a horas ;

A melhor fruta colhe-se mais tarde.

(F. R. Lobo.)

Muito mais vale começar jornada com dia claro, do que, para adiantar horas, largar a pouzada pelo escuro da noite, em que os tropeços são fazeis, perigosas as quedas, e quasi certo o extravio, que a final lançadas as contas nos farão chegar mais tarde e menos gostosos ao lugar que demandãmos. Repetirei, porque nunca o repeti-lo será de sobra, o que ja por semelhante occasião disse em outro meu

livrinho, contra esta enfermidade que se tornou praga, e nos traz a todos lastimosa e galeados; não ha mais remedio senão apcorrer-mo-nos aos livros mestres de nossa lingua. A averção que vós outros, gente moça, tbeis tendo, benizei d'onde nasce, que tambem eu por ahi passei: correm para vós como rio-caudal os livros d'essa França, todos e-puiciosos e doirados, todos galhardos e longos, attribuidos e argutos ao dizer, promettedores de maravilhas noxtitulos e indices, conversando com-vosco paixões fortes e brandos affeitos, uns ro-mantando republica por todas as folhas, outros por todos os poros exhalando commodissima in-credulidade, e todos á uma embebidos do presente, afogados pelo vesso ponto, e se o posso dizer, manebos como vós mortuos. Não ja assim os nossos patrios autores: estes não vos silem ao caminho; ponhão, antes jazem, pela escuridão eterna das bibliothecas, mal en-voltos na grossieira capa de seu tempo, enter-rados no pó, meio devorados dos bichos; se os olhaiis por fora, parece-vos que a vida vos não daria para um só volume: se os consul-tais por dentro ja os titulos vos não namorão, os indices vos descorçoão: folheai-los por ul-to, vem os milagres ineriveis, a historia en-carecida no xho, a poesia enleada e escura, o estilo incorreto e desflorado, o amor grave e sizudo, os costumes castos, a moral severa, p fé religiosa e inconcussa: cada pagina na sua simplicidade apregoa Deos, revera por cada poro o cheiro do mundo velho: mas esforcei,

esfizeiros por alguns dias a esfrêrlos e conselhos; continuá-las-lhes sem ardo, logo com gosto, com ácia, reconhecendo a final quanto as primeiras mostras vos haviam mentido, como pelo meio e fundo d'aquelle enganoso disfarçar nodavão sumidas galas, joias, riquezas, maravilhas, que vos encobriam os olhos, vos cativão a vontade, e fazem que vos pere do tempo que os não conhecestes. Assaz nos divertimos do caminho, razão he que a elle nos tornamos.

O segundo defeito geral que me ocorreo n'esta leitura, foi o que eu chamarei *defeito de frase*. He este muito digno de se notar que a impureza da lingua, sendo-o todavia mais que mereça quanta reformação lhe se possa fazer. Quando quiza não cura da pureza de sua lingua, cunha ao menos de lhe não deixar semendo de parvo estranho ou nova que não seja tãstoso a garrido, quando o que se não preza de dizer limpa e castamente, ao menos timbra no exprimir com viveza não vulgar, com certo maliz, com certa novidade, alguma phrase mais se lhe pôde conceder. Procura-se ao menos terizeo posto algum pouco d'isto, e achai um desengolado novo. A loquição nito me pareceo tão poeticamente figurada como cancinha em poesia, ainda pastoril; os epítetos são tão em eufeo e bastos como a caraca no mato. Uma e outra copza requeriação, em quasi se quizesse bem encobrir, muita paciência, e muitissima mais

da que eu tenho. De ambas, mormente dos epítetos, procurarei limpar a maior; todus não he possível; tanto e por tal geito estão com toda a *Obra* cozidos e enraizados, que lhes vale o que ás ervas parasitas em parede velha mas necessaria; foução-se-lhe algumas demazias, perdoa-se ao resto, como o medo que em saltando, se estoroe a parede; e venha ao chão toda delida.

Tambem me queixei de *estramento de periodos*. He defeito portuguez, peninsular, meridional. Dava-me agora na vontade tornar a culpa ao sol; que n'estas suas terras faz que tudo se desapeste, e derrame, e desale enrvigo e sobejidão: mas fiquem esses milagres do sol para os esquadrinhadores metafisicos; a quem inda assim, não quero mal; e eu, melhor que a nenhuma outra causa, lançarei aquella minha diffusão ás costas dos annos em que escrevia, com o que sempre fico de bom partido, por das minhas a tirar. O que he grandemente verdade, he ser este defeito para muitissimos leitores, principalmente mancebos ou hospedes nas regras de escrever, virtude; e a virtude contrária vicio. Saíram a *Noite do Castello* e *Liures do Bardo* muito mais contraidos e apanhados em couzas e palavras, do que estes *Poemetos* e as *Cartas de Echo*: pois com tudo muitos houve e ha, que por isso mesmo ficarão preferindo aos novos os antigos e até velhos opusculos. A cada hora me diz um que me torne ao meu primeiro caminho; outro

que não desampare o novo: uns, que estas ultimas obras se não leem senão de escasso numero; outros que as passadas não occupão meia hora os olhos dos homens graves e bons juizes. Oh! quem reconheceo nunca a verdade da fábula do velho, do rapaz e do burro como o triste, que para expiação talvez d'algum grande peccado, entrega e desmembra a público os portos do seu tinteiro! Pois que não pôde ser contentar a todos, ir-me-hei como e por onde o meu juizo, gôsto e natureza me levarerem.

A poesia substancial e severamente escrupulosa, he o mais das vezes descontada por uma certa deharmonia: a miúda harmonia, ninda quando mais apoucada de ideas, ja entretem suavemente: qualquer leitor se entende com taes escritos, ninguém com elles se cansa; são um genero de musica facil, que ainda quando não exprime affetos, se ouve com gosto; são como um deslizar de barco por uma agoa mansa: por isto he que os livros do *Paradiso* e *Tristezas* de Ovidio se leem de um cabo a outro com muita deleitação. — *Inter utrumque*: nem tanto apêrto como Alimeno na chamada traducção de Ovidio; nem tanta soltura como o seu amigo, e outr'ora meu mestre, Elpino Duriense (*) nas poesias originaes;

(*) Quem bem reparar na justiça rigorosa (do cruel e laxarão alguns) com que eu proprio trato a minha Musa, perdoar-me-ha quando por amor ás nossas letras, aponto um

sem tanto pospor a harmonia e clareza á brevidade como Elvino; nem tanto sacrificar o entendimento ao ouvido como Elmano. Isto foi o que me pareceo lograr na *Noite do Castello*, e *Canção do Barão*, e não me apeguei a elle se por ventura o conseguia.

Tempo não, mas alguma coisa d'isto fôra o que eu quizeu da *Primavera*; alguma coisa, para poder com elle reconciliar as setecenas; tudo não, por não dessemelhar em demazia esta parte do retrato.

Até aqui descobrimos defeitos que importa emendar, agora os vamos ver de outro género, em que me não he licito bolir, por serem essencia de livro: são aquelles no tocante á lingua, estilo, e metro, que ainda que importações, não passam de accidentes da obra; estes são da alma, aida, e pensamento da mesma obra. *Estudo* pelo descriptivo (não sou portuguez a voz, mas o uso e necessidade he interno.) Descriptivos se chamão em geral todos os poemas d'este genero, e como a tal, parece que tudo quanto for pintar dentro do quadro do seu painel, lhes compete e convem. Não he contudo bem assim, porque os

defeito em esta parte e amigo o Sr. Antonio Ribeiro dos Santos. Toda agiota, porque me não ligava reconhecendo a coexistencia, como expozão, e mui suave, porfi no fim do volume um gualar de meu respeito e grato amigo a tão grande gratão; capitula ja impresso no *Jornal dos Amigos das Letras*, mas por isso muito apenas conhecido.

descrições, por muy formosas e naturaes que se ostentem, tambem caueço a imaginativa de quem lê, quando umas-às outras se vem succedendo perennemente e sem um bom entre-meiço de narração, ou outro valente interesse, que por um modo verosimil as teua, separando-as no mesmo tempo, para que se não confundão, nem se afrontem, nem esmoreçam. Não o advertio Deldle, e d'ahi procedo não bastaer seu altissimo ingenho para levar seus poemas de culaduas. Ora este livro he quasi um embrechado massigo de descrições; e assim, se o posso dizer, mais para os olhos da alma do que para o seu entendimento. Mas scilicet ao menos estas pinturas, consideradas uma por uma, de algum prego por finera de tintas, ou pontualidade de desenho? aitos são em que me não compete dar sentença. O Padre Kuissey, ou o Portuguez que em seu nome escreveo, disse que eu não pintava bem a natureza; talvez que outro tanto, e ainda peor, se devesse dizer da mór parte de nossas portos; mas não he contra elles, senão contra mim só que eu enfoixei caras no principio d'oste prologo: como os applicados novigos se não enganam comigo por minha culpa, que se desvairam e perceo com os outros, prociencia! Aqui está concluido o que me parece; este descriptivo he desbotado e de cores pouco vivas e proprias se com o de Gessnor ou Kleist se compara, mas he o melhor que eu soube; ou que nem podia ir-mo pelos campos fazendo, como de si dizia Kleist, caçadas poeticas de

imagens, nem discorrê-los como Gessner, de lapis na mão. Já pôde ser que o P'adre Kinsey, ou o seu ponto, não houvessem de se me avantaçar muito, se lhes conhecesse tirar às escuras, ou quasi, o retrato da natureza: muito mais faz quem atravessa o Tejo a nado, do que hum Almirante Inglez que em segura e bem apercibida não rodêa a esfera; poderá este trazer mais riquezas e informações, mas á fé que não prova mais fôrças e esforço que o desconhecido nadador de uma só corrente.

Passemos ávante, e das descrições entremos nos affetos. N'esta parte direi pouco, porque sem embargo de que o desabrimento com que me castigo onde entendo merecê-lo, me podia deixar alguma licença para tambem me louvar pelo que em mim visse de bom, melhor he que nos louvores, em que mais facilmente nos podêmos enganar, nos contentemos de ser ouvintes. Ainda assim, não acabo eu de dizer tão pouco, que muito bem se não entenda já que no tocante a affetos não quero muito mal á minha Ubia: fallo dos affetos em geral, porque passos ha n'ella a cujo affeto não sei já hoje querer mal nem bem; honesto, formoso, e macio me parece, sei que n'esse tempo devia ser meu, porque eu não compunha, tirava do coração, mas já o não posso entender cabalmente, e avaliar. Esses passos, apesar de tudo e de mim, hão de passar intactos, que em assunto de branduras o eu de hoje respeita religiosamente ao eu de algum

dia; e porque tudo diga, ainda que quizesse emendar, não saberia. Sim me inclino a que haverá (e já de algures m'o boquejação) excesso, redundancia, languidez em tantas suavidades, caricias e extremos de bem querer a tudo, e a todos. Inclino-me e talvez o creio: mas que havia de costar! a que havia de perdoar, se assim como o eu antigo valia tanto mais que o eu presente, pôde ser que o melhor se me figurasse agora peor, e o peor melhor?

Digamos duas palavras da Mythologia. Já não sou tão emperrado pagão como n'outro tempo; desconsola-me ver o desmedido uso que d'ella fiz. Não se entenda por isto que me alistasse debaixo das bandeiras triunfaes dos modernos espanca-animes, nem que tiro vã-gloria de botar pelo mundo preguiço, como Beranger, que os Deuses já saíram do meu credo. Todo o excesso em crer ou não crer, em admitir, ou recusar me parece hoje em dia um disparate, de que sempre, mais por aqui mais por ali, vem a resultar contras e arrependimentos. Enjoa-me a fabula dos Lusíadas, e muita, e muita, e muita outra: aborrece-me quasi todo o emprego que dos Romanos para cá se tem feito d'ella, *incredulus odi*. Só consinto na fabula parca, explicavel, e só a amo quando soberbamente poetada. Alumiarei com um exemplo: quero-a assim como a derrama às mãos cêdas por suas tão poéticas prozas o christianissimo Chateaubriand, esse mesmo que de longe visto, assim parece guerrear-la. Nada d'isto

añora pelo commum no meu livro: de cada canto me surge uma Divindade; a boa parte d'ellas não responde verdade, e se alguma conza ali vierão fazer, certo que não foi inspirar-me um só raigo poetico. Porque pois as deixarei? porque são substancia do livro, e n'elle tem posse velha e apozentadoria.

Dêmos a derreadeira parte do prologo, que em prologos deve ser sempre esta a de vantagem, a algum poucachinho dizer sobre a moral. Moral hoje, moral em livro de poeta, grande novidade e grande estranheza! Sim hoje, que ainda ha muito quem se preze de viver honesto, virtuoso e pela antiga: sim em livro de poeta, e por isso mesmo; visto como tudo quanto era contra ella o tem a proza a si tomado, não será muito que lhe abra sua porta a poesia, e lhe dê guarida em um pobre cantinho lético de sua pouxada, como he este: inda mal, que até lá, no fundo de lamianha escuridão e penuria, por todas as fendas e agulheiras do mal reputatto edificio poetico lhe chegarão as risadas sem blua nem shi de seus inimigos, e contra esas não ha valer-lhe. Ha pois do titulo d'este livro a dentro; dado se não prometta serão primavera, até como ar de bondade e saude para o animo; de socego e bemaventurança para a vida: e por isso he que, a despeito de todas suas manchas, me parece bem, como ja no Ante-Prologo deixei tocado, atira lo, como sementinha de erva medicinal, no baldio safaro e cor-

rulo d'esta idade. Bem estou eu antevendo quantos de mim hão de haver lástima, por me assentar no meio de tão ferida e necesa batalha, por cantar entre tantas vozerias de odios. Paciencia! tambem sei que homens sentados não sube, nem o urdo de cantigas se comprão riquezas e valimentos: mas cada qual tem sua estrella, e a minha, que outra vez descobrio depois de largo eclipse, esta foi, e esta hade ser; oxalá que para sempre! Com o hom de Archimedes me pareço n'isto, o qual na hora que a cidade estava sendo entrada do inimigo, e alagada das torrentes de ferro e fogo, nem tinha ouvidos para o estorido, nem deixava de proseguir na composição da lustrada-tua esfera celeste; unicos amores que no tanto calado de sua casa o desvelarão. Juvia ali uma não sei que magnanimidade; e a ninguém dixa de doer a entilada do soldado feroz que despede tal embexa para cima de tal obra: Mas quando me olho, e me vejo a brincar com flores e cordeiros, no tempo que em redor de mim estão no chido tão grandes destinos do mundo, não me lastimo, porém ri-me, e cuido estar vendo em mim proprio um menino, que por um dia de tempestade, enthesoura coelhas e fôrma lagoáziinhas na praia, enquanto andão á vista galeões alterosos á lua com os elementos, e na mesma praia uma parnaíba, outros se aterrão, outros suspirão pelo instante do naufragio para se arremessarem nos despojos, apenas o mar os cuspir. — Fagendo me hão agota outra vez.

os pés pela antiga ladeira abaixo: e a moral, esquecida até por quem lhe deu conto! Com ella sou, e com ella determino acabar.

He a moral na maior parte d'estes poemas pura, facil e amavel; e se não tão efficaç como a de Gessner, não he porque a eu dezes-asse menos, he porque podia menos atavi-la, e aformozea-la do que elle, e atavios e formozuras até servem para fazer do bom optimo. Todos os amores de que se urde e tere a domestica felicidade, se achão aqui representados por um modo que se recommendão, e d'elles se imbuê de um bom grado o animo: o amor filial, o paterno, o materno, o conjugal, a amizade, até o affeto aos animaes, arvores, flores, e mais creaturas de Deos, companheiras nossas n'este mundo, aqui vem de envolta com a recreação. Porque tudo diga, pelo gostador ou gostadora d'este livro daria eu mais, e mais quizeria viver com elle debaixo do mesmo tellhado, e tratar quer negocios quer passatempos, do que, se dizê-lo ouzo, com gostadores e pregadores d'outros livros que estamos vendo rehentar de muito mais avultados engenhos. Se eu tivesse filhos e filhas a quem dar criação, sei que emquanto não podessem ler Gessner, e seus bons imitadores estrangeiros, lhes daria a *Primavera*; e já não digoo mesmo das *Cartas de Echo*, e muito menos da *Noite do Castello*, e *Crimes do Bardo*. Mas, acudirá algum prudente, conzas se depaerão na *Primavera* que mais são para ser defendidas a

donzellas, e resguardadas de fantasias ainda verdes, do que para se aconselharem por doutrina. Sim as ha, e todas essas paginas que para idades enenipadas e apercebidas de experiencia bem podem não ser dannosas e parar em mero deleite, todas rasgára e dera ao fogo antes de lhes entregar a obra para ligão: e porei exemplos; na *Festa de Maio*, os fins dos episodios de *Gulatre e Ignez de Castro*, no mesmo poema boa parte da republica de Chipre, como o culto religioso da Natureza, os bens em comunidade, a mudez, o divorcio, o casamento de um com muitas et cetera. Antes de passar adiante, trasladarei, que alguma coisa fará para aqui, parte de uma Nota que ácerca da republica de Chipre se lia na primeira edição, a pag. 169.

—“ Note-se que este poema está muito longe de dever ser considerado como didático; que toda esta republica de Chipre he meramente um Dithirambo, aonde a licença do poeta he muito mais ampla do que em outro qualquer genero de poesia; que esta sociedade de que se ha de formar a republica, he de poetas, homens de quem vulgarmente se diz que mais dão ao prazer do que á razão; e que em boca de poeta se poem a arenga rectada no templo. Para os avisados censurada fóra a nota, mas para os fanaticos, que ignorão ter a Musa do Dithirambo licença para nos seus delirios attemperar contra tudo, he indispensavel. „

Era este arrasado o melhor que a enxada-mitija, porém melhor honvéu si lá não cairet d'elle; e se ainda por elle se pule perdoar á republica de Chipre, não assim ás demais desenvolturas, como as dos dois já apontados episodios. Porque as puz umas e outras? vá mais penitencia. Puz as pinturas amorosas em quasi nudes, porque estava n'aquella sazão da vida e do anno, em que todos nos deliciamos nas fantasias consueptas, e se somos poetas, cuidamos morrer abraçados e afrontados em não desabafando. Porque não expurguei d'ellas esta segunda edição? pelo mesmo motivo do retrato, e não outro. Quanto ao culto da Natureza, e á gente nua, e aos maridos de muitas mulheres, são necessidades taes, que não merecem que nos detenhâmos em as relutar: são d'aquellas demências, cujo aggregado dá o que entre moços que esfolheio livrinhos bem doizados e tersos, se denomina filosofia, e que só dura enquanto a experiencia e o tempo nos não desmamão da presunção; pelo que, e pela razão geral, já muitas vezes apontada, da querer mostrar-me qual fui, vivão, durem e passem, que depois d'isto já a ninguém farão mal.

Eis aqui por alto, mas com toda a lealdade, o juizo que da *Primavera* formei; he primavera por montes de serra, com mais flores do que grãos, e com mais areia suadaveis do que ervas medicinaes, mui sibia de fragancias miúdas, mui nua em muita parte de terreno, mas com seus longes de campo, e cazacs felizes,

e muitas saudades lá pelos extremos confusos do seu horizonte. Quem se deita com as conchas contenta, fico se recreie com ella; e quem com ella se recrear, para amigo o quero, que esse saberá, como eu, amar muito os bouens, fugindo-os; e enfiado, como eu, das terras onde não ha ver passaros senão em gaiola, nem verdura fora de gigas, nem arvoredo que não seja pintado, nem pastores e innocencia senão na opera e trajados de seda e veludo, nem felicidade senão em promessas de políticos, irá procurar-se, achar-se, e lograr-se de Deos, de si, e dos penhores de sua alma no seio e entranhas da vida campestre. Oh se assim fosse!.. e se Deos a um tal me desse ainda por vizinho!..

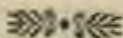
Lisboa 4 de Dezembro de 1836.

Post Scriptum.

Lisboa 29 de Março de 1837.

Quando todo estava no trabalho de desempenhar minha palavra, e fazer ainda mais do que no Prologo deixara promettido, revendo cuidadosamente, afeiçoando, podando e enxertando de novo este volume, sobreveio-me nos 8 de Fevereiro passado, o maior infortunio de minha vida, uma perda de que em nenhum tem-

po se me poderá o coração consolar. Quebram-se-me as forças para continuar no trabalho, bem como se esvaíam muitos, antes todos, meus projetos. Já não arrancarei (e para que?) este pouco e inútil resto de mim mesmo da terra que encobre a minha melhor metade: aqui procurarei, se tanto poder ainda, pagar com uma pouca fama e muitas lágrimas, a quem a mim me deu até à sua ultima hora seus olhos, seu amor, toda sua alma. Qual ficou este livro tal sae, e muito inferior ao que eu promettia, podia e devia fazer. Se algum de meus leitores entende por experiencia o que se-ja padecer n'uma viuvez uma completa orfandade, esse passará com indulgencia, e ainda suspirando, pelos muitos defeitos que na leitura lhe occorrerem. Aos sem alma não tenho que dizer: se quizerem castigar o espirito meio morto, porque não pôde mais, fação-no, que d'dores d'essas não acharão já em mim lugar nenhum.



EPISTOLA

PRIMAVERA

ADVERTENCIA

Vai a Epistola em tudo outra da que foi na primeira Edição: conserva a invenção e os pensamentos, mas emendou-se a linguagem, aperfeiçoou-se o estilo, deu-se alguma cor mais ás imagens, explicarão-se melhor alguns pensamentos, reformarão-se e afinarão-se quasi todos os versos.

DEDICATORIA

A MINHA IRMÃ.

Eu mandei o meu Genio campestre apanhar flores por entre os gelos do inverno. Por isso não sairão, bem a sei, porém n'esta estação do anno não nos dá melhores o estreito jardimzinho que me as Muzas doarão nas faldas do Parnaso. A ti, minha irmã, me ordena o coração que as offereça. Felicidade será para mim, se quando para o teu lado me tornar, tu me dizeres abraçando-me: — “ Eu amo as flores
 „ que tu me enviaste, no meu seio as guar-
 „ do: as da primavera menos me contentão do
 „ que estas, que o teu Genio campestre colhe
 „ no teu jardim, por entre os gelos do inverno.

THE HISTORY OF

THE

REIGN OF

THE GREAT BRITISH EMPIRE
 FROM THE DEATH OF GEORGE THE SECOND
 TO THE DEATH OF GEORGE THE THIRD
 BY
 JOHN HANCOCK
 ESQ.
 OF THE BARR

DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO

Fora o inverno de 1821 para 22 dos mais desabridos e temerosos de que entre os vivos se faz memoria. Na Beira, onde me então achava, vião-se arrancados e espedaçados bosques, olivae e pomares, sementeiras afogadas, pontes demolidas, e os rios sem margens. Dos 25 de Dezembro até os 9 de Janeiro, que me demorei em uma aldeinha, uma legua desviada de Coimbra, sahoreando no trato cordial de alguns amigos e parentes as férias, então mui festivas, de meus estudos, foi sempre tão atada e rigorosa a porfia das invernoadas, que nos falseou quasi de todo a recreação mais apetecida dos que fartos da cidade, vão alguma hora ao campo desenfadar-se. De não passear nos vingavamos o melhor que o tempo e lugar no-lo consentião: práticas desasfionadas de constrangimento, temperadas de bom sal, e muitas vezes subitaneas; a voltas d'ellas, leituras accommodadas ao mais dos gostos, poesia, e improvisos de *charadas* e adivinhações nos enchião as horas não contadas. As espaçozas noites e boa parte dos dias, se levavão n'estes e semelhantes passatempos, em de redor de uma farta fogueira, segundo he costume d'aquellas terras. Por alguma rara tarde, quando o sol descobria, e o ar um pouco mitigado nos consentia sair, nos hinnos, ora pelo jardim onde se explanava um soberbo lago, outr'ora pela orla mais assealhada dos laran-

jaes, que mui corpulentos e viçosos, acenavão de seus ramos com frutos e flores, pondo a vista, o cheiro e o gosto em doce competencia de delicias. Era ainda aquillo, qu'já era, umas lembranças, uns longes de primavera no coração do inverno, saíamos da prisão dos lares, aproveitavão-se com sosseguidão: talvez nenhum dia de perfeita primavera na longa canga d'elles me pareceo nunca melhor e mais ledo, do que estas pobres tardes sonegadas no mez do Natal. A fantasia enganada do sol, toda se me desalava em poeticas flores, o que n'esses tempos só por maravilha me acontecia fóra da primavera, e lazes do verão. Quando vinha a noite, acciata ao meu coração, (que sempre de si o conheci, não sei porque, amigo de com ella suspirar saudades), e já todos ao conselho do nosso lume fiel nos tornavamos alvoragados, comigo só me lia pouzar a um canto, colliendo, concertando e acrescentando com mui entranhado contentamento, quantas floriulas me havia brotado a fantasia. De saudades da primavera me parece ainda agora que nascião todas; o que certo sei, he que ali, e n'uma imaginar d'estes meus, me veio a lembrança e desejo de escrever á Primavera uma Epistola. Se n'isto abusei ou não da licença tão concedida a poetas, não o sei, sei que no ditar estes versos para se escreverem, e no conceber-lhes o assunto a passear ou a seroar, gorei prazeres que já a critica me não pode tirar. Se contra o bom juizo pequei, todo o meu pezar he não poder outra vez pre-

EPISTOLA

A' PRIMAVERA.

Corre a Noite, jaz muda a natureza;
Os campos solitários esmorecem;
Mal se ouve ao longe o estondo da corrente:
De quando em quando a lua desmaiada
Mergulha em nuvens, surge, outra vez morre;
E das planícies a extensão geosa
Ora resae e alveja, ora se apaga.

N'esta cabana de grosseiros troncos,
Tecido vime e colmo, onde sereo,
Vento, e cuidados não coárão nunca;
N'esta onde habita perennal fogueira,
E onde he Penate o Genio da hospedagem,
Venho entre amigos deslembrar tristezas;
Do frio lá de fóra o ultimo resto
Ja o atirei á chama tragadora.
Em ti, Amores meus, em ti só fallo
O' Primavera minha; em ti só cuido;
A ti quero escrever: inda ha bem pouco
Em meu passeio a flor das laranjeiras,
E do sol que lia a pôr-se o extremo raio,
Cá me derão de ti saudades tristes.

Desde que no seclro do raivoso Junho
Tu doce com teus Zéfiroz fugiste,

Meu dia estendo em languidos suspiros.
 A noite em vãos sonhos me afigura
 Ver-te, contar-te, usufrutar teus mimos :
 Mal desponta a manhã, mal foge o sono,
 Desespero-me, lido entre amarguras ;
 Pego aos bosques sem folha, aos ermos campos,
 Aos rochedos de neve, ás turvas fontes,
 Ao ceo toldado, aos ares tempestuosos,
 E a toda a natureza, a minha Amada.

“ Primavera, onde estás? , doouteiro exclamás;
 De valle em valle, de um cabedço em outro,
 “ Primavera, onde estás? , respondê o elle :
 No prado o guardador, no monte o Kanhô,
 Pelo arvoredo as Dindes a esculpir,
 “ Primavera, onde estás? , depois exclamão.
 Enquanto assim fêl, por ti ó Deus
 Me desentranho em ais, onde te escondes,
 Perquicosa gentil? onde vaguebas
 Bella inconstante que estes dias não ouves?
 Algum Deus namorado, em plaga estranha,
 Encheria de amor tens olhos livres?
 Esquecer-te-luzo, (Ceos!) promessas tantas?
 Sim: que te importa o delirhar de um vate?
 Do vate que te amou, te adora ausente?
 Tu folgas e elle gema; elle delire,
 Tu a prados sorris vestindo prados,
 Revê-te, amante nova, em novas flores:
 Pontes ha tambem lá, que importão éstas?
 Na fonte no claro espelho te engrinaldas;
 E usana de encantar sensiveis peitos,
 Tambem, como entre nós, por lá dardejy
 Fogo de amor aos olhos insensiveis.

Volta, volta, ó cruel, aos campos nossos.
 Qual paiz no universo, a não ser Paços,
 He mais digno de ti? ; por onde achaste
 Para o cortejo teu, Ninfas, pastores,
 Como éstas que entre a murta o ceo nos cria?
 Amantes mais fideis? florestas, rios
 Namorar-te, mais frescas, mais formosos?
 Mais doces flautas quando amor entoou,
 Aves mais doces quando amor gorgéou?
 ; A tua Cintra, Elysio dos desejos,
 Nobre jardim do Oceano, onde folgavas
 Contemplar na alta noite em mista dança
 Ninfas das ondas, Ninfas das florestas,
 Assim te descaio? ja não proteges
 Os côns virginaes que ali passêão
 Sorrindo no ver seu nome em bosque e bosque?
 ; Por toda a parte as Graças que espalhecem;
 No aligero riquadrão travessos brincos,
 Frechas doiradas em contínuo vôo
 Aqui e ali aos peitos descuidados,
 E se crião corações, ferindo os bosques,
 Porque os bosques ali também suspirão,
 Tudo pois te esqueceo? Volve, ó Querida;
 Cede, não sejas dura, a amar, aos versos.

Desde que te nusenaste ahí pende a lira
 Nos braços nus de um álamo sem folhas,
 A minha lira no vento abandonada!
 A lira d'ouro, onde entoei teu Nome,
 Onde a minha paixão souu mil vezes
 Na linguagem dos ceos n teus ouvidos,
 Hi-la sem honra; os ventos lhe roubarão
 Dos antigos festões o cingido resto!

Ao passar com seu gado, e vendo-a muda,
 Diz suspirando a turba dos pastores:
 “E’ esta a que dava alento ás nossas festas:
 Mal haja quem a trouxe a tal desterro!”
 Drúdes ternas, que inen canto ouvião
 Não talvez sem prazer, dizem passando:
 “O vate emudeceo longe da Amada!”
 Mas apenas teus Silfos precurssores,
 C’roados de violetas assomarem
 Na ethérea região de nossos climas;
 Apenas este ceo perado e turvo
 Mandar á terra os ultimos chuveiros;
 Apenas rebentando as novas folhas
 Se remogar esse álamo tristonho,
 E entre a nova ramagem, em torno á lira,
 Cançada de seguir-te andar ponzando
 A solinha estrangeira, e súcia tua,
 A’ lira despirei do inverno o mugo;
 E n’ella, de aureas cordas melhorada,
 Só de ti chèo, na presença tua,
 Brotarei versos, como brotas flores.

Oli voa, acoda a consolar Cibele,
 Cibele a terrea mãe da especie humana,
 Cibele, amores teus, qual tu Deidade!
 Se ora a visses! . . do carro verdejante
 Os rebeldes infocs a derrubarão:
 Co’a trança descomposta, o manto em rios,
 A aluva c’roa em parte destruida,
 Nua jaz á vergonha, ao vento, á neve.
 Seu tanto desamparo he mágoa aos filhos:
 Mas para dar-lhe a mão, torna-la a Nume,
 Poder, qual em ti ha, não ha nos homens:

Do fundo do teu lodo a ti só chama,
Ai, leve-te algum vento as queixas d'ella!

As torrentes sem freio divagando
Contra mármoreas pontes indignadas,
Investem, choccão, despedação, rojão
Ruínas em montões aos fundos mares.
As Driades, teu povo e tua gloria,
Tremem, oh dor! ao furioso assalto
D'Euros, e Notos, e Africos em guerra:
A seu brutal furor nenhuma escapa:
Crer-se-hia que as prisões da Eolia furna
Para sempre arrazára a mão de Jove.
Driades nobres de arvores antigas,
Refugio outr'ora das calmosas séstas;
Driades bellas de arvores vaidosas
Co'a idade juvenil, verdura e forças,
Tem a seus pés quaes vítimas caído.
Co'os negros frutos oliveira amiga
Baqueou; não lhe valeo celesste guardo;
E Minerva prantea o estrago enorme:
Cae o pinheiro amedrontando os valles,
E Pan, sentado nos troncos dos restos,
Triste espera por ti co'a flauta muda.

; D'esta cahana a rustica fogueira
Sabes quem a sustenta? ah! corre, vãos
Cedro, que eu te sagrei, caso por terra,
E onde brincou favonio estalão chamas.
Mui tarde chegarás se não te apressas;
Do colono e pastor os ais te invocão,
A mesma natureza lie morta quasi!

Que fragor, que trovão! piedade ó Nomes! . .
 Este deu raio, e perdo. — Outro rebrama! . .
 O Olimpo sobre nós desaba em fogo!
 Chlôe; e Amarilis trémulas, gritando,
 De feito a rubra eôr em côr da morte,
 Enchem de seu terror esta cabana.
 O' innocentes, miseras pastoras,
 Não grileis, não tramais; vereis em breve
 Dissipado este horror nos longes ares;
 Contra o crime orgulhoso os Deuses troaã,
 Não sere o raio a rusticos alvergues.
 Não, não me engano, ouís como se afasta!
 Como lá vai já longe? o mais do estrondo
 Já lie toada vã no vão dos bosques.
 Chuvã propheia em caudalosa enchente
 Desce na escutidão; reton o létu
 Com o crebro saltitar das frias gotas:
 Sibila o vento na vizinha serra.
 Chlôe a porta fechou: nós apertâmos
 O cerco estreito em derredor do fogo.
 Cantou o gallo esperto: lie meia noite!
 E eu vélo ainda, e relarei sandoso
 As horas todas que á manhã precedem!
 Horas, horas de paz no horror das trevas;
 Horas de estro, mysterio, omnipotencia
 Ao que nasceo das Muns bafejado?
 Sonhe a ambição com purpura, e scetros;
 Torpe avareza com os lauteis cofres;
 A vingança, fatal a si e nos outros,
 Cogite emborn nas traições, no engano,
 Nos agudos punhaes, no sangue em jorros;
 Vulgar amante afine, esmore astucias,
 Com que succumba a tímida innocencia,

E aos laços venha destramente armadour :
 Eu dando n' amor o que se deve ao sono,
 Em chamin pura, porque he tua, ardendo,
 Alegro com teu Nome a horrenda noite,
 A similde em saudades apascento,
 Li inda ausente, contigo ausente fallo.
 Como o perdido em tenebrosos esouro,
 Que ao mais leve rumor tremulo pára,
 Astacinos agnita em onda tibeto,
 Não ouzã resfolgar, prosegue a medo,
 Aqui he arde u silva, alem penedos,
 E he abrem fauces mil ca precepicios,
 Só tem na antrora exp'rança, e mal q'ndo ao longe
 Annuncios d'ella vê, canta e renosce;
 Serei mais que feliz pois vas ser minha,
 Mal te sonhar ao longe, ó Primavera.

Sim : eu te amo inda mais que a vide no tronco,
 Mais do que o touro em maio alma a novilha;
 Quero-te mais que o Deos de amor as trevas,
 Mais do que Plora no Zéfiro inconstante.
 Eu suspiro por ti, como suspira
 Murchada planta por sereno orvalho,
 E ardente ceifador por fresca fonte :
 És-me tão cara como a bella esposa
 A seu amante de chorar tançudo,
 Quando no dia d'himenáo se abraçáo :
 'Tão doce emfim como o primeiro beijo,
 Que uma terba pastora, a medo e a fortis,
 Consente ao seu pastor lerar-lhe aos labios.
 Qual dos amores, que no mundo giráo,
 He mais grato que o meu? Este em delicias
 Excede tanto aos mais, como tu venêes,

Tu belleza do ceo, do mundo as bellas:
 Eu amo e para amar não me recato,
 Ao mundo inteiro meu ardor confesso,
 Tenho rivaes e do ciúme zombo,
 Gozo-te, e nem pudor nem leis me estorvão.

Inda me está lembrando (hora doirada!)
 Quando longe do mundo, e a sós contigo,
 Pela primeira vez te disse "Eu te amo!",
 Abria a Aurora o roxo mez das flores:
 Juntas em côros no arvoredo as aves,
 De ramo em ramo aos ranchos adejando,
 Em nunca ouvidos sons a luz saudavão;
 Inda do puro rio a opaca nevoa
 Bem não era desleita ao sol nascido;
 Inda das folhas concavas pendião
 Trémulas gotas de luzente orvalho,
 Que depois leva o brincador Pavão;
 Quando (ui memoria doce!) eu dei contigo
 Inda meia a dormir na fofa relva.
 N'alguns louros de roda entretecida
 Hera tennaz um toldo te formava:
 O melro grave, o rouxinol cadente,
 Para encantar-te os sonhos, diffundião.
 Entre uns rosas a musica dos prados;
 Enchia aroma puro os puros ares.
 Ligeiras, bellas Sílides, velando
 Invisíveis teu placido retiro,
 Impedião que um Fauno petulante
 Ou rustico pastor povessem olhos
 Em teu corpo sem véo, cheio de encantos.
 Ali me conduzia propicio acato:
 Não mo impedirão Sílides zelosas,

A natureza inteira lie franca ao vate:

Ridente sono, da innocencia imagem,
Cerrava ainda os olhos teus ao dia:
Todo brandura o juvenil semblante,
Até sem o saber, até dormindo,
Faria suspirar homens e feras.
Entre a face animosa e a fria relva
Tinhas meio curvado o braço lindo:
Como ao desdém, na esquerda seguravas
A cornucopia, a não poder com flores:
Ualito doce de fragancia amena
Súe do seio, que turgido se eleva;
Dos rosos labios, da pequena boca
Vem tão doce, vem tal, que um peito humano
Bafejado por elle, excede os nubes,
E a alma, em vez de pensar, delicias solve.

Tal eras, tal fiquei ó Primavera!
Espertaste de todo; e toda risos,
E todas lux e amor os olhos verdes,
O que era ja sem termo accrescentaste,
Dobrou-se a graça no mundo, o fogo aos peitos.
Um mar de deleitosas fantasias
Me socobrou, confessa, e tempo largo
Jazi com o ledo mundo em braços da alma.
Depois tornando em mim, vá-te ja prestes
Para bruxar do outeiro aos amplos valles:
Quão mais louça, e em galas mais garrida!
Que muito, se a mais nova das tiez Graças,
De tuas mil Oréades servida,
Poxera as proprias mãos ao vago enfaite?
Erão-te manto ondado, e roupas simples,
Quanto verde ha na terra, e flor nas plantas;

Mas triunfava a rosa! aos botões d'ella,
 Nem ja todos botões, nem flores todos,
 P'ora o tépido seio em throno dado,
 E em vez de o embellezar, se ornava d'elle;
 Erão raios do Sol a c'roa tua!...
 Parei de embevecido! e quem no mundo
 Te vio jamais como te vio teu vate?
 Em teu seio amoroso um Cupidinho,
 Qual borboleta d'ouro, esvoaçava
 De botões a botões, na escolha incerto.
 Vio-me; e curto farpão, doirado, agudo,
 Curto farpão que os olhos não percebem,
 Me arrojou, me sumiu dentro no peito.
 Graças ao tiro do minoso Alado!
 Na profundez da s'rida, e góstos d'ella,
 Contento reconheço, adoro um Nuue.

Amante, desde então, ditoso amante,
 De dia a dia te encontrei mais terna.
 Incenso, que antes dava a falsas Musas,
 Off'reci-te, accitaste, e foste o minha.
 Abriste-me a Aganippe em cada arroyo,
 Cada monte foi Pindo, e Tempe os valles:
 E tu em cada valle, em cada monte,
 Ante a lua, ante o sol, me estavas sempre
 Musa do coração, presente aos olhos.
 De poetas foi sonho a voz das outras,
 A tua graciosa ciciava,
 De toda a parte vinha em tom macio,
 Que filtra inspirações, e a amor contenta.

Se os de ambigões miserimos forçados
 Que ás cidades dão vida, e a al a roubão,

Podessem vir um dia onde tu reinas!
 Se a mente que as paixões lhas anuvião;
 E albos em que os cuidados, seus verdugos,
 Atirão com trez nós perpetua venda,
 Podessem ver-te a luz deliciosa,
 O manso da alegria, os gostos puros!...
 Deixando sem adeos tumulto e pompas, (lhos,
 Mais de um, mais de um, salvando a tempo os li-
 Co'as, pouzadas dos bons unítra a sua.
 E n quem daras tu nunca o riso cheio,
 Como o dé as a este, que trocasse
 Oiro a virtude, e marinhos a flores?
 ; Que já solto de si e a si tornado,
 Viesse pôr, para os livrar de queda
 E adora-los em ocio, os seus penates
 A' beira de uma límpida corrente,
 Que de um bosque atravéz auzirra e foga.
 Vira os Genios da terra o anno inteiro
 A lhe aprestar a mesa; aqui brotando a
 No pomar curvo, ali na horta regada,
 Lá no chão da seara, além na vinha
 Que o recôsto do onteiro nlastira e caxeda,
 Mais longe nos cabeças verdejantes
 Onde o gado em socugo os leitres cria.
 Não lhe ameaçara o raio o teto humilde:
 As manhãs, d'entre as rainas espreitando
 Pela aberta janella, o acordarião,
 Por lhe alargar a vida: os passarinhos
 Lhe dirão nas frescas alvoradas
 “ Bem viudo, alegre amigo, ás nossas casas!
 “ Nós cantamos teu Deus, somos felizes,
 “ Tu louva o nosso, e goza d'este mundo. ”
 Se algum cuidado a vespera deixasse,

Levar-lho-hia na vèa murmurante
 A correntinha onde lavasse o rosto.
 Vê zagalas fieis, vê perigrinas
 De formosura e joias não compradas,
 (Que uma dá-lha a saúde, outras o prado);
 Com ellas espaireece a fantasia,
 E se inda o coração quer mais ventura,
 Ama; ao ceo que já tinha, um Deus lhe acrescesce!
 Quanto via e pasmava em mortos quadros,
 Onde astuto pincel prodígios obra,
 Sombras vãs, cujo prego he rios d'ouro,
 Tudo agora real, vivo, mais bello,
 De mais subida mão pintura immensa,
 De graça lhe cercára o lar e a vida.
 Mas ah! porque me sóto em vãs ideos!
 Embora o prego teu não saiba o mundo,
 Primavera, eu te adoro e tu me afugas:
 Cazo co'a lira vezes mil teu nome,
 E tu me infletas negamente a lira:
 Em longo mútuo abraço almas trocámos;
 A minha he mansidão, frescor, perfume,
 Toda a tua, poesia, amor, extremos.
 Lanças-me em teu regaço, e quando a noite
 A lira e cornucopia nos dois nos furta,
 Das-me dormir co'a fronte na teu seio,
 D'onde me vem coanda uns sonhos leves,
 Todos teus, todos candidos, na sóma
 De flores, de aves, de amorinhos, de auras.
 Assim, me queres teu até no sono!
 E porque sombras más o não perturbem,
 Mo ficas a velar á luz dos astros,
 O semblante pacífico no sereno,
 Os olhos no ceo da alya, e o peito amores.

Mas tu... porq̃ não vens? -- Não não me engano,
 Inda agora os trovões rijo batallão,
 Talvez sola n'esta hora a tempestade
 Pelo oceano de Atlante ondas sobre ondas;
 Rugindo estoira o mar em crespas terras:
 Potanga de baixéis, esforço, industria
 Não vale a contrastar-lhe a valentia;
 De toda a parte a morte esvoaça, rugo
 Na horrenda cerração com sons do averno;
 O naufrago abraçado a sôlto lenho,
 De toda a parte a vê, a ouve, a sorve;
 Vai a abismos o a ceos repulso d'ambos,
 E perde antes da vida, a luz e a mente.
 Sumio-se o ultimo nadas de sobre as aguas!
 De nuvens atro veo submerge a lua;
 Não luz na escuridade alguma estrella;
 He o luto do Homem forte! O' Mar es livre!
 Triunfaste, adormece. — Ah que de vezes
 Taes scenas, tal horror, maior, mais negro,
 Nos tem de si brotado u umbrosa quadra!
 O' tu contrária sua, o tu dos homens
 Sempre invocada amiga, ethereo Nume,
 A quem ceo, terra e mar dão vassallagem,
 Onde estás, que não vens com um leve assopro
 Trazer serenidade aos elementos?
 Se inda és a mesma, e súplicas te movem,
 Sobe ao carro da aurora, os ares sepe,
 E acode ao Luso clima, onde te invocão.

; Lembra-te a gruta, a gruta onde Amarilis
 De sen ja quasi esposo Umbrano, o astuto,
 Aceitou, de sincera, a grave aposta?
 Qual era, que o pastor lle não podia

Dar n'uma tarde tantos beijos, tantos,
 Como as folhas do plátano vizinho,
 Sendo o premio da aposta inda outro beijo?
 ; Aquella gruta, onde ambos consumirão
 Um dia teu, a adivinhar a ponto
 Todas as graças do primeiro filho;
 E só no sexo os votos discordavão,
 Porque Umbrano pintava outra Amarilis,
 E Amarilis raivosa um novo Umbrano!
 Pois n'essa, n'essa gruta os meus amigos
 Para hospedar-te um grão festejo tração.
 Pôr-se-ha do cedro à sombra altar gramíneo
 Com seus flôres listões, onde e'roados
 Te libem vinho nnnoso e leite puro,
 Concertando himnos teus com lira e flautas.
 O lavrador da proxima campina,
 A estrada cantiga aos bois tardios
 Parando calará, para esentar-nos.

Então, então começa o tempo d'ouro,
 Folgão no campo os naturaes prazeres,
 E a rustica alegria apraz nos deoses.
 Aqui, apoz as candidas ovelhas,
 Vai trigueira, descalça pastorinha
 Aos celios do arredor cantando amores;
 Ali galhudo Sátiro se esconde
 ,Para colhemalguma Ninfa errante;
 Além com ledos sons retine o bosque,
 O rio ferve, as flautas se misturão;
 Mais longe, nos pés de mal fugida ingrata,
 Se exhalão rogos apiedando as selvas.
 Um seronio subtil encrespa as rígons,
 E enlada a Ninfa, que estudava um geitos

He se enfiadar com quem de amor lhe falle.
 Priapo brincador gira saltando
 Nos jardins, nos vergeis, e nos pomares,
 Ramos bate, atropella o plúmeo bando,
 Que foge, mas de Amor não foge ás settas.
 Amor e seus irmãos, com o facão em punho,
 Lanção tacito fogo a quanto existe.
 Junto da verde foin insinuando
 Se ouve outra foin um não sei que, tão doce,
 Que nos amantes apraz o seu murmúrio.
 Do rebanho o marido entre o rebanho
 Bala amoroso, e todas lhe respondem:
 Pela notilha se enfurece o toiro,
 Accomette o rival, goza o triumpho.
 Cór de uste, innocentes cordeirinhos
 Já balão na verdura, já recresce
 Maravilhando a terra, a grei profusa
 Das erradias cobras saltadoras:
 A nova criação corre exultando;
 Aquelle foge, os outros o perseguem,
 Voltão, saltão, empinno-se, discorrem
 Por toda a parte n'um momento o prado;
 Cresce o leite, e o pastor a quem já saltão
 Cinchos para o queijar, tarros que o levent,
 Lado se enraiva com riquezas tantas.
 Todo o arredor da aldeia he movimento,
 Contento lida, esp'rança, amenidade.

Porque se hão de calar da infancia os brincos?
 A infancia he primavera, he mundozinho.
 Florente, de que nasce um grande mundo.
 Menino á espreita e mudo entre as silveiras,
 Apoz o som do guallo o vai buscando;

Outro os ramos envisa, as redes arma;
 Preço do largo fio ao pé mimoso
 Passarinho, do ar chuta e revoa,
 E caindo-se de novo o rei do espaço,
 De inconstante criança um dedo o rege.
 Um mais travesso, ás árvores trepado,
 Nos ramos se embalança, ou furtta os ninhos;
 Outro mais atrevido, envão forceja
 Por montar no carneiro, que se escapa,
 Fazendo ao longe retinir os bosques
 Co' o crebro som da nguda campainha.
 Tenra menina um malmequer desfolha,
 E pelo amor da mãe a flor pergunta;
 Em quanto seus irmãos vão na corrente
 Pôr de cortiça um concavo barquinho.
 Na luta, na carreira apostas fervem.
 Oh! da infancia do mundo amaveis scenas!
 Se inda as virtudes sobre a terra existem,
 Se inda existe o prazer, o socio d'ellas,
 He no campo, no campo; e a quadra tua
 Nos mostra, ó Primavera, este prodigio.

Mas da fogueira as chamas enfraquecem!
 Já os gallos das proximas cabanas
 Vão começando a annunciar-me o dia:
 Que som grato! que enlevo estar sentindo
 Por um sereno albor, estes vizinhos
 Nuncios da aurora, a cuja voz respondem
 Outros aqui e alem, com voz diversa!
 Sim, o dia começa: a luz nascente
 Pelas fendas do tecto está brilhando.
 Eis-me só junto ao lar! quem sabe ha quanto
 Se irião meus bons hospedes ao colmo!

Agora em doce paz lá estão dormindo.
 Que breve noite! e heinda; ah toda heinda!
 Da fresta, onde cheguei, contemplo os ares,
 E claro vejo o ceo, de nuvens limpo:
 Mal brilha no horizonte a estrella d'alva.
 E os olhos meus (oh dor!) só descobrirem
 Como por um véo denso a natureza!
 Os montes que longissimo se alcanção
 De vinhas e arvoredo entresachados,
 O rio ao longe a fulgar co'as ondas,
 Os remotos cazes da gente humilde
 Pelas verdes campinas alvejando,
 Não vê-los eu! não ver!.. Mas que murmúrio
 Solta a folhagem do loureiro antigo,
 Que defronte de mim reinonta aos ares?
 O Pavonio acordou, que hontem de tarde,
 Conçado de girar, adormecêra
 Junto á cascata no pomar sombrio.
 Vai subito partir: em curtas horas
 Será contigo, e te dirá meus versos.

Meus Amores, adeos! adeos meu Nume!
 Da Epistola a resposta a vinda seja.



**O DIA DA
PRIMAVERA:**

POEMETTO EM DOIS CANTOS.

Em dois Cantos se divide agora este Poema, para commodo de quem lê. Entendi.zin operar melhor que da primeira vez, este seixe de flores, se o he: algumas dellei fóra sem fazerem mingoa; as demais forão refrescadas, e se me não engano mais algum tiço ganharão. Puz-lhe com tão boa vontade as mãos como na Epistola: pela que, sem deizar de ver o mesmo, he outro; he o mesmo no essencial e intrinseco, todo outro no lustre e na toada.

DEDICATORIA

A MINHA MÃI.

A maneira das arvores, que acordando do sono do inverno ao bôso omnipotente da primavera, como que resuscilão com a riso e vida nos primeiros alhos e flores, o meu engenho começa a matizar-se das suas, com a lornada d'estes dias puros e deleitosos aos amigos do campo. As primicias que d'ellas pude colher, serão para a grinalda que apresentei na Festa da Primavera celebrada com os meus amigos. Depois de a haver tirado do altar da Deusa que governa a mocidade do anno, a quem se não a li, ó minha Mãi, deves offerecer esta grinalda? sim: outrem qualquer a engatára por de nenhum preço; de ti sei eu certo que lhe acharás uma graça especial, mais finas cores, e fragrancias mais suaves: cunfim me atrevo esperar que pôstos amorosamente os olhos na minha Obra, entenderás, sem o dizer, como eu sinto todo o amorosa da gralidão, ao cuidar em quem me deo além do ser, a educação, e todas as mais carinhosas desvelos: alguns suspiros e logrimus, para cúnulo da minha felicidade, e-rão talvez por ti, ó minha Mãi, espalhados na minha ausencia.

HISTORIA DA FESTA

DA

PRIMAVERA.

Remontando a vãa do Mondego até obra de um quarto de legua para cima da Cidade, encontra-se na margem do poente um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte: disseréis que em hora de contentamento o fizera a Natureza, para algum dia hospedar no regalo d'aquellas suas sombras um ajuntamento de poetas seus. De Lapa dos *Estreos* pozem nome ao sítio em dias remotos, segundo soa, os vinhateiros e pomareiros que de umas e outras varzeas do rio costumam acudir ali por paos, com que estear suas parreiras e arvores derreadas com o peso da fruta. Ainda permanece o nome, porem ja o arvoreda se não desbarata pelos vizinhos, e a Lapa, de tão solitaria e amena que he, parece a appetecida estancia do Genio da liberdade.

Entra-se por um breve cões ornado de cinco alterosas arvores, das quaes uma torcendo-se toda para o rio, se debruça para saudar e cõ-

brir com a sua sombra os baleis que chegam. No topo do cões, e fronteira a quem desembarca, se alevanta um genero de muralha nativa de rochedo, rôto em muitos seios. Esta penedia, até aos nove ou dez palmas de altura, sóbe nua e só ornada de sua mesma aspereza; d'ali para cima, como envergonhada de sua dura condição, se esconde toda com um frontal de heras, que ora resuem como cabecos pendurados, ora se recolhem para fantasiarem la por dentro suas grutaxinhas e labirinthos; d'onde ás vezes se estão vendo sair por um callo e por outro os passaros, que depois de beber e se banharem na vên da agua, se empoleirão pelos lamegueiros vizinhos, namorando e cantando a suavidade e fresquidão de suas habitações. Pelo lado direito d'esta aprazivel scena; sóbe uma cerrada espessura de bosque pequeno, onde os olhos se enleão na confusão de troncos e folhagem: pelo esquerdo abre-se para cima uma escada rustica mas continuada, de doze degraus. Tecem-lhe estendido todo dois lamegueiros velhos, e outras arvores mais pequenas se abração por ali, travadas com mil voltas de hera. Dá esta subida em uma planura sóbe o comprido com seus assentos de ambas as bandas, isto he da terra e do rio, o qual por entre um vasto arvoredo, que d'ali por uma especie de promontorio, vai descendo até lhe metter os pes na corrente, se está vendo a furto transparecer: das primeiras cabeças d'este arvoredo cõe para os assentos uma boa e vedada sombra. O puro e perfumado doç.

aves, a varia presença da terra e aguas, o susurrar dos ramos abanados da viração, as melodiosas querellas das aves, em summa o natureza enfeitada só de suas mãos, e paz e descanso de deserto, são a fonte perenne dos encantamentos d'este sítio. Uma ladeira suave opposita a escada, e ainda mais sombreada, despe de outro eûs com seus degrãos nativos de rocha até á agua. He este menos bem assombrado que o primeiro: não tem relva, nem arvore, nem verdura alóra a da muralha no topo, toda velada de musgos, matizados com seus tufos de fetos silvestres, congossas e um sem numero de outras plantas e ervas, sobre-saindo a espaços alguns ramos solitarios de figueira brava: mas o que de interior graça lhe fallece, lho compensa a larga vista que para fóra desfruta.

Era chegado o primeiro dia de primavera. Trincado e assentado estava de ha muito entre mim e meus amigos, como iriamos passá-lo juntos, em uma romaria e festa poetica á honra d'aquella mais formosa parte do anno. Não faltavão á volta da Cidade muitos sítios accommodados ao intento, n'elles não creio que possa haver no mundo outra verdadeira Arcadia, que em tão pequeno espaço resumia tantos: mas d'entre todos coube á Lapa dos Feteiros a palma da competencia. De doze se compunha o rancho, todos amigos, poetas e academicos.

Por volta de meio dia, pouco mais, nos ajuntámos com muita alegria e abraços, e todos com as nossas ramalhetes de primavera nas mãos, nos pozemos alvoraçadamente em caminho para o rio, onde já o barco nos aguardava. O ar estava puro: contra o sol que ardia rijo, nos acudia com refrigerio um pouco vento, que ao mesmo tempo nos fazia mui boa feição para contrastar a corrente. Saltámos e partimos. — Em quanto alguns por um e outro bordo ajudavão o favor do ar com o trabalho de suas varas, repellindo o álveo, e fazendo-nos resvalar mais prestes á medida de nossos desejos, os demais amotinavão ao longe ambas as ribeiras com suas canções de amores, entoadas em choro. A cada momento porem se quebrava por si o canto, para se contemplar e encarecer o muito que a natureza e o artificio poderão e soubêrão crear para enlevo de olhos, por ambas aquellas dilatadas margens e campos: praderia verde e florida, outeiros risenhos, cazoes branqueados, grangearia e recreação de quintas, pomares, hortas, jardins, e mil arbustos curvos porentre choupos e salgueiros até beijarem a agua, esse era o painel em que meus amigos se lião enlevando, e que a mim, que pelo longe que era posto, o não podia nem por netos enxergar, me desentranhou algum suspiro, dando-me a sentir no meio da geral alegria alguns momentos magoados, recostado na borda da embarcação.

Mil cousas pequenas, e por ventura. (mas quaes ha que sejão taes para gente moça em dia de jubilo?) matizarão toda esta viagem: taes como a grita que de subito alevaniámos ao passar por baixo do arco grande da ponte, donde as vozes, reflectindo do massiço da capta-ria, nos ressortião para os ouvidos com uma estranha soada, como que por aquella porta e esteiro estivessemos entrando um mar nunca d'antes descoberto; despedidas ã Cidade que de nós se alongava, branca e assentada em seu monte, até que desapparecia, e ás margens que para nós arremeltião correndo com seus esten-daes, lavradores e rebanhos, para logo nos passarem alem, fugir-nos e perderem-se; a vista de um bando immenso de pombas, que levantando-se espavoridas com a nossa passa-gem, de um ilheo de areia onde se estavam a beber e banhar-se, nos atravessarão pela proa e forão derramar-se todas queixosas pela ri-banceira vizinha; o ceo a espelhar-se inteiro nas aguas ufanas de retratarem multiplicado o sol da primavera com toda sua magnificen-cia: semelhantes nadas produzião em somma um genero de felicidade a estes moços Anna-creontes vinjando, á qual, para de todo o ser, só faltava poder durar.

De instante para instante importunavamos os barqueiros, perguntando insoffridos quanto nos restava do caminho. Quidava-se ver a Lapa dos Lesteios em quantas coledades apraziveis nos apparecião ao longe. Emfim a apontarão

com o dedo; levantão-se todos, todos com clamor unisono a saudação. Saltamos logo no primeiro cães, deixando o nosso barco amarrado a uma árvorezinha, que se algum curioso vier vizitar aquelle sitio, he a terceira da parte esquerda. Uns de outros derramados, nos fomos prestesmente por onde a heaso ou a fantasia nos levavão, correndo e devassando toda aquella solidão, que por algumas horas vinhamos povoar: e tornando-nos a ajuntar no alto, onde tão commodos assentos se nos desparavão. “Esta Lapa disse um, para estanciar a habitação das Musas parece feita; por aqui as heras pendem de toda a parte!”, Sobre o que, se procedeo logo á lição dos poemas que todos levavamos. Aqui usarão meus amigos para comigo de huma cortezia, de que por mais que fiz me não foi possível defender-me, ordenando-me com seus regos que os meus versos, para os quaes o ultimo lugar em tal companhia podéra ainda ser de muita honra, rompessem antes de outros aquelle oco. Estes, a que eu pozera o titulo que ainda tem *O Dia da Primavera*, ja primeiro que o sitio fosse escolhido se achavão feitos, rasão porque não ha que procurar n’elles a pintura d’ello. Concebêra eu um dia de Primavera levado pelos campos em contentamento com aquelles companheiros; tomei de minha livre imaginação o que me pareceo bastaria para o encher; e poetizei-o sem me obrigar a nenhuma outra verdade.

Elmiro (que todos haviam arcadicamente tomado para si nomes de pastores) assim com a leitura foi rematada, veio para mim com um listão de heras nas mãos, e mo lançou, a todo o poder que eu pude para me escusar, do hombro direito ao lado esquerdo. — Seguiu-se *Anfiro*, o qual em pé junto de mim, e com uma coroa em punho, recitou uma formosa Ode, toda floreada dos louvores que a amizade lhe figurava poderem-me bem assentar; e chegado que foi á ultima estrofe, me coroou abraçando-me. Tambem a este honra me foi forçado ceder, com quanto claramente em mim sentisse o muito que vinha mal empregada: a amizade ordenava, o dia era seu, rendi-me. Era a grinalda de artificejosissimo lavor, mui fresca, e tecida de louros, heras e cópia de flores naturaes: guardei-a com utania e como joia; quizera conserva-la para sempre, mas representava gloria, e minba; murchon, desfez se, largos annos ha que he pó, e pó disperso.

Dado que ja então fosse tal o meu triunfo, qual nem em sonhos de ambigão o podéra antever, *Josino*, a cuja felicissima Musa ja eu era, muito havia, devedor, inda o subio de pouto, lendo antes de um poema, pequeno em extensão mas grande e grandissimo em merecimento, um elogio a mim em tão delicados versos, que não posso menos de perdoar-lhe a lisonja.

Aufixo (*) leo um longo poema intitulado *A Primavera*, que todo respirava amor aos campos e à virtude, ataviado de mui miúdas galas poéticas, e de mui particular doçura e sabor para os ouvidos: nem se cuide que sangue ou amizade ou vã gloria me fazem força para o dizer, que antes o dissimulara eu, se o ser irmão e amigo fossem partes para, quando a todos os mais vou distribuindo seu preço, lho sonegar a elle; e ainda assim talvez o não ouzara, se tão boas testemunhas não valessem a confirma-lo.

Foi esta leitura interrompida de uns sons de flauta, que por cima das cabeças, e de mui perto nos vinhão: era o meu caro amigo, Horacio portuguez, José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouvea, que alvorçando-nos e alvorçado, nos apparecia no cimo da curta escada que da Lapa sobe para a Quinta das Canas, que lhe fica sobranceira. Porão tudo clamores de alegria, recebendo entre nós, poetas todos verdes, o nosso decano e patriarcha; cercámo-lo com abraços, das mãos lhe furtarão a flauta, foi levado de repente a todos os recantos do nosso Parnaso, contando-lhe todos á uma o que até ali se passara, que vezes se fallára n'elle, e se desconfiara de sua promettida vinda. Este homem amavel, jovial, incapaz de estudadas gravidades, dado e corrente com todos, bom sem merecimento de es-

(*) Meu irmão Augusto Frederico de Castilho.

fôrço, filosofo sem o cuidar, coração que ainda não saía nem já agora sairá da infância, homem só consigo parecido, que a ninguém imitou nunca, nem de outrem será nunca imitado, e cuja vida, se alguém soubesse crevê-la, sairia tão original e unica como elle mesmo, este digo, nascido para ter alma de qualquer ajuntamento moço e alegre, tomou para logo seu quinhão na festa. Deu-se fim no poema interrompido com a chegada do novo socio, que muitas outras vezes o tornou a interromper com applaudir e abraçar o poeta. Jossino, que assim como o ouvia fôra entrançando uma coroa de hera da arvore mais chegada, mal que o ultimo verso expirou, se foi com ella, por entre as palmas de todos, premiar a fronte do cantor.

Elmiro, que de apoz se seguiu, nos cativou as atenções com um poema de muita invenção e belleza, nonde outra vez a amizade me brindou com perfumes bons, para os não dizer da lizonja. Igualmente o coroámos; couro tanto se foi fazendo nos demais, que recitavam poemas mais breves ou traduções.

Soficio (*) repetio uma milmosimima tradução livre de uma parte da Primavera de Thompson: Albano, uma tradução em lindas quadras do Idillio Primavera de Gesner: Francisco, uma tradução em proza de Utz, que

(*) Meu irmão Adriano Ernesto de Castilho.

leo de pé com o copo em punho, e rematou com um brinde: *Proaxino* uma versão da *Primavera* de Cramer: cerrando-se finalmente este rico baquete poetico com mais de quatrocentos versos de um poema de meu irmão Jose Feliciano de Castilho, que pelo muito menino que ainda aquelle tempo era, não foi dos menos vitoriosos.

“ Todos estavamos coroados, e o rancho se espalhou. “ Já lá vai o sol abaixo; os seus “ raios apenas toirão já os cumes dos outeiros “ d’aíem: aproveitar o tempo! „ bradarão alguns amigos da borda de uma cira que dominava a Lapa: e todos sentimos que a tarde nos lia insensivelmente escapando. Então no som da flauta do nosso Homcio, começaram todos de dançar e saltar, e as aves incitadas da musica, levantarão mais alto os gorgeios da tarde. As folhas das heras, que por ali guarnecião todas as arvores, e algumas flores voarão ás mãos chéas como em chuva, de uns contra os outros. De quando em quando se alevantava alguma voz inculcando, porque o fossem todos ver, algum particular gracioso e ainda não observado d’aquelle sítio. Chamando *Aulino* pelos outros, lhes fez notar do cães mais arido, o como o rio d’ali visto, á conta de sua curvidade se afigurava lago cercado de collinas desiguas, cornadas e cernendas de laranjeiras, oliveiras e pinheiros, e eazues alvejando, enxergando-se mais a longe, e por entre estes, outros outeiros, quasi a se deava-

necer na distancia e sombra da tarde. Debu-xava eu no animo toda aquella scena saudosa; saía-me o quadro maravilhoso, mas era por ventura verdadeiro? não o sei.

Uma merenda saborosa nos appareceu de repente e como por encanto: *Elm*iro fôra o magico providente. Toalhas brancas de neve estendidas no cûes do desembarque, forão povoadas de primorosos manjares, garrafas ja de diniz, e copos coroados de verdura: uns ramos de arvores estendidos em quadro nos valerão de assentos: dois meninos gêmeos, vestidinhos de branco, erão os Ganimedes do nosso banquete solgatório. Parte assentados, parte reclinados em diversas posturas, outros por entre estes girando com os copos e pratos na mão, boas descaldas, descuidos a tempo, apontadas graciosidades e risos do intimo, brindes com o copo alto na direita, enviados a mui longes e mui diversas terras (que não havia um só que da sua não padecesse ausencia e se não findesse com saudades), outras saudes ora mais ora menos sumidas, a objetos nomeados umas vezes e outras não, mas mui bons de adivinhar pelos inspiras e geito do saudador, a voltas e proposito d'isso narrativas e contos para solgar, musicas alegres de flauta mil vezes começadas e outras tantas interrompidas, e outros muitos nada com que a pequena se não atreve, convinhão em aprazivel mistura para encantar a ultima hora da Festa da Primavera.

Posto era o sol, mas o ceo ainda não carregado de noite: havia-se de partir, soltava o animo para o fazer; instavão os barqueiros, crescião n'elles a razão e o importunar, acabáhão connosco que nos rendessemos. Despedidos amorosamente da Lapa já áquella hora entranhada de escuridão temerosa; com os pés já postos na beira da agua, nenhum queria ser primeiro que trocasse terra de tanta festa, por um barco que nos hia tornar para onde vida de proza e cuidados nos aguardava: senão quando, levantando o bom Gouvea a voz, com ella suave e cheia que se hia por aquellas margens alem, começa de cantar *A minha Lilia morren*: improviso seu, cheio de uma branda tristeza, que nos cangados e não fartos de gozar costuma ser segundo gozo. Assim hia elle até n'isto imitando o seu Horacio, que nos poeticos festins que dava ao Genio da alegria, nunca se esquecia com seu quinhão de pensamento para a morte. Profundo era o silencio que de toda a parte cercava o nosso cantor; só se ouvia o murmurio baixinho da corrente.

Não havia quem nos apartasse: por derradeira vez nos tornámos ainda á Lapa, travou-se uma danga por despedida, e fez-se uma saude geral no lugar e ás tres Graças que ali costumão n'vir muitas vezes (*), até que em-

(*) As Senhoras Melles, a quem pertence a Lapa e a Quiula das Canas.

sim nos embarcámos, com as nossas coroas na cabeça. Foi aos barquinhos defendido usar de vara, antes se lhes encimmendou que nos deixassem embora ir, tão mansa e perguignosamente como á vêa mal desperta do rio parecesse, e ainda n'aquelle pouco descer das aguas houverámos nós tido mão, se podessemos.

Pareceo bem, para atalhar a confusão de tantas vozes como as que ali fervião juntas, nomear á maneira do Rei do vinho nos festins dos antigos, um que nos governasse. Este foi Gouvêa por aclamação unanime. Lembrou um que d'ahi ao deante nos ficassemos uns aos outros dando o tratamento de confiança, que a boa amizade consente e requer: approvou-se. “E quemquer que a esta lei desobedeça, haja-se por expulso da Sociedade dos Amigos da Primavera.” Approvou-se com alvoroço; levantarão-se todos abraçando-se, apertando-se entre si as mãos, e dando-se entre risos o tratamento novo tão amiudado para lhe quebrar a estranheza, que ninguém se entendia. — “Todos os Socios (gritou outro, e de novo se fez silencio) hão de conservar até que o tempo as destrua, estas suas coroas, se não monumentos de gloria, penhores certo que mais vale, de horas felizes:” approvou-se por lei o que já todos levavão no coração bem votado. Suscitou-se depois que recitasse cada um segundo a ordem dos assentos, alguma sua poesia breve, e que mais lhe parecesse accommodada á occasião. Não faltárão aqui seus deba-

tes, lembrando uns como após tanto recitar, tinha a cantoria muito melhor cabida do que os versos nus, outros afirmando que a flauta melhor que nenhuma outra couza diria com a hora, sítio, e calada grande do rio: até que um veio conciliar a diversidade dos pareceres, dizendo que umas couzas não tolhião as outras, antes podião ir todas a revezes tendo seu lugar: o que assim se cumpriu.

A serenidade da noite junta com as saudades do dia, nos fez achar inesfel doçura nos sons da flauta, que parecião modulados pela melancolia, e se esvaíão ao longe nos ares. Se ás vezes o acaso nos levava mais para uma das margens, uns frouxos echos chidos de doçura e tristeza se comprazião de repetir a musica e as palmas com que a nós applaudiamos. Jmquanto um só cantava em meia voz, e nós o ouviamos calados; a face na mão, e o veio reclinados contra o rio, suave nos cia escutar como as quasi insensíveis ondas, com som muito mais baixo nos vinhão beijar os lados do bachel, d'onde se fugião partindo com um murmurio saudoso.

Descemos em terra, e abraçando-nos repassados de igual amizade, e das mesmas lembranças, votámos logo ali nova festa em honra do primeiro dia de Maio, a qual se veio a fazer, como ao dennte o declarará o volume: e todo esse meio tempo de uma até á outra, foi tecido de doces memorias, fantasias poeticas, tenções e esperanças de prazer.

Assim se podia e sabia ainda então passar
dias maños, innocentes e bemaventurados!

Lisboa: 2 de Janeiro de 1837.



O DIA
DA
PRIMAVERA

CANTO I.

A Manhã

Ei-la que chega a amante Primavera!
Logo ao romper do dia susurrando
Vós, Favonios azues, a annunciareis.
Chega... chegou! as aves a festejão
Desatinadas, doidas; ja com verdes
Braços lhe acena o bosque; estão-se os rios
A retrata-la; as fontes a murmurão;
Traz gala o monte; os valles se alcatifão;
Ri-lhe o ceo todo, a Natureza he d'ella!

Mais cedo ao leito do mavido annoso
Hoje a Aurora fugio; tomou regaço
De orientaes aljofares mais rico,
Mais cópia em seio e mãos de ethereas flores.
Aos umbraes inda escuros do horizonte

Quem a aguardava, quem? os meus Amores.
 Que encontro! que abraçar-se! . . O Zefirinho
 Que já por entre nós passou trez vezes,
 Trez vezes ao passar mo ha segredado:
 Vio tudo, tudo ovrio, que era elle proprio
 Um dos que pelo ar vinhão soprando
 O matizado pavilhão de nuvens,
 Em que ás terras baixava o Par celeste.
 Rosto a rosto inclinado; as mãos unidas;
 Mago riso um só riso em bocas duna;
 Absortos em luz mutua os mutuos olhos;
 Duas Génias do ceo, duas Virtudes
 N'uma Virtude só, se aguravão.

— “ O' minha Irmiã (dizia a Primavera)
 “ Quem nos ha de estremar? tu es do dia
 “ A Primavera, e sou do anno a Aurora,, —
 — “ Filha como eu do Sol (acode rindo
 A Aurora), ó doce Irmiã, véte-te o Pado,
 “ Não q'eu te inveje, os bens de urna mais ampla:
 “ Deu-te solgar sem mim, deu-te a alegria
 “ Dos dias que eu só abro, e os tão gabados
 “ Prazeres que eu não vi, não verei nunca,
 “ Prazeres do sol pôsto, e de alvas noites.
 “ A mim lida perenne, a mim rigores
 “ De oppostas estações, reinar de instantes,
 “ Continua fuga, e os odios dos ditosos,
 “ E as maldições de Amor contigo affavel.
 “ Eis porque a meu pezar, já por costume,
 “ De olhos que espargem luz se arvalhão choros.
 “ Perdoa-mos teu jubilo nos sécca,
 “ Desce, eu parto, urge o Tempo, e já me acena
 “ Co'a mão rugosa para novos climas.
 “ Fica-te em nossa amada Lusitania,

“ Inda ponceo’ha tão triste. Observa os cumes
 “ Contra o nosso nascente; ahí vê’s à espera
 “ A turba toda dos campestres Deozes,
 “ Flora, Cibeles, Driades, Nápéas,
 “ Hamadriades, Náíades, Silvans,
 “ A cagadora Cinthia, Amores, Graças,
 “ Os ledos Risos, a amorosa Vénus;
 “ E Pan ha muito tempo em nova flauta,
 “ No verde cume do apartado monte,
 “ Lá onde canas trémulas sussurro,
 “ Para a tua chegada estuda um hino,
 “ A enjo estrondo os Sátyros volteem. „ —
 Diz: olha para traz, vê o Sol, desmaia,
 Beija a Amiga, e fugindo a entrega ao dia.

Desfez-se a névoa, eis Sol! Joelho em terra,
 Amigos meus; he o Sol da Primavera!
 “ O’ Sol das flores, Salve! O’ Sol de amantes,
 “ Salve! E traz vezes Salve, ó Sol dos vates! „
 Vê-lo doirando do arvoredo os cumes;
 Vêde uns aguas límpidas fervendo
 De reflexos de luz áureo cardume.
 Carramos n’um momento os campos todos!
 Como esta luz do Ceo, que a toda a parte
 Desce, rompe, insinua-se, alvoroga;
 Como esta luz do Ceo, vates mancebos,
 Devastemos a terra: uma só gruta
 Não fique, um arvoredo, ou valle, ou fonte,
 Por onde não mergulhe a vista, o estro.

Esta, que ora seguimos, lertuosa
 Conceva senda, ha pouco estreito rio
 Co’as grossas chuvas da vizinha serra,

Parece de um jardim curiosa rua!
 De um lado, e d'outro os cõmaros pendentes
 Já não são montes de cruéis espinhos,
 Montes são de verdura, e roxas flores,
 Onde n'outra estação virão c'os céstos
 Colher nevadas mãos negras amóras:
 Recende o legação, e a madre-silva.
 De madre-silva ornemo-nos as fronteiras...
 Mas não: fique-se em paz a flor nevada;
 Quer-se antes a violeta, er sei onteiro
 Onde ella mora, lie flor da Primavera;
 D'esta eu fiz elleição não quero d'outra,
 Vós, se outra preferís, apanhai d'essa.

Por aqui vai a encosta desfargada:
 Como que já de cõr meus pés a sabem.
 Já vós de cá vereis, lá quasi ao cimo,
 Um ramalhete espesso de aveleiras,
 E de dentro luzindo uma apparencia
 De alvo lirio entre verde, um cazelinho;
 Pois esse lie a casa de Mgte. E mais avante,
 No alto; não voltêão solitarias
 As pândas velas de veloz moínhio?
 Também já lá ponzei n'uma afrontada
 Tarde do estio, e lie dormi á sombra.
 Tndo isto me conhece! Esta ladeira
 De rusticos degrãos, que ahi desce á dextra,
 De perenne veidor acobertada,
 Cae na fonte da aldeia. (Ahi vão por agua
 Com seus verinelhos cantaros as moças.
 Outras cá vem, com passo mais tardio,
 Sobindo já, com os potes á cabeça
 Lustrosos, vacillando e sempre firmes)

Não presumis quanto he social a boa
 Da fontinha aldeã! não ha formosa
 Que ali se não detenha e não se enfeite;
 Não ha pastor cortez, que no fim da tarde,
 Ja recolhido o gado, ali não desça
 Para ajudar a euchar; inda não' lionve
 Na vizinhança amor, cantiga' nova,
 Ou fallado successo, que cem vèzes
 Do fundo de seu antro os uñs ouvisse
 A Náide ancia; nein bôda alguma,
 Sem se entamar o pórtico mesquoso.

A' esquerda, pela varzea' anda' relancho;
 Que ouvi bôlar, e ainda ouço a ebullena'
 De pegureira voz. Dizei-me á presta,
 Que scena off'rece a varzea? a relva molle
 De alvas bodinhs tremitas brincaçã,
 Onde o calor nascente o orvalho enxuga;
 O sombrear das arvores dispersas,
 Bellos não são de ver? he' vasto o' bando
 Das ovelhas pacificas? he' linda
 A guardadora soa? está co'zinhã
 Em pé volvendo o fuso e olhando o' pasto,
 Ou com algum pastor sentada em cello?
 'Traz dispetso o cabell' ou prezo etil rosas?
 Que donoso cantar! que peregrina
 Poesia que espediça aquella moça
 Com broneas solidões e ovelhas rudes!
 Conza que assim namore a fantasia
 Não quero que haja, não: virgem formosa
 Sozinha sob o ceo; velando em brutos
 A que era de velar como um thesouro;
 A graça envolta em lãs, contente e rica;

35 annos verdes, sem pena aqui florindo,
Longe de olhos e amor: jogos e esp'ranças!

Detende-vos: o aroma he de violetas.
Ei-las! irei tecendo a c'roa minha.
Com estas, que escondidas, pudibundas,
Como a pastora, em paz desabrocharão,
O ar, como a pastora, em toda encantão.

Ja percebo o rugir das aveleiras;
Não vejo inda o casal estancia d'Egle,
Mas perto, oh perto vem: todo esse rôlo
De espesso fumo que serpêa aos ares,
He da interua fogueira que amanhece,
Cuidadosa do aliuço, aos moradores.

Entremos no pomar. Ja Primavera
Copiosa o bafjou, de agradecida
A's pomfareiras mãos que lho aprestarão.
Inda folhas não ha, mas tudo he flores!
Vede como ante o sol tremula e brilha
O pecegueiro co'o vermelho ornato:
Vede alem da pereira a branca veste,
Da cerejeira, do abrunheiro a copa:
Vede como uma vide em cada tronco
Tenaz se enlêa em tortuoso abraço;
Ja seus pequenos pampinos rehentão,
Verdejantes-festões ja são formando:
Do cheiroso morango a planta humilde
Aqui e ali no verde chmo rasteja.
Arvores, plantas d'Egle, a nomeada
Em todo este arredor pelas delicias
Dos ricos frutos seus, não se numerão,

Nem sei louvar que Ihes não ceda, e muito.
 O porque sejam taes, fique em segredo
 Quando vo-lo eu disser. — Aqui Vertumno
 Veio uma tarde do passado outono;
 Mudado em rouxinol, cantar nos ramos,
 D'onde, mais bella que a gentil Flumina,
 Egle andava colhendo a rica fructa.
 Julgou ver sua Deozinha eterno amante,
 E tão doce cantou por entre os frutos,
 Tão queixoso gemeo, gemeo tão meigo,
 Ceixon-a tanto com chorosos pios,
 Tantas vezes pouzon na mão de neve,
 Na trança negra, no virgineo seio,
 Que Egle o metteo no candido regaço,
 O levou toda ufana ao lar paterno,
 E em pintada gaiola inda hoje o guarda,
 Que o Deus não quer fugir da cativeiro.
 Quando a sente acordar pela alta noite,
 Acalenta-a com languidos requebros:
 Ao romper da manhã, quando no bosque
 Ouve perto cantando as outras aves,
 Logo a recorda com vívidos gorgheios:
 Mas quando a vê surgir, qual Vénus da agua,
 Sem mais vestido que a esparsida coma...
 Ah! he o pipillar, o esvoaçar-se,
 O encespar de plumage, o dar sem tino
 Contra os duros varões co' o peito brando:
 Ah! o abrir do bico a pedir beijos,
 E o revelar calado o amor e o nome.
 Por isso he que ao pousar onde foi prezo
 Fudou, quanta vos prende, infunda graça.

Como he puro este ceo do campo d'Egle!

Como he doce este Zéfiro que folga
 Entre as arvores d'Egle! este he ditoso!
 Eilya que tãe de seu campestre alvergue.
 Calados se podeis, entre estes verdes
 Porque vos não descubra, olhai-a um pouco.
 Queeis ver como a ponto lhe adivinlio
 Os passos, e o que faz, e os pensamentos?
 Sim, Egle he sempre aquella, he sempre a mesma;
 Arvore sem enxerto he sua vida,
 Da sempre a flor igual, iguaes os frutos.
 Mas silencio, Vertuinnos inasfridos,
 Já vo-la pinto, e me dizeis se eu erro.
 Do braco nu e candido lhe pende
 De louro milho o pródigo cestinho.
 Chama as pombas, lá vão pouzar no alpendre;
 A' esta arroja os grãos, lá vão na eira,
 Arrulhão, comem soffregas, refogam;
 Ah! vai novo punhado, ah! vem de novo.
 Uma d'ellas, mais alva do que o leite,
 Vai pouzar no cestinho ao lado d'Egle,
 E mansa come na formosa dextra;
 Partão côres com o sol o collo, as azas.
 Egle he chama filha; afficariets
 Que o bratinho a entendeo, salta-lhe ao seio,
 Espneja-se: agora lhe promette
 O pombo mais hel para consorte,
 E um ninho todo fôfo, e muito afago
 Aos pequeninos seus; mas quer em paga
 Um beijo, e um beijo pede: a face inclina,
 O bico a vem libar; alonga os labios
 Unidos em botão, corre o biquinho,
 E ao centro do botão lhe leva o beijo.

Agora vem ao tanque, aos rubros peixes
 Trazer segundo almoço: oh! — providencia
 Não lhe mais desvelada, ou mais formosa!
 Mal que o choveo nas aguas transparentes,
 Por entre os crebros circulos nasonia
 De vivos olhos purpurina turba,
 Tragão-no, e fogem requiebrando as caudas:
 Brmo o lago outra vez ficou dormindo.

Que dizeis? volve a casa? em manhã d'estas
 Egle volve ao casal! tornará logo.
 Mas vós não ficareis, que o não consinto;
 Floje he só Divindade a Primavera.
 Enquanto a hora da Festa inda vem longe,
 Irmos correndo á sôlta, irmos folgando
 He o nosso dever, foi jura nosso.

; Mas que risadas d'esta parte sôão
 Entre os salgueiros, do regato á borda?
 Rasgado o cinto, desgrenhada a trança,
 Uma Ninfá gentil é quem se riucha,
 Se ouve rir no pacífico arvoredo!
 La vai na vêa d'agua brucejando,
 E a saltar de afflicção piedosos gritos
 Um Sátiro infeliz! ja muito longe
 A corrente lhe leva o oboe e a flauta.
 Agora á flôr das aguas apparece,
 Some-se agora no lodoso fundo.
 Emvez de o socorrer, o apupão rindo
 Da opposta varzea os rusticos pastores.
 — “Dize, hom guardador das vaccas nedeas
 “Que successo foi este!,” — “Já vo-lo conto.
 “A Ninfá hia correndo, antes voando,

“ Ao longo d’esta margem que verdeja,
 “ Quando eu dei sé; suava-lhe no alcanee
 “ O mofino do Sátiro . . . (Que vejo!
 “ Inda pendê aferrar . . . Máshoras leve
 “ A agua que o não trouxe! Pois já não larga
 “ Os vines que aterror co’a mão pelluda.
 “ La trepa . . . Vê-lo encima! Oh como o bruto
 “ Se estira no sol e arqueja!) Hia no alcanee
 “ Da pobre Ninta o Sátiro; umas silvas
 “ A prendêrão, travando-lhe do cinto.
 “ Garpia-se a coitada entre alaridos,
 “ Como passaro prezo; esta novilha
 “ Não muge com mais ancia em vendo os lobos.
 “ Bate as palmas o fero, e mais ligeiro
 “ Atropella a carreira, e vai clamando
 “ = Venci-te = Avida mão já lhe lançava,
 “ Senão quando (tomado está dos vinhos)
 “ O pé caprino na orvalhada relva
 “ Reivala: vê-lo vai de tombo em tombo
 “ Medindo a ribanceira, e dá no rio!
 “ Logo ao caír, fugira-lhe dos hombros
 “ O odre do vinho, e a flauta d’entre os dedos.
 “ Mal poudes desolgar = O’ flauta! ó odre! =
 “ Disse trez vezes, e esqueceo-lhe a Ninta, —
 — “ Bem hajás, guardador das nedeas vacas;
 “ Mais feliz sejas tu com teus amores,
 “ E menos apressada a que seguirés. ”

Socioz, que mais lia ahí! Que vos demora
 Em de redor de um cloupo? Letras, versos
 Entalhados no tronco! uma grinalda
 A abraça-lo, outras mil por toda a côpa,
 Que parece um rosal! na terra unctos!

Lede-me esse letreiro: algum queixume
De infeliz namorado. Oh! ceos, he crível?
LEI DE AMOR tem por titulo? se fosse
Da propria mão do Nome aqui gravada!

*Amar, amar! viver d'amores!
Que o tempo off'recê e nunca espera;
Aos corações bem como às flores
Não se renova a Primavera.*

Oh Lei, poita de Eliso antes da morte!
Sim, sim, de Amor tu es; vós saes das Graças
Coroas que a usanaes, a encheis de aroma.
Socios, ministros das Píerias Deozas,
Erguei mão não profana às flores sacras,
Privilegio he do estro, ouzai collê-las:
Levará cadaqual no peito a sua
Pem sobre o coração, tão perto d'elle
Que ouvindo-o palpitar lhe falle amores.

Pois he lei quero amar: sim. Porem onde
Onde estarn da Primavera a Deoza?
Por toda a parte os seus vestigios noto,
Mas não a posso achar. Ah! vós que rides,
A insólita paixão julgaes chimera.
Existe, existe a Virgem graciosa,
Nos Ceos a Filha occulta anda na terra:
Não são sem divindade estes prodígios.
Quem faz tão branda murmurar a fonte?
Quem abre a rosa na materna planta?
Quem dá cheiro á violeta, e cor ao lino,
Ao ar fresco o regalo e verde nos campos?
Quem poesia de umor ensina às aves?

Quem é que influe no coração dos homens
 Tanto amor, tanta paz, doçura tanta?
 Existe, existe a Virgem graciosa,
 A minha doce Amante, a minha Amada,
 Dos Ceos a Filha occulta anda na terra.
 Sinaes de sua mão, pisadas suas,
 Fragrancias que espirou, por toda a parte
 Me envolvem, me arrebatão, me endoidecem;
 Mas busco-a e não se mostra; exclamo, he surda!
 O dia he fallador, he distraído,
 Deidade virginal recêa o dia,
 Casta, só quer talvez ás castas sombras
 Revelar seu mysterio, abrir seu peito.
 Oh quem me dera que baixasse a noite!
 Da noite no pacífico silencio
 Cõa pelo ar vazio o soni mais leve:
 Por isso a Filomela a quiz por sua,
 E o mocho lhe confia as longas queixas:
 Quem me ja dera que baixasse a noite!
 Irei clamar do cume dos outeiros
 “ O’ Primavera, ó minha Primavera! „
 E depois que trez vezes repetirem,
 Ao longe os echos meu tristonho grito,
 Attento escutarei se me responde.
 Se nada ouvir, prostrando-me, e cobrindo
 De igneos beijos a terra (os igneos beijos
 Tem valor de conjurio entre amadores)
 Com maior devoção, dobrada fôrça,
 Clamarei “ Primavera, ó Primavera! „
 E os campos todos correrei bradando.
 Na solitaria gruta alguma Ninfa
 Ila de acordar, e a parte do oriente
 Largar a vista, procurando a auctora:

A aurora não virá, e eu longo tempo
Andarei pelas trevas suspirando.
Se trez vezes o sol descer ás ondas,
Sem que possa encontrar a minha Amada,
E sem que algum mortal dê novas d'ella,
Apagarei no peito o incendio inutil,
Pensando que era ingrata, ou que por sonhos
Samente a víra em extases do estro.

Mas viver sem amar, sem ser amado?
Vida entre gelos equivale á morte,
No pasto ao coração mantem-se a vida;
Sois brandas affeições, a essencia d'ella.
Confessar-me da Lei que abrange a todos,
O primeiro infractor? O' Chloé, ó bella,
Serás tu d'entre mil, o preferido
Emprego aos versos meus e aos meus excessos.
Ja tens da Primavera o gentio, as graças,
Sua fama terás, terás seus hinos.
Quando com teu rebanho para o rio
O bosque ao fim da tarde atravessares,
De longe me verás na flôrca margem
Sobre um penedo a celebrar teu nome.
Quando o quente redil ao gado abrires
No frescor da manhã, dir-te-ha meu rosto
Que entre as da tua porta arvores caras
Não fui amanhecer, mas toda a noite
De amor andei cercando o teu descargo,
Sentindo-te o respiro, ou crendo ouvi-lo.
Quando na sesta, á sombra da oliveira
Tiveres descuidosa adormecido,
Em sons de flauta esccutarás por sonhos
O cantar novo que te mais recreie.

Mas vede como leve escapa o tempo!
 Já alto e rijo o sol encurta as sombras.
 Largo se ha divagado! Hora purpúrea,
 A mais social, mais folgazã das horas,
 Chamando está por nós co'a mesa agreste.
 Onde a iremos tomar? n'algum lugario
 De solitaria Baucis? nem de leno
 Polres télos consente o sacro Dia.
 Ali temos o outeiro aleatificado,
 Rico montão de flores! Que rui frescos
 T'ela astomada os louros se entrelação!
 Mas sobre tudo que aprazível gruta!
 Por fóra he de hera um tufio lozidio,
 Dentio um fúrrro de musgo. Alvitre novo
 O' Socioa esentai. Esta collina
 Desde hoje para nós fique Parruso.
 Eis a gruta de Cirrho, onde costuma
 Fecho sonhar magníficas imagens!
 Esses louros são d'elle! Aquella fonte
 (Céos nada falta!) he fonte de Castalia!
 No remanso diáfano boiando
 Niveos gaueços as azas empavezão;
 Fingi-lhes doce a voz, chamai-lhes cisnes;
 Lindas pastoras nossas Musas sejão.
 Respiremos o estro! O' lá de Cirrho
 Virgêdes, acudi-nos contra a calma:
 E vós louros selvaticos, ó louros,
 Yelai com vossa nobobada frondente
 Os vates e o banquete, o rir e os versos.
 A primeira saude a Bacho e Cerea,
 A Palles e Pomona, ora presentes
 Do banquete á rural simplicidade.
 Para dias iguaes, plantar-lhes voto

Cá hein no viso do sagrado outeiro,
 Densa cabana de perpetua folha;
 Para aqui, de canceiras feriados,
 Viremos ariunde abrir os peitos
 Ao bachelico fulgredo, a Auro e aos cantos,
 Co'a alegria asombrar, e co'a amizade
 Do loureiral as Driades vizinhas.

Na venturosa paz d'este retiro,
 Não virá perturbar nossa humildade
 Com seus trovões, com seus coriscos horridos
 Turba sublime de saturnos vales.
 Alçando o collo, enfaticos praguejem
 Contra os tirannos, contra os monstros barbaros;
 Pintem de rijo os prepotentes déspotas,
 Fulminem os perversos aristocratas,
 E fujaõ por estado á natureza.
 Não lhes invejo, não, a bronca tuba,
 Que despede trovões e rasga ouvidos.
 De nosso humilde genio estou contente:
 Nada mais temos que uma agreste flauta;
 Com ella muda, ás vezes longas horas,
 Da natureza os quadros estudâmos.
 Socios dos rouxinoes, só diffundimos
 Depois de meditar, nossos gorgeios;
 Em quanto o mocho a luz aborrecendo,
 Nos amenos vergeis nunca discorre;
 Dorme o formoso dia em cava fuma,
 E solta pela noite horrendos guinchos,
 L'auzado junto ao ceo, mas entre horrores.

Elmiro, ó tu que, tanto como odio,
 Odas as sonoras bagatelas,

E ris, como eu, dos estrondosos nadaes;
 Nunca te afastes da florida róta,
 Por onde a Natureza o Genio chama.
 Da madrugada nos inimosos snuhos,
 Costumas ver de inultas coroada,
 A amavel Sombra do risinho Gëssner.
 Oh! quando aos campos teus um dia voltes,
 A' sombra do teu cedro será doce
 Ouvir-te prantear perdida amante!
 Entre as folhas cheirosas susurrando,
 Qual fasonio indeciso, os Manes d'ella,
 Maniatristeza ao coração te enviem.
 Enquanto no escarceo da grão Cidade
 Eu misero, eu snudoso andar lutando,
 La no fertil torrão verás contente
 Por ceos de teu jardim nascer a aurora:
 Regarias pela fresca as flores tuas
 Junto da terna Mãe, que este só gôsto
 Na morte conserva do esposo amado;
 Triste e formosa qual viuva rôla.
 Outras vezes as pombas que sustentas,
 Terno irás vizitar co'as Irnãs bellas,
 Qual entre as Graças posseára Adonis
 Nos arvoredos da ociosa Chipre.
 Elmiro, e alguma vez tambem meus versos
 Serão do teu retiro um passatempo?
 Quando eu tos enviar, vós reunidos
 Junto do fogo nos seroes do inverno,
 Contentes os lereis; e tu, girando
 Co'a vaga idea nos passados tempos,
 Dirás a suspirar "He meu amigo,"

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

O DIA
DA
PRIMAVERA

CANTO II.

A Tarde.

Já dos louros as grimpas se embalançam:
 Surgir, surgir da telva sonolenta!
 Já fresca viração consola os ares:
 Que zonda que vai por toda a selva!
 Estrépito de rio impetuoso
 Na calada da noite a crê mil vezes
 O viandante perdido. Hora da Festa,
 Bem te ouvimos anciosa estar chamando.
 Da Primavera á Festa, á gruta, ó Socios,
 De Amarilis e Umbrano á vasta gruta!
 Já agora o bom do Anfrizo ha de ter pronto
 De sua dextra mão o altar gramíneo,
 Arqueado em docel do cedro a côpa,
 E do cedro no pé com flôrea tarja
 Da nossa Primavera aberto o nome,

Se he que umór lhe não fez gravar = Dorinda = ;
 Dorinda, cujos magiens. encantos
 Na lira do amador gerão milagres ;
 Cujos olhos, tão negros como a noite,
 São como a noite ao Deus de amor tão caros.

Sim, vamos .— Vedes vós o pequenino
 Que lá vem amontado em verde cana?
 Quão guapo agita as redeas cõr de rosa,
 E agouta cõ'a varinha a brava ferra!
 Ouvis-lhe a doce voz que por mim chama?
 — “ Salve, menino! e adeos, que hoje não posso.
 “ Outro dia virei, toda uma tarde,
 “ Trabalhar nas flautinhas, que arreinedem
 “ Cantar de rouxinol soprando-as n'agua.
 “ Amanhã me procura aqui no outeiro,
 “ Verás, verás que histórias te não conto. ” —

Partio: como galopa afevorado!
 Já vai conta-lo á mãe. Este menino
 He da aldeia a doudice, e os meus amores.
 He dote de seus annos a innocencia,
 Como do botãozinho he dote a graça:
 Mas aqui ha melhor, he botãozinho
 Já fragrante, he virtude antes do sizo.
 N'aquella rêta do abafado agosto,
 Quando fostes nadar, eu passava
 Sozinho a espaiar-me pela fre-cura;
 Eis para mim correndo este menino,
 Vergonhoço me diz: — “ Queres atar-me
 “ Este cordel nas pontas do meu arco,
 “ Bem seguro, bem forte, que não quebre? ” —
 — “ Sim, amavel menino (eu lhe respondo)

- “ Sim quero estar-to bem seguro e forte,, —
 E enquanto lho fazia, assim lhe disse:
 — “ Vais caçar borboletas? ou mordeo-te
 “ Alguma abelha, e queres castigá-la?,, —
 — “ Não, não: vou dar em minha mãe um tiro,, —
 — “ Um tiro em tua mãe!,, — “ Sim n'outro dia
 “ Dro-me tanto nas mãos, que se ficariam
 “ A doer, tão vermelhas como as rosas,, —
 — “ E porque assim te deo, que te ficassem
 “ As mãozinhas vermelhas como as rosas?,, —
 — “ Eu tinha (acendio elle) um melro novo:
 “ Era meu, apanhou-o a minha rede.
 “ Sempre estava a cantar; era tão lindo!
 “ E quando assobiava! os outros melros
 “ Puhão-se lá do bosque a responder-lhe.
 “ Queria tanto à nossa Mirtilinha!
 “ (A nossa Mirtilinha he a mais pequena
 “ Das minhas trez irmãs): e ella tratava-o,
 “ Quando eu hia á seara ás regateiras.
 “ No outro dia esqueceu nos a gaiola
 “ Ao sol toda a manhã: quando fui vê-lo,
 “ Não se podia ter, abria o bico
 “ E não tomava nada. Um pequenito
 “ Me disse que era calmo: agarro n'elle,
 “ Vou-me ao tanque, e mergulho-o cinco vezes.
 “ Ficou muito peôr: punha-o direito,
 “ E elle sempre a cair, fechava os olhos,
 “ E estremecia todo. Aquietou-se:
 “ Cuidei es que dormia e disse, Dorme,
 “ Veio um velho, abanou-o, e disse, He morto.
 “ Foi com elle na mão chorando, e em gritos,
 “ Procurar minha mãe. Ficou pasmada (lá,
 “ Quando o viu, e eu lhe disse - Ah! está, não caa-

- “ Nem já faz festa á nossa Mirlilinha —
 “ Por-se a talhar por isto, e castigou-me,, —
 — “ Cruel menino (lhe volvi severo),
 “ Cruel menino, e em tua mãe pretendes ..
 “ Ir com setas vingar-te? — “ Oh! não (me torna),
 “ Não lhe hei de fazer mal. Se tu soubesses
 “ O que uma seta faz! . . , — “ Não te percebo,
 “ E pois que faz? explíta-te, saibamos,, —
 — “ Na cabrua de Silvio (me responde) ..
 “ Há um côpo de pão todo pintado,
 “ Que elle já prometteo que me daria
 “ Se eu lhe levasse a fita, com que ás vezes
 “ A minha irmã Glicéria ata os cabellos.
 “ Por fóra do tal côpo está com um arco,
 “ Para atirar a uma pastora linda,
 “ Um menino como eu, com os olhos negros
 “ Voltados para mim, e sempre a rir-se.
 “ Anda enzinho ao rio, e tem nos hombros
 “ Axas, que lhe não gaulha a borboleta.
 “ Silvio disse-me o nome que lhe davão,
 “ Porém . . . já me esqueceo: tambem me disse
 “ Que elle costuma á gente descuidada
 “ Atirar muita vez d'aquellas setas:
 “ Eu cuidava que as setas matarião,
 “ Tinhão-mo dito um dia os caçadores,
 “ Mas Silvio me jurou que não matavão,
 “ E contou-mo sem rir; Silvio não mente.
 “ Aquellas setas vem, entrão no peito
 “ Sem ferida nem sangue, e ate sem dores.
 “ Se obrigão n chorar e a ficar triste,
 “ Como ás vezes succede ao meu bom Silvio,
 “ Em toda esta tristeza ha tanto gôsto,
 “ Que he mais doce gemer, que estar alegre.

“ Eu d’isto nada entendo, porem Silvio
 “ Me disse que algum tempo o entenderia.
 “ Lembra-me agora! o tal menino d’azas (certo
 “ Chama-se Amor; não he verdade? „ — “ He
 (Lhe respondo, apertando-o nos meus braços),
 “ Chama-se Amor, e he como tu formoso. „ —
 — “ E seus tiros não fazem que fiquemos
 “ Tão agigados de alguém, como o cordeiro
 “ Quando n brincar com seu irmão no prado? „
 -- “ Sim he verdade. „ -- “ Então venha o meu arco,
 “ Ja tenho em casa muitas setas prontas,
 “ Vou ferir minha mãe. „ -- “ Louco! o teu arco
 “ Como o d’elte não he (lhe brado rindo):
 “ Larga-te ao collo seu, perdão lhe pede,
 “ Beija-a, conta-lhe tudo, e eu te prometto
 “ Por cada beijo teu, mil beijos d’ella. „ —
 Não me buvio mais, correo: e de caminho
 Colheo para ofertar-lhe algumas flores.

Mas eis-nos ja no suspirado sitio!
 Essa a gruta: este o cedro annoso e immenso,
 Condigno pavilhão do altar votivo.
 Inda as e’roas vos saltão, eis ó Socios,
 Rompei demoras, ide às flores, ide,
 E volvei logo a dar principio á Festa.

Só fiquei: se eu pudesse aqui no prado
 Por meus olhos tambem colher algumas!
 (Que as violetas que hei po-to andão ja murchas.)
 — “ O’ pastorinha de formoso gado,
 “ Se podes, nem te peza alguns momentos
 “ Perder comigo, apanha-me violetas,
 “ Ensinar-te hei por premio outros cantares.

“ Teu rafeiro no entanto o gado vele. „ —
 Partio, deixando ao lado meu, na relva
 O cordeiro que tinha em seu regaço,
 Tão alvo, tão pequeno como um lírio.
 Pobre innocente! nos meus dedos busca
 Da mãe, que ao longe bala, a doce teta!
 Se comer já souber-e, eu lhe daria
 D'estas papoulas, d'esta fina grama.

Que silencio! mal ouço uma fontinha;
 Sereaa viração de quando em quando;
 O crepitar miúdo dos raminhos,
 Que a leve cabra arranca do espinheiro;
 A voz d'um lavrador aos bois tardios;
 E o cansado gemer de um carro ao longe.

Cá volte a minha Flora! estou c'fundo:
 “ Graças ó doce e rustica Belleza!
 Sempre em torno de ti rebentem flores
 Que o teu rebanho cobigoso paaça;
 Nunca te salte pelo estio a sombra;
 E amor te volte em fruto as esperanças,
 Se esperanças de amor no peito nutres.
 Vês tu aquelle altar? foi obra nossa,
 Foi por nós consagrado á Primavera,
 E vamos festeja-la. Altar sem Nuzes
 Faz menos devogo; se tu quizeses,
 Bem o podias ser. Anda, mimosa
 E amavel pastorinha; enflora á pressa
 A trança, o collo, o seio, e no regaço
 Lança flores quaequer, qualquer verdura:
 Ou! dá-me este prazer. Do cedro ao tronco
 Vai-te encostar do modo que te digo,

Co'a mão na face, e como sorrir nos labios (*).
 Dizei aos socios meus, quando voltarem:
 " Invoquei tanto e tanto os meus Amores
 (Nome he que á Deusa dou, não tens insusto
 " Nem me furtas a mão) e he tão benigna,
 " Tão docil, tão cortez a Primavera,
 " Que avio do seu bosque, e apraz-lhe ouvir-nos.,,
 Folgaremos de os ver cair no engano,
 Ajoelhar-se á fugida Primavera,
 E mais de coração cantar-lhe os hinos.
 De que te ris, singela rapariga?
 Porque foges de mim? Se não consentes,
 Cedo iremos buscar-te nos teus montes,
 Chamar-te Deusa, em dobro envergonhar-te.,,

Que he isto! ja volveis? mostrai-me as c'roas.
 Como escolheste bem, terno Josão,
 Meigo no coração, na voz inavioso!
 Golhos com mictos para ti caraste,
 Com o suave condiz a suavidade.
 Se nos campos do ceo, reino do Genio,
 Eu podesse colher miudos astros,
 Dos versos onde algaste ao ceo meu nome
 C'roa de ethérea luz seria premio.
 Dou-te o que posso, gravei teu nome

(*) Na *Primavera* de meu irmão Augusto Frederico de
 Castello ha duas ligas parallelas, não quanto á expressão,
 mas quanto ao pensamento principal. Releva porem que em
 duas cantos se acheta: a primeira, que nenhum de nós foi pla-
 giaria, nem o podia ser, porque todos acompanhamos em
 arguido; a outra, que o passo do poema, em que elle des-
 creve Nize a figura de Primavera, leva grande vantagem de
 valia a estes versos!

Em bosque, onde Hamadriades o leão:
Decorarão com o verso os teus louvores,
É alguma em si dirá: "Quem me ora d'esse
Em minhas solidões este Josino,
Por verso se he no cantar, qual dizem, meigo,,

Vejamos meu irmão (*) a tua escollia.
Eis-te como eu cingido de violetas;
Ah quanto são iguaes os gostos nossos!
Abraça-me cantor da natureza;
Um a outro, um pelo outro aqui juremos
Junta sempre em busca-la a industria nossa.
Abraça-me outra vez: nossa amizade,
Nossa terna amizade, e nosso estudo
Aperfe mais e mais do sangue os laços.
Se jamais fado atroz nos separasse...
Longe do pensamento esse impossivel!
Duas vidas irmãs que medrão juntas
Tem uma só raiz; dão flor, dão fructo
Nas mesmas estações, e ás horas mesmas.
Quer benção mande o ceo, quer sopro de ira,
Um só bem, um só mal abrange as duas,
Emquanto uma existir persiste a sócia.
Vai para o nosso altar, um só momento
Me prende, o meu lugar tu lá conserva
Entre ti e o das Musas ja mimoso
Nosso irmão, que no berço achou a flauta:
Menino, a quem cingistes de alvas rosas,
Como elle emblemas da innocencia breve.

Elmoro, o teu diadema he bello e simples;

(*) Augusto Frederico de Castilho.

Mirto e teixo pregões de amor e mágoa.
 Não são menos de ver, nem menos propícias
 As vozas, bom Franzino, alegre Albano.
 Do amor perfeito as flores melindrosas
 Tecem, Franzino, a tua, e tem por joia
 Uma saudade a tremlar na fronte,
 De teus suspiros o ditoso emprego
 Longe está, bem o sei, mas não suspíres:
 Tua nnnada fiel na ausencia chora,
 Sea imaginação durante o dia
 Voa a buscar-te aos campos do Mondego;
 Dos campos do Mondego aos braços d'ella
 Sua imaginação te leva em sonhos.
 Albano, a ti o amor foi mais propício:
 Vê, amilde os olhos que te instantinão
 E o sorrir facil que te muda em louco.
 Não muito abertas, incendidas rosas
 Cercando as tuas fontes, me asfigurão
 A imagem ver de envergonhados beijos.

Vein meu Anfrizo: a tua d'entre todas
 He por certo a mais funebre grinalda;
 Um ramo de eipreste e alguns suspiros.
 Ah tua mãe tão cedo abandonar-te!
 Oisão triste, perdoa ao vate amigo,
 Que em chagainda tão fresca a mão te ha pôsto.
 Se para ella ha balsamo no mundo,
 Só Amor sabe d'elle, e mãos de neve
 Tem para te applicar virinde innata.
 Sim, Dorinda gentil como que busca
 Esse ermo de tua alma encher de affetos,
 E no vão do teu peito insinuar se.
 Mas a saudade maternal he muito;

Todo o mundo, a amizade, e até Dorinda
 Só poderão na angustia confortar-te.
 Teu mal sustido choro eis recomeça!
 Só a dor te contenta, à dor sirvamos:
 Narrar-te quero a historia do cipreste,
 Que dos ramos fernes partio contigo.

Preço das graças da opulenta Sílvia
 Titiro guardador de pobre armento,
 Com seus ais estes montes abalava.
 A bella desdenhosa, muitas vezes
 Quando o sentia a modular ternura
 Ao som da flauta n'um sombrio valle,
 Torcia, por não ve-lo, o seu caminho.
 Ah se o visse, estendido entre o rebanho,
 O pranto a burbulhar nos fillos olhos,
 E ao som da flauta, em baixa voz unidos
 De quando em quando um ai, e o nome d'ella!
 Rigores virginaes, desdenz de rica
 A amor, à compaixão talvez ceddessem,
 E ficasse mais bella, a ser piedosa.
 Por só consolação de seus desgostos,
 Co'a pèga que ja foi da ingrata Sílvia
 Folgava repetir de Sílvia o nome.
 Nunca a avexinha ao misero deixava,
 Que assim a havião preza os novos mimos.
 Só as vezes nos lares revoando
 Da formosa cruel, de lá trazia
 Fortada alguma prenda ao pobre dono;
 Sem querer lhe atigava o fogo inutil.
 Era triste, mas doce, ouvir de noite
 Pelos bosques bradar " O' Sílvia, ó Sílvia,
 O terno amante; e acompanha-lo a pèga,

Já pouzada em seu hombro, ou já gritando
 Lá de cima de um tronco “ O’Silvia, ó Silvia! ”,
 Longos tempos assim pelas florestas
 Vagar se ouvirão solitarios ambos;
 Té que o loquaz brulho de cançado
 Veio um dia cair entre as mãos d’elle,
 Bateo as ozas, terminou seus dias.
 A’ fiel compauheira ultimas honras
 Deo como poud’ Titiro; sagrou-lhe
 Um pequenino tumulo de burro,
 E um ciprestinho de anno, que por novo
 Inda estudava o geito de ser triste.
 Aos Numes implorou que o não crescessem:
 Mas pouco e pouco o tronco foi subindo,
 E com elle de Titiro a saudade.
 Bem pôde ser que o tumulo não visses,
 Que ervas espessas de redor o afogão
 Ah desde que o pastor tambem jaz morto;
 Morto ás mãos da saudade, e em terra alheia!

(flautas

Tempo he da Festa. A’ Festa! — Ah! estão as
 Já silvando rebato ás alegrias!
 Travaí dança, alta dança ruidosa,
 Quaes em seu monte os Sátiros a saltão!
 Venhão de apor os hinos: logo Bacho
 Nos acenda co’ as tagas, menineiro
 No aspecto e no palrar, no resto annoso,
 De cãs a reluzir por entre as parras.
 Ser-lhe-ha boa salva o retinir dos côpos
 E os das saudes misturados gritos.
 Do altar meu canto agora ascenda ao Numel

Vem ó.Dona das Graças e Flores,
 Volve á terra teu mago calor;
 Aos que fogem de amor gera amores,
 Nos que a amores se dão cria amor.

Tu és Venus, a Grecia delira
 Crendo-a Filha do tórbido mar,
 Tu és Venus e Musa da lira,
 Cumpra á lira teu Nume exaltar.

Tu és Driade, e Náíade, e Flora,
 Moedade é Saude e Prazer,
 Com mil nomes o mundo te adora,
 Mil poderes compoem teu poder.

Do Céo puro és a noiva corada,
 E's só d'elle como elle he só teu;
 Rica em trajos, de aromas banhada,
 A seus beijos te off'rece Himeneo.

Feliz extase, abraço jocundo
 Do consorcio completo as prizoës,
 Primavera, em teu seio fecundo
 Já pullullão mais trez estaçoës.

A' voz tua amorosa e macia,
 A teu mago e perpetuo sorrir
 Tudo cede, e te adora á porfia,
 Como te ha de o mortal resistir?

Lédo brinca a feliz meninice,
Léda a ninfas em seus dons se revê,
Lédo o velho desruga a velhice,
Tudo he lédo, e não sabe o porque.

Onde assomas o mato florece,
Desatina a avezinha a cantar,
Côr d'esp'ranças a terra amanhece,
Arde o peixe nas brehlias do mar.

Perde as iras a rábida fera,
E se estranha de ter coração.
Primavera, que és tu Primavera?
Vida, fôrça, virtude, união.

Desde que abre ao carneiro doirado
Hora alegre o celeste redil,
E das sombras e gelo espalhado
Despe as terras Páonio subtil ;

Despe a mente por ti basejada
Suas neves e esento invernal,
Restuscita de flores tocada,
Enche a lira, nem sda mortal.

Pois tu és quem me acordas e me inflamas,
A ti, Deozza, os meus versos seião.
Mas debalde o meu estro te clapa,
Os meus olhos jamais te verão!

Amigos, baixo he o Sol, findem-se os hinos;
 Ponde silencio nos copos falladores;
 Assaz he tempo. O dia era dos campos,
 A's aguas toca a noite; a noite grave,
 Recollida, sandosa, ama pacer-se
 No murmurinho de deserto rio:
 Tambem o coração tem dia e noite,
 E precisa dos bens desenfadar-se.
 Largo dista a corrente; o passo aperte
 Quem sabe quanto he grato a luz de estrellas
 Ouvir palrar as Nadas a deshoras.
 Vamos tomando o gosto nos fins da tarde;
 E enquanto mais ligeiro o bom Josino
 Corre a aprestar a barca, entreteremos
 O caminhar, colhendo rozmaninho
 Para o colchão noturno; Que delicias,
 Ir-se acamado em flores aboiaando
 A' luz modesta da nascente lua!
 Ama o rio os cantares de sandade;
 Cantares de sandade ntiraremos
 Até ao mar pelas sombrias margens.
 Logo que o não rogado, amigos sono,
 De papoulas toucndo perguçosas,
 Lá nos for procurar, e manso e manso
 Forem caindo os sons e pensamentos,
 Iremos amarrar na margem muda
 A qualquer tronco a barca flutuante;
 Lançaremos por cima o branco toldo,
 Bastante abrigo do noturno arvalho;
 E estendidos, mocio, e conversando
 Em voz baixa, enbalados cederemos
 Ao começado sono os restos da alma.
 Quando alta noite algum de nós acorde

A um leve crepitar do linho undante,
 Cuidará que uma Náiade surgira
 Fôra da agua a cabeça curiosa,
 E inclina o seio ao bordo, e nos espreita.
 Assim como alvoreça, a luz da aurora,
 E vós, madrugadoras andorinhas,
 Para o campo acordado leis de acordar-nos.
 Correremos as candidas cortinas,
 E veremos de subito, encantados,
 Sobre nós a verdura estar pendente,
 Do pranto da manha já rociada.

Não tarda o Sol momentos em sumir-se;
 No mais vivo escarlata ensopa os campos,
 Tinge a folhagem, os rastos nos accende.
 Por montes e olivæes dos ceos oppostos
 Começa a desdobrar seu manto a noite.
 Busca o mystico azilo o boi tardio;
 Por toda a parte os gados vão passando.
 Sustenhamos o habito, escutemos
 Esta distante musica toada
 Que assim transporta os animos em gôstos:
 He toda feminina, toda felizos,
 Vem toda ao coração; oh se a conheço!
 Pastoras são, que ao longe no arvoredor,
 Vão para a aldeia recolhendo em chuma
 O tropel dos rebanhos misturados.
 Cantão, porque he sazão de primavera,
 E peito de mulher, como avezinha,
 Desfaz-se em canto e amor em venda flores;
 Cantão, porque de um dia assim formoso
 Serão formoso as tomas, e o fuso leve
 Que andou por solidões um dia inteiro,

Vai girar no coulego da fogueira;
 E cantão, porque flautas de pastores
 Que vão na companhia, as desafião.
 Mas tantos sons confunde-os a distancia,
 Figura-se uma voz de tantas vozes;
 Como que uma só boca a manda aos ares,
 Exprime um só affeto, um só desejo.
 Oh Natureza! oh Tarde! oh Primavera!...
 Lágrimas de prazer vertem meus olhos!
 Somos em bosques de propícias Fadas?
 Ou vaguêo já Sombra, e vós comigo,
 Na semi-vida e semi-luz do Elizão!

Ja tudo se esvaio, tudo he silencio:
 Por campo e campo no largo impera a Noite.
 Erguida a lua nova o horror lhe troca
 Em saudosa tristeza, e o mocho alerta
 Lá do alto a ajuda com o pinr carpido:
 Ja ouço o estrepitar das frescas aguas.
 Vem Garquinha da noite, perguigosa,
 Vem, toma o rosinaninho, e a nós recebe.
 Oh que ameno he pouzar passada a lida,
 Em meio de aguas tantas, rodeado
 De amigos bons, e triste, não de proprias
 Tristezas, sim dos mansos do Universo!
 Ouvi, amigos meus, os meus desejos,
 Quaes mos ora no seio estão brotando
 A hora, o sítio, a lua, aquelles pios:
 Relevai que no folgar vos furte instantes.

Se os Deozes minhas supplicas ouvissem,
 Um torrão fertil, rústica vivenda,
 Houvêrão de abrigar-me a vida para:

La minhas umbiões se fartarão
De nobre, de quieta obscuridade.
Mas pois que de outra sorte aprouve aos Deozes,
E o fio, não de lá grosseira e nívea,
Me torcein, mas de ferro as trez do Averno,
Guardai vós na memoria o meu desejo.

Depois que entre os abraços delirantes
De todos os que amei, findas meus dias,
Sepultai-me n'um valle ignoto e fecil (*).
Para marcar da sepultura o sítio,
Sobre o cadaver, que vos foi tão caro,
Mangeronas plantai, cuja verdura
Em rôda fechem variados lirios.
Na raiz funda de soberba oliva
Ponze a minha cabeça, e o tronco amigo
Sobre mim curve a côpa florecente.
Mil piteiras unidas, ostentando
Na haste vaidosa as flores amarellas,
Em quadrado não grande que defendão
Das incursões das enbras roedoras,
Em meu tronco se escreva este epitáfio:

*Foi poeta amador da Natureza:
D'entre as sombras ancioso a procurava,
Qual lerno amante a belia fugitiva.*

Sobre isto pendurai sonora flauta,

(*) O meu amigo Joze Vitorino Freire Cardoso da Fum-
mon (Silva) tinha começado em uma sua quinta na Beira um
jardim, tal como o descrevo nas seguintes estro-
phas, e que pre-
tendia consagrar á minha memoria. Malinha aquelle, a quem
semelhante parhor de amizade não entenece!

Que se revolve á discreção do vento.
 Não cerque os ossos meus, não mos ensombre
 Nem teixo nem cipreste; arvores quatro
 Quizera só no meu jardim de morte.
 Num canto a laranjeira graciosa,
 Que mescla útil e doce, a flor e o fruto:
 Conto a figueira sob as amplas folhas
 Modesta occulta seus nectareos mimos:
 De frente um pecegueiro em frutos mostre
 Que amavel he pudor, quando enche faces
 De penugem subtil inda cobertas:
 No ultimo canto... (a escolha me confunde)
 Plantaí no ultimo canto uma ginjeira,
 He a arvore da infancia, ate na altura,
 D'esta por sua mão colhe um menino
 A mui ridente baga, e ri de usano.
 Alguns tempos depois que a fria terra
 Meus restos encerrar, á minha olara
 Vós, meus amigos, vós dareis meu nome,
 Pois de mim se nutrio, e eu seroi n'ella.

Dos guerreiros nos tumulos aheui
 Paminta espada os barbaros guerreiros:
 No sepulchro do sabio o sabio estude:
 E dos reis nos marmoreos monumentos
 Vi sonhar a ambição, grandeza e pumpas:
 Vós soltos de freneticas loucuras
 Aqui vireis mil vezes vizitar-me,
 Na omizade pensar que nos unira,
 E ubir-nos deverá transposto o Lethes.
 Porque me interrompeis com taes suspiros?
 Ah! deixai-me acabar. Quando sentados
 Entorno a mim na flórida alcatifa,

Guardardes meditando alto silencio,
 Se d'entre as mangueiras que me cobrem,
 Sair acaso a borboleta errante,
 ; Não vereis n'ella o espirito do amigo
 Que vem gozar do sol a claridade?
 Quando o suave rouxinol de noite
 Da minha oia gorgear nos ramos,
 Não pensareis, de santo horror tranzidos,
 Que sento rouxinol, meus cantos solto?
 Sim pensareis, e erguendo-se inspirado
 Algum lhe ha de bradar " O' meu Amigo! ",
 Responderão " O' meu Amigo ", os bosques;
 E vós direis que o meu fantasma errante
 Da argentea lua á muda claridade,
 A' conhecida voz d'além responde,
 E em tudo encontrareis a imagem minha.

Seinda então meus costumes vos lembrarem,
 Se vos lembrar meu coração piedoso,
 Velai que em meu retiro as bellas aves
 De caçador cruel entem seguras:
 Amor, o leve Amor, com arco d'ouro,
 Só elle e mais ninguém, logre atirar-lhes;
 Cargos de amorosa melodia
 Que me poetize o sono derradeiro:
 Morto que nada tem precisa d'estas
 Pobres delicias rústicas, se folga
 Que a namorada moça, o terno amante
 Juntos ou sós, a vizitá-la acudam.
 Então no som de languidos suspiros,
 De alegres cantos, de amorosos versos,
 De ternas queixas, de perdões suaves,
 Muitas vezes contente a minha Sombra:

Formando ao pôr do sol vermelha nuvem,
 Girará n'estes ares, revolvendo
 Da passada existencia almas lembranças.

FIM DO TOZETTO



NOTAS

AO

POEMETTO ANTECEDENTE.

Pag. 109. verso 10.

Com seus troões, com seus coriscos horridos.

Trazia este verso na primeira edição a seguinte Nota = *Está ahí os primeiros esdruxolos que fiz em minha vida, e espero que sejão os ultimos, ainda que por isso fique excluido da communhão de certa Setta moderna.* = Supprimi-a, e ao declarar o porque, vou dar não equívoca prova da minha candura. Prezar-se um escritor de mais amigo da verdade que de Platão e de Aristoteles, alguma cousa he; mostrar porém que mais do que a si proprio a ama, certo que não he vulgar o exemplo, e esse tenho eu dado, e não raro, ja fallando ja escrevendo limpa e rasgadamente o que de minhas Obras me parece. He um bom proposito que eu fiz em meu interior, e espero não quebrantar nunca, não só porque de si he honesto e nobre, senão que por este meio, o qual não

custa mais do que algum suspiro à nossa vaidade que sempre se torce e contrange de ser mostrada nua, me estremei da manada dos charlatães literarios, de quem nem o estomago me consente fallar. E porque chegue por direito caminho á questão dos estuixolos, recordarei com vénia e boa paz dos leitores, o que já no Prologo da terceira Edição das minhas *Curtas de Echo* deixei tocado; com a differença, que d'esta vez o farei mais explicitamente.

No tempo em que eu cursava meus estudos na Universidade de Coimbra, florescia ella com annitos e bons engenhos de mancebos dados às Bellas-lettras. E porque ninda então se não tinham accendido os desastradissimos odios das parcialidades politicas, a Hobbesiana propensão de guerrear se exercia nas lettras. Duas seitas de escrever se contavão; n cada uma das quaes não faltavão admiradores, apostolos e evangelistas, assim como por isso mesmo inimigos, escarnecedores e parodiadores. Os Livros em que uma juramentava os seus adeptos, erão Gessner e Bucage; Filinto era o Alcorão da outra. Gessner quanto ás couzas e affétos, e Bucage quanto ao tórso e lustroso de estylo e metro, erão os idolos de uma; os da outra crão, quanto a couzas e affétos Filinto, quanto a estylo e metro Filinto, e Filinto quanto a tudo em que Filinto pudesse bem ou mal ser imitado. Tinha cada uma d'ellas suas vantagens e seus descontos, comp agora claramen-

te diverso, quando as considero com animo livre e desassombrado de preocupações. Não fallarei aqui de Gressner, porque já no Prologo o fiz; confrontatei somente, e de corrida, Elmano e Filinto.

A ambos dotára a natureza de talentos, bem que entre si diversíssimos, assaz fortes todavia que podessem encher á sua leição a poesia de seus tempos. Elmano, que talvez em seu genero nos ficará sendo unico, de força devia deslumbrar e encantar pelo caudal inexhaustivel, brilhante e estrepitoso de sua vea, que eu appellidarei, e tia quem rir, um Niagara de talento: e assim como, os que passam deante d'essa grande catarata de puro embereçados em sua cópia e magnificencia, não tem olhos para notar a esteril do seu curso, o assolador do seu impeto, e os penedos que rôja envoltos e desfargados com suas aguas, assim os que presentes assistirão ao poeta de Bocage, ou da tradição o receberão, fascinados com os seus estrondos, espumas e iris, mal se podem lembrar de lhe desejar affeto, sizo, e exatidão, que muitas vezes lhe fallecem.

Cinco cousas, pelo menos, para o bom poeta se requerem: *faculdade inventiva* — *faculdade sensitiva* — *sciencia* — *lingua* — e *ouvido*; e ainda com estas cinco outra, que talvez resultará sempre de sua união, e sem a qual todas as mais serão baldadas: fallo d'aquelle discernimento pronto, que a muitos erradamente pa-

recco instinto, e a que se costuma dar nome de gosto. Em raros sujeitos concorrem tantos predicados; por isso só de longe a longe apparecem os maximos poetas, e ja se dão por grandes aquelles a quem menos faltou d'estes requisitos. —

Faculdade inventiva ou não a tinha, ou apenas a tinha Manoel Maria; a sua queda para tradutor bastaria para juicio, se de indicios se carecesse aonde clara reluzem as provas: um *Padre*, um *Jore*, *Eternidade*, *Natureza*, *Sets* e *Ccor* são o *index rerum notabilium* da maior parte de seus escritos; e tanto abunda n'estes bordões sustentadores e disfarçadores de sua fraqueza, como Fetteira (e quem descobrirá os meus!) na cansada repetição do *espírito*, Jorge de Montemayor na de *hermoso* e *hermosura*, Pina e Mello na de *alento* e *impulso*, Alfeno Cynthio na de *santo* (epíteto, que por mais não ter onde o pegue, até o poem, se bem me lembro, como arrebie na cara de suas pastoras e namoradas): com a differença que os particulares bordões d'estes poetas, e ainda outros de outros muitos, não são em suas Obras senão meras circumstancias e accidentes, e os de Bocage menos são estribilhos do que fundo e substancia de inteiros e repetidos periodos.

De *faculdade sensitiva* talvez o houvesse menos escaamente dotado a natureza, mas outras qualidades que lhe ella mesma deu em maior uge, taes como volubilidade de fantasia,

aspereza de condição, espírito sobranceiro e satírico, e coração, como elle mesmo confessa,

Mais propenso ao furor do que á ternura, lhe entibiarão os affeitos benignos, de que só a longes distancias lhe são, como a descuído, algum reflexo. A estes mãos e naturaes elementos accrescêrão desvarios da fortuna ou do acaso, bem valentes para de todo lhe seccarem a fonte das branduras. Vida mal preparada de educação, nua dos amovaveis habitos domesticos, desalumada de doutrina e estudo, aturdida de applausos continuos e encarecidos, amargurada a miude de pobreza, vagabunda entre amigos não amados e por terras não suas, vida, porque tudo diga, corrida á ventura e sem norte conhecido, desenfreada de todas as leis, solta por todos os vícios, cínica por timbre, e por indole silvestre e bravia, como podia ser que lhe não tinnasse no germen os affeitos maviosos? Isso foi, e isso conhece quem bem attento o ler e meditar. Mas em desconto, as paixões fortes como o ciúme, a coleja, a vingança, sente-na e pinta-as vigoroso, assim como todos os objectos grandiosos, remontados, encarecidos, ou terriveis. Não vos debuxará um mendigo, avergado de annos, estendido n'umas palhas esquecidas, junto do cão seu ultimo companheiro, e orando no desamparo da noite, por quem, sem o convidar para a sua fogueira do inverno, lhe deo fôra da porta meia fatia de pão; nem ainda as caricias de uma mãe a seu filho: mas dir-vos ha, rico e altisono, os impetos de uma tempestade

de, a saia de uma batalha, as iras de uma madrasta, ou as fúrias de um inícliz que pragueja sua má ventura.

Os affeitos e a invenção pôde a sciencia por algum modo supprir-lhos, opulentaando-nos com os affeitos e invenção de melhores autores, uma vez que por nós lenhamos a arte de bem escolher, bem digerir, e bem converter esses litterarios alimentos em substancia nossa, em nosso proprio ser: ainda mui boa estrella he essa, e não poucas dos afumados desde Virgilio até os nossos dias, só a sciencia, e a essa arte de a aproveitar, haverão devido a melhor parte do seu credito. He o saber, princípio e fonte de bem escrever, dizia o Mestre dos poetas; e dizia o dos oradores, que uns e outros era mister entenderem de tudo. E se ja isso foi nos tempos antigos conselho e quasi preceito, preceito absoluto se tornou, e necessidade, para quem escreve n'estes tempos, em que a luz se derramou mais ampla, em que as sciencias, cansadas de viver sobre si, se congregarão como boas irmaãs em uma só familia, juntarão os seus patrimonios em commun, e cada uma ajudando'a todas as outras, veio a por todas ellas reccher um infinito acrescimo em seu peculio. Limitadissima era a instrucção de Bocage: o latim e o francez, na primeira de cujas linguas mormente era primoroso sabedor, segundo referem, poderão ter-lha dado copiosissima: mas nem a viveza de seu animo, os prazeres e os divertimentos que em seu cerra-

do circulo o trazião como enfeitado, lhe permittião estudos, nem são elles facil couza para pobres e viciosos, nem o que era saudado por divino, como quer que *desatasse* na voz o *accessio* turbilhão de suas ideas, carecia de ir excavar em livros o suado cabedal, com que outros negocião veneração.

Quanto á *linguagem*, não será pojo dizer; que a usava limpa e sã, não se podendo taxar a sua de mendiga e remendada, como a ja muitos de seus contemporaneos vinha a-conteendo, nem encarecer de rica e ambiciosa: pouco tinbalido do portuguez, mas esse pouco com aproveitamento: só d'isso ajudado, e do latim la se foi remindo e esteando a sua Musa sem empréstimos do francez; e este carecer de vícios ja então era grande virtude. Para lhe darem, como a texto, cabimento eu noisso Diccionario (*), não vejo eu razão sufficiente, assim como a não ha para o desprezo e esquecimento, em que os havidos por puritanos o deixáram cair. Uma couza he porém verdade irrefragavel, e he, que em nenhumi escriptor, antigo nem moderno, apparece a lingua portugueza mais senhoril e polida, mais igual e ao meio entre o usual e o sublime, entre a penuria e a prodigalidade.

Somos chegados á harmonia, o mais emi-

(*) Veja-se a Quarta Edição do Diccionario chamado de Moraes.

nente merito de Bocage, e no qual nem antecessor teve, nem ainda até hoje successor. De todas as partes que em Bocage concorrião para poeta, nenhuma havia tão delicada, e em que tanto se houvesse a natureza esmerada como o ouvido. A verdadeira musica dos nossos metros, particularmente do hendecassillabo, não só a desempenhou e ensinou elle, senão que a inventou; e com felicidade tão rara, que não cuido se possa apontar hespanhol, e nem por ventura italiano que o iguale, e mais he o italiano pela abundancia de suas brandas e vârnidas vogaes, pelo moderado e macio de suas consoantes, pelas licençyas e elasticidade de seus vocabalos, muito mais pronto e domavel para todo o uso métrico do que o portuguez. Poucos estafarão tanto os consoantes como Bocage (e ainda ali he grande o seu louvor, que não he dado rimar mais primorosamente); mas a ninguém erão os consoantes mais esquizados: são estes para o verso uns arrebieques e sinuos com que os mal assombrados se disfarçãõ, para poderem apparecer, mas de que os graciosos e bellas não carecem, nem os devem consentir, por não parecerem inenoi do que são. Porque não ousarei eu dizer, que mais são os seus versos poeticos, do que era poeta elle proprio? Como simples cantilena agradável, agradável ainda quando por vãos os engeita o juizo e o coração por frios: um estrangeiro que ignorante d'esta lingua os ouvisse bem e devidamente ler, reecrear-se-hia como com a toada de um bem tangido instrumento. Grande ex-

cellencia por certo he esta, á qual principalmente deves levar traz si suspensos e encantados os animos; e por onde logrou ser, sem o cuidar, fundador de uma escola, que se me não engano, ainda de tudo não passou. Toda a gloria de engenho he oiro em que nunca fallão fezes: o produzir pela mágia de sua versificação uma seita de versificadores, por honroso se poderá liaver, se aos discipulos podesse ter transmittido, juntamente com as normas, o talento, a força, a graça e o gosto com que as produzia e aperfeiçoava: porein quiz algum Genio máu, para lhe humilhar a vaidade e descontar a vitoria, que a maior parte de seus sectarios menos lhe tomassem a melodia do que os escarcéas, as empollas, os trocadilhos, as apóstrofes, as redundancias, e os versos que ja se hoje chamão de dobrar,

*Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.—
Vio n'ella os risos, viu as graças n'ella.—
Um Deos não he perjuro, um Deos não mente.
Que não paga de um Deos, de um Ceo não paga,
Quzaste pregoar mais Ceos, mais Deoses. —*

versos, que parcamente lançados, como nas Obras de Virgilio, tem graça; semeados a frouxo são affeitos e desdoiros do estilo.

Do seu gosto ja me julgo dispensado de falar, porque me parece que o que d'isso poderá dizer por si mesmo está nascendo do que fica dito. Concluamos: o que de Bocage digo em

geral, com suas exceções se ha de entender, porque por uma parte muitas paginas ha suas, mormente em algumas traducções do francez, onde parece lhe esqueceo pôr o tal verniz de dieção e sous que para si inventára, e de que a ninguem deixou a verdadeira reculta: e por outra parte tambem, obras temos suas, mormente sonetos e traducções latinas, cabaes e redondissimamente perfectas. — Passemos-nos ja a tomar iguaes contas a Filinto.

Muito mais melindroso he este processo, até porque ja o querer tomar-lhas será para seus apaniguados um crime de leão Apollo, e primeira cabeça. Valha-me porem a declaração que faço, de que em tudo quanto disser, não seguirei outras partes que as de minha razão, declarando previamente que muito pouco dou eu mesmo por ella; mais são consultas que faço que sentenças que profiro, e antes exercicios de imparcialidade do que acintes de inimiga: de ninguem o tou, quanto mais de poetas, de perseguidos, de velhos, de mortos. Foi tempo em que eu, obscuro poetastro do Mondego, ria e varava epigrammas contra o traçador dos *Martyres*: hoje se me afigura muito mais valioso. He elle o mesmo, mudei eu; Vós sabe quantas vezes mudarei ainda com os annos: do mudar não he nossa a culpa; nossa he porem, e fôrissima a de persistir no erro conhecido; se a republica litteraria tivesse inquisidores, por heresia e contumacia ue não havião relaxar ao braço secular. Ha

por ahí muito homem do meu officio que possa dizer de si outro tanto? Mas deixemos esses que estão vivos, e vamo-nos a Filinto.

Se he ou não *creador*, ja vi ter renhida questão entre ociosos: para mim tenbo que semelhante titulo mal lhe pode caber. O frequente verter ha pouco diase eu que denuncia-va esterilidade; e pudera accrescentar uma sentença ainda mais desabrida, que ha muito encontrei, euida que nos Lições literarias do Doutor inglez Blair, e que muito-me enio; a saber, que o costume de traduzir, bem que olhado pela rama pareça dever ser fructifero, sempre ao cabo vem a desgastar-nos a faculdade inventiva. Compara-lo-hei com o linho, que apesar de tão prezoso no mundo e de tão agradável aos lavradores depois de colhido, por isto só desgasta a muitos d'elles, que a terra onde se criou fica magra, e como elles dizem queimada para outras novidades. Muito mais de metade dos tomos de Filinto trazem no titulo os nomes de autores estranhos, devendo-se ainda langar a este rol por boa restituição, bastantes Obras, que talvez por dezan-do, imprimio sem nenhuma menção de serem, como erão, vertidas. As imitações são no merito e inconvenientes meias traduções, e as do nosso poeta são numerosissimas, disfarçadas umas, outras manifestamente dissimuladas. No resto que he de sua lavra, apenas se nos depara cousa que abone talento original e produtivo: são os chamados lugares communs de poesia

filosofica, que ja por saldos custão a passar, e as tão esfalsadas visões e apparecimentos de Apollos, de Musas, de Amores, de Pegasos, e de outros mil defuntos, a quem o tempo ja coomeo o balsamo, e que todavia são ainda a unica povoação de quasi todos teus poemas, tanto jocosos como serios. Algumas vezes me vem desconfianças de que n'aquelle passo da Sátira do *Bilhar*, em que o nosso Tolentino parece rir de certas Odes, contra Filinto hia tirada a seta de sua critica:

*Co'as verdes mãos o serpeado Tejo
Alça o trilingue, mádido tridente;
Mas que Górgona filtra? eu vejo, eu vejo...
Em dizendo isto he Ode certamente.*

Em *offêtos* porem sobreleva a Bocage, e não abunda. A espaços lhe vislumbraão assomos d'aquelle sismadota melancolia, que mais ou menos respira em todos os bons poetas. As amarguras e saudades, que em tão larga vida e desterro lhe não saltarão, alguma, e não rara vez, lhe soprarão versos amoveis, e deliciosos de tristeza. He este de todos os dotes de poeta o mais caramente comprado; sendo assim que Deos sabe quantas vezes em applaudir um verso que nos toca, batemos por ventura palmas a calados infortunios de quem no-lo creven. Não nos assuntos ditos *sentimentacs* se conhece tanto o verdadeiro sentimento, como nos de indole mais fria e izenta; porque, se n'estes ultimos apparece inespera-

da uma palavra maviosa, n'uma flor de festa uma nódon de lagrima a descuido, ubi vem o infallivel documento de ternura e suavidade: e d'estas sombras de lagrimas, d'estas palavras maviosas achamo-las em Filinto.

Na sciencia he que elle mais notoriamente leva a palma ao seu contendor. Que muito? com o dôbro de vida, com precisão de estudar para se divertir das mágoas e ganhar pão, com o ar e tráfico de Paris onde todos inspirão e expirão letras, e com tão espagosa velhice, pingue quadra em que as paixões quietando nos deixão todo o silencio, remanto e curiosidade necesarios para o estudo! Tornarão-se-lhe familiares os classicos portuguezes e latinas, de uns e outros dos quaes talvez Bocage não tivesse acabado dois ou tres volumes; familiares os classicos francezes, hespanhoes e italianos, e ainda as versões dos inglezes e allemães. A' roda d'elle chovião de dia e de noite, e de hora a hora, os frutos novos de todos os ramos das Sciencias, de que he impossivel a quem por lá vive não provar, até sem querer, e ao cabo não se nutrir e fortificar. Entretanto reputaria eu, se o ouvisse, que para quem logrou concurso de tão favoraveis circumstancias, como as que a sua má estrella lhe depa-rou, não saia Filinto o que se podéra esperar de noticioso e culto; e ou desaproveitou o maná que ás mãos do espirito lhe chovia, ou se o tomou lhe não lizio. A' primeira d'estas duas conjecturas me inclino, porque segundo o que

de seu natural alcance por suas Obras, parecia-me que na ligêra das estranhas mais se lia a carga de vocabulos e frases curtosas, insolentes e atrevidas, do que de doutrinas e filosofia. A sua era tuca e usual: enfiados louvores á Liberdade, á Amizade e á sã Virtude, ao estudo, ao descanço e ao deléite, alguns arremegos de encontro aos Bonzos e Naires, eis ali sondado até ao lastro o seu poço de saber moral: alguma historia não rara antiga e moderna, eis todo o seu saber positivo; e todo o seu saber natural, alguns dos principios geraes e diarios das Sciencias fisicas. É certo, que se mais avultados fossem estes seus cabedões, e vira mais fecunda lhe consentisse ancinar n'as altas couzas do que palavras e frases, não se deixára ficar tanto atraz no meio de um seculo novo e alado de poesia; não se contentara o seu estro abstinio com a agua do Parnaso até á ultima hora da vida; e não nos deixára seus volumes peçados quasi só de fabula, como armarios de museu antiquario, onde se não vai procurar qual he o mundo em que vivemos, mas deduzir desconcados e desluzidos fragmentos, o que em tal ou tal parte da terra houve lá n'outros tempos, com os quaes e com a qual só pouco ou nada temos. Diz um Escriptor insigne (*), que a poesia assim como outr'ora viveo de fabula, revive hoje e se apresenta de verdade. Melhor dissera que de verdade viveo em todos os tempos a nobre

(*) Lamartine no Prologo de Jocelyn

poesia, pois que o que para nós se desenhava fabula, era nos dias em que appareceo e florio, verdade de factos, ou capta allegórica de verdades, muierida e siacera. — Resumamos: Filinto soube mais que Boeage, menos do que podéra, e diverso do que devêra saber.

A linguagem, de que pela ordem se me segue fallar, mais requeria n'este caso um tratado, do que uma nota de fugida. Algum dia o tentarei, quando me achar mais de assento e sobre mão do que agora, que as justas rains d'este escrito me estão tolhendo. He a linguagem e elocução a principal feição caracteristica de Francisco Manoel, como de Manoel Maria o he a harmoniosa elegancia.

A torrente das hipérboles e conceitos hia arrazando e engolindo todo o nosso Parnaso, quando para lhe pôr a ella diques, e a elle salva-lo, e repovoar-lo de natureza, appareceo a Arcadia. Detençosa e ardua se representava a obra, como aquella em que a razão nua tinha de lutar com a imaginação delirante. Para anteparar ímpetos de vêa tão engrossada com as continuas nascentes e tão copiosas de Italia, Hespanha e Portugal, ja tão senhora do feito e dominadora das margens, era mister que braços fortes lhe levantassem muralhas solidas de grossa e pezada cantaria. Virão os Arcades como lhes estavam a mão as obras, não todas primorosas, mas quasi todas massigas dos nossos quinhentistas e dos romanos classi-

cos: erão accommodadas ao intento, dizião com seu gôsto e costume; valesão-se d'ellas, acrescentarão-lhes as suas proprias, levantarão o muro; bramio, quebrou e esconiu-se a inundação. Raro he o bom, que só porque o he, não traga outros consigo: dos trabalhos, que havião tido por fim acabar com os nojos e puerilidades do falso engenho, nasceo um conhecimento mais profundo da linguagem, mais extenso amor á sua pureza, e o comêço do encarniçado e ainda não findo pleito, entre a puridade e o gallicismo. Verdade he que n'este segundo tempo se não guerreou com tão favoravel sorte como no primeiro, porque se as maravilhas da *Penia Menascida* passião, os gallicismos sãõ em successivo crescimento, sendo ja hoje tão caudales e turbordados, que principio n' desconfiar não haverá remedio: não rendermo-nos, encurtar os braços, e deixarmos-nos ir ao fundo: tanto estou convencido de que nem a propria razão he poderosa contra o espirito de um povo: e a final de contas, Deos sabe, até n'isto, o que he razão!

Era Liliato, por sua amizade e commercio íntimo com os sujeitos de maior credito na Arcadia, e por motivos de sua propria conveniencia, homem que de necessidade devia entrar na pendencia, e sustenta-la até á ultima: n'isso assentou, e o cumprio mui pontualmente. Entendeu desde todo o principio, como aquelle a quem não fallecia bom juizo, ou se prover das armas seguras e bem

temperadas, sem que lhe não conviria arriscar-se no combate: e se as defensivas que vestio lhe podessem ter saído tão impenetráveis ás setas do ridiculo como as offensivas que merecerão fortes e penetrantes, guapiesinio Cavalheiro houvera apparecido, o invencivel. Do antigo portuguez e do latim instituiu concertar toda sua armadura: com diurna e nóturna mão versou pois os monumentos de ambas estas linguas; e quanto do portuguez ja feito se podia enthezeirar, ou se lhe podia recrescer por derivação, por composição, por analogia, por translação, ou por qualquer outra licença poetica, sem embargo de desenvoltura e extrema, tudo ouzou com ardimento verdadeiramente admiravel. Fez estranheza a novidade, offenderão-se os inimosos com o escabroso e difficil de tal estilo, accepiarão-se os pusillanimos com o arrojado, os ignorantes e pigriçosos com a immonsa fadiga que bem vião seria necessaria para entender, não só imitar e seguir, quasi tão por fóra caminhava das veredas batidas e vulgares. Todos estes, e com elles os invejosos, saíram em campo, combaterão, e apuparão, e quanto mais apuparão e combatião, mais recrescia em filinto o acintoso proposito de se não descer do começado, antes encarecê-lo sempre até o ultimo ponto. Outra causa havia que para isto lhe fazia força, e era conhecer como sem estes bordados, recamos e relevos de frase, o cabedal de finas galas poeticas appareceria, qual em realidade era, grosso, commum e de muy baixa valia.

Mas quer o movesse esta causa bem perdonavel, quer fosse generosidade com que se offerecia aos motejos, e desaprego de muitos, com o só intuito de restaurar, e avantajado, o edificio do idioma portuguez, sempre fica certo que n'este particular mereceo mui bom de sua patria, e a deixou muito mais medrada do que a achára. Oxalá que dois ou tres mais, dotados de igual credito, pozessem como elle peito á empreza, e muito embora demaxiassem como elle: enlhassem a flux tudo quanto dão as minas portugueza e romana; ainda muito oiro puro de dieção viria enriquecer-nos, e facilitar-nos o tracto; pôsto que tambem como elle lá enhassem á mistura oiro enfezado, não de lei, nem de receber: o juizo publico extremaria umas de outras moedas, e as engeitadas a ninguém-farião mal, se não fosse ao credito de seu autor. Assim cresceria cabedal, que ainda iningoa para as obras do engenho patrio. Nossa lingua, qual por ora a temos, e até restituindo-lhe todos seus foros caídos, todas suas joias enterradas, não supre as hodiernas precisões do espirito. Quando a esfera do saber, sentir e pensar se está de hora para hora dilatando no mundo, do qual nós outros (ainda que o não pareçamos) somos tambem parte, forçado hé que a esfera da expressão ao mesmo compasso se dilate, e engrandeça. Repôr ao idioma quanto ja teve será louvavel consciencia, porém não bastará, se opoz isso se lhe não dêr com mão liberal, mas prudente, quanto substancia nova elle possa receber e commutar, para

que na apostada carreira que os entendimentos das nações agora levão para o infinito desconhecido, o da nossa, por franco e sem azas, se não deixe ficar atraz.

Uma reflexão quero eu aqui fazer, mais que a taxem de digressão; não será nova para os que escrevem, mas servirá para que os que lem se abstenham mais de acrimiar poezias em nossos poetas. Já das palavras se averiguou serem ellas fio e arrimo de que a mente se vale para melhor ir seguindo por suas ideas sem queda nem tropêço. Pois se as palavras, que não passam de reflexos e retratos do pensamento, tem virtude para o secundar, menos ainda se duvidará precisar a imaginação pretien de uma abundante linguagem, para se manifestar por obras, assim como o pintor de finas e variadas tintas para seus paineis, e o musico de instrumento prouto e copiosamente registado, para enlevar os animos. O poeta francez, porque tem uma lingua que á fôrça de bem cultivada por muitos e differentes engenhos, se accomoda préstes e servigal aos pensamentos mais sublis e novos, e aos affetos mais delicados e passageiros, d'ella se ajuda para inventar, e com ella exprime completamente o que inventou. Não assim nós, que em pertendendo alcançar-nos por cima das communs ideas do nosso paiz, nos achâmos, sem o cuidar, pensando em francez; e assim, que bem ou mal nos apparece na alma, tentâmos passa-la para o papel, tuâmos, brammos, aqui nos saltão de todas

expressões, ali só tibias nos acodem, outras mal determinadas e mal entendidas, outras estiradas em perifrases. Dai-me o proprio Lammartine nascido nas margens do Tejo, e pedi-lhe uma só *Meditação*, uma só epocha de *Socelyn*; grande será o acerto se as conceber, quasi impossivel que as escreva. Ponderou Condillac mui avizelamento, que a razão porquo appareção em certo povo e tempo maior numero de varões abalisados em letras, era o ponto de crescimento e sufficiencia alimstada a que chegou n'esse tempo a lingua d'esse povo. Melhor será que o deixemos por sua boca doutrinar-nos, que bom missionario lie em couxas d'estas.

“ Acontece com as linguas (dis elle) o mesmo que com os algarismos dos geometras: quanto mais perfectas são, mais vistas novas nos offerecem, e mais nos dilatao o espirito. Os bons acertos de Newton de antenção havião sido preparados pela escolha dos sinões que antes d'elle se fizera, e pelos methodos de calculo ja imaginados. Se mais cedo nascesse, podéra ter sido homem grande para o seu seculo, mas não fôra agora maravilha d'este nosso. Outro tanto vai pelos demais generos. A boa fortuna dos engenhos mais bem apparelhados inteiramente depende dos progressos da lingua no seculo em que vivem, porque os vocabulos correspondem aos algarismos dos geometras, e o modo de empregar os vocabulos corresponde aos methodos do calculo. Portan-

to, em uma lingua aonde ha penuria de palavras ou de construcções bem azadas, ha os mesmos obstaculos em que a geometria topava antes do invento da algebrã. O idioma francez foi por largo dissenso de tempo tão pouco agitado aos progressos do espirito, que se imaginarmos Corneille em cada um dos seculos ascendentes da monarchia franceza, quanto mais ao remontar nos fórmos afastando do em que viveo, tanto mais, gradualmente, irá mingando o seu engenho, e chegar-se-hia por ultimo a um Corneille que nenhuma prova poderia dar de talento. „

Voltémos a Filinto. Não decedirei-se houve ou não bom fundamento para o allegorema por autor o texto, como o fizerao na quarta edição do Diccionario de Moraes: neni ouzaria em pôr mão no fogo pela infallibilidade de sua pureza, porque (mas a medo e semmissão vai o dito, que por dito e não temença mercee vénia) aquí ou acolá se me figura conxegor por suas paginas algumas nódoas d'aquella mesma cõr a que nunca perdeu odio. Mas se as ha, são miúdas, ao passo que o geral de sua escriptura he recheado de muitas preciosidades para quera por peito a bem escrever esta lingua. Por toda a parte lhe estão pullullando lusitanismos em vocabulos, frases, collocacão, inversões, geito e feição de períodos, que se houver gôsto em quem lê para os goizar e limpar de alguma mistura chibcha ou sédica, farão muito bom valimento para poulas e prozadores. Se houver gôsto, puz

eu, e muito que o puz de indústriia, porque os que d'elle carecerem, lição tal só os fará mais ridiculos; os que ainda o não houverem formado, e se metterem por elles onze e mais volumes sem bom e constante Mentor, não sei se em linguagem e em poesia virão nunca a dar fructo que bem saiba e se abençoe.

Em summa, Francisco Manoel do Nascimento foi um martyr da religião de nossa lingua: para lhe lançar mais gloria cerceou a sua propria: com o excessivo das joias com que a arrou, deixou-a affetada, e menos matrona grave do que bailarina de corda; sim habilitosa e leve, mas dengosa e presumida: mostrou-lhe o como e por onde devia subir á perfeição, a que por outros, porém tarde e mui tarde, será levada: foi, porque tudo diga, um destemperado despertador, que nos poz a pé para o dia das letras. — Quero repetir, fez serviço talvez maior que nenhum dos classicos, mas he de todos o menos para seguir às cegas. Bem haja elle que tocou a alvorada para nos acordar, mas mal haja quem quizer ficar com trombeta tão rouca e dissonante a tocar alvoradas todo o dia: ja estamos acordados, cabe agora aproveitar o tempo, como gente de juizo.

Se da lingua passámos em Filinto á harmonia métrica, damos maior salto que o de Léucade, e como cumprindo igual oraculo, ou nos afogamos em um mar bravo, ou de lúsurdimos curados de todo o amor a tal poeta.

Em nenhuma das quatro ou cinco partes do globo, e em nenhuma era se metrificou jamais tão dura, desleixada e insolentemente. Se alguma vez se esquece com dois ou trez versos bons, logo se rinha com duas ou trez duxias, que se os reduzissem a linhas iguaes, não seriam mais nem menos que desaceitada proza. É ainda he para agradecer quando só lhe faltu melodia, porque algumas vezes nos dispara versos, em que as pausas vem todas desconjuatadas, e outras, em que sobejão síllabas, por mais que a mão as proentemos entalar e embeber umas por outras. — A sua rima he por via de regra desnatural e pobre: os seus sonetos e toda sua lírica de consoantes, ensabimentos ou arripões. Bem se alcança como erão arrufos de maltratado, as injurias que em muitas partes vomitou contra a rima, e não como as de Boileau, vezes só de um juizo rigoroso, que de dentro das letras as media. Nos defeitos de versificador fez de litade para idade successivos e notados progressos, sendo assim que ou por desleixo, ou por certa petulancia, em que engenhos grandes muitas vezes cáem, tomando por timbre o escutnecer do Publico, quanto mais hia usando do officio, tanto mais desprimoroso se formostando, até ganhar tão duro calllo na consciencia, que nem a deliciosa harmonia dos versos de Racine lhe podia ja ao cabo inspirar um só verso toleravel de traducção.

Do muito que só deixo apontado se deduz a idea que para mim tenho do seu gosto; me-

Ihor será do que só deixa-la deduzir, declara-la. Parece-me pois ser o seu gosto pouco e máo; e n'isto estibo o parecer: 1.º que para suas Obras originaes costumava de escolher fragmentos sujeitos — 2.º que as pejava de taes invenções que já em tempo de Romanos o não erão — 3.º que por vida se repete, e por costume redundante — 4.º que na ordem desordenadissima em que seua escritos pôz, anda o peor tão travado com o melhor, e as puerilidades vergonhosas com as Odes que lhe lucrarão nome, que sem que o lustre do bom disfarce o máo, o esqualor e nojo d'este deturpa e estraga aquelle — 5.º que se para traduzir elegio ás vezes bons originaes, taes como o Oheron e os Martyres, outras os escolheu desenganhadamente incapazes, taes como a triste historia em verso da Guerra Púnica: outras vezes, escolhendo originaes optimos, nem anteio, nem pelo discurso do trabalho conhecido, nem sequer sentio depois de findo (porque talvez se o sentisse nos houvera poupado a ler a versão), que havia n'essas Obras exclusivos e essencialidades, quer da lingua em que estavam feitas, quer do engenho que as fizera; haja vista ás tão graciosas e admiraveis fabulas de Lafontaine, que em Filinto parecem tanto as mesmas, como a estampa de Bertoldo se podera julgar retrato do Apollo de Belveder. etc. etc. etc. etc.

Taes são hoje para mim Filinto e Bncage: muí outros dos que já me parecêrão, e talvez

dos que meião de parecer quando novos livros, novas couzas, e o rodar dos annos me liquerem feito seu ordinario e incontrastavel officio. N'aquellas eras pois, que ja eras antigas se me representam aquelles meus tempos, caia todo com o meu Gessner em braços, para a parte de Bocage, mancho e lustrado; e se me ligava que se lograsse travar-los, fundi-los em um, faria obra de se me agradecer. Os partidarios de Pilinto, que não sei porque, trazião guerra declarada com Bocage, vierão saindo de seus montes encarpados, empegados e tenhosos, para dar vias e tirar remédios de epigramas ao nosso bando: cerrámo-nos com a bandeira, demos sobre elles com iguaes armas, foi batalha campal, róta e sem misericordia: não houve mortos nem cativos, poucos transfugas, feridos muitos. Recolhidos nas trincheiras, cantámos uns e outros, como he costume, o *Te deum* da victoria; dobrámos a altura aos vallos, e profundex aos fossos que nos estreitavão; jurámos não aceitar nunca pazes, quanto menos commette-las, nem consentir em alguma couza que ás dos inimigos se parecesse. Eu que fôra dos mal feridos e ainda palpava as costuras, como havia de saltar a nenhum ponto da conjuração! Muitos d'ellas increcerião tratados, mas porque não fazem para o fim d'esta Nota, senão aos esdruxolos, o só libarei a materia.

Da natureza, como quer que seja, nos vem sempre o gosto; mas serdo que a muda, que

muitas vezes se gera de um acaso, introduz o uso, e este chega a mudar ou alternar a natureza, vem a ser o gôto em muitos casos. Leada materia e muito esquiua para questão, abonando-se talvez por ali o proverbio, que sobre gôtos prohibo disputar. Dir-me-lhão, que nada tem a natureza com os metros, que só a moda a seu talante os cria e os acaba: he e não he verdade; mas tambem isso deixaremos de parte, por pedir digressão larga e muhi sobrida philosophia. Em breve, parece-me que a fantasia ou o acaso inventa os metros, a moda os espalha e rege, a nossa natureza se lhes affaz, mas deve quanto poder afeiçoar-os e conchegar-os consigo. Das dez, onze ou doze sillabas de que pode constar o nosso verso heroico, quiz a moda que o numero de onze fosse em Portugal, Hespanha e Italia o usual e corrente; moda que estribou no ser d'estas linguas, em que a quantia de vozes graves excede á das agudas e dactilicas. Costumou-se o ouvido com a igualdade da queda, criou uma certa natureza, e todas as vezes que inopinadamente o obrigão a outra queda maior ou menor, como que se espanta e sobresalta: porei exemplo nos que sobem ou descem ás escutas e ja pelo tino uma escada; se lhes falta no subir um degrão com que ainda contavão, o pé que no ar pôz firmeza cãe em falso, e consigo leva todo o corpo estremecido; se lhes sobeja um no descer, o pé que ja se dava por assente, não desce mas atropella e traspoem. Por tanto, regra geral, o verso grave, que he o da moda e tambem o da

na sua natureza, lie o de que nos deveremos servir: como porein entre as cousas sujeitas á poesia, se nos deparem algumas, cuja indole pôde ser esse mesmo estremegão, ou atropellamento, razão será que em tais casos bem n'êriguados e por via de excêção, acudamos á idea com o verso que melhor lhe condiz: os exemplos são fucis de colher nos autores, não gastaremos com elles papel. Ora para se consentir n'esta excêção, não deixa de haver outro motivo de algum momento, e verdadeiramente he elle o mesmo em que a regra geral se fundou; porque as estranhezas, que por desagradaveis persuadirão á regra, por uteis nos conformão com a excêção, sendo que tem virtude para nos despertar, quando o embalar da monotonia nos vai adormecendo. Não por outra causa, vierão os melhores metrificadores latinos em variar, ainda que rarissimamente, os seus hexâmetros perfeitos com o espondeico ou com um monossílabo final: ambos nos abalão; os primeiros em certo modo como os esdruxolos, os segundos como os agudos; e abalando-nos á proposito, por exemplo para sentirmos a queda do animal no famoso *procurabit huius* *loci*, deixão-nos afiados para proseguir com attenção, e melhor tomar o gôsto no caminho, que outra vez continúa lizo e macio, parado o tropêço.

Assentamos o principio, vejamos se o uso lhe tem sido conforme. A Italia, attenta a prontidão, e musica de sua lingua, devêra ser

d'estes tres povos do sul o mais aprimorado em toda a qualidade de metrificacão, e todavia he o contrario no henderasillabo sólto, podendo dizer por si o que o seu Ovid o poz n'uboa de Narciso, que a sua riqueza a fez pobre: os seus poetas, ainda os modernissimos, sobre não curarem dos sons que recheão o verso, e quantas vezes nem das pausas, sobre estirarem desmesuradamente os seus períodos, consentindo que os versos se travem e encadêem de continuo, insistão sem nenhum motivo de effeito, os versos agudos e esdrúxolos com os graves, segundo o caso lhos vai deparando. He o mesmo que succede a quem possue terra de subejo fertile e facil: ella que supre por si ás primeiras necessidades; trabalha-se o necessario para que não falte, o resto, que bastaria para a fazer paraizo, dê-se á priguica. Os francezes, que tão menos poetica lingua tinhão, obrigados por essa mesma pobreza a cultivada, esmerados e incengaveis, e quanto a não levão ja por arte, adeante do que por natureza podêra ser a italiana! são n'uma parte os paúes de Hollanda a produzir; na outra, terras pingues e dobradas de Otaiti a regalar com pão e frutos espontaneos aos semi-nus e ociosos n'aturaes. D'este ver-sejar de italianos, me dizia uma vez Jose Agostinho de Macedo, que a maior parte de taes poetas lhe dava a lembrar as réguas de mulos de almorreve, que enfiados e prezos uns a outros, ao som dos choepellos enfadados, la se vão, ora tropeçando ora erguendo-se, continuando o caminho, e sempre chegão com a carga.

onde tem de ir. Quando assim fallo, quero que se entenda que me não refiro a todos sem excepção, mas só ao geral d'aquelles poetas. Bem pode ser que os haja agora primorosos, que eu não conheça, e dos conhecidos alguns ha com quem não serei tão severo taes como Monti na traducção da *Illiada*, Pósculo se me não engana a lembrança que d'elle me ficou, Alexandre Manzoni, e Felice Romani.

Em Portugal, pois que a lingua era tambein prestes e serviçal, e os que n'ella poetravão se compraziaão de se irem sempre na pista dos Toscanos, sente-se nos poetas antigos o mesmo desmazelo. Lá andão com os versos graves os esdruxolos inúteis, ainda que não frequentes e os agudos nos cardumes. Camões, que de todos elles fui por ventura o de mais delícado ouvido, rimando hendecasyllabos, até na epopeia não duvidou em os pôr, quando acaso lhe apparecião, e sem nenhuma intenção ou fim poetico; o que a Vasco Mazinho de Quebedo seu inferior em poesia, mas superior, se he licito dizê-lo, em metrificar, por tal arte desagrudou, que em todo o poema de Affonso Africano nunca interpolou com elles versos graves, e d'isso faz alarde em seu prologo.

N'esta incerta e correia cauza até os nossos tempos, em que dois homens de fôrça, dois athletas da pueria, representando cada um uma das encontradas opiniões, devião ter pe-

rante os olhos publicos um calado e rijo certame, para decisaõ ultima da contenda. Foi Bocage o mancebo, cavalleiro da metrificacão liza e uniforme; o velho Filinto da mista e lihérrima. Todo o empenho de Bocage era a harmonia constante, todos os seus versos são graves, e de compasso batido: Nascimento queria por cima de todas as outras conzas dar todas suas ideas, boas ou más, grandes ou pequenas, muito bem pintadas e repintadas, que ainda quando insignificantes, não deixassem de ferir na vista. Serviu Bocage ao metro como a senhor: Nascimento, como de escravo se servir d'elle, trazin-o rôto, contrafeito, desnudado, e por todas as ilhargas estalando com o peso da carga. Se he licito comparar estes dois poetas com outros dois romanos, de muito mais subidos quilates, digo, que são na metrificacão hendecassilaba, o que nos distichos elegiacos eróticos são Ovidio e Propercio. O disticho de Ovidio he sempre torneado por medida, nada lhe falta nem sobra, reluz de polido, e algumas vezes pouco péra: nos de Propercio ha sempre mais succo de conzas (bastante espremeo d'elles Ovidio para seu remedio); mas o hexâmetro são a miude desalinhado, o pentâmetro dissonante da sua usual toada, acabando não em dissilabo, como para bem o requer o geito de tal metro, mas em trissilabos e quadrisilabos á moda de Catullo; partem-se menos aporadadamente os hemistichios, embebe-se e embriaga-se em demazia o pentâmetro no hexâmetro, e, o que mais rijo he, o hexâmetro de um disticho

no pentâmetro do anterior; o que não tira ser Propereio, em meu conceito, um poeta de muita valia (e não sei se diga que o unico animante apaixonado dos antigos, com licença dos grammaticos e dos prigueiros que o engeitão por escuro), e Ovidio um dos mais bem assombrados engenheiros do mundo.

Do que levo ponderado, se he exáto como euvido que he, segue-se que nem Bocage, nem Filinto erão para modellos absolutos, e quanto desacordado andava quem não consentia em verso que grave não fosse, como quem esdruxolava por vido e fira d'aquelles casos em que o esdruxolar traz em si mesmo a desculpa e o louvor. Entendi que já por acinte o faziaõ, e por acinte contra acinte escrevi essa Nota da primeira edição, que a traz deixo trasladada. Pôra o voto puezil, conheci-o assim como o sangue alvoragado da batalha me esfriou, mas tão solita maneira se oppunha a vergonha a uma retratação, que permaneci até hoje sem um esdruxolo em tantos versos súltos como tenho impresso, e tantos mais que ainda não saião á luz. Quantas vezes, compondo a Noite do Castello e o Hardo, não senti tentações e impellos de romper e acabar por uma vez com uma prição imaginária, que a olhos vistos me estava tolhendo mui bons effeitos poeticos; e contudo confrangia-me, e equivava-me, escrupuleava, e não podia acabar cumigo que me resolvesse, podendo dizer como aquelle rei de França *En se vai tudo, vienos a honra*. Os passos d'esses poemas

em que tal me acontecia, por si se estão inda agora denunciando, postos os dactílicos imitativos nos lugares, que abaixo do final se podem reputar pelos mais autorizados e distintos do verso, que são o ponto do hemistichio ou pausa do meio verso, e o começo do seguinte, quando fica bem cortado e estremado. — D'este livro ao deante me dou por desobrigado do vóio; e eis aqui, me parece, o conio lá para os outros me hei de haver: nunca porei lá por por ou por me ferrar trabalho, verso dactílico; nunca o engeitarei quando a força; praça ou qualquer outra vaningem da poesia o requererem. Bem quizerá dizer outro tanto dos agudos, mas ali ainda o meu antojo he forte; sei que a razão não e-tá menos por elle, e não ouzo segui-la: veremios o que o tempo, grande causador de mudanças, poderá trazer comigo.



NOTA

de Augusto Frederico de Caillho.

Pag. 118. verso 6.

Vejamos, meu Irmão, a tua escolha. &c.

Quando um autor, para publicar os seus pensamentos, se entrega á nossa boa fé e lealdade, os nossos olhos e mãos para logo mud

dão de dono, ficção seus; tem de vigiar e zelar o depósito confiado, para que nada se lhe accrescente nem decresça: qualquer palavra, qualquer virgula de mais ou de menos, por muito que as pareçam estar pedindo este ou aquelle passo do texto, são mais que violação de testamento, porque ideas são propriedade mais real e sagrada do que bens da fortuna. Assim he, mas cumpre que não seja assim na presente occasião: saltarei ao direito do autor e á minha obrigação de secretario, para cumprir com outra mais santa lei, a do amor fraterno, alliviando aqui, e em mais de uma tunceita, o meu coração, ás escondidas do mesmo autor, para quem serão grande novidade estas linhas, quando de alguém (quem não de mim) as chegar a ouvir ler.

Dizei em primeiro lugar, que na Festa da Primavera, cujas honras foram na maior parte a meu irmão, os versos a que esta Nota vai lançada tanto abalo fizeram em mim, que pela primeira vez os lia, que eu me vi necessitado a interrompê-los coberto de lagrimas e afogado em soluços, para me ir lançar no seio d'elle, protestando-lhe assim, com um silencio que eu não tive palavras para romper, que os seus desejos de vivermos para sempre unidos, já em mim não tinham necessidade, e que o pensamento de separação se me representava tão atroz e impossível como a elle. Eu o vi profundamente commovido entre os meus braços, e foi esta a primeira vez em que nos fizemos

uma declaração tão expressa de amor, nós que semelhantes aos *Dois amigos de Gessner*, sempre tínhamos vivido e contávamos com viver um para o outro, sem ainda uma só vez nos havermos dado o nome de amigos. O meu voto, ufano-me de o dizer, tem sido santamente cumprido: já lá vão quinze annos, e eis-me aqui ao lado d'elle, eis-me tão inseparavel como tinha sido desde menino até aquella hora! que digo? ainda mais, porque para reparar a perda horriavel que elle acaba de experimentar, eu carecia de ter agora em mim, em vez de um, dois ou mais corações para lhe offerecer.

Agora cumpre-me preencher o principal fim d'esta Nota, transferendo para aqui alguns versos parallelas a estes, de um meu Poemetto, que com o título de *Primavera* recitei n'aquelle mesmo Dia. Os elogios que o leitor vai achar, não nos inspirou só a amizade fraternal, mas a convicção em que ainda hoje estou, e hoje muito mais, do subido mérito do elogiado. Aquí era o lugar de desmentir um grande numero, talvez a maior parte das sentenças, que sobre a valia d'estes poemas a sua modestia (em toda excessiva) lhe dictou no Ante-Prologo, e principalmente no Prologo d'este Livro: mas não euído que a minha licença possa chegar tanto adiante: enlar-me-hei, bastando-me agora ter desabafado, por algum modo, nos versos que se vão ler.

E tu, meu caro irmão, tu me arrabatas,
 Quando magico attrices nos sons da lira,
 As Musas da Danubio á foz do Tejo.
 Oh dize-me onde has visto a Natureza,
 Virgem tão bella para ti sorrindo?
 La na idade infantil, quando teus olhos
 Linda na luz formosos se espraiavão,
 Veio ella mesma perfumar-te o berço,
 Tinger-te em rósea côr dos ceos o espaço,
 Encher-te o ar de ignotas harmonias,
 De afféto orvallhar-te o brando seio,
 E com magas visões doitar teus sonhos?
 Sim veio; e quaes na mente que as afaga
 As maternas feições imprestas ficão,
 Taes seu olhar, e voz, e graça, e tudo
 Te vivem, te reluzem pela mente,
 Doirão-te a escuridão, compõem-te um mundo.
 Um silencio te admiro ha longo tempo;
 E até (que fui tão louco) ouzei co'as tuas
 Minhas forças medir, tentar-te a gloria.
 Não sumos nós irmãos, me disse eu mesmo?
 Não correinos iguaes no longo estudo!
 Pois ha de a lira d'elle ousar prodigios,
 Sem que, para a imitar, desperte a minha?
 Mas que vale o desejo, o sangue, o estudo!
 Tu sabes remontar-te aos ceos n'um vôo:
 Eu tento, eu me debato, ergo-me, caio,
 No inglorio chão cansado me adormeço:
 Será pois d'elle só a eternidade.
 Só d'elle? a sua gloria aos dois nos basta;
 Qual nossos corações amor vincula,
 Tal has de unir, ó sama, os nomes d'ambos.

Com todo o eterno sôpro enchendo a tuba,
 “ Este o maior, dirás dos lusos vates! „
 Dirás depois mais baixo: “ Este com os olhos
 “ Leo estudou do Irmão, do terno amigo. „



OS

CANTOS DE ABRIL

IDILLIO.

O mais declarado e insólito Poemetto na primeira edição, crão Os Cantos de Abril. Só a intenção fora boa ; na execução e estilo revia um tão continuo desprimor, que me foi necessario demolir e reedificar. Por tanto, com o mesmo titulo he obra diversa, muito melhor, mas não perfeita, porque ja para a emenda da emenda não chegou a paciencia.

DEDICATORIA

A MEU PAI.

He a educação o maior presente que de homem se pode haver. Vós, meu Pai, fizestes mais do que educar-me: superior a uma preocupação geral quão perniciosa, viste nascer o meu engenho poético e não o destruístes, viste-o crescer e não o contrastastes, senão que antes lhe destes amparo, bafô e desvelos. Eis aqui por tanto um reconhecimento da minha gratidão.

Oxalá possam estes versos, que me affouto a vós offerecer, agradar-vos tanto, como os Cantos d'Abril, no silencio da noite e debaixo do parreiral da cabana, agradecerão ao bom Alenale.

22250000 11

ADVERTENCIA.

Notar-se-ha que por todos os Poemetos d'este livro se dão sempre versos á infancia, e n'este Idillio tem ella não uma parte, nem a principal, senão o todo; se o porque, pode importar a alguém, agora lho direi brevemente.

Parece-me um Menino, de todas as couzas graciosas que Deos fez a graciosissima. Aquelle ajuntamento e consonancia de tantos dotes; formosura, d'elle proprio nem buscada nem sabida; graças que lhe ninguém ensinou; singeleza e candura; alegria, fraqueza, innocencia; e muito affêto, e muito mostra-lo; e total descuido do porvir; e não o temer nada; e a poesia particular do seu dizer; e a sua grammaticazinha natural que a nós nos faz rir, couzas são estas que apoz si me levão esquecido e encantado. No trato d'estes botões da humanidade, que vem abrindo, parece-me, o ja pareceo a muitos, poderem-se lherar boas vantagens: ja não fallo em ser honroso contentamento que talvez se pega, e na felicidade de recobrar as horas de meninice, imitando-os, sem saber, n'elles, como elles nos imitão a nós; fallo porem no muito que o nosso espirito se acostuma egão a estremar o bom do máo, e a joeirar cá dentro o puro do impuro, para nem por sonhos profanar o que das

mãos da natureza saão o se conserva santo. E demais, um Menino não sabe nada, quer saber tudo, e por tudo nos pergunta: ; não he isso estar-nos pondo a caminho de muitos descobrimentos de verdades e relações das cousas, que nunca aliás por nossa preguiça ou descuido faríamos? — Muitas pessoas vejo, e faz-me pena, desamarem as creanças, despreza-las, havê-las por menos de gente, tolher-lhes as fallas, as obras de sua idade, e Deos sabe se também o entendimento: eu por mim, quero-lhes muito, porque entendo que excedem em valia aos seus desprezadores, e sinto que a mim me levão grande vantagem em bondade e ventura. De um ajuntamento esplendido mil vezes tenho fugido para elles: no campo, melhor que em nenhuma outra parte, saboreio esta doçura a meu contento. Todos os pequenos das aldeas em que tenho estado me conhecem, e sei que são meus amigos: apinhão-se-me ao redor em me vendo; invento jogos, historias ou conversas para elles; divirto-os, divertem-me; uns com outros, e uns de outros aprendemos.

Brão horas bem doiradas estas de minha vida, como as ja tivéra João Jaques, como as terão tido muitos, e como as poderão ter quantos as desejarem.

Lisboa: 7 de Janeiro de 1835

CANTOS DE ABRIL

IDILLIO.

Por um serão de Abril suave e ameno,
 Menalca, a bella Dafne, e senstrez filhos,
 Estavam-se a folgar ante a cabana.
 Por entre as parras do sonoro alpendre
 A manna lua chã se enlevava,
 Espreitando esta rústica família.
 Menalca era já velho: os justos Deozes,
 Querendo premiar-lhe a larga vida
 Passada em os amar e amiar nos homens,
 De Citherón no Filho haviam dito:
 “Filho de Citherón, entrega Dafne
 Por esposa a Menalca, o fim que o velho
 Remoce, vendo ao lar a mocidade,
 E a virtude que tem o alegre em outrem.”
 Amor nem sempre nos Deozes obedecer,
 Porém amava a Dafne; entrançou logo
 A florente cadêa, e vendo-os prezos,
 Tanto a si mesmo do que fez se aprouve,
 Que ficou sempre entre elles na cabana.

“Filho de Citherón, acrescentarão
 Depois os Deozes, da-lhe o teu retrato

Em filhos, e uma filha irmã das Graças,
 A fim que em seu crépúsculo da tarde
 O velho inda se alegre, e abraçe esp'ranças:
 Da-lhe prole, o fada-la a nós pertence. „
 E Amor lhe dêtu prole, dois meninos
 Seu retrato, e uma filha irmã das Graças.
 Já rosas de abril decimo florecem
 No semblante de Silvia: um anno a vence
 Titiro; e vence a este um anno Alexis.

Menulca, em juncos molles estendido,
 Tem da esposa no candido regaço
 Como em ninho amoroso a branca fronte:
 Pelas feições transpira-lhe bondade;
 O mystico luar o diviniza.
 Dofne o contempla muda, e nireos dedos
 De afagar umas rãs tentem vaidade.
 Elle a querida mão collhe entre as tuas,
 Beijada a nublégm no rosto, os fracos olhos
 De trama pelos raios alumindos,
 E fitando-os ná lua: „ Olhai, meus filhos,
 Olhai, disse elle, como brilha a lua!
 Que suavidade e paz não cõa ao largo
 O astro das noites! como attrãe da terra
 Nosso espirito humilde a pensamentos
 De outro mundo mellhor, montão de Deozes!
 Que esp'ranças, de snodades misturadas,
 Não traz a pura noite as almas puras!
 Dias que vos vão ruspico, amenos dias
 Da minha mocidade. „ Agora játo
 Como arvore das follhas despedida,
 Que mais não florirá, porque o machado
 Já lhe abriu marca para se ir ao fogo.

Então era em cantor chamado às festas,
 E afamado por longe entre os cantores
 Na frauta e no rabal, porque os meus cantos
 Eram sempre à Virtude e à Natureza.
 Por uns serões assim, como acodiao
 Todos a ouvir-me! As Ninfas era fama
 Que descido do bosque, e pelas rargas
 Vinhão pôr mais de perto o ouvido á escuta:
 E os ventos se detinhão, recostados
 Aos duros troncos, sem bolir co'os ramos.
 Té dizião que a frauta, em que eu tangin,
 O benevolô Pan ma dera em sonhos.
 E ora jaz, annos lin, de pó coberta!
 Entôrno ao meu fogão já não se apinhão
 Os pegureiros a aptender-me os cantos,
 Meu cabello nevou, nevou minha alma.
 Ah! se não fosseis vós, Dafne, meus filhos,
 Vivido tenho assaz, pediria aos Numes
 Tornar a ver ment' pais n'outas cabanas,
 Onde he perpetua a luz, e a eternidade
 Uma estação de musiens e flores.
 Quando eu lá renascer á vossa espera,
 A' tua espera ó Dafne, á vossa ó filhos,
 Resurgirá comigo a minha frauta;
 E com ella enganando aquella ausencia,
 Penosa até no Eliso, em versos novos
 Louvando os Immortaes, e eterno eu mesmo,
 Pedir-lhes-hei contudo que se tarde
 Vos levem para mim; que vos derramen
 De virtudes e bens copiosas bençãos
 Sempre n'esta cabana, onde heí nascido;
 E que no meu sepulchro o passageiro
 Diga parando — O' bom pastor Menelca,

Leve te seja a terra, e tu contente
Porque os teus filhos te excederão todos. „

Aqui sentio cair na fronte calva
Uma calada lagrima, e doeo-lhe
Ter nublado o prazer do seus Penates.
Senta-se, alegre o rosto, enchuga os olhos;
E unindo ao seio a esposa “ Ouzi meus filhos!
O cantar diz co'a noite, ngrada á lua,
Contenta á vossa mãe. Cantai louvores
D'este suave Abril; nunca em meus versos
Deixei de o celebrar, quando era moço.
Os pastores de outr'ora Abril sagrarão
A Venus, graciosa Mãe de tudo.
Vede-a n'aquella estrella estar sorrindo;
As glorias do seu mez são glorias d'ella.
Alexis principia, eu te acompanho
Co'a tua mesma frauta; os sons da frauta
Dão como vida ás solidões da noite.
Seja a lenda a que inventei (quão lédo!)
No dia que nasceste, e a nossos olhos
Se doirou de alegria esta cabana;
Bem a sabes, começa, e Pan te ajuda.

ALEXIS.

Eu amo o verde Abril, porque he formoso,
Todo está chdo de arvores vestidas.

TITIRO.

Eu amo o alegre Abril, porque he sonoro,
Vem cantado por bandos de avesinhas,

SILVIA.

Eu amo o rico Abril porque he cheiroso,
Espalha em cada prado um mar de flores;

ALEXIS.

A folhagem traz sombra, na sombra trazem
Seus solgares da sesta a gente grande,
E a nós para brincar franca licença.

TITIRO.

As aves são dos ares alegria;
Chamão na madrugada os preguiçosos,
E divertem na lida aos lavradores.

SILVIA.

Flores dão côr à terra, e cheiro às auras;
Flores são mães da fruta; os Deozes rindo
As creação, e rindo accéitão flores.

ALEXIS.

O Pan que está na gruta do arvoredor
Não pára senão lá, por mais que o mudem;
Sinal que um bosque e a sombra apraz aos Deozes.
Tudo ali he formoso á maravilha!
Por baixo a fresquidão, por cima o verde;
A terra de reflexos variada;
O céu sonoro e movediço;
Mais alto, o ceo azul, dado às amostras.

E que direis do rio entre arvoredos?
 ; Como se pintão na água aquellas folhas,
 É o vento que as revolve, e as pombas alvas
 Pelos ramos, e um sol desfeito em muitos?
 Parece que no fundo do remanso
 Tem Pan outro arvoredo, igual em tudo.
 Quando hoje eu lá passava, a Pan dei graças,
 Porque achei que um tal sítio encantaria
 Q' meu Pai, teus passeios solitarios.

TITIRO.

Fonte como a das Náiades nenhuma:
 Canção-lhe em volta passaros sem conto;
 Sinal que o bando alado apraz ás Ninfas.
 Por ali me regala ir espreitando
 Tantos ninhos por entre tantas folhas.
 Admiro a perfeição d'aquelles berços,
 E o tino com que os pobres de uns brutinhos
 Os souberão livrar a soes e a chuvas:
 Aqui uma avezinha inda sem pennas,
 Outra a romper da casca; além uns ovos
 Branquejão d'entre o musgo, e já palpitão;
 Se os lóco, sinto dentro o passarinho,
 E fujo com temor que a mãe o engeite.
 ; Ver as mães vir do pasto alvorçadas,
 Darem o almoço aos filhos que pipilão,
 E co'as mãos e peito agazalha-lor!
 É ver logo os maridos tão contentes
 A gorgear-lhe á roda! o porque o fazem
 Mal sabeis vós; cuidais que he diverti-las?
 Oh que não: he ja dar lições e exemplos
 De canto nos filhos seus: não de outra sorte

O nosso pai nos ensinou seus versos.

SILVIA.

C'roas frescas de rosa cada dia
De Citheréa ás portas amanharem ;
Sinal que a Citheréa aptazein flores.
Todo o anno era Abril se eu fôra a Deosa !
Nunca no meu altar e ás minhas portas
Faltarião montões de flores frescas.
Todas só para ti as colhava,
O' minha mãe : com ellas te enfeitára
Cada hora do dia ; cada noite
As renovára no leito onde tu dormes ;
Não porias teus pés senão em flores.
Se o passageiro ás vezes me pergunta ,
Quando me encontra a borda do caminho ,
“ Quem he a tua mãe ? „ eu lhe respondo
Chêa de gloria “ A minha mãe he Dafne ! „
Montem de tarde o gracioso Amintas ,
O pobre guardador das duas calças ,
Quando o meu pão lhe dei pedio-me um beijo ,
Chamou-me bella , e disse que o meu rosto
Era como o de Dafne , ou como as rosas.
Sendo assim , bella sou , que outra pastora
Igual a minha mãe não ha na aldeia ,
Nem flor em todo o mundo imita da rosa .”

ALEXIS.

O vizinho Milão , que hoje he tão rico ,
Não tinha mais que uma arvore , e de terra
Só quanto aquella sombra lhe cobria ,

“Corta-a Milão, dizem-lhe os pastores,
 Alegres teu campinho, e terás lenha
 Para aquecer a choga um meio inverno., —
 — “Eu? respondia o triste, eu pôr machado
 Na boa da minha arvore? primeiro
 Me salte lume alheio o inverno todo,
 Que eu mate a que a meu pai já dava sélar;
 A que de meu avô me foi mandada,
 Que a não poz para si; e a que nos bragos
 Me embalou tanta vez sendo menino.
 Os Deozes a existencia lhe dilatem,
 Que assim lhe quero eu muito, e o meu campinho
 Produza o que poder, que eu sou contente., —
 Sorrião-se os pastores; o cavallo
 Cada vez mais as sombras estendia,
 E Milão de anno em anno lia a mais pobre.
 Lembrou-lhe um dia, em bem, que uma videira
 Plantada a par com o tronco, o enfeitaria,
 E os cachos pendurados pela côpa
 Lhe darião tambem sua vindima:
 E eis que ao abrir a cova, achou um thesouro!
 Desde então ficou rico, e diz-me sempre, (muito
 Que os Deozes immortaes lho hão dado em pré-
 Por amar suas arvores. Ille elle
 Quem mas ensina a amar, são d'elle os versos,
 Com que ao bosque de Pan cantei louvores.

ZITINO.

Deozes, tocaí o peito de Mirtilo
 Porque não saia nãu quando for grande.
 Hoje, entrando na mata, o vi lá dentro
 Andar armando aos passaros. Que pena,

Disse em mim, não ser passaro um momento!
 Não pader ir correndo o bosque aos pios,
 E dizendo em cada arvore " Cantella
 Meus irmãozinhos do ar; vejo inimigo;
 Não saízes; o inimigo anda no bosque. ! ,,
 Paciencia, assim mesmo hei de acudir-lhes.
 Vou-me por entre as montas rastejando
 Até ao ouco e immenso castanheiro,
 Que abro em seu tronco uma portada de heras,
 E se nomina a casa de Silvano.
 Trepo, e dentro me escondo: os meus vizinhos
 Lá por cima na côpa papervão,
 Cuido que adivinhando o que eu faria.
 Encôsto a boca á fresta entrecornida,
 Que está fronteira ao portico da entrada,
 E clamo em rouca voz " Pára Mirtila. ,,
 Parou, ergueo-se, e poz-se a olhar em roda:
 Vendo tudo em socego ás redes torna.
 Com voz mais estrondosa e mais horrenda,
 Torneo-lhe eu a bradur " Mirtila pára. ,,
 Não esperou terceira: arroja tudo,
 Salta, vda; oh que riso! uns echos fêos
 Lhe lhaõ gritando apoz " Mirtila pára. ,,
 Somio-se; á terra pulo, espreito o malto,
 Acho as redes, os prezos sólto, os mortos
 Levo-os onde ullio de ave os não descubra:
 Encho-as de pedras, na torrente as lanço,
 E corro a procura-lo — " Oh tu não sabes,
 Lhe digo, de que morte escapo agora!
 Não te engano, era um Deoz, vi-o eu, rangia
 Os dentes, bracejava uma alta fouce,
 Vinha a saír das sombras do arvoredo:
 Vi-o-me e gritou-me " Pára ,, eu páro e choro.

— “ Estu que andas armando ás minhas aves?
 Pois eu vou dar-te o ensino ; as tuas redes
 Já te lá vão por esse rio abaixo,
 E agora has de ir tu moito á casa d'ellas. „ —
 Então vem para mim, co'a souce aos lanços
 Cortando pelo ar — “ Bom Deos, perdoa,
 Lhe grito a solugar co'as mãos erguidas,
 Eu sou Títilo, o filho de Menaleu,
 As tuas aves amo, e temo os Deozes:
 Eu redes, eu caçar! „ — “ Estou perdido!
 Disseste que eu . . . Mirtilo me interrompe. „
 — “ Não, Mirtilo, soeega, eu não lho disse,
 Nem sabia que tu . . . sallemos baixo
 Que nos não ouça o Deos. Olha, este p'riego
 Passou, mas outra vez não te aventuras,
 Que eu bem sei como o vi, não te perdou.
 Deixa ás pobres das aves innocentes
 Divertir-te e cantar; nada mais querem;
 Não tens razão, não tens de as perseguir.
 Quanto ás redes, eu quero consolar-te:
 Ouve Mirtilo, aceita este cestinho
 De cana entretecida em juncos verdes,
 E este meu cajadinho em boa altura
 Lizo, airoso, e sem nó. „ — Assim dizendo,
 Enfiou-lhe no braço o meu cestinho
 De cana entretecida em verdes juncos,
 E entreguei-lhe o cajado. Então Mirtilo
 Me abraçou, e saltando de contente,
 Jurou-me nunca mais armar ás aves.

SILVIA.

Glicera por vaidosa be que ama as flores;

Apanha-as para si não para os Deozes ,
 Não lhas merece a Mãe e alcança-as Mopso.
 Quando em nosso jardim vejo Glicera,
 Já me eu ponho a tremor: cotta as melhores,
 He seu costume; enfado-me, sorri-se;
 Choro, ri-se; e enfeixando-as, me repete:
 “ Que te servem por ora estas floritas?
 Deixa passar mais cinco primaveras,
 E então sim, nem mais uma hei de sustar-te,
 Pois sei te hão de servir quaes me hoje servem. ”
 Coitada de quem he como eu menina,
 Que se manda esperar por primaveras!
 Que podia eu fazer? queixei-me ás Ninfas.
 Hontem, já pôsto o sol, quando erão horas
 De logo vir Glicera, a presumida,
 Que furtiva e vai cantando; ajoelhei-me
 Co’as mãos póstas por entre as minhas flôres,
 E disse: “ Como as arvores tem ninfas,
 Que lhes morão la dentro e as aviventão,
 Ha ninfazinhas a velar nas flores.
 Ninfazinhos das flores, escutai-me:
 Se a rega, com que as folhas aquecidas
 Vos refresquei ha pouco, vos foi grata,
 Olhai por vós, fizeti com que Glicera,
 Como eu vos vi e ouvi, vos veja e ouça;
 Apparecei-lhe como a mim, por sonhos,
 Vestidas de mil côres, perfumadas,
 Pequenas, muí mimosas, e só outras
 Em não mostrar-lhe a ella um ar festivo.
 Dizei-lhe como os Deozes vos creirão
 Para amores de zéiros, recreio
 De borboletas e olhos, e formosas
 Obpeitas do formoso mel doirado:

Dizei-lhe que tão bella e curta vida
 Não se deve encortar, que as deshumanas
 Tem mão frouxa, que apesar de passageiras,
 Ninfas sois, e o Destino ha de vingar-vos:
 Que se tornar sacrilega a colher-vos,
 Vossos fragrantos ultimos suspiros
 Serão de queixa aos ceos, e antes de tempo
 As rosas no seu rosto hão de marchar-se.,
 Como eu isto dizia, entrou Glicera:
 Marchas trazia as rosas de seu rosto,
 Não rio, nem colheu nada, e suspirava.
 Penada de a assim ver, beijei-a, e disse:
 " Se alguma d'estas flores te contenta,
 Eu meinta a vou cortar. ", - " Não (me responde)
 Ja não quero mais flores, Mopsa ingrato
 As que ultimas lhe dei deo-as a outrem:
 Como as flores me engeita hei de engeita-lo. "
 Ao que eu logo respondi: " Vês tu, Glicera,
 Fallei verdade ou não? nascem as flores
 Só para as nossas mãos, e para os Deozes,
 Da-lhas tu, e verás se hão de engeitar-las.

MENALCA.

Basta meus filhos, basta; não ha sombras
 Tão grates no verão, cheiro de flores
 Tão suave, ou tão ledo canto de aves,
 Que me merecem como os vossos versos.
 Vinde, vinde, abraçemo-nos, ó filhos:
 Dei-vos eu a doutrina; engenho os Laudos;
 Mas os Deozes virtude: alcançai-me
 De bem vigorosa esp'rança o meu declínio:
 Dai-me o que nem pedir ousava aos Deozes.

Antevejo a florir-me a sepultura . . .

DAFNE.

Entremos na cabana : aquella nurem
 Querencobrir a lua ; ergueo-se o vento ;
 Não tarda muito algum ligeiro orvalho.

NOTA

AO IDILLIO.

Na muita rama que ao Idillio decotei para esta segunda edição, ninguém, por mais que a cate, poderá achar fruto, nem sequer uma triste flôr, se a não he o passo que para aqui traslado, da fallia de Alexis pag. 96 na primeira edição; acerca do qual e de tudo o mais quanto supprimi ou accrescentei, releva reclamar pela maior indulgencia dos leitores. Não ma negará quem ja alguma vez houver experimentado como de todas as cousas, que parecendo tenues, são agras e laboriosas, a mais ngra, laboriosa, e não sei se diga impossivel, he poetar e metrificar as fallas da infancia: caminho he esse que estreitissimo corre por entre precipicios, sendo maravilha que ahí os maiores engenhos se tenham, e sigão sem caír ou para a direita ou para a esquerda. O primeiro e melhor juiz do homem cándido he a sua consciencia: a minha me diz que os trez filhos de Menalca nem sempre, antes poucas vezes, fallão como conviria: de sobejo são poetas para meninos e rusticos; e tanto, que se não fôra a ressalva, que logo do começo lhes vai lançada, de serem filhos de improvisador, e por elle doutrinados no enato, não haveria peidão que de ridiculos os salvasse.

Segue-se o excerpto, com todos seus defeitos e aleijões de nascença:

O MEXINO ALEXIS.

Ver-me no bosque de prazer me enchia ;
 Quando Amintas, chamando-me da gruta ,
 Aonde estão de musgo revestidas
 As imagens das Náiades da fonte ,
 Assim me disse , dando-me uma rosa :
 — “ Eu te darei uma pequena ovelha ,
 Toda branca , na testa só malhada ,
 Se fores ter com Egle , e lhe entregares
 A rosa , que te dou , se lhe disseres
 “ Egle , Amintas por ti morre de amores. ”
 Beija-a depois na face , e continua :
 “ Egle , este beijo é do extremoso Amintas. ”
 ; Não a ves lá ao longe entre os salgueiros ,
 Apascentando as candidas novilhas ?
 Corre ; e não tardes a buscar a ovelha. ” —
 Eu fui correndo a ella , dei-lhe a rosa ,
 Beijei-lhe a face , e disse-lhe : “ Este beijo ,
 Egle , este beijo é do extremoso Amintas. ”
 Nada me respondeu , sorrio-se , e as faces
 Como a rosa encarnadas lhe ficarão.
 Abraçando-a depois , lhe disse alegre ,
 “ Egle , Amintas por ti morre de amores. ”
 Rio-se outra vez , e dando-me na face ,
 “ Oh como tu és máo ! vai-te , me-disse ,
 Não posso . . . não , não quero acreditar-te. ”
 Nada lhe respondi , voltei à gruta ,
 Onde o Pastor contente e alvoraçado
 Me deu sem custo uma pequena ovelha
 Toda branca , na testa só malhada.
 ; Como a minha ovelhinha é bella , e mansa !
 Andei com ella todo o dia no pasto
 Pela relva do bosque , etc.

A. M. D. C. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

Yours very truly
 A. M. D. C. C. C.

A

FESTA DE MAIO

POEMETTO EM DOIS CANTOS.

Se nos tres Poemettos precedentes pude fazer muito mais do promettido no Prologo, n'este ultimo fica a minha palavra empenhada. Pouquissimos de seus defeitos mais palpaveis cheguei a apagar, e estes quasi só de linguagem. Recceosa de me vir a faltar o tempo ou o animo, se desde a primeira pagina do Livro me começasse a emerar seguidamente, fôr a minha primeira occupação ir por todo elle desmontando, á ventura e sem ordem, o que me apparecia pessimo, justamente como no Prologo deixara promettido. Conhecçi logo que este trabalho era insufficiente: entrei no outro mais miudo e ordenado; refundi a cito a Epistola, o Dia da Primavera, os Cantos de Abril, nenhuma das quaes Obras cheguei com tudo a ilustrar. A Festa de Maio, por ser a derradeira, quasi ficou, e até nova edição (se algum dia se fizer) ficará, como era. O maior bem que lhe pude fazer, fôz abri-la em dois Cantos, para que o leitor achasse marco onde descansar em tão enfadonha e comprida estrada.

DEDICATORIA

A'S SENHORAS DA LAPA DOS ESTEIROS.

SENHORAS,

A segunda tarde, que passámos em Festa na vossa Lapa, não tem jamais do nos esquecer. O vosso gracioso e cortez descer a ouvir-nos, as carícias com que amimastes o nosso Menozinho, dando-lhe entre vós assento, delendo-o nos regaços, beijando-o, ; como he que nos não havido de calivar, a nós, que o cingiramos de suas galas, o sentáramos em throno, pôsto que menos para apelecer, e o leantáramos por Divindade em nossos Cantos? Finalmente aquelle vosso generoso trocar de nome á Lapa, querendo que por nosso respeito se ficasse chamando dos Poetas, em tamanhas obrigações nos pozirão, que as Muses nos acodirão para um dia vos provarmos que nós, Sacerdotes seus, não somos ingratos. A minha, de mais atrevida que he, me envia adiante, a tributar-vos este Poema, que pois o approastes, ja não he de vós indigno. He presente de uma Deusa do Parnaso, não podem as trez Graças rejeita-lo.

HISTORIA

DA

FESTA DE MAIO.

Pelas trez horas da tarde do primeiro dia de Maio de 1822 já nós, a Sociedade dos poetas *Amigos da Primavera*, nos achávamos á sombra das arvores, pelo Encanamento do Mondego, esperando ansiosamente o batel, que nos havia de tornar á Lapa dos Esteios, para celebrarmos a Festa de Maio: de tantos que lá fomos no Dia da Primavera, só faltava *Anfriso*, em cuja vez recebêramos *Antônio*, inancebo mui dado a bons estudos, versado na lingua e poesia allemã, e autor já então de *Anacreonticas* e *Idyllios* de muito prego.

O suspirado batel acudio cedo á nossa ancia: todo toldado, aleatizado e cingido com mui curiosas invenções de verdes e flores, vinha parecendo o naviozinho do *Primeiro Navegante*. Abica, saltámos-lhe dentro todos juntos: larga, vogámos contentes e cantando. Quem bem quizesse pintar com a penna affeitos do coração, não achára bastante um volume para historiar esta só tarde. Dezejára eu muito convidar cortesmente meus leitores a nos acompanharem, tomando sen quinhão em nosso tol-

gar; mas não o posso, e ainda mal, que o de maior valia fica-lo-hão perdendo. Hiamos todos tão unidos em vontade, conformes em gosto, feridos de cuidados, crentes na ventura, cheos e cercados de poesia, e namorados da natureza, que os todos só parecião um, um só moço, transportado em bemaventurança.

Ora cantando, ora encarecendo, quasi adorando as varias gentilezas que a perto e a longe, e por toda a parte se presentavão e renovavão de continuo, aportámos apoz uma hora, na formosa Lapa dos Esteios. Erguemo-nos, voreámos, voámos do barco para o ceo foguetes que toda o ar esturgeom, e para a margem os hinos de uma orchestra que commença hia. Diz a musica muito com todos os affeitos da alma, mas do contentamento, onde o ha, faz alvorção, que muitas vezes prorompe em lagrimas. D'esta maneira triumphal saltámos para o cêso, voámos no alto da Lapa. Conhecia-nos o sitio pelos mesmos, desconheciamos-lo nós por melhorado: obrados erão sobre a natureza milagres de Maio. Ja as arvores alardeavão ás virgões montes de folhagem, que pelo ar se embalavão ao sol; era agora o rio uinda mais puro, os ares mais temperados e benignos. ; Quereis haver alguma idea da habitação das almas felizes? quereis pintar os lugares onde as Ninfas, os Faunos e Pan apparecião aos pastores innocentes na idade de ouro? entrai a Lapa dos Esteios pelos graciosos dias de Maio. He a Primavera nos principios uma linda me-

nina; mas não sabe firmar o passo, balbucia, tudo teme, não se decide em nada, suas graças já se annuncião claramente mas ainda se não desenvolverão; em Maio he moça toda viçosa de mocidade, a quem ledos cortejão Amores e Prazeres, cujo sorrir endoidece o pensamento, e vai entender com os corações. Tinha a Natureza dado a segunda mão e ultima ao lugar; mas a Arte quizera entrar com ella á competencia, sem comtudo lhe desacentar a primazia: tudo estava varrido e puro e concertado de um semi numero de vasos de muitas, e finissimas flores.

No alto assentámos o altar do Deozinho Maio: todo elle era verdura; duas columnas, artificialmente fabricadas de flores, e rematadas em urnas maçanetas de igual marmore, se levantavão dos dois cantos da frente, e communicando-se no cimo por um semicirculo, que na materia e primor não desdizia do resto, ajudavão a formar um genero de portico bem vistoso e engraçado; os lados, fundo e abobada do recinto erão de ramos verdes de todas as qualidades, bem entrelaçados e bordados de frescas e vermelhas rosas; no meio estava um assento pequeno, á feição de poial rústico, tecido de lustrosas heras, onde se via recostado o Maio em acto mui gentil, e com um geito todo seu. Era um Menino de cinco annos, louro como o sol, e alvo como a neve, cabellos crespos e annelados, caídos por um e outro hombro: de roupagem, não tinha outra de seu

que um aventalinho, que debaixo dos peitos lhe descia aos joelhos; o qual, assim como os listões que de cima dos hombros lho viam, tornavam encruzando-se por deante e pelas costas, estava recamado de cedro e luxu, com um orla mui accesa de flores de romeira, cravos, e rosas: calçava coturnos de seda escarlate; na cabeça ostentava corôa de verdura, e do braço esquerdo como que acentava ás vontades com um cabazinho, farto dos frutos do seu tempo; e tudo por modo tal, que a húa se não sabia determinar se o diria nu ou vestido, nem a fantasia dos poetas se o quereria simples Menino, ou verdadeira Divindade.

Mandámos por dois dos nossos vizitar e convidar para a festa as amáveis Senhoras, cuja he a lapa, as quaes na quinta que por cima fica tem seu perpetuo domicilio. Não tardarão; recebemo-las como convinha, nós com a festa dos nossos musicos, e com muitos seus abraços as Senhoras, que abaladas dos annuncios de tão hua tarde, nos tinham feito a honra de acudir ao sítio. Já era crescido o auditorio, e muito para contentar e accender engenhos: fomo-nos uns a outros seguindo com os poemas que levavamos, os quaes em fórma de rito religioso, se recitavam em pé deante do altar, fazendo a nossa orchestra uma harmoniosa rãia de poema a poema, que para tudo as tardes de Maio deixão tempo. Puz-se-lhe remate com os vinhos e saude, d'uma saborosa merenda, como á primeira tarde da Primavera se havia

feito. Passou-se o serão parte pelas salas, outra parte pelo jardim das nossas hospedeiras.

A noite era uma das mais bellas de tal mez: a lua brillantissima despehia até os horizontes um clarão quasi diurno, não se enxergando nuvem por todo o descampado do seu céu; reflectia-se, e desenrolava sua alentia de moedega prata no longo d'esse Mondego tão digno de seus amores; o ar era tão manso e quèdo, que as luzes, curiosamente distribuidas por entre os vasos de flores, nem de leve estremecião; suave era de ver sair por toda a parte d'entre planta e planta uns reflexos verdejantes mui amigos dos olhos, muito mais da fantasia de poetas.

Prazeres que o coração estriou por uma noite assim enfeitada, não são para se poderem pintar. Pouco tardou que a sociedade, como acontece, se não soltasse e dispartisse em ranchos pequenos: a musica errante e fóra dos olhos, umas vezes folgando, suspirando outras, e outras como quem sismava algumas amorosas múgoas, hia-se já pelos arvoredos da quinta, já ribeiras do rio acima e abaixo, tão grata, que ainda não sei couza que mais quizesse. Muitos e muitas baillavão arcadicamente sob a abobada do céu, em quanto nós outros, os que das Musas só fomos fadados para versos, os estudavamos e repetiamos á porfia. Algumas semelhantes horas devia ter passado o primeiro que escreveu *Ilisios*.

Era a noite crescida para muito além do meio, quando nos despedimos; e lá foi cair na eternidade um dia, que ainda agora me persegue saudoso, e apoz o qual nenhum outro veio semelhante.



A

FESTA DE MAIO.

POEMETTO

CANTO I.

Eia, amigos, ao campo! ha ja tres horas,
 Que os Tindáreos irmãos no aereo espaço
 Virão do meiodia o rosto ardente:
 Eio, amigos, ao campo! as horas são,
 E o Maio alegre ás festas nos convida:
 Os Zefiros ligeiros, emballando
 Do parreiral a tremula folhagem,
 Ao rio, ao harco estão chamando a turba.
 O Deus Meniño, o gracioso Maio
 Não vamo' celebraes na fresca Lapa?
 Pois que se tarda? os Numes não consentem
 No culto sen ministros preguiçosos.
 Chamai á pressa as pastoris Cumenas,
 Tomai as flautas, coroaí as fronteas
 Co'as grinaldas, que em premio vos cingirão
 Da Primavera na primeira tarde.
 Como! o tempo... (ai da flor da mocidade!)
 O tempo as destino! de graças tantas

Que existe pois? um pó. Jazem desfeitas,
 Sem perfume, sem cor as lindas flores,
 E as verdes folhas se enrolarão murchas!
 Ah! corramos; o peso, que as esmaga,
 Róla também sobre a existencia nossa:
 Nassem grinaldas nos festins viverão,
 Morrerão no prazer; e nós, como ellas,
 Devemos esperar, brincando, a morte.

Cedo nos hombros do nervoso Atlante
 O eixo volúvel em perpetuo giro
 Ha de erguer ante o Sol novas esferas:
 O Touro ja fugio: Castor, e Pollux
 Succedêrão-lhe agora: hão de apoz elles
 Os astros scintillar, que nos conduzão
 Da estiva calma os importunos tempos.
 Então senecem pelo campo as flores,
 Tépidas correm na planície as fontes,
 Calão-se as aves nos cavados troncos,
 E fallece a frescura ás proprias noites.
 Vamos, enquanto as flores não perecem,
 Enquanto sopráo lisongeiras auras,
 Enquanto um doce frio as ondas levão,
 Enquanto as aves pelos ares cantão,
 E as clars noites co'a frescura apazem;
 Vamos correndo: de vergonha cõre
 Quem último chegar do rio á margem.

; Graças aos ceos, que a suspirada arêa
 Já pizámos cinsim! mas pelas faces
 Abrazado suor me está caíndo.
 Inda o barço não chega: pia, sentai-vos,
 D'esta aura carinhosa ao fresco idro

Quanto he doce voltar o rosto ardente,
 E ora uma face, ora outra offerecer-lhe!
 Ella as beija brincando, e espalha em ondas
 Os escuros aneis, que lhas roubavão.

Verde canavial, salve trez vezes!
 Cotus holigosas, arqueadas fôlhua
 Nos escondes a rir de Tebo aos olhos.
 Ninfa adorada pelo Deos da Arcadia,
 (Deos dos pastores, inventor da flauta)
 Sacrilego furor não nos incita:
 Não te offendas se agora as possas dextiras
 De tuas canas adornadas virez:
 Sua altiveza airosa nos agrada,
 Vales somos, os tremulos seus cumes
 Ondulando, os lascivos seus abraços
 A cada viração que vai fugindo,
 Tudo isso nos namora, e diz poesia.
 Não te offendas ó Ninfa, ei-las collidos!
 Gravaí com ellas n'esta areia os nomes
 Das vossas bellas, imprimi-lhe um beijo,
 E partamos, que o barco ahí fere a margem.
 Bem: eu lancei da Primavera o nome
 Em caracteres taes, que no longe possa
 Lê-los o pescador no fim da tarde.

Eis-nos emfim nas transparentes ondas!
 Agora cumpre diligencia, esforço,
 Para vencer as fugitivas aguas.
 Ferva o trabalho, as varas não descancem;
 No fundo leito redohrai os golpes,
 E suavisai com musica a fadiga.
 Eu deitado na pôpa, eu dicto os versos;

Cantai, e o echo em baixa voz aprenda.

Ouvi Ninfas do placido Mondego,
Ouvi com ledo rosto as preces nossas.

Sai correndo das limosas grutas:
Occultas no cristal do patrio rio,
Vós podeis impellir co' as mãos de neve,
E fazer que o batel, qual aguião, võe.
Bellas Filhas do lúcido Mondego,
Vamos passar a tarde á grata sombra,
Das lindas Graças na famosa Lapa.
Ali, se acoso não me illude o estro,
Vós, Ninfas, vós com ellas muitas vezes
As noites da luar passais em danças;
Sobre um tronco musgoso Amor sentado,
Para acertar as rápidas choréas
Com saudosa flauta a Noite acorda,
E Venus compassiva lhe desata
Dos olhos entretanto a escura venda.
Mil Amorzinhos sem farpões, sem facho,
(Nem onde vós estais careceis d'elles)
Vão aqui e ali por entre os ramos.

Ouvi Ninfas do placido Mondego,
Ouvi com ledo rosto as preces nossas.

Dai-nos breve chegar, vereis cantadas;
E iremos outro dia erguer altares
De cada vosso chôpo á sombra amiga,
Tondo-lhe em roda uma vistosa grade
D'aureas conas com murtas revestidas:
Em vozzas ondas lançaremos rozas,

E puro leite, e saboroso vinho.
 Porque tardais, ó Náiades esquivas?
 Turba innocente de mancebos rindo
 Bem merece o favor dos sacros Nomes.
 Nós não vamos em lenhos alieirosos,
 Rogando as nuvens com soberbas velas,
 Co' ferro a lampear nas bravas dextiras;
 Levai da guerra a furia aos outros povos,
 Lançar em fogo os hosques, e as cidades,
 Para voltar nos mares tormentosos
 Co' um punco do metal, que gera os crimes:
 Nós vamos procurar vizinha praia
 Para rir, e beber de Maio em honra;
 Vamos c'ontar-nos de verdura, e lirios,
 Cantar ao som da flauta a Natureza,
 Dançar no meio de innocentes gostos,
 E longe dos mortaes, viver ditosos,
 Poucas horas sequer, na paz dos campos.

Ovi, Ninfas do placido Mondego,
 Ovi com ledo rosto as preces noxas.

Terra, terra: éstas árvores das margens,
 Que ora nos vão passando sobre as fronteas,
 Convidão a colher sua folhagem:
 Saltai, colhei os mais vigorosos ramos,
 Leça-se um tóldo, que nos roube a calma.

A'vante! adeos. Ó Drindes, ficai-vos
 Em doce paz; o ovalho vos fecunde;
 Arde vossa raiz no estio as aguas
 Tão abundantes, como as lendas hoje.
 Nós vamos celebrar o mez das flores,

Quando voltarmos vos daremos graças.
 A'vante! não cesseis, alegres nautas!
 Cantai: eu vos ensino um canto novo.

Das Filhas de Nereo a mais formosa
 Foi Galatêa candida, e rosada.
 Por seus olhos azues morreo de inveja
 Aglâia, irmã de Amor; a curta boca
 Ciumes acendeo no peito d'Egle,
 Bem que da boca d'Egle ninduce beijo
 O selto pagaria ao rei dos Numes;
 E Enfrosina, entre os Deozes celebrada
 Pelos aureos annos da longa trança,
 De Galatêa a trança cobigava.
 E o seio! o seio turgido e nevado,
 Mais nevado que a espuma em que se torção
 Na frente de um cachopo as crespas vagas,
 O seio era melhor que o teu, ó Cípria!
 Treze vezes floríra a primavera,
 Depois que aura vital gozava a Níssa,
 E já no mar, no eco, no mundo inteirô
 Das bellas todas triunfava a bella,
 E ais e louvores a seguião sempre.
 Nereo, chamando-a à funda gruta um dia,
 Assentou-a nos trémulos joelhos,
 Ao hombro lhe lançou paterna dextra,
 E beijando-a lhe dizia: — “Assaz he tempo,
 “Filha, de rematar da infancia os brincoz.
 “Tu conheces teu rosto, e não conheces
 “Que he preciso fugir á turba insana,
 “Que te rodeia, que te chama bella?
 “Crê tu nas cãs de um pai, de um pai no offêto:
 “Quanto mais suas fallas te agradarem,

“E mais seus modos lisongeiros vites,
 “Mais perfidos serão. Cabe a meus annos
 “Dar prudente conselho á tenra idade;
 “Perdoa-me, acantella-te a innocencia.
 “De meus delíus o lúbrico rebanho,
 “Desde hoje apascentar he teu cuidado:
 “Não conven à belleza ociosa vida.” —
 Disse, e poz-lhe na mão, como a pastora,
 Cajado de coral com ponta d’ouro;
 Entregou-lhe o rebanho, e conduzindo-a
 De seus mares a um placido retiro,
 — “Fica, pastora, aqui, lhe-disse o Velho,
 “Vir-te-hei ver muita vez.” — Rio-se, e deixou-a.

Alguns dias ali viveo contente
 Com seu rebanho a equorea pegureira.
 Ora entre as moulas dos coraes ramosos
 O levava a pazeer os braudos limos,
 Ora ao marinho cão deixando-o entregue,
 Ilia colher das perolas as conchas.

Uma tarde de Maio, quando aos braços
 De Thetis vio que o sol lha descendo,
 Quozou sair do fundo, e foi sentar-se
 A gozar do espectáculo dos bosques
 Na alegre entrada de uma verde gruta.
 Nas ondas por acaso então nadava
 Acis gentil de encantadores olhos:
 Vio-o, e visto, calou seu canto alegre;
 Sólia um suspiro, e se pertusba, e cõra.
 Do paternal preceito inda lembrada;
 Quer na gruta esconder-se até que parta
 Das ondas: o mancebo; eis se arrepende,

Já não quer occultar-se, e quer que a veja.
 D'entre o verde do mar o níveo corpo,
 Que os olhos cega, e o coração cativa,
 As proporções, a ligeireza, a graça,
 Com que agora se occulta, agora assoma,
 E em modos mil as posições varia,
 Tudo, tudo a delem. De quando em quando,
 Sem conhecer que o faz, se lhe aproxima;
 As tranças, que trazia ao vento soltas,
 Sem saber o porque, reparte e lança.
 Sôbre os hombros de neve, e cobre o seio:
 Consulta no mar lito a propria imagem;
 Quer mais bella tornar-se, e mais não pôde.

Cançado de banhar-se o Moço emtanto
 Vinha a praia ganhando: ella atustada
 Corre á gruta; ali cora, ali desmaia,
 Quando o mancebo, quando o pai lhe lembra:
 O bello nadador não tarda muito,
 Entra na gruta, onde largara as vestes...

Amigos, vós parais como esquecidos?
 Deixais que o lenho na corrente desça?
 Ah! voltaí ao trabalho; e por castigo
 Não ouvireis do alegre canto o resto.

Novo me inspira agora e-se murmúrio,
 Com que a Fonte das lagrimas se lança
 Da serpeada turzen ao rio aberto.

Junto á fresca matriz d'este ribeiro,
 Onde gozou em seculo remoto
 O mais ditoso par do amor os afimos,

Meu estro agora plácido voltêa
 Por entre os cedros, e os fereaes ciprestes;
 E ora ao lago pacífico se arroja,
 Ora da fonte nos penedos pouza.
 Convosco não existe o vosso amigo;
 Gira sóra d'aqui no sítio umbroso,
 La conversa co'n Musa, aprende, e canta
 Gratas histórias dos passados tempos.

Uma noite de Maio Inez formosa,
 Ao pallido clarão da argentea lua,
 Com seu Pedro fiel aqui vagava.
 De seu candido amor primeiro fructo,
 Lindo, qual dos Amores o mais lindo,
 Um tenro filho, que a sellar começa,
 Co'a pequenina mão á mãe seguro,
 A passos designaes a acompanhava.
 No dextro braço do gentil consorte
 O alvo braço despido entrelaçando,
 Languidamente a bella se apoiava.
 Traja da côr da neve, ornão-lhe as tranças
 Rúbidas rosas que reveste o musgo:
 Sob um véo raro e sôlto arfão dois peitos,
 Que estreme, que matiza, e que perfuma
 A flor, que he d'entre mil só digna d'elles,
 O amor perfeito em fresco ramalhete.
 Pelo silencio, e paz da noite amiga,
 Nos extasis de amor arrebatados,
 Ebríos ambos do nectar da ternura,
 Vagueando em seu ermo, respiravão
 Todo quento prazer nas almas cube.
 — “ Inez, dizia Pedro, olha estes cedros,
 “ Que doce murmurando agita o vento !

“ Olha as aguas do tanque, onde tão elora
 “ Se está dos Ceos a Lua reirntando!
 “ Ouve o rumor das ondas transparentes,
 “ Que vem brotando da cavada penha!
 “ Cara Inez... ah! calemo-nos; escuta
 “ O amante rouxiuol como gorgelia!
 “ Não o sentes mui proximo? quem sabe!
 “ Talvez que em teu jardim celebre agora
 “ Ao lado de uma esposa os seus prazeres:
 “ Se assim he, refinaí perfume, ó flores,
 “ E vós levai-lho, zefiros da noite,
 “ No instante em que Himeneo tem de ajuntal-os.
 “ O'milha Inez, não ser inda possível
 “ Confirmos á luz nossa ventura,
 “ Meu dizer, sou de Inez!... - N'isto o mancebo,
 Apertando a seu peito o braço d'ella,
 De beijos lhe inundava a mão tímida.
 Em silencio e evidosa a luda Castro
 Parava contemplando os ceos, o esposo,
 E unindo a regia dextra ao seio oppresso,
 Dava a resposta n'um fiel suspiro.
 — “ Oh! (dizia depois) que Deos contrario
 “ Ao terno amor, á candida innocencia,
 “ Por peito, ó doce encanto, a separar-nos?
 “ Quão melhor fôra haver nascido em elogas!
 “ Lá, tendo por imperio um só rebanho,
 “ Lãs por purpura, e flores por diadema,
 “ Pedro fôra pastor e Inez pastora.
 “ Teu solio quantas lagrimas nos custa!
 “ Mas se fosse teu solio um manso onteiro,
 “ Doel um parreiral firme em columnas
 “ Das que dão fruto e flor, saude, e agrados,
 “ Não corria em meus sonhos o remorso,

" Teu coração ninguém modisputára,
 " Não se encobrira o meu amor. . . — "Oh cessa,
 " Cessa! (Pedro lhe diz interrompendo-a): —
 " De que servem, querida, essas lembranças?
 " Se te adoro, que temes? se me adoras,
 " Que posso eu mais querer? Virtudes tantas,
 " Raras dons qu'es os ceos em ti resumem,
 " Não são para fazer na escuridade;
 " Dos reis, de teus avós te poem na estrada,
 " Para luzires nos correntos dias,
 " Como astro de bondade entre os humanos.
 " Gozemos do prazer. Olha esta noite
 " Como he formosa, minha luz; não tornes,
 " Eu te peço por mim, por ti, por esse
 " Fructo do nosso amor que te he tão caro,
 " Não tornes a acordar taes pensamentos.
 " Queres tu, minha amada, a curta noite
 " Dar emprego melhor, mais proprio d'ella?
 " O nsiento ao pé da fonte nos convida,
 " Vem-me, outra vez, cantar os magos versos,
 " Onde quasi exprimeste o enlevo d'ambos,
 " Quando a primeira vez nos vimos juntos
 " Tambem de noite, e n'esse sitio mesmo.

Disse, e Inez imprimindo-lhe nos labios
 Co'a meiga curta boea um longo beijo,
 — " Vamos, responde, apraz-me esse meu canto,
 " E agradecer-te, inda mais; partamos logo. —
 Diz, e ja leva no collo o seu filhinho.
 Forceja o pai fustar-lhe o doce pezo,
 Ella a ninguém o cede: — "O meu menino
 " He meu, lhe diz; quando eu tiver meninas,
 " Dar-tas-hei, desde ja chamma-lhe tuas;

“Pertence o filho à mãe, e ao pai a filha.,” —
 Sorriundo com ternura o ledo Amante,
 — “Ser-me-ha dado, lhe diz, que de teu filho
 “Ao menos colha uns beijos que me deve,
 “Ou hei de só com os teus ficar contente.,” —
 — “Se tos deve meu filho, eu vou pagar-tos.,”
 Inez responde, e lhe pagou mil beijos.

Chegados são aos bancos do rochedo.
 — “Ja do sol o calor inarreo na pedra;
 “Para assento, he mister ser estufada.
 “Não rias, o broendo hão de ser ramos;
 “Para a pastora Inez, nenhum mais proprio.,” —
 Voa ao proximo cedro, os ramos corta,
 Alastra-os sobre o marmore, e reclina
 O infantinho, que pôsta a lóbra fronte
 No maternal joelho, eis adormece.

Aborto no pritel delicioso,
 Não podendo parar nem desviar-se,
 Como homem, que formosa feiticeira
 Prende e agita n'um circulo encantado,
 Vaga o Príncipe á luz voluptuosa
 De luz por entre arvores. Desponta
 No ermo silencio o canto namorado!
 O suave da voz, o doce estílo,
 A musica tocante, a frase miúga.
 Alhêão-no de si, todo elle he fogo:
 Não conhece onde está, quem hu não sabe;
 No calos do prazer, em que se inebria,
 Só vê brilhar Inez, Inez só ouve;
 E qual se nunca em braços a apertára,
 E virgem melindrosa o cco benigno

Lha houvera ali chovido aquella noite,
 Arde e delira em solregos desejos.
 Já não sabe conter-se, o fim do canto
 Já não pode esperar; "O' minha, exclama,
 "O' minha. . . e sem findar, pois não encontra
 Nome que exprima o que lhe ferve na alma,
 Voa a abraça-la sem poder fallar-lhe;
 A voz com loucos beijos lhe interrompe,
 Quer dos lábios sorver-lhe os sons divinos:
 Mas ella rindo, e a boca desviando,
 Que a deixe terminar lhe pede a custo.
 — "Sim, acaba (responde), Inez, acaba. . ."
 E enquanto lia beijando o collo, o seio.
 Depois, como ante Nume, ajoelhando,
 Suspenso a contemplava espaço longo;
 E depois no regaço o rosto accoso
 Lhe punha, como em ninho de delicias,
 E no ceto esperar crescia o fogo.
 Só vós caladas arvores no emtanto
 A canção namornda ouvindo estaveis
 Da mui ditosa Inez! Como expirava
 A derradeira nota, estremecendo
 Acorda o moço, alvoraçado surge,
 E tomando á cantora a mão submisso,
 — "Vamos, lhe diz, a lua vai descendo,
 "O tático poente a chama ao sono:
 "Oh quão leve entre nós foge esta noite!
 "As auras pela relva estão dormindo,
 "Pendem co'a sono as arvores aos cumes,
 "Do largo tanque as aguas nem se encrespão.
 "O rouxinol que ha pouco gorgeara
 "Ja tambem se calou: sabes a causa? , —
 — "Talvez lhe empegue a voz, responde a bella,

“ Teimoso furto de continuos beijos. „ —
 — “ Não, não, responde o amante, agora occulto,
 “ Co’a doceil companheira em quente abrigo,
 “ Aperta o rouxinol de amor os laços.
 “ E nós Inez! ali toma o teu menino,
 “ Talvez não tarde a aurora, ao leito vamos,
 “ E do fresco da noite ali zombemos.

Emfim chegámos! c’o ligeiro impulso
 Bate a prau no enés, o lenho treme,
 Tremem com elle de seu tóldo as folhas.
 Salve ameno lugar, que as Gizaças pisão!
 Glória ao sacro arvoredor, que diffunde
 Sôbre a calma do vale a sombra fria!
 Glória ás auras, que prêzas n’este sítio,
 Das Driades por mão aos troncos d’ellas,
 Agitam com susurro a massa enorme
 Da folhagem suspensa! honra aos que brincão
 Puros raios do sol sôbre o terreno,
 Mal que um favonio lhes descobre a entrada!
 Eterno amor ás aves, que em seus ramos
 A vinda nossa a gorgear celebrão!
 Paz ao deserto, onde comosco as Musas,
 Esquecidas de Pimpla, se contentão
 De encher de alegres canticos os ares!

A’ festa, á festa! Reuni-vos todos,
 Vinde colliêr as fugitivas horas!
 Como vaga que passa, ou flôr que murcha,
 Para mais não voltar, se escoa o tempo.
 A’ festa, amigos! Oh! n’esta eminencia
 Eis já pronto um altar! ei-lo cingido
 Com largas fitas de pintadas flores!

Ante elle o cosmaninho, a murta, as rosas
 Te não curta distancia o chão lapizão;
 Heras, e lirios candidos o toldão:
 De heras e lirios adornai as fronteas.
 Ajoelhai: lá sobe a Divindade!
 Silencio! paz! . . . Retumbe pelos echos,
 Sem mistura de voz, o som das flautas.
 No coração, no espirito me chovem
 D'estro divino eléctricas centelhas.
 Já me sinto mudado em branco cisne!
 Cereai-me: eu vou cantar; calei-se os ventos!

Voa invisivel das Hemonias serras,
 Tu que no Xantho as aureas tranças lavas:
 E se he tua, qual Roma suppozera,
 Esta a melhor porção da floren quadra,
 Do cantor de teu mez protege a audacia.

D'entre os filhos da immensa eternidade,
 D'entre esses doze irmãos, que repartido
 Tem por sua influencia o anno inteiro,
 Maio foi sempre o mais gentil de todos:
 Qual dos cachos o Deus, e o Deus das setas,
 Goza brincando eterna mocidade.
 As Graças infantis, e a Formosura
 O creião nos ceos com o proprio leite.
 Mal que o mundo surgiu do horrendo cához,
 Veio formar-lhe os seus primeiros dias,
 E Maio foi da terra a freixa aurota.
 Em minos escondendo a magestade,
 He Maio o pai, e o rei da Natureza:
 Qual em soberba paço, anda nos bosques;
 Ou, qual em solio, vos outeiros verdes.

Se assenta, ao lado da risonha Flora,
 Compõe-lhe o seu cortejo Auras, Favonios,
 Que das plumas azues fragancia espargem
 Furtada lia pouco ás pudibundas rosas.
 Em seu reinado insolita doçura
 Exhala o canto dos volateis bandos,
 E canoro parece o bosque inteiro.
 Em seu reinado os prados florecentes
 Só curão de ostentar perfume e cores:
 E a Ninfa ás vezes longas horas fica
 A meditar na escolha dos ornatos.

Co'a folhagem densissima susurra
 O bosque annoso a celebrar-te, ó Maio;
 Susurra a celebrar-te o rio, a fonte.
 Com serena alegria o sol derrama
 Vasto oceano de luz no aereo espaço.
 A pompa da manhã, da tarde o brilho
 Tem não visto matiz d'ouro e de rosas,
 E côr de fogo sobre um ceo de leite.
 Toda patente a alobada de estrellas,
 Toda brilhante a prateada lua,
 Te dão, como as da Ílisio, alegres noites,
 De importuno calor desafrentadas,
 Chêias de encanto, da saudade amigas,
 Gratas a um tempo ao coração, e ao estro.
 Aqui, e ali os rouxinoes se executão
 Longas horas c'os echos porfiando.
 Gira, vaguêa pelas fracas trevas
 Dos pirilampus o lustroso bando:
 Reson em cada aldêa alguma frauta,
 E emtôrno d'ella as camponezas dançãõ:
 Bala no aprisco impaciente o gado

As poucas horas, que á manhã precedem,

Como he doce o teu mez, benigno Maio!
 Alegra-se o viandante ao ver nos campos
 Do verde trigo as trémulas searas -
 Iguaes a um vasto lago, onde os favonios,
 Nascidos inda ha pouco entre as florestas,
 Aprendem a encrestar as verdes aguas.
 Aquí a par de um campo, onde começa
 O milho a despontar, desprega aos ares
 Com vaidosa soberba altas bandeiras
 De outros milhos o exercito infinito.
 Ostentando riqueza alem menção,
 Entre a argentea folhagem pendurados
 Cachos de flor, os olivares fecundos.
 Os pomares de frutos se carregão,
 Que ja sem medo aos furacões, e ás chuvas,
 Com âniea a cûr, e a madureza esperão.
 As aves da manhã, quando revôão
 Com longo canto pela immensa altura,
 Se aprizem de os olhar; e ás vezes descem,
 E vem pouzar nos encurvados ramos,
 O futuro sustento ali festejão:
 Tal de annos once uma pequena virgem
 De adoradores mil se vê cercada;
 Bem que á sua belleza inda lhe faltem
 Terno expressivo olhar, globos de neve,
 Voluptuoso dezejo entre suspiros,
 Buscada enfeite, e graciosas fallas,
 Rodêão-na contudo, adivinhando
 Pelo botão fechada a flor aberta.

Mas, ó Maio, o teu mez não brilha esteril!

La se ergue o laranjal e' os frutos d'ouro;
 Decez limões, e' anborozas limas,
 D'entre a larga folhagem descobrindo
 A amarelhada tez e o forte aroma,
 Prendem sentidos convidando no ferto;
 Ri-se entre as mais a alegre cerejeira,
 Que ainda que no gosto a muitos ceilo,
 Mais que todas seduz co'as vivas bagas;
 A ginjaia com ella aposta encantos,
 Mas apenas gustada, a palina he sue;
 Iguaes a um coração em côr, em forma
 Os suaves morangos ja maduros,
 Contentes da humildade, estão dormindo
 No fresco seio da materna planta:
 D'ali, se vem um zefiro acorda-los,
 Ollão em roda as pampinosas vinhas;
 E vendo como os pequeninos cachos,
 Que a fronte cingem do celeste Bromio,
 E um dia gratos brilharião nas mesas
 Mudados no licor, que geta os risos,
 Do nativo terreno apenas se erguem,
 Zomibando riem da vaidosa audacia,
 Com que soment no ceo pomposo cume
 A'rvores tantas menos uteis que elles.
 Por toda a parte as desveladas hortas
 C'o verde alegre das crecidas plantas
 O snor do colono estão pagando;
 Sen terreno sulcado esta coberto
 De immensas produções, que vão nas mesas
 Ser preciso sustento, ou grato nimio,
 E ora entrar na choupana, ora nos Paços.

Em teus dias, ó Maio, as velas solta

Sem medo o nauta pelo vasto oceano,
 E olhando puro o ceo, de leite as ondas,
 A cujas furias escapou nadando,
 Sobre a pòpa da náo regendo o leme,
 Penia na esposa, nos filhinhos pensa;
 Prometteu-lhes voltar; nem já recela,
 Maio, fiado em ti, ser-lhes peijuro:
 Sobre a cana do leme encosta os braços,
 E ou sôlta em grande voz grosseiros versos,
 Ou costumada musica assobia
 Olhando a estrada do alvejante espuma,
 Que d'um e d'outro lado a prôa foga.
 Brinca nas águas, e ou se esconde, ou salta
 De vagos peixes prateada turba;
 Na verde superficie as Ninfas dançam,
 Da tarde noite nas caladas horas,
 Das estrellas á doce claridade.

Mas eu quero soltar mais altos vôos,
 Trazer ao mundo incognitas verdades.
 Em teus dias, ó Mnio, os Páffios bosques
 Virão nascer os trefegos Amores!
 N'um valle opaco, onde buscando o fresco
 Costumavas dormir entre mil flores,
 Lá teve a Deoza o seu secundo parto.
 Apenas sobre a attonita verdura
 Cipria depunha um pequenino alado,
 Logo o via nos ceos voar, sumir-se:
 Tul dos Amores o soberbo genio!
 Quando cangados de brincar nos ares,
 Um passatempo a terna Mãe pedião,
 Tu lhes foste ensinar pelas florestas
 A formar arcos de flexiveis ramos,

E despedir, sem nunca errar, seus golpes.
 Tu lhes mostraste os resinosos troncos,
 De que haviam formar brilhantes facho.
 Tu mesmo entre elles companheiro e mestre,
 Pelos campos as flores procuravas,
 Com que doces prizões tecer devião.

Tudo em teus dias no universo adora;
 O sexo, a idade, as condições não livião.
 Entre o rebanho, que amoroso bala,
 Amoroso pastor canta ou suspira;
 Ternas gorgêdo no nrvoredo as aves;
 Rugem ardendo de desejo as feras;
 Suspiros ouço as aivores, e nos ventos;
 Abrem o seio as vírgemzinhas flores,
 E Venus as fecunda, e mãis se tornão.
 Em cada gruta, em cada bosque as Ninfas
 Uma emboscada os Sátiros aprestão.
 Em bellezas mortaes emboscado,
 Canta em rustica voz novos amores
 C'roado de pinheiro o Deos da Arcadia,
 E ante a Ninfa gentil mudada em canas
 Pelas canas da flauta os sons varla
 Com ar alegre, que perjuro o torna-
 Sensível para o Sol se volta Clieie;
 O Sol na terra outras bellezas busca,
 E outras acha, que o peito lhe cativão,
 E fazem que mais tarde a Thetis desça.
 Entre os astros as Pléiades luzentes
 Uma saudade seus thalamos recordão:
 Junto d'ellas o Touro inda parece
 Mugir lembrado da formosa Europa.
 Mais placida resfulge a Cipria estrella;

Dissereis que saudosa indaga os sitios,
 Onde contigo, venturno Adonis,
 Passava as noites do formoso Maio:
 E quando foge, a Aurora se envergonha,
 E cora por voltar tão cedo ao mundo;
 Pois quem ha que não saiba os seus segredos?
 Quem de Cefalo a história não repete?
 Em cada tronco um disticho de amores,
 Ou dois nomes se lem, como enlaçados.
 Uja sombra, uma só não ha nos campos,
 Onde Amor não recorde, ou não prefere,
 Ou não veja presente uma vitoria.
 Foi, Maio, foi teu mez que do Rei das sombras
 Fez que deixasse o sempiterno cálio,
 Para roubar a encantadora esquivo,
 Do flóreo campo de Rima ornato, e Denza.
 Foi, Maio, foi teu mez que ouviu primeiro
 Diana a suspirar, arrepende-se
 De ser das virgens tutelar Deidade.

Graças ao teu poder, e ao teu influxo!
 És tu que a rir convidas gracioso
 Minerva um pouco a abandonar seus livros (*).
 Quem pôde resistir-te? enfim te cede,
 Toma-te pela mão, para que a levei
 A divagar em teus vistosos campos;
 O ar de meditação troca em agrados,
 E vê contente abandonar-lhe a corte

(*) Em Maio se poem o ponto aos Estudos da Universidade, que eu n'aquelles tempos cursava. Só es que por abl temporado, podem entender a luctação com que he recebido.

De teus alunos juvenil caterva,
 Que alvoraçada aos patrios lares vós.
 Sim, Maio, eu voarei aos patrios lares!
 Mas cuidas que jamais distancia ou tempo
 D'este dia a memoria hão de apagar-me?
 Não: onde quer que os fados me conduzão.
 Sempre te hei de cantar, sempre e' roado
 De teus altares me verás ministro:
 Mas d'esta sociedade, e d'estes brinços,
 Eo quanto a noite se adornar de estrellas,
 Nunca a lembrança volverei sem mágoa.

De generoso vinho enchei-me o copo,
 Que de mítica grinalda ornado quero.
 Imitai-me tambem. Por este, 6 Maio,
 Sunvissimo licor, pai da alegria,
 Por este, digo, cuja taça empunho,
 Juro ante o ceo, de teu altar em frente,
 Que um anno só não deixará meu estro
 De exaltar tua glória, e a minha amada,
 A Deosa tua mãe, a Primavera.
 Reformai-me outra vez a funda taça.
 Em honra a vós, formosas moradoras
 D'este ameno lugar, esta se esgote.

Aguardai, cabe agora o sacrificio;
 Vou-me a buscar a vítima, que a trouxe
 Occulta e préza do batel na pôpa.
 Eit-me, abri-me caminho! eu volto ás aras:
 Para a santa ablução trazei-me um vaso.
 Silencio! fallo ao Deos! — “Sejão-te acceitos
 A vida, e leve espirito do prezo
 Que vem n'esta gaiola, o qual eu vale

Por todos nós agora te dedico,
 E dedicado entrego ás livres Parcas.
 Digna lie de ti formoso ave formosa
 Como esta; pintasilgo ativo em canto,
 Garrido em cores, no brincar esperto,
 Mestre em tirar do cristalino poço
 Com o balde de avela sua bebida: —
 Outro melhor nunca girou nos bosques.
 D'esta estação n'um dos primeiros dias,
 Segundo o meu costume antes da aurora
 Saí a espiarecer nos campos verdes,
 Ouvir das aves os primeiros cantos,
 E aquetec-me sentado sobre a relva
 Ao primeiro calor do sol nascente.
 Banhei o rosto n'um remanso puro,
 Colhi as flores inda hu pouco abertas;
 E co'a mente serena, e possuido
 Do amor do campo, e dos campestres gostos,
 Voltei de novo ao lar. Junto á janella
 Por onde largo sol ja vinha entrando,
 Fui sentar-me a pascer em vãs delicias.
 Eu sonhava acordado! ah nos meus sonhos
 Não via mais que bosques e pastores,
 Rebanhos, fontes, rusticas choupanas!
 Dono me cria d'um torrao pequeno
 Mas pingue, de uma choga pequenina.
 Mas alva, entre nogueiras, rodeada
 De alvos cordeiros nedeos e alvas pombas.
 As que afoitando um rdo, esta avezinha
 Me entra por casa; ao seu gorgeio acôrdo,
 Pois junto a mim pouzava gorgeando.
 Ouves, Maio, este som, com que parece
 Approvar adejando o que te conto?

Ouves? repara bem : tal modulava
 Quando amoroso a vizitar-me veio.
 Ganhando confiança a pouco e pouco,
 Saltou-me para o hombro, e de improvizo
 Prezo se vio na minha mão fechado.
 Quiz debater-se, emvão; pidiu, carpio-se,
 O bom coraçãozinho lhe batia.
 Beijei-o, puz lhe mesa; o sem ventura
 Nada accellava, anciando só fugir-me. "
 " Conheces-me bem mal, pobre innocente,
 Lhe digo; essa gaiola he teu palacio.
 Não carcere; eu teu servo e não tirano.
 Servo e palacio um dia de experiencia
 Talvez tos faça amar: se não, prometto
 Abrir-te a porta e libertar-te os vãos. "
 A' janella da minha a estancia d'elle
 Penduro; os aureos grãos e a clara linfa,
 Cama fôra entre ramos floccentes,
 Vista de campo e céu por toda a parte,
 Mas livres um de açôr, outro de tiros,
 Manso, mansinho ás grades o affizerão:
 Comeo, bebo, canto. " Pois que tu cantas,
 Vatezinho silvestre, em nossa casa,
 Juntos e amigos ficaremos sempre.
 Tu serás de meus dias a harmonia,
 Eu tua providencia; a fonte e a messe
 Te virão procurar, dar-te-hei florestas
 La dentro em teus penates de cortiça,
 E porque logres tudo, mina consorte
 Virgem, bella, fagueira, e cujos filhos
 Serão só teus, e como tu formosos. "
 Desde então todo vive, e tanto nos mimos
 Se acostumou domesticos, e tanto

A amizade entendeo, que lhe abro a grade
 Fronteira aos ceos da aprora, aos bosques amplos,
 E nem bosques nem ceos lhe dizem - foga. -
 Da liberdade que lhe acena á porta
 Se despede cantando, e empoleirado,
 Reizinho em casa sua, a' mim e a ella
 Nos compara, e lhe diz: " Aquelle humano
 Deos foi que para mim creou taes ocios! ,,

" He esta, ó Mãe, a vittima que trago
 Ao sacrificio teu! perco um amigo!
 Com esta mimosissima grinalda
 De sensitiva lhe encundo o collo,
 Para sinal da dor que me comprime.
 Vamos, venha o punhal, que eu limpo o pranto.
 O' ceos! .. quanto me custa! He sacrilegio
 Qualquer demora mais: animo agora,
 Sandoso, coraçãõ! .. Venceste, ó Mãe!
 Venceste! consumou-se o sacrificio!
 O fio prêzo ao pé cortei de um golpe,
 Lancei-o no ar; vouu; nem ja o ouvimos.
 Foi rever seus antigos companheiros,
 Sua amada, seu bosque, e o seu alvergue.
 Oh! como será doce emtôrno no sócio
 Que julgárá perdido, apinhoadã
 P'npesar parabens a alada tribu!
 Oh tu lhes dize então do amigo o nome,
 Que vezes te brizei de mndrugada
 Por me acordares co' o suave canto,
 Para trocar o leite pelo grato
 Passcio da manha, d'onde trazia
 Para a tua gaiola hastes de flores.
 Ouvirá leda a ciposa a leda historia,

E a contará depois aos tenros filhos.
 Talvez que em men passeio inda algum dia,
 A festejar-me, em tôrno a mim se junte
 Chêa de gratidão toda a familia,
 Tu meu amigo, a tua esposa, e prole.

Dispersai-vos, bebei, cantai, amigos,
 Ride, e dangaí, porque invejoso o tempo,
 Co'as cãs na fronte, e o coração gelado,
 As horas do prazer furta nos mancebos!
 Mas ai de nós, que o perfido voando
 Já nos fugio' co'a encantadora tarde!

Desçamos ao batel: adeos ó Lapa,
 Adeos, fien-te em paz; e cedo espera
 Ver de novo juntar-se á sombra tua
 Da Natureza os candidos Amigos.
 Deixai as varas, gracejemos antes,
 Não cumpre trabalhar, para fugirmos
 De um bosque sacro a Maio, e sacro ás Musas!

FIM DO CANTO TRIZZEIRO.

A

FESTA DE MAIO

POEMETTO

CANTO II.

D'essa garrafa de cristal doirado
 Duas taças me enchei. Venha a primeira:
 Esta se esgote da amizade em honra.
 O' divino licor! se o puro nectar,
 Que Hebes formosa a Jove ministrava,
 Comtigo competir poderse no menos,
 Jove lhe perdoara o seu descuido,
 Nem dos bosques lílios arrebatado
 Ganimedes gentil voára aos Numes.

Dai-me, dai-me a segunda. Em honra agora
 Do celeste prazer, que nos encende,
 Este liquido fogo ao peito envio.
 Graças ás mãos, que á terra afortunada
 Deram em hora boa estas videiras!
 Graças a Baccho, ao protetor, que tanto
 Desvelo lhe prestou! Graças á turba
 De alegres raparigas, que levaram

Os cachos ao lagar em largos cestos!
 A vós mancebos rusticos e alegres,
 Que aos pés calcastes as cheirozas uvas!
 E a ti, lenho feliz, em cujo seio
 Os sagrados toneis se transportarão
 Desde os campos de Chipre aos campos nossos!
 Do eccleste perfume ébrias as Ninfas
 Te acompanharão na veloz carreira;
 Continuamente as velas te enlunarão
 Com halito propício os frescos ventos,
 Que lá brincavão pelas fertéis vinhas,
 Faceis eriendo, e colorindo as uvas:
 E o mesmo Baccho (eu não vos minto, amigos:
 Ah! dai-me a taça, os labios se me seccão);
 Baccho em pessoa, o vencedor das Indias,
 Invisivel na pópa revirava
 O leme director co'a mão divina.
 Dai-me á pressa outro copo: outro: mais cinco:
 Mais um que eu rote a Febo, e nove ás Musas.
 Sinto o meu coração desfeito em gôto!
 Ah! por piedade rodeai-me todos;
 Quando entre amigos bebo, um só não basta.
 Para me encher atropelados copos.
 A cada qual de vós uma saude
 Quero fazer; mais uma a cada Ninfa;
 Aos Numes todos, que na terra habitão,
 Aos Numes torlos, que dos ceos nos olhão,
 A todos que no Elisio nos esperão;
 Farei uma saude a cada voga,
 Que desde a Hermínea Serra (*) aos mares corre,

(*) Antigo nome da Serra de Estrella d'onde nasce o Mondego.

A'lua, a cada estrella, a quanto existe.
Do mais vivo prazer me volvo em braços!
Itio, e respiro magicas delicias!

Gelos, que em serras coronis as fontes,
D'onde as urnas, as Náíades inclinão
Para mandar-nos de tão longe as aguas,
Derretei-vos em subitas correntes:
Brami de roda dos Hermineos lagos,
Ventos da tempestade; as áltas nuvens
Reuní, condensai: retumba ao longe
O ronco do trovão pelas florestas,
E o monte enorme em seus abismos trema.
Tudo em chuveiros se desate o polo:
E cedo (oh! praza aos ceos!) e cedo o rio
Vença o leite, e com impeto revolva
Tropel ruidoso de espumosas vagas.
Sem poder contrastar-lhe a furia immensa,
Perto da margem sem poder ganha-la,
No escuro turbilhão de rijo iremos.
Quando a aurota assomar, já muito longe
Nos verá pelo Atlantico engolfados.
Do enfeitado batel voltando a prua
Contra as vagas nostras, candidas velas
Presentaremos ao ligeiro Boreas.
Em dia bonançoso, e mar de rosas
Iremos sem temor, cheos de assonhro,
Gozando entre as equoreas Divindades
Scenas de Maio no ceruleo campo.
Cedo veremos verdejando e rindo
O alto Cabo surgir na extrema ponta
Da Lusitana terra: erguendo aos nittos
A nautica celeuma, alvoraçados

Poremos no occidente o vago lema
 Para afrontarmos as Titóneas plagas.
 Entre o Barbaro solo, e o solo Hispano
 Passaremos cantando o Estreito, aonde
 As Colunas ergueo famoso Alcides.
 Pelos ventos Hesperios ajudados,
 Movendo assombro ás cézulas Nereidas,
 Cortaremos, voando, em poucos dias,
 Mediterraneo, tua longa estrada.

Nossos astros serão por entre as ondas
 O astro de Venus luminoso, e claro,
 Ariadne, a esposa do contente Bromio,
 E os Tiadáréos Irmãos, cuja concordia,
 Cujá amizade nos será de exemplo.
 Solo prenderá com mil cadêas
 Euro o nosso contrario: as verdes ondas,
 Ouvindo de Tritão troar o luzio,
 Sem furia, sem fragor do barco emtôrno,
 Chêas por cima de alrejante espuma,
 Saltarão quæes no prado os cordeirinhos.
 Que, meus amigos! receais procellas?
 Procellas contra nós! Assáz os Numes
 Nas almas sabem ler; nós demandâmos
 Chipre, votada aos candidos prazeres:
 Do vinho a Deozã, a Deozã dos amores,
 Os Numes da amizade, eis nossos astros;
 Que havemos de temer? Não, não lhe importa
 Que o ar, que o pego em furias se revolva:
 Por entre a serração, por entre a morte,
 Voaremos a rir de Chipre aos campos,
 Quæes na barca da Estige um dia iremos
 Dos lagos avernaes ao grato Elísio.

Não ha que recear. Dai-me outro copo ;
 Outro bebei, e ouvi-me. Amigos fados
 Da Ilha encantadora no melhor astio
 Nos hão de conduzir : - ja cuido vê-la !
 Um cães em meia lua, um cães não grande,
 Ja nos hospeda na conchiosa arca :
 Unidas penhas de elegante aspecto
 O anfiteatro deleitoso fórão :
 Todas se vestem de verdura, e flores,
 Todas tem fria gruta, ou doce fonte.
 D'estas fontes, que emtorno enchem os ares
 De um desigual, suavissimo murmúrio,
 Umas descem chovendo entre os penedos,
 Outras em larga enchente se arremeção,
 Sem o musgo occultar, de rocha em rocha,
 Té que as bacias espumosas saltão.
 Aqui um mirto, alem nma roseira
 Coron a entrada das pequenas grutas,
 Ou lhes forma seu tóldo, ou quasi as cobre.
 Por toda a parte melindrosos ninhos
 Se ouvem piar; por toda a parte adejão
 Co'o sustento no bico as ternas aves.
 D'esta folhagem se levanta o melro,
 E vai pouzar na proxima folhagem :
 Queixa-se n'uma gruta Philomela
 Quando Progne sentida eleva o canto.
 Prezos aos troncos Zéfiros murmúrio ;
 Auras, dos valles proximos correndo,
 Das invisiveis auras nos derramão
 Almos efluvios de cheirosas flores.
 Vede assentos, que a mão da Natureza
 Nos rochedos abriu, que a mão do Tempo
 Cobrio, amaciou com verde estofo ;

Aqui se tem as Ninfas assentado
 Pelas tardes de Maio muitas vezes,
 Para gozar os brincoz dos Amores,
 Que ora lutão na arêa, ora apostando,
 Se arrojo de mergulho nos verdes mares,
 E apparecem depois uadando e sindo.

Vamos: por esta parte o cães nos deixa
 Na Ilha penetrar: commoda entrada
 Nos off'rece este portico de murta.
 Deozes! que vamos vêr! Salve com vezes,
 Bosque sombrio, magestoso, immenso!
 Do desmedido Atlante a espada enorina
 Não, não he quem sustem o eterno Olimpo,
 E's tu, sagrado bosque; a vista humana
 Chegar não pôde a teus soberbos cumes!
 Serias, diluvios de ondeantes folhas
 Sôbre colunas mil, que o raio assustão,
 Se agitam sôbre nós. Longe, ó profanos!
 Voles, erremos pelas frescas trevas!
 Alem, se não me engano, o sol penetra.
 Corramos. Oh prazer! oh maravilha!
 Eis um retiro aos Numes consagrado,
 Incognito aos mortaes, de encantos fertil!
 Tu que vizitas cada dia o mundo,
 O' Sol, ¿que outro lugar no mundo encontras,
 Onde com mais prazer teus raios lances?
 Vede este prado, cujo fundo escondem
 De Hibleas flores animadas nuvens;
 Olhai sem guardador pingues rebanhos
 Livres saltando nos outeiros verdes:
 Vede encostas de pampinos cobertas;
 Fontes á sombra de arvores cogradas;

Jardins fechados de cheirosos muros
 De altos lilazes, de azarito e cedro;
 Tanques no meio, onde em repuxo aos ares
 Voão do bico de marmoreos cisnes
 Argenteadas linhas, que no ar se cruzão,
 Mil arcos, mil abobadas formando,
 E em fresca chuva vem mover os lagos!

Que ditoso paiz! não sei que sinto
 No meio agora d'estes sons campestres,
 Respirando balsamicos vapores,
 Em sacra habitação, entre os amigos,
 Longe dos homens, da innocencia ao lado!
 Abraçemo-nos. Sim: desde hoje unidos,
 Seremos d'este sítio os habitantes.

D'esse ribeiro na fecunda varzea,
 Ali, onde hospedagem graciosa
 Presta ás aves do ceo pequenâ selva;
 Ali, onde estendidos pela grama
 Junto as novilhas candidas, repouzão,
 Co'a cornigera fronte entre as papoulas,
 Mantos touros, que o jugo inda não virão,
 Ali se vos apraz; se apraz aos Deozes,
 Vamos pois construir nossas moradas.

Do Genio do lugar primeiro em honra
 Cumpre fazer as libações, e os votos;
 Venerar, depois d'isto, a turba agreste
 Das Ninfas do paiz; e culto, e nome
 Dar ás fontes, aos campos, e ás collinas
 D'estas gentis, incogaitas paragens.

Vede saías aqui, pinheiros, cliôpos;
 Abatci-os, tecei nossas cubanas.
 Rormemos uma aldêa: a cada alvergue
 Juntemos um jardim, que no fundo banhem
 Do claro rio as fugitivas aguas.

Não falte o culto ás sacras Divindades.
 A' obra, á obra! o templo se levante
 Nobre, proprio de nós, digno dos Deozes,
 Com paredes de cedro á luz vedadas.
 Deixemos a vaidade altas columnas,
 Cúpulas d'ouro, nobradas suspensas
 Em igeia altura da extensão dos ares;
 De trémula parreira um tétô basta.

Ponde no tópo o altar da Natureza,
 De nossa adoração primeiro objéto:
 Firmada sôbre um globo, como o nosso,
 Uma estatua gentil figure a Deoz,
 Virgem, bella, risonha, affavel, uno,
 Guardando lhe o pudor sendal ligeiro:
 Colar de flores lhe atavie o collo,
 C'roa de tintos lhe circunde a fronte,
 Diversos ramos as madeixas ornem:
 Tenha n'uma das mãos celeste chamma;
 Penda da outra, e por seguro fio,
 O Genio do prazer, que as azas bata
 Para voar-lhe ao cobigado seio:
 Cerquem-lhe o pedestal em turba inmensa
 Homens, feras, volateis, nadadores,
 E quanto emfim por seu influxo existe:
 Vojau-se á volta os poderosos Genios,
 Que a seu sabor os elementos movem,

Salamandras, Ondins, Silfos, e Gnomos.
 D'esta ara ao lado se verão pendentes
 As flautas nossas, pois lhe são votadas.

Sôbre outro altar a Deza de Cithêra,
 Não de marfim, nem marmore talhada,
 Mas de alva cera das abellhas nossas,
 Feita por nossas mãos encante a vista,
 Quero-a nua de todo: ao seio amime
 Entre os braços de neve o filho alado;
 E co'a ternura languida nos olhos,
 Como para o beijar lhe estenda os labiôs,
 Curta tornando, como a d'elle, a boca.
 As trez Irmãs de Amor pequenas, bellas,
 Como invejando do menino a sorte,
 Forcejem por trepar da Mãe ao collo,
 Enquanto o Irmão travêssô n'ir pretende
 Co'us delicadas mãos lança-las fora.
 Duas turbas de Amores apinhados
 Se ergão d'aqui d'ali: tenham por terra
 Os arcos, e os sarpões; na dextra empunhem
 Fachos, que hão de brilhar nos festos dias,
 Por nossas mãos com sacro-lumo accesos.

Defronte d'esta, na parede opposta,
 Outro brilha votado á Primavera.
 Ali se mostre a Deza, cuja veste
 Um manto seja de tecidas flores;
 De flores o toucado; a planta nua
 Sôbre fforeo torrão firmada alveje:
 Dura a seus pés o nurgero carneiro;
 O Maio, filho seu, tenha em seus braços,
 Igual em perfeições á Mãe formosa,

Alado como os Zéiros e Amores,
 Que os Amores, que os Zéiros mais lindo.
 Tenha na dextra um ramo florecente,
 Onde pouzem pintadas borboletas;
 No esquerdo braço um cabazinho grave,
 C'os doces frutos, que em seu mez se colhem,
 E a rir pareça á Deosa appresenta-los;
 Mas a Deozá, estendendo a mão de neve,
 Como que busque o grávido cestinho
 Tirar de sobre o seio, e onde elle o punha.
 De Favonios um bando se reparta
 Aos dois lados do altar, em cujas dextas
 Ponhamos bem fingidas cornucopias
 Cheias d'agua, onde flores se conservem.

Atrio cercado de sombrios lauros
 Haja na frente do sagrado alcaçar.
 Por trez frondosos porticos se passe
 Do templo ao atrio: em torno d'elle avultem,
 Dos loureiros á sombra, as Deozas nove,
 E o Nume protétor da equoren Delos.

Um de nós cada mez será por sorte
 Da sacra estancia o sacerdote, e o guarda.
 Ficarão a seu cargo os festos dias,
 Dos altares o culto, os hinos sacros,
 E a protecção dos ninhos melindrosos,
 Que as aves formarão do tecto em volta;
 Para que nunca violados sejam,
 Santa hospitalidade, os seus direitos.

Da nossa aldêa ás proximas campinas
 Daremos de cultura uteis desvelos.

Vertumno, e Ceres, e Pomona, e Flora
 Não de favorecer trabalhos nossos,
 E em sustento pagar nossas fadigas.

Ricas hortas, dulcíssimos pomares,
 Doiradas incens, pampinosas vinhas
 O celeiro commum nos terão cheio.
 Da ociosidade vã não será filha
 Nossa innocente e solida riqueza.
 Algum de nós ao trato dos rebanhos
 Seus cuidados dará: que importa o mundo?
 Vida de nossos pais! vida dos campos!
 Quem te nomcia humilde, e vergonhosa?
 Vive o pastor no seio da innocencia;
 No meio da pobreza he rico, e solga.
 Enquanto os grandes entre escravos gemem,
 Canta o pastor entre o rebanho, ou dorme,
 Piado em seu amigo, em seu raseiro:
 Nem ao menos que ha leis sabe nos campos.
 São seus dias cadêas de prazeres,
 E seus prazeres innocencia todos.
 Não cala seu amor, canta-o nos bosques
 Em alta voz, ou goza-lhe as delicias.
 Ao transmontar do sol vólta a seus lares;
 Conta á porta o rebanho, e junto ao fogo
 Vai co'a cêa frugal entre os amigos
 Restaurar o vigor para o trabalho.
 Repouza em paz sobre o macio feno
 Enquanto alguma luz no ceo não raia:
 Não ha cuidado, que lhe rompa o sono;
 Se acaso sonha, os sonhos não lhe perão,
 Pintão passados bens, ou bens futuros,
 E volta ao mesmo quando nasce a aurora.

Vergonhosa ésta vida ! ó desgraçados,
 Corai no meio das grandezas vossas :
 Se o pastor conhecesse o vosso estado,
 Nem de olhar-vos sequer, nem se dignava.

No regaço feliz da natureza,
 Ao lado da ventura, os dias nossos
 Serão a imagem dos doitados dias.
 Como os primeiros pais da especie humana,
 Viveremos frugaes entre a abundancia,
 Ricos sem pompa, sem vaidade sabios,
 Socegados sem leis, sem armas fortes.
 Hão de mil vezes os campestres Numes,
 E o sacro Povo, morador do Olimpo,
 Comprazer-se de olhar a nossa aldêa.
 Ao romper da manhã, ser lhes-ha doce
 Ver-nos todos sair dos proprios lares
 Co'a alegria na face: uns diligentes
 C'os instrumentos rusticos nas dextas.
 Ou seguindo seus bois, tornar-se aos campos;
 Outros guiando para os fertéis pastos
 Longa tropa lanigera balante.
 Ser-lhes-ha duce o ver como trabalham
 Todos no bem commun, sem que se esculam
 Do meu e teu os nomes perigosos.

Quando o gallo domestico na aldêa
 Saltar no melodia o canto agudo,
 Correremos á mesa: unidos todos
 De um bosque á umbrã nos calmosos tempos
 E junto ao fogo quando reine o frio,
 Não veremos diante a rica prata
 Com vivo resplendor cegando os olhos;

Nem donrados cristaes, nem porcelanas,
 Cujas loucas ambições furiosas arrasta
 Tantos loucos mortaes, dignos de pranto,
 D'entre os braços dos seus nos torcos mares;
 E em fragil pinho, que rodêa a morte,
 De longinquo paiz os leva aos portos.
 De facil construcção vermelho barro
 Fura nossa baixella; e cavos troncos
 Rundos, polidos, de jasmim c'ronados,
 Servir-nos hão de o rúbido salerno.

De nossas hortas vegetaes gostosos,
 Os teus dons, ó Pomona, e os teus, ó Ceres,
 O mel puro e doirado, e o branco leite
 Bastão assaz da Natureza aos filhos.

E que? algum de nós contra o que vive
 Ouzaria vibrar da morte a louce!
 O touro soffredor, cuja fereza
 Para servir-nos se abateo ao jugo;
 O topro, o nosso amigo, e o nosso escravo;
 Que sem ter parte alguma em nossos gostos
 Tomava parte nas fadigas nossas;
 Que armado pelas mãos da Natureza
 Podia, se quizesse, oppôr-se aos fracos,
 Que a paz, que a liberdade ouzão roubar-lhe,
 Depois de longo, aviltador serviço
 Deve . . . (oh pejo! oh furor! oh sacrilegio!)
 Cair ás mãos do barbaço assassino,
 Para quem só vivo! por quem mil vezes
 Coberto de suor, cheio de espuma,
 Co'a fronte baixa, sem mugir ao menos,
 Queimado pelo sol, até soffria

Duro, ferreo aguilhão se fraquejava!
 Qual ouz. ria ensanguentar a dextra
 Na mansa ovelha, da innocencia imagem;
 Que menpaz de offender, nunca rebelde
 Aos brados do pastor, seu proprio leite
 Entre seus filhos e elle repartia,
 E até para cobri-lo as lãs lhe dava!
 Lindos filhos do ar, ternos cantores,
 Que innocentes voais pelas florestas,
 Nos prazeres, no Amor gastando a vida,
 Filhos do ceo, modelos, que adoramos,
 Não temais habitar nos campos nossos.
 Se o aqor, se o falcão por estes sitios
 Passar alguma vez, vinde, eu vos peço,
 Vinde-vos esconder em nossos lares,
 Da vossa timidez sacra guarida:
 Se nos virdes passar nos sitios, onde
 Entre os ramos, á sombra vos agrada
 Divertir gorgendo a terna esposa,
 Que muda, e carinhosa esconde, e aquece
 Entre as azas seus filhos pipilando,
 Se nos virdes passar... oh! por piedade
 Não fujais, prosegui vossas cantigas;
 Sois como nós da Natureza filhas;
 A Mãe commum vos deu a liberdade,
 Sustenta-vos, bem como nos sustenta:
 Sois fracos, tanta basta; e nós não somos
 Nem tiranos, nem perfidos, nem baixos
 Para abusar da fôrça; he jus. terrivel!
 Se para vos matar compete no homem,
 Para o homem matar compete ao ligre.
 Não: vivei entre nós, como entre amigos:
 Somos todos irruíveis: arcs, e setas,

Redes, e visco, pascatempos torpes,
 Não usa quem adora a Nutreza:
 Serião entre nós nefandos crimes.

Se um dia á caça algum de nós (os Deozes
 Affastem para longe o agouro horrendo),
 Se um dia á caça algum de nós corresse;
 Coberto de suor, de sede extinto
 Prata aos cães que discorra os duros campos;
 Curve-o das armas o terrível pezo;
 Não nehe onde empregar da morte as furias;
 Seus proprios cães os membros lhe lacerem
 Té que as entranhas vis ao sol descubraõ,
 E rôto atrequeje o coração perverso:
 Semivivo, rugindo, ardendo em ruiva,
 Entre penedos se revolva, e espume,
 C'os olhos ja sem luz, cheos da morte,
 Pallido o rosto, ensanguentada a coima;
 Té que, mugindo em subitã voragem,
 Se rasgue a terra ao detestavel pezo,
 E ao fundo o arroje dos sulfureos lagos.
 E se o malvado consumir seu crime,
 Se as mãos tingir no sangue do innocente,
 O rio onde correr para lavá-las
 As ondas atropelle, e volte á fonte,
 Fique attonito o monstro, e o leito sêcco;
 E quando sôbre o fugo os miseraveis
 Membros pozer, que o sangue inda gotejão,
 Que inda tem no tremor de vida um resto,
 Chêas de horror e de piedade as chamas,
 Deixando intato o fúnebre cadaver,
 Com medonho estampido abandonando
 N'um momento seu lar, se ergão aos ares

Para chover no algóz, torna-lo em cinzas.

Mas vá longe de nós o quadro infame!
 Somos frugues, e simplices; e basta
 Olhar-nos para ver nossa virtude.
 Sim; que a lavrada seda, o oiro, as telas,
 E dos insanos cortezãos a pompa -
 Não nos ha de cubrir. No inverno algente,
 Contra os rigores da estação nublosa
 Usaremos da lã que nos revista,
 Sem que do artista a dextra insultadora
 Lhe desfigure a côr, lhe mude o aspêto:
 Se no outôno reinar do inverno o srão
 Voltaremos à lã: na primavera
 Basta o candido linho: emfim no estio,
 (Deixe-me em paz, ou seus ouvidos serpe
 Quem no corruto coração fomenta
 De prejuizos vãos enterva impura!)
 No estio, amigos meus, com vosco fallo,
 Seremos todos nus: rião-se embora
 Os perversos, que ao vício costumados,
 Até na natureza encontram vício.
 Sim, andaremos nus; nus se mostrarão
 Os pais, e as mãis do mundo em tempos d'ouro,
 Nus vaguêdo da America nos bosques
 Da Natureza não corrutos filhos,
 Nem os tinga o rubor, a côr do pejo,
 Que o pejo nasce se a innocencia morre:
 A Innocencia, a Verdade, as Graças bellas
 Pintão-se nus: nus pelos bosques
 Errão as Ninfas: d'entre as ondas nua
 Venus safo de encantos rodeada:
 Seu Filho, qual nasceo, se mostra ainda:

E todos nós, dizei, como nascemos?
 Quando, depois de trabalhosas dores,
 Nos cingem nossas inúis aos ternos peitos,
 Tecidas vestes sobre nós encontrão?
 Não: se o tempo o exigir cubra-se o corpo;
 Se o tempo não requer, porque insensatos,
 Vãos, inúteis incommodos buscâmos?

Prazeres me pedis, dou-vos prazeres:
 A musica suave, a dança, os versos,
 Dos bons ditos o sal, carreiras, lutas,
 Tecer grinaldas de campestres flores,
 Fresco, e murmúrio de favonios, e aguas,
 Os ternos sons de aligeros cantores,
 Da natureza o estudo, as graças d'ella,
 As formosas manhãs, as bellas tardes.
 Vamos navegar pelo ribeiro
 N'este mesmo batel; a branca lua
 Deante nos irá para guiar-nos:
 Os ventos dormirão pelosouteiros:
 De um, d'outro lado as arvores ao longo
 Das socegadas margens, docemente
 Se ouvirão susurar de quando em quando:
 O astro da noite ledo e scintillante
 Se verá na corrente em longa estrada:
 Echos repetirão nossas cantigas:
 D'entre um cannival a Filomela
 Se ouvirá gorgendo convidar-nos:
 Com mil olhos de luz o ceo da noite
 He yet nossa alegria ha de alegrar-se.
 Alguem campestre Fauno, que aturdindo
 Com voz imensa a silenciosa margem,
 Seus amores contar da fonte ás Ninfas,

O canto estrugidor alguns momentos
 Suspenderá, de osombro arrebatado.
 Se tivermos calor volta-se a proa
 Sobre uma ilha de vermelha areia,
 E encalhando o batel salta-se ás ondas:
 N'uma noite encalmada um banho fresco
 Nos consola, e refaz: ali se julga
 Acima estar da natureza o homem;
 Vive em novo elemento, em cujo seio
 Revestido se crê de essencia nova.
 Ao brando frio os membros pouco a pouco
 Se conformão, se offazem, se contentão;
 Dissipa-se o tremor, e a voz ancinda
 Um momento depois se resserena.
 Todo o vivo prazer então começa:
 Ora apraz o nadar contra a corrente,
 Ora girar nas aguas escondido,
 Ou c'os olhos na lua ir descançado
 Em parte occulto, em parte descoberto,
 De costas, ao som d'agua, escorregando.
 De quando em quando um toma pé no fundo,
 Assemelhando o busto de uma estatua
 De marmore polido, que se eleva
 Fronteira á lua, u solitaria brilha;
 Os companheiros de redor o cercão,
 E com muito clamor sobre elle atirão
 C'as plantas, e c'as mãos ondas sobre ondas.
 Elle grita, elle ri, jura, e promette
 De os punir, de vingar-se; então se arroja
 A's ondas outra vez, e os segue, e os urge,
 Chove sobre elles desmedidas vagas.
 C'o festival combate o rio ferve,
 Perturba-se a corrente, os echos bradão,

Oh como he doce um banho entre mancebos !
 Um ri contando uma engraçada história,
 Outro grita, outro canta, e todos folgam.
 No fundo desigual talvez se encontre
 Dormindo alguma Náíade entre as conchas:
 Sois mortaes? e que importa! humano he Paris,
 He Páris um pastor, goza entretanto
 Ternos abraços da immortal Enone,
 Que deixa por goza-lo a propria fonte,
 E vem sentar-se entre um rebanho humilde:
 E ai de vós, se das Ninfas não moverdes
 Os puros corações para a ternura!
 Mulheres não as ha nos campos nossos,
 E vazia de amor a vida he nada.
 Redobrai a attenção, pois deavo agora
 Follar em baixa voz, porque reccio
 Que as formosas Mondágides me escutem?

O mesmo coração, desejos, gostos,
 Que tem nossas mortaes no peito occultos,
 Tem as Ninfas tambem: de exemplos quantos
 Se não póde cingir esta verdade!
 Sobre as aras de Amor todas off'recem:
 Os ais do adorador nenhuma offendem,
 Comprazem-se de ouvir que as chamão bellas;
 E a gloria prezão de enxugar o pranto,
 O pranto que ellas sós nos arrancarão.
 Se nos ouvem crueis, se esquivas fogem,
 He porque insana lei de atroz costume
 Lhes ordena o fugir, lhes insinua
 Que he delito em seu sexo a natureza;
 Mas contra a natureza emvão combatem
 De cega educação fataes abusos!

A m'ãi universal ou cedo ou tarde
 Vence, triunfa, e no triunfo leva
 O sexo encantador já inaniado.
 Todas oppõe sabida resistenzia,
 Mas cumpre não ceder: por nós combatem
 Seu mesmo coração e a natureza,
 Que auxilio inellicaz jamais nos forão.
 ; E não sabeis que emquanto desdenhosas
 De nossos ais parecem offendidas,
 Quaes se as mordesse venenosa serpe,
 Tremem, recêdo que ao temor cedunias,
 E frouxa timidez nos furte as armas?
 Toda que ostentem ríspida esquivança,
 Agrada-lhes a guerri, e occultos votos
 Fazem a Amor para ficar vencidas.
 Implorar-lhes perdão he ultraja-las;
 Contra ellas ser audaz he ser-lhes caro,
 He dar-lhes bens, poupando-lhe a vergonha.
 Mas a regra primeira, a grande, e tudo
 Entre as regras de amor, he o artificio.
 He vasta a gradação de sentimentos
 Da innocencia à ternura. Em cume altivo
 De alta montanha, cujo aspêto assoninha,
 Tem seu templo a Ternura, onde cercada
 Das Graças, dos Prazeres, dos Amores,
 Encanta os corações benigna Venus:
 He forçoso galgar toda a montanha,
 Subir de rocha em rocha, e p'riço em p'riço
 Para se entrar no deleitoso alcaçar.
 Quem pretender poupar um passo ao menos,
 Quem saltar pretender, perde o já ganho,
 Para mais não surgir haquêda em terra.
 Amor azas não tem, como se pinta;

A curtos passos, devagar só anda.

Começaremos offertando ás Ninfas
 Sobre altares campestres, levantados
 Das arvores á sombra, ao pé das fontes,
 Ou nas grutas do fresco, ou sobre outeiros,
 Festões, grinaldas, passarinhos, frutos,
 E capellas de búzio e de conchas,
 Mais brilhantes, mais bellas do que o Iris.
 Formaremos cantigas, em que nós echos
 Dos campos, entre a lida repitamos
 As perfeições, os méritos, os nomes
 Das Napeas, das Dríades formosas,
 Hamadriades, Naiades, e quantas
 Filhas da Natureza a terra habitão,
 Para formar com dextra occulta e sábia
 Do rústico o prazer, do vate o encanto.
 Isto, e a nossa virtude, e a vida nossa
 Laboriosa, honrada, alegre, e quasi
 Igual á vida dos campestres Deozes,
 Disponô para nós seu terno peito.
 Talvez que pouco a pouco minorado
 O casto susto de encontrar humanos,
 Não fujão de mostrar-se a seus cantores.
 Se eu desenganar junto de um cedro antigo,
 Ou de uma faia, ou reclinar a fronte
 Sobre a raiz em parte descoberta
 De uma oliveira, ou castanheiro antigo,
 Darei graças á Dríade, que habita
 No tronco benfiteior, que me faz sombra;
 E d'elle a amavel Dríade unido
 Virá sentar-se ao lado meu na relva.

Depois que pouco e pouco transformado
 Se houver em confiança o pejo, o susto,
 Mudaremos de estilo: em nossos versos,
 E só, e de continuo a formosura
 Em fogo nos porá do estro as neas.
 Não do sorrir-se e comprazer-te, e muitas
 Suspenderão em teu caminho os passos.
 Hei lei sem excepção; domina em todas
 A sede, a gloria de chamar-se bellas.
 Mas bellas tão somente heis de chama-las,
 Sem falar-lhes de amar: depois de effeitas
 A ouvir a narração de seus encantos,
 Dizei-lhes que por certo as rochas mesmas,
 Os troncos, e o cristal das frias aguas
 Ardem cativos de bellezas tantas;
 Que o sol com mais prazer detem seus olhos
 Nos campos d'ellas, só por ver seus rostos.
 Se virdes que um sorriso gracioso
 Vos recompensa o canto, nudacin, amigos!
 Avante um passo, e n'este passo cumpre
 O segredo buscar. Desde esse instante
 Não lhes falleis deante das mais Ninfas;
 Buscai até que os socios vos não ouçam.

Suppõe tu, caro António, encontrar-te
 (Esta supposição perdoa Aleippe)
 N'um bosque solitario, onde vagueia
 Quem te faz delirar em novo incendio.
 Se ella está pensativa, “ Oh venturoso
 O objecto, lhe dirás, em que te occupa
 Tua imaginação, formosa Ninfa!
 Se eu o fosse! . . ai de mim! porque revolve
 Loucas esp'ranças, se chorar só devo? ”

Se a vires sôbre o espelho da cascata
 Com brancas toas concertando as tranças,
 Qual sêbra o teu ribeiro o for Alcippe,
 “ Feliz minha das mimosas flores,
 Feliz rosa, dirás, ainda que perdes
 Ao pé das graças d’ella as graças tuas! „
 Se pizer sobre o seio as melindrosas
 Roxas flores do amor, dirás: “ Que inveja!
 Por ver vós um momento eu dera a vida! „
 Mas isto em meia voz, para que julgue
 Que não he por te ouvir que assim fallaste.
 Não se irritou? prosegue, e de mais perto,
 “ Permite-me, (dirás com ar ingenuo,
 Chêo de timidos) permite, ó Ninfas,
 Que eu te torne mais bella, e te componha
 Estas flores, que um pouco se demandão. „
 Se ella o permite, a occasião não percas:
 Se ella hesita e se cala, não recusa;
 Compõe-lhe o ornato no formoso seio,
 E sorrindo, lhe dize: “ Alguem no mundo
 Existe que não ame as proprias obras?
 E’sta obra, que’lndeî, me agrada tanto! . . „
 N’isto beijá-lho o seio, e deixa as flores.
 D’aquí avante o mar he ja tranquillo,
 Propício o vento, e mui vizinho o porto:
 Já de piloto o lenho não carece;
 Quanto offerece amor tudo he ja vosso.

Já vejo sôbre os ceos dos nossos campos
 Todo o dia brincando em roseo coche
 Pelas pombas tirada a amavel Cípria:
 Coroadas de louro, ei-la contente
 Entre palmas, que sombra lhe deramão!

Ei-la por toda a parte succedendo
 Do misterioso cinto encantos, gostos, e delicias,
 Delicias, tudo umfim que obriga a Jove a lançar
 Mudado em branco cisne; ou a fôr d'oito,
 A trocar pela terra o sacro Olimpo
 Desde então mais ditosa he nossa aldeia,
 Mais risinhos sens. bellos arrabaldes;
 Ha mysterios de amor em qualquer gruta,
 Em qualquer solidão brincão prazeres.

Eis os frutos de amor, que desabrochão!
 Ja os vejo das bellas entre os braços,
 Qual pequeno botão nascido a penas
 Da rosa ja perfeita ao lado brilhã.
 Ei-las co'o proprio leite a sustenta-las;
 Tacs como descreveo nos magos versos
 Francilla, Alusa de meu patria rio;
 A doce amiga sustentando o filho
 Igual a *Venus* com. Amor nas brocas.
 Eu as vejo, depois de afagos ternos,
 Soltar de si os cintos azulados,
 Em dois troncos prender as poitas ambas,
 Abri-las, deitar dentro entre mil flores,
 Depois de o ter beijado, o tenro infante,
 Para ser dos favonios embalado.
 Eu as vejo nos troncos encostar-se
 Co'as mãos na face, e os olhos no innocente,
 Juntando nos sons das aves em seu ninho
 Ternos cantos, que os filhos ndormição.

Ja co'a turba infantil recorre a aldeia:
 Succedeir ao silencio alegres brincos,
 Gostosos passatempos se preparam,

De nossos bens o número se aumenta.
 Vai crescendo em razão, crescendo em força
 Esta plebe feliz, que os Cíprios valles
 Como os Amores, como as Girças, honra.
 Criados longe do tropel das cidades,
 Puros no coração, que ninguém busca
 Semear de illusões, de prejuizos,
 Educados na paz, sem ver tiranos,
 Sem ouvir discorrer pedantes sabios,
 Té das Sciências ignorando os nomes,
 Terão destinos, que excedendo os nossos,
 Não hajão que invejar os puros dias,
 Que cegamente se nomeão d'ouro.
 D'ouro! ai d'elles se o ouro então se visse!
 Mais nocivo que o ferro, a temfazeja
 Terra o sumio nas maternaes entranhas,
 Sôbre leitos de pallido veneno.
 Quando o Genio do mal o trouxe ao dia,
 Chêns de azombro, de tropel correndo,
 Fugirão co'a Justiça almas Virtudes;
 E pelas fundas minas, que o guardavão,
 Surgio do patrio inferno a perseguir-nos
 Chusma de Vicios, e raivosas Furias,
 Que os Vicios inspirando, os Vicios punem.
 Se alguma vez os descendentes nossos,
 Quando a terra pacificos romperem,
 Encontrarem com ouro, um grito soltem;
 A aldêa se reuna ardendo em raiva,
 Qual se dos bosques sérvido saísse,
 Igual ao raio, o bruto d'Erinantho;
 E o pallido fulgor da nua infesta
 Vão longe sepultar nos verdes mares.
 " Monstro contrario a nós, e devorado

Pelo monstro do mar, que em furia vences ;
 Dirão todos em chusuna; e socegados
 Tornarão a lavar seus fertéis campos.

Que idea pelo espirito me adeja
 Chêa de luz, de encantos rodeada !
 Já vejo pelas ares sciutillando
 Os sachos de Himeneo. Já pelas ruas
 Vestidos de alvo linho, e coroados
 De fresca mangarona os moços correm,
 “ O’Himeneo! Vem Himeneo! ”, gritando.
 “ O’Himeneo! Vem Himeneo! ”, respondem
 Os campos d’echo em echo; e pelas casas,
 Chêas de gôsto, e de esperança as virgens
 “ Vem Himeneo, o Himeneo! ”, repetem.
 As ruas de verdura estão juncadas,
 Listões de flores coroando as portas
 Enchem os ares de composto cheiro:
 E os meninos, que as canções não precebem
 Do confuso prazer, vão transportados
 Correndo em chusmas, e batendo as palmas,
 Gritando, “ O’ Himeneo! ”, Lá deacc, e pouca
 O Nume sobre o altar da Cípria Deozn!
 O venturoso par lá vai sobindo
 Por entre a multidão, que attenta o mede.
 Lá chega ao sítio destinado aos votos.
 Sacerdotes não ha: da aldêa os velhos
 Os cercão de redor. Lá se abraçarão! . . .
 He cunho o voto seu. “ Junco adorar-te
 Enquanto o doce amor tiver no peito ”,
 Unindo o seio no seio, e face á face,
 Depois se beijarão por largo tempo;
 E o Nume da alliança, o carinhoso

Filho de Urania os cingirá dos mistos,
Que de Venus, e Amor as fronte unirão.
Depois alguma de nós se erga e'roado,
Para fallar d'êsta maneira ao povo.

« Nasceo Amor para contentar os homens,
Não para ser dos corações tirano.
Menino ama o brincar, e quer ser livre.
Cura o tempo as feridas que elle fôrma:
Depois de alto clarão, que cega os olhos,
Seu facho, pouco e pouco enfraquecendo,
Vem por fim a apagar-se: a Natureza,
Nada produz que não succumba á morte.
Os annues, as flores, os arbustos
Tem curta duração: vai manso, e manso
O tempo destruindo altas montanhas,
Gasta-se o escolho c'o bater das ondas,
Succede a lua ao sol, á noite o dia,
Uma estação parece, outra renasce:
Tudo he mortal na terra, e mais que tudo
As humanas paixões insulta a morte:
Succede ao riso o pranto; á dor prazeres;
Ao odio amor; ao terno amor a raiva.
Eu vi inoraes affeitos n'um só dia
Nascer e terminar, qual nasce e morre
N'um só dia de abril a rubra rosa.
Ditoso par! amai-vos extremos
Enquanto a natureza vos consinta,
E oxalá que o consinta em largos annos!
E oxalá que de vós o que entre os mortos
Primeiro descançar, sinta regadas
Pelos olhos do sócio as mudas cinzas.
Feliz quem n'um só fogo arde constante;

Feliz, mas raro como os negros cisnes!
 E ha loucos, e ha perversos, que ante as aras
 Juram guardar uma constancia eterna!
 Cegos, que a natureza desconhecem,
 Ou zombão d'ella escarnecendo os votos.
 Jurão-se amar sem fim, e ou tarde ou cedo,
 Sem fim, e sem remorsos se detestão!
 Jurão-se amar sem fim! Mal que resoa
 Debaixo das abobadas o voto,
 Calcando o arco nos pés com ar maligno.
 O pobre Amor retira-se chorando
 Desta afronta cruel; pois sua glória,
 Seu prazer, e seu timbre he ser volúvel.
 Crepitando em faiscas derradeiras
 Se apaga o facho, que debalde agita,
 E em tórno espalha venenoso fumo,
 Fumo, que obriga a lágrimas eternas.
 Entre pios e agouros desgraçados,
 Ao leito nupcial os acompanha
 Entre alegre e assustada a meiga Venus,
 Co'as serpes do cabello desgrentadas,
 Mas inda sem silvar, detraz os segue
 Impaciente a rabida Discórdia.
 De flores se coroa a lula mesa,
 Voão-lhe em roda as graças, e o salerno,
 E riso, e confusão de enenatos chên.
 Mas ah! cedo os pezares, e os suspiros,
 A desesperação, e as vão querellas,
 E a desordem, e as lágrimas rodêão
 Os lares do prazer; a scena infausa
 Não rara vez negro punhal termina,
 A viuvez, o luto envolve o leito!
 Mas vós, ditoso par, vós, enjos labios,

Não proferirão temerário voto,
 Polgai, vivei nos braços da ternura,
 Melindrosa ternura, que não morre
 Se lhe não lanção vergonhoso jugo.
 Para amar-vos fideis por largo tempo
 Sede amáveis, ou sede virtuosos
 Porque a doce virtude he sempre amavel.
 Se o fogo se acabar, voltaí no templo,
 A prender novo objeto em novos laços. „

Ouvindo este discurso o povo inteiro
 O applaude em baixa voz, e a Mãe das Graças
 Se canta o hino, que remata a festa.
 O resto d'este dia he dado aos jogos,
 Gasta-se a noite á roda das fogueiras
 Em musicas e em danças variadas.

Engano-me, ou queixosa a Natureza
 Escuto suspirar! não, não me engano!
 Ella suspira, e pede-nos vingança
 D'outra injustiça, que lhe faz o mundo.
 Ouvi, e concordai: sabeis que muito
 Em número nos vence o amavel sexo.
 Se a Mãe universal não gera um ente,
 Que não consagre a amor; e a lei sagrada,
 Que obriga a propagar a propria especie,
 He lei universal, que abrange a todos,
 „Com que jus, por que horrenda tirania
 Privadas d'Himeneo suspirão tantas?
 Não: cada esposa esposos enumere,
 Té que uma só sem thalamo não fique:
 Todas d'est'arte viverão contentes;
 A honra de ser mãe pertence a todas:

Cresce a aldeia, não brada a Natureza;
 Infamadas não são as que progridão
 Os prazeres de amar, de ser amados:
 Não se ouvirá que um barbaro veneno
 Dera a mãe a seu filho inda no ventre:
 Ou que um ferren punhal, ou laço infame
 Logo ao nascer lhe terminara os dias:
 Nem Venus cotaria vendo offertar-se
 De leonum venal corruptos minios.

Quão bellos correrão nossos momentos,
 Longo, e tão longe dos polidos povos!
 Quasi Numes na vida encantadora,
 Até na duração quasi seremos
 Rivres do povo habitador do Elisio.
 O fio d'ouro da existência nossa
 Inteiro volverão no fuso as Parcas.
 Com pé tardio a inevitavel Deoz,
 Que o Mundo despova, e bebe o planto,
 E acompaña a saudade entre os ciprestes,
 Sem terror, e sem foute, e até sorrindo,
 Sem que a precedão tens fataes ministros,
 Nos levata de nuzo e a curtos paços,
 Coroados de rês para o sepulero.
 Mas, amigos, quem sabe? as Cíprins Ninfas,
 Se o fado o não tolher, talvez nos mostrem
 A verde planta, que ao cerúleo reino
 Deo mais um Nume, transformando a Glauco.
 Semideozes erão, nos tornatenios
 De nossa aldeia os sacros protectores!
 Mas não: a lei da morte he lei terrivel,
 Que rara vez os Numes quebranturão.

He forçoso morrer! . . . Longe os temores!
 He forçoso morrer, morra-se embora.
 Não faltaráo dulcíssimos transportes,
 Prazeres o ternura ao lance extremo!
 Sôbre o funereo leito o moribundo,
 Já sem cor, já sem força, e quasi extinta
 Em seus olhos a luz, e a voz nos labios,
 Erguendo a fraca dextra acena, e chama
 Cadaum junto a si; vai despedir-se
 Para o sono sem fim! Sôbre as heranças
 Que lia de recomendar se não tem nada?
 Nada excêto a virtude, e os instrumentos
 Com que a terra lavrar. Sua cabana
 Vai ter outro senhor; as flores suas
 Implorão no jardim desde este instante
 D'outro cultor a próvida tutela:
 D'outro, sim; cuja mão todos os dias
 Irá de madrugada aos sacros manes,
 Pendurar sôbre o tumulto orvalhado
 Uma grinalda de orvalhadas flores.

Elle abre inda uma vez seus frouxos olhos,
 Onde começa a derramar-se a noite,
 E de seus labios tremidos, por onde
 Já põe a occulta morte a mão gelada,
 Sôta chêo de affêto a voz, que expira,
 E seus amigos, e seus filhos chama:
 Os seus amigos mudamente o cercão,
 E não mostrar-lhe as lágrimas procurão:
 A luz da tibia lampada contemplão
 Quanto a hora fatal já se aproxima.
 E seus pobres filhinhos entretanto
 N'am canto da cabana estão sentados;

Dos amigos no gesto, e nas maneiras
 Ler seu destino impaciente buscão,
 E attonitos, e tristes nem se atrevem
 A fallar, a fazer qualquer pergunta,
 Porque os não lancem d'este sítio fóra:
 Mas olhão-se entre si co'um ar tão meigo,
 Lastimoso, innocente, que podéra
 Desfazer de piedade a própria morte,
 Se o fado não contasse os nossos dias.
 Seu Pai, que os adorou, quer inda vê-los,
 Lançar-lhes a sagrada, última benção,
 Ver seu pranto, gozar dos seus afagos,
 Quer chama-los. A voz faltou de todo!
 E deixando cair de lado o rosto,
 Solto da vida o derradeiro arranco.

Ao profundo silencio altos clamores
 Succedem n'um momento; e o pranto, e os gritos
 Por toda a parte na cabana soão.
 Os meninos confusos se levantão,
 Ouvem a nova, attenção no cadaver:
 Ourigado o cabello, o sangue frio,
 Pallido o rosto, e vacillante o passo,
 Fogem para o jardim, por onde os segue
 A imagem de seu Pai, no susto envolta.
 Qual o virão ha pouco, o tem consigo!
 Dos parceiros as sombras os perturbão,
 Vem nos troncos das árvores fantasmas.
 Vão buscar o luar do rio á borda;
 Mas lembião-se que ali todas as noites
 Passavão com elle: ésta lembrança
 Os torna a perseguir; e em tudo encontrão
 De um Pai tão caro o aspeito, que os assust

Pela aldeia se espalha a infesta novação
 E parece que a morte em cada casa
 Arvorara um troço! Domina em todos
 A dor, que se desfaz em pranto e gritos!
 Dir-se-hia que furioso, insuperavel,
 Hia de tétos em tétos um vasto incendio.
 Depois que um pouco em lúgubres transportes
 A dor se evaporou, por toda a parte
 Soão louvores do chorado amigo.
 Cada um lhe encarece uma virtude,
 E de cada virtude exemplos contão.

O Justo dorme em paz: mas entretanto
 Ninguém dorme na aldeia. Ouvio-se o gallo
 Cantar, quando expirou da noite em meio:
 Torna o gallo a cantar na madrugada;
 E em contínua vigilia discorrêrão
 As longas horas, que a manhã precedem!
 Torna o gallo a cantar na madrugada,
 A aurora quer nascer; enchem-se os ares
 De uma luz, que ao luar excede um pouco.
 Do ninho suspendido em nossos tétos
 A andorinha já sãe: vôa cantando
 De frente agora das janelas nossas
 Para nos saudar, pois entre o dia.
 Já dos ceos pelos flúidos espaços
 Circula a cotovia, que não cança
 No longo canto, ou desmedido vôo:
 Já o rumor das arvores e fontes,
 Que da noite na paz costuma ouvir-se,
 Vai fugindo com as trémulas estrellas;
 Torna a alegria ao mundo, e ao campo as cores:
 Mas a alegria d'entre nós he longe,

O: campos todos para nós tem luto.
 Já se ouvem reoar da aldea as portas,
 Já sae, já se reune o povo inteiro.
 O ar da meditação domina em todos,
 Todos trazem de pranto, cociadas
 As recentes grinaldas, que toedão.

Em plantas aromaticas envolto,
 Do alvergue, ha pouco seu, la vem saindo
 O deplorado amigo: ao caro pèro
 Submettem qualro os hombros vigorosos.
 Bençãos, bençãos ao Justo, em cujo aspèto
 Por entre a pallidez inda ressurirão
 Mansa innocencia, affètos generosos!
 A lenta mazelha á turba consternada
 Roinpein com baixo tom sonoras flautas,
 Que de triste alvorêço o peito agitaõ.
 Apóa ellas, o funchre caduver
 Dos Anciãos vai precedendo á chótma.
 Estes, fronte inclinada, olhos em terra,
 Vão suspirando, e n' vista luctuosa
 Lanção de quando em quando ao doce amigo,
 Que os precedeo na região da morte.
 Em seguida, modestos se confundem
 Os mancebos, de teino coroados,
 Co'as bellas raparigas, que parecem
 Mais formosas co'a languida tristeza:
 Elles cantão sin cêro aos longos echos
 O como a quanto existo abraçe a morte;
 Ellas em tom mais doce a voz levantão,
 Para mostrar como a existencia curta
 De praxeres doirar-se ao menos deve.
 Vão depois os meninos innocentes

De ambos os sexos em confuso bando:
 Levão em suas mãos para o sepulcro
 Pequenas oblações; pomos, e flores,
 Taças de leite e mel, de vinho e d'agua
 Tomadâ em fonte viva antes da aurora,
 E de barro thuribulos não grandes.

Ja se chega ao lugar sagrado á morte:
 He um valle sombrio, onde se obração
 Mil arvores diversas, onde habitão
 Meigas fillas do eco, canoras aves:
 Reveste fresca relva a terra fria,
 Pallido musgo os carcomidos troncos.
 Aqui frescos favonios ndejando
 Pelas folhudas grimpas, docemente
 Só se ouvem suspirar: aqui mais terna
 Derrama a aurora o pranto matutino;
 Mais terna geme a rã; e mais delirios
 Na alma gera o luar por estas campos.
 He fechado o lugar de mil rochedos,
 Por onde algumas fontes se derrião
 Com tacito ruor, que inspira os sonos:
 Pelas profundas, tenebrosas grutas,
 E sobre os ngudissimos rochedos
 Crê-se ver e esculpi sagrados manes,
 Em fronte voz, que as auras assemelha,
 Cantando os gostos da passada vida.
 La não geme a coruja, ou pia o mocho:
 Reina era vez do terror branda sandade,
 Terna melancolia, encanto, enlevo
 Dos coraçoes, das almas bem nascidas.

Que estrondo he este pelo chão da morte?

São as ferreas enchadas, que se alternão
 Para formar do eterno sono o leito.
 Agora cresce a dor na despedida.
 La chega, la se arroja, la se esconde
 Da Mãe universal no seio um filho!
 “Paz ao homem de bem!”, dizem de roda
 Os velhos, e retiram-se chorando.
 “Lave te seja a terra!”, os tuços gritão,
 E partem derramando-lhe folhagem.
 Chega a turba infantil, seus dons off’rece,
 E vai juntar-se á multidão, que torna
 Aos trabalhos de novo á sua aldêa.

Mas ah! qual d’entre nós terá primeiro,
 Caros amigos, de fechar seus dias?
 Quaes chorarão no tumulto silvestre?
 Talvez eu vos preceda, e vá saudoso
 Ver na Tenárea porta o Cão trífauce,
 Na Estige nebulosa a barca horrenda,
 E do Elísio paiz os gratos campos,
 La onde os vates do universo inteiro,
 Já Nomes, em republica se unirão.

Mas não pensemos n’isto: he Maio agora
 Que devemos cantar: nós o jurámos.
 Recompõe na fronte as vossas c’ront;
 Ergamo-nos, enchei de vinho as taças;
 E ante o Ceo, ante a Lun, que nos ouve,
 Entre os Pavorios, e as formosas Ninfas,
 Que escondidas nas ondas nos rodêão,
 Saudemos novamente o alegre Maio,
 Jurando que desde hoje em nossas liras
 Ha de escutar cada anno os seus louvores.

O' Maio, eu fallo; esenta-me. " Por este
 Licor de Bassareo, que me arrebatá;
 Pelos Filhos gentis da branca Leda,
 Que pela mão a nós te conduzirão;
 Por tuas flores, com que estou soberbo;
 Por tuas fontes, zéfiros e bosques;
 Por teu ceo gracioso; e por ti mesmo;
 E pela tua amiga, a minha Musa,
 Juro de consagrar emquanto viva,
 Todo o teu mez ao teu louvor, e ás festas. „

FIM DA FESTA DE MAIO.



NOTAS

FESTA DE MAIO.

CANTO I.

Pag. 204. verso 4.

Das Filhas de Nereo a mais formosa
Foi Gólatéa candida e rosada.

Como das bagatelas que forçadamente te-
nhão semeado por alguns d'esses Jornaes, que
he o mesmo que escrever em folhas e atira-las
ao ar, algumas haja que não mereçam de todo
perder-se, estas me pareceo i-las recolhen-
do a meus livros, por qualquer modo que fos-
sem achando cabida, para não ser como a Si-
billa de Cumas, que em uma vez se lhe des-
mandando com os ventos as folhas que tinha
escritas, ja para sempre tirava d'ellas o senti-
do: *nec ponere in ordine curat*. Por isso tras-

Indo do Num. 5 do Jornal dos Amigos das
Letras, todo o seguinte Artigo (*).

Antonii Pelliciani de Castilho,

GALATEA: CARMEN.

ADVERTENCIA PRELIMINAR

CARTA AO LEITOR

O fragmento latino que se vos offerece, sob o titulo de Galateia, he huma tentativa e nada mais: e quem mo quizesse haver a ostentação, não só mostrara quam pouco me conhece, mas ainda com atrocissima injúria me aggravaria. Discorridos são hoje mais de dez annos, depois que, desejoso de refrescar lembranças de conhecido com as Romanas Musas companheiras e alegria de minha infância; me dei ao passatempo de metrificar em latim, ja os pensamentos que primeiros me occorrião, ja algum episodio de minhas proprias ohrinhas; sendo assim, que esta fabula de Galatea a translatei do Poema da Festa de Maio, no meu livro

(*) Por esta occasião me importa fazer um annuncio ao Publico. Fa-lo: declaro que se esse Jornal inesperadamente acabou, não foi minha a culpa, assim como de nenhum dos sócios, mas somente dos acontecimentos, assim publicos como privados da Sociedade: com elle nunca tive oporlas algumas relações tendo as onerosas e de trabalho, que eu tinha a cumtado com muito gosto. Todos os sócios sabem, mas interessa-me que o saiba toda a gente, para me salvar de quaesquer desagradadas reclamações.

da *Primavera*. Sei bem que não ha hoje, e especialmente por cá, leitores para o latim, sendo á final chegado o prazo de, com razão e sem o mínimo escrupulo, se poder chamar tal lingua morta e enterrada: sei mais que, inda mal, não respondem estes meus versos ao que eu ansiára que elles fossem, e nem valem mais que uma boa parte dos abí impressos na custosa *Collecção de Poetas do nosso Padre Reis*; e com tudo, a despeito d'estas duas tão fortes razões, e tão valentes para me deverem dissuadir, convim eu que tão pobre couza se dêse á estampa. Será, segunda muitas vezes se escreve em Prologos, para incitar engenhos a fazerem melhor? não. Pois será, como tambem em Prologos se usa de escrever, para que os *Aristarchos* me ensinem o que, o como, e o por onde devn corrigir e melhorar? menos; que não sei eu de um só que se hoje occupe com semelhantes vaidades. Como portanto me livrarei da desnerecida taxa de presunção? confessando, como tambem em Prologos se costuma, mas d'esta vez com verdade, que o faço por obedecer a dezejos de pessoa, com quem muito me importa estar em tudo bem.

GALATEA

Carmen, ex Lusitano Latine redditum.

Assiduis, juvenes, proscindite flumina remis,
Dum vacat et picto lætos juvat ille phaselo:
Intereaque meo vestrum fallente laborem
Carmine, Romanas percurram pollice choras.

Nereidas inter quondam pulcherrima Nymphas
Nympha fuit Galatea maris: cui lilia mixtis
Ore rosis, flavæque comæ, roseique labelli,
Caruleoque oculi placido fulgore micantes,
Et sinus albescenti in scœpulis albescentior unda.
Qualem nec Paphis habuit quæ regnat in arvis.

Tertia postdecimam vernantia tempora brumam
Floruerant, postquam vitali voscitur antra
Nympha: nec in terris, aut cœlo, aut æquore totq
Est quæ formosis ausit contendere formis.
Multi illam juvenes, multi petiere decorum,
Undique blanditiis et laudibus insidiantes:
Nulli illi juvenes, nulli placere decorum.

Hanc pater undisono sub gurgite in antra vocavit,
Amplexumque dedit, tremulique sedere cœgit
In genibus, tales fundens post oscula voces:
" Filia, tempus adest pueriles relinquere ludes.
" Non te pulchra latet, qua subjecis omnia, forma;
" Tene latet quantis fugiendi viribus, instant
" Qui toties, laudesque ferunt, gresusque sequuntur
" Crede patris canis et amoris crede paterno;
" Quod plus obsequiis, quâ plus sermone placebunt
" (Parce seni juvenem patri non grata monenti)
" Hæc magis incauta protendent retia formæ.

" Filia, tempus adest pueriles relinquere ludos;
 " Sit tibi cura meos posthac delphinas in undis
 " Pascere, perque salum deformes ducere phocas;
 " Non bene pigra tuis ignavia convenit annis. "

Dixit: et e patrio discerpta coralia ponto,
 Cuspide inanata, pastoria munera, virgam
 Tradidit, atque pecus natae commisit habendum.
 Est virides inter, Natus quibus imperat, undas
 Valle locus tuta, nec divo pervius ulli,
 " Hic maneat, dixit, le saepe deinde revisam. "
 Arripit, natamque pater sine teste reliquit.

Haud semel ignifero radiarant lumine curus,
 Phæbe tui, dum lecta pecus Galatæa marinum,
 Gurgitis inter opes, viridanti paverat alga.
 Interdum æquoreis linquent armenta molossis
 Ibat, et in calathos modo tinctas murice conchas,
 Et modo lucentes baccas contenta legebat.
 Ver erat, et pictor zephyris mulcentibus agros,
 Mense renidebat tellus lætissima Majo;
 Aureus in liquidæ Sol brachia Thetidos ibat.
 Descerere ima mars, solum conscendere litus
 Ansa fuit virgo, non sic reditura sub undas.
 Summa petens scopuli viridi sub rupe recessit,
 Unde fretum, terrasque lubens circumspicit omnes.
 Illic sedet, et pascens animos novitate locorum;
 Miratur, facilesque oculos fert omnia circum.
 Ut mediis vidit formosum fluctibus Acin
 Æquora jactatis tranantem cano lacertis,
 Versibus abstinuit, versus nam forte canebat;
 Erubuit, turbata silet, suspiria ducit;
 Nunc subeunt jussus, subeunt hortamina patris;
 Jam cupiat tutis fugiendo immergere undis,
 Nec potis est cupiens, et litore perditâ inhæret:

Nunc libet et tacito caute latuisse sub antro,
 Donec arenoso mutarit littore fluctus
 Discedenque puer securam liquerit oranti:
 Paritet inde fugæ, sistit, mavultque videri.
 Corpora, cæruleas inter candentia lymphas,
 Quam numeris perfecta suis! quam sortia puls
 Devectantur aquis! quam multa est gratia nati!
 Quam bene suffuso sua membra liquore teguntur,
 Quam bene disperso nudantur eburnea ponto!
 Cuncta tenent, oculos in cunctis Nympha moratur.
 Interdum propius sensim vertigia ponit,
 Nec propiora tamen fieri vestigia sentit.
 Quisque prius sparsis volitaverat aura capillis,
 Nescia curingat, vel collo dividat apte,
 Dividit illa tamen, studioque indulget inani.
 Hinc litus petit, ac vultus speculatur in unda,
 Et quanquam ipsa sibi pulcherrima tota videtur,
 Pulchrior exoptat fieri, frustra que laborat.

Interea juvenis, jam sensus nunc, redibat,
 Et prope jam sulvas manibus tangebatur arenas:
 Illa fugit, trepidatque, et rupe reconditur ima.
 Hic lætæ, et votis contraria vota rependens,
 Nunc patris hortatus, et nunc reminiscitur Acin,
 Et rubet, et pallet, nec vultibus hæret in isdem.

Haud mora: nudus adest, antrumque Simethius intrat
 Acis: ut abjectas repetat sub tegumine vestes.

Quid remi occidere, quid ò cessatis amici?
 Nonne retro refugisse talem, dumque ora tenetis,
 Averfam in portus sentitis abire relictos?
 Instaurate opus, ac totis incumbite remis:
 Quò pœnas detis, dictis oibù amplius addam.

CANTO II.

Pag. 237. versos 15 e 16.

E que? algum de nós contra o que vive

A questão, se sim ou não se lia de o homem alimentar de substancias animaes, tem sido muitas vezes, e com oppostas sentenças, debattida por philosophos, poetas, naturalistas e medicos. A affirmação e a negação achão para argumentos ja uso e consenso de povos em todos os tempos, ja razões intrinsecas tiradas de nossa própria convenienciã. He assunto que requeria larga escriptura, e em que a qualquer seria facil dissertar eruditamente. Voar-me-hei pelas suminidades.

Aquella vaga tradição, que em toda a parte permanece, de uma primitiva idade do mundo innocente e felicissima, entre as cousas de que reza, aponta sempre o não se comer de animal algum, senão só de frutos, herbas, leite e mel. De outro modo se não podião sustentar; conforme parece pelo ancianissimo Genesis, os moradores do Parayzo, não só homens, porem todos os viventes. Quadrava o preceito e tova o uso pelo menos á humana natureza, que ainda agora, se a bem espreitarmos na infancia, ou antes de alterada por contrarios habitos, se afflige e revolve com o aspéto do sangue e morte. Verdade he, que depois da queda de nossos primeiros pais, nem o Testamento velho nem o novo, tornão a prohibir as carnes; mas to-

ques da mesma nativa compaixão para com os animaes não lhes faltão, dos quaes pelo mesmo se deduz por bom discurso, que se os tivermos de cozer, ainda ali nos devemos haver com a possível mansidão, poupando crueldades escuzadas, como são, e se costuma, atormentando-os na agonia por lhes refinar o sabor, caçar, montear e pescar por passatempo e pelo mero gosto de malfazer. Lê-se nos Proverbios, segundo a versão dos Setenta: *Iustus miserebitur animas jumentorum suorum; viscera autem impiorum crudelia.* — O que justo não se apieda da condição dos seus brutos; mas as entranhas dos impios não se apiedão de nenhuma couza. — No Êxodo: *Non coques haedum in lacte matris suae.* — Não cozas o cabrito no leite de sua mãe. — He dito para ser ruminado, pelo mimoso do affeto que recende. No Deuteronomio: *Si ambulans per viam, in arbore vel in terra nidum avis inveneris, et materem pulli vel ovum desuper incubantem, non concabis enim cum filiis sed abire patieris, ut bene sit tibi, et longo vivas tempore.* — Se o acaso te depaçar no caminho, quer em árvore quer no chão, um ninho de ave, e a mãe estiver a agasalhar os filhos ou os ovos, não a tomes com os filhos, senão que em boa hora a deixes ir, para que boa estrada te venha, e vivas largos annos. —

Entre os Santos Padres, que são os depositarios e dispensadores do espirito christão, alguma cousa se poderá citar que autorizasse es-

te genero de piedade. Sabida he a de que usou S. Anselmo, uma vez para com uma lebre, outra para com um passarinho. Tertulliano se maravilha de que entre christãos, os haja que se accommodem a ser carneiros: nescio an dolendum an erubescendum sit; — não sei, diz elle, se mais he para se haver lástima, se vergonha. S. João Chrisostomo escreve, que se não podia ser santo sem uma estremada suavidade de affeitos, e muita vehemencia de bem querer, não só nos nossos, mas ainda nos estranhos, em tanta maneira que até aos brutos animaes abranja essa mansidão. (*Homil. 29. na Epist. ad Rom.*) E dizia bem, que nas vidas de não poucos santos resplandecem as prozas. S. Francisco de Assiz resgatava os cordeiros que lião para o corte, pagava e soltava as redadas dos peixes e os viveiros das aves. Mas não apontemos mais, por não enjoar filósofos, digo filósofos de nossa terra, dos que nos ensinão filosofia de torna viagem, porque os lá de fora já deixarão muito para trazer a impiedade.

Não he porem necessario ser christão, sendo que basta ser homem, para repartir com os brutos do thesouro da charidade, de que muitos d'elles usão a seu modo; não só para com os seus, mas para comnosco. Sendo assihi que onde não dão maltratão, são elles de indole muito mais benigna: em Inglaterra, segundo se diz, nem ha cão que ladre, nem besta que esgocinhe: em não sei que ilha de zerta, acha-

rão os primeiros descobridores, em apontando (segundo encontrei na Recolha de Viagens por John Adams) serem tão cortezes as aves de que toda era cheia, que não fogião dos novos hospedes, antes os festejavão e se deixavão pôr a mão; semelhantemente ao que da ilha das Garças aponta João de Barros *Dec. 1. Lib. 1. Cap. 7.*, aonde “como não são tranquejadas de gente (as garças e outras aves), ás mãos tomarão (os marinheiros de Nuno Tristão) tanta quantidade d’ellas, que ficou por rellêco ao navio.” Dos leões he corrente entre os naturalistas não perseguirem, mas esquivarem-se dos perseguidores, embrenhando-se cada vez mais pelos seus senões adeentro, sendo alias mui lezes de domesticar, e fulgando de acompanhar, como cafeitos innocentes, a trôco de qualques esmola de pão, por largo espaço de leguas. Muitas são em toda a parte, mormente em Africa, as serpentes, que namoradas do hom gazalhado, trocáo seus muros pelas pouzadas humanas, e n’ellas se hão como boas comadres da familia. O cavallo do Arabe he o contubernal e primeiro amigo de seu dono: um bom Arabe na morte do seu cavallo deveria de se expressar pouco mais ou menos como Millevoye o suppoem no Elegia. Muitos prezos tem logredo domesticar ainhos e ratos, até o ponto de, no meio das asperzeas de um segredo, se poderem esquecer por muitas horas do seu desamparo, crueldades e injustiças humanas. No pateo da residencia parochial de S. Mamede da Castanheira do Vouga,

todos os dias a horas certas vâmos acudir ao almoço e cêa que ás nossas pombas desparziamos, todos os passarinhos da vizinhança, que já traziamos tão correntes, que nos vinhão comer aos pés, por saberein (porque os brutinhos sabem muito mais do que nós outros cuidâmos) que n'aquella cazinha da solidão moravão amigos seus, e nunca terem ouvido tiro, nem enxergado rede no pequeno arredor do templo e passaes solitarios. (*) Se a tudo isto e a muitos outros exemplos se lançar conta, alguma verdade se achará no affirmarem poetas, que no disceir da idade de ouro, no mesmo tempo que se os homens entromperão degenerando em cruéis, se forão as feras tornando bravias e desabridas.

Em todos os tempos, e até por fóra e muito longe d'essa religião charidosa, houve quem bem entendesse como entes nossos contemporâneos n'este orbe, irmãos nossos em viver, sentir, padecer e acabar, com sangue e coração como nós, com amor, prazeres e filhos como nós, bebendo como nós no immenso vaso do pai commum o mesmo ar, a mesma luz, as mesmas aguas, e comendo comindico á mesma mesa do universal banquete, poderião quando muito servir-nos de pasto; mas fóra d'ahi, qualquer

(*) Em podendo ser, publicarei um volume de poesias, que lá compuz acerca d'aquella boazaventurada solidão, onde annos vivi ignorado e contente, na residencia de meu irmão Augusto Frederico.

injúria que se lhes accrescentasse, seria horro-
-rosa profanação e violação da natureza. Plu-
-tarcho e Quintiliano referem, que os Atheni-
-enses castigarão severamente algumas sevícias
commettidas contra animaes. O Alcorão es-
palhou por todos os povos, que largamente se-
-nhorea, muita d'esta benignidade: raro Ma-
-hometano deixará de matar a fome ao cão de
seu inimigo. Na China passa esta beneficen-
cia muito adèante. Quo no-lo diga em seu es-
-tilo chão o nosso Pernaô Mendes, ou talvez o
Jesuita que em seu nome, e por um modo tão
rijo de crer, compilou tantas e tão preciosas
noticias do Oriente, mui desacreditadas em tem-
-po, ja hoje em parte mui abonadas de verda-
-deiras. Padre ou marinhaeiro, diz assim: (falla
de uma feira que no rio de Batampina, em ca-
-minho de Nanquim para Pequim, se faz com
mais de duas mil ruas de barcaças, nas quaes
ha para vender tudo a que no mundo se pode
pôr nome.) “Ha tambem outras embarcações em
que os homens trazem grande soma de gayolas
com passarinhos vivos e tangendo com instru-
mentos musicos dizem em voz alta á gente
que os ouse, que libertem aquelles cativos que
são criaturas de Deos, a que muita gente aco-
de a lhes dar esmola com que resgata daquelles
cativos os que cada um quer e os lança logo
a voar, e toda a gente dando hũa grande
grita lhe diz, *pichan pitanel culáo vocazi*, que
quer dizer, *dize lá a Deos como cá o servi-
mos*. Ha outros homens que noutras embar-
-ções trazem grandes panellas cheyas de agor,

em que trazem muitos peixinhos vivos, que co-
nhecem nos rios nãas redes de malha muyto miu-
das, tambem pela mesma maneira vem bra-
dando que libertem aquelles cativos por servi-
ço de Deos que são innocentes que nunca pecca-
rão, e que tambem a gente dando sua esmò-
la, comprão daquelles peixinhos os que querem
e os tornão logo a lançar no rio, dizendo;
*mayte embora, e lá diz de myim este bem que
te fiz por serviço de Deos.* E estas embarcações
em que estas cousas se trazem a vender rão
se hão de contar por menos de cem que de cen-
to e duzentas para cima.

Na India são n'esta virtude extremosissimos.
Alguns viajantes tanto encarecem a conta,
que chegão a affirmar haverem por lá, ainda
no seculo passado, hospitaes para as mais as-
querosas sevandijas, como piálhus, pulgas e
periovejós.

Pôsto que tudo quanto até aqui tenho tra-
zido, possa parecer uma diverção do principal
propozito, não o he, por quanto d'estes intesfe-
cordiosos affeitos he que se tem em parte deri-
vado a abstinencia de carnes, observada por mu-
ltas pessoas, e comunidades, seitas e povos: em
parte digno, porque em outros diversos fúnda-
mentos tem tambem estribado, como veremos.

E pois que a ultima que tocáreis foi a In-
dia, a ella tornemos, levando por explora-
dor e lingua, não algum estrangeiro; de que

outros se contentão mais, mas um patricio nosso, dos varios que para tal officio se poderão tomar: he Duarte Barbosa, e diz:

“ Ha neste regno (de Guzarate) outra sorte de Gentios, que chamaom Bramanes, estes nom comem carne, nem pescado, nem nenhuma cousa que mora, nem maloum, nem nenhuns querem ver matar, por aly lho defender sua idolatria; e guardaoim isto com tamanho estremo que he cousa espantosa, porque muytas vezes acontece leuarem-lhe hos Mouros hiellos, e passarinhos uiuos, e fazerem que los querem matar perante eles, e estes Bramanes los compraoim e resgataom, dando-lhe por eles muyto mais do que ualem, por lhe saluarem las uidas, e sollalos. Se tambem ElRey, ou ho governador da terra, tem algum homeni, por culpas que cometese, julgado em morte; ajuntauise eles, e compraoim ha justiga, se lho quer uender, pera que nom mora; e tambem alguns Mouros pedintes, quando querem auer esmola destes, tomaom muy grandes pedras, e daom com elas em cima dos ombros e barigas, como que se querem matar perante eles, e porque ho nom fagom, lhe daom muytas esmolos, e que se unom em par; outros trazem sequeas, e daom-se cõelas cutiladas pelos braços e pernas, e pera se nom matarem lhes daom muytas esmolos; outros lhe uem has portas ha querer lho degolar ratos e cobras, ha hos quaes eles daom muyto dinheiro por ho nom fazerem, e desta maneira saom dos Mouros muy apreci-

ados; estes Bramanes se acham no camphô
 algum golpe de formigas, arredam-se buscando
 por honde passem sem hãz pisarem. E em suas
 casas de dia qeaoim; de dia nem de noyte acen-
 dem cand-e, por caso de alguns mosquitos hãom
 irem, morer no lume da candea; e se todavia
 tem grande necessidade de acenderem de noyte,
 tem bũa alenterem de papel ou de pano ago-
 biado, pera coisa nenhuma uina poder ir mo-
 rer dentro no fogo; se estes criaom muyto pi-
 olhos, nom hos mataom, e quando hos muy-
 to aqueixaom mandaoim chamar bus homenz
 que antre eles uiuem, que tãubem saom gen-
 tiõs, e eles hos liaom por de santa uida, e
 saom como irmylães, uiuendo em muyta abste-
 tinença por reuerencia dos seus Deos; estes
 hos catãom, e quantos piolhos lhe tiraom po-
 cinnos em suas cabeças, e hos criaom com su-
 as carnes, em que dizem fãzerem muy grande
 seruigo ha seu Idolo, e asy guardaom hũs e
 outros com muyta temperança ha ley de nom
 matarem: estes Gentios saom muy delicados
 e temperados em seu comer; seus manjares saom
 leites, manteiga, aguquar, e aros, e muytas
 conseruas de diuersas maneiras; seruem-se muy-
 to de cousas de fruyta e ortaliga, e de rãas de
 campo pera seus manjares; honde quer que
 uiuem tem muytos orlas e pomares. ,,

Na *Historia de Myiore*, lê-se que em Ben-
 gala, quando a violencia da fome a devastou
 em 1774, consumindo-lhe obra de trez milhões
 d'almas, forão em muito grande numero os

Índios que antes quizerão deixar-se morrer á fome, do que acabar consigo comer carne de animais.

Frequente e antigo he na India este antojo, e tão notorio, que não ha porque afogar o discurso com mais exemplos. Bem podia proceder isso em parte da vegetavel abundancia e espantosa cultura d'aquellas terras, e de alguma especial compleição do clima, ou natureza ou costumes dos moradores, ou algumas outras circumstancias, segundo as quaes os corpos se dussem melhor com os pastos leves e frugaes: viria depois a religião contagrar por dogmas seus os conselhos da hygiene, como com vinho, toucinho e abluções aconteceo em muito oriente a conta da lepra: para melhor inculir o preceito, cerca-lhe de fabulas amigas da imaginação do vulgo, como a encarnação dos Deozes em corpos de brucos, e a transmigração das almas humanas por diferentes sortes de viventes até parar na vacca: materias estas de que as historias e peregrinações fazem larga menção. Dos Indios poderão tomar por mão a creença os Egipcios, os quaes, sendo moradores de solo não menos liberal, devião tamhem perdoar grandemente nos animaes, em quem reverencião suas Divindades, ou santuarios ambulantes que d'ellas foram: e confina-me na suspeita a conveniencia, que ja de alguém deverá ter sido notada, do boi Apis do Egito com a vacca ainda hoje sagrada dos Indios. Do Egito provavelmente trou-

se Pithagoras para a Itália, em tempos de Numa ou Servio Tullio, o sua metempsicose com a defensão do uso das carnes. Não pegou a invenção, se não foi em alguns escolares fanaticos de tamanho mestre; e nem filosofos pelo tempo adeante a sustentação, nem poetas se valeião d'ella, alóra Ovidio nas metamorfoses, e só como narrador; e mais não deixava de ser secunda e bem assombrada creença para poetas. Não pegou, porque não vinha propria á indole do solo ou ao temperamento dos Italos, ou, o que he mais certo, porque encontrava os antiquissimos usos de umas gentes, que primeiro tinham sido pastoras e depois guerreiras.

Na Ilha da Palma, acharão os nossos, quando descobrião, conquistavão e amansavão aquelle archipelago, (senhorio traspassado depois em Castella, mas padião glorioso do nroso Infante D. Henrique) serem mantimento dos moradores hervos, leite e mel. — Com este particular exemplo me acóde a memoria, mas alguns outros semelhantes de outras ilhas me parecerem achado pelas historias, de quem não ficou nem sít a lembrança precisa.

Com a propagação da fé christã renasceu religioza a abstinencia na Europa, por motivo não de brandura, mas de mortificação. Apparecerão Ordens numerosas de religiosos, primeiro só de homens, logo tambem de mulheres, que renunciando todos os carnaes deleites

para melhor apurarem os do espirito, tomando o exemplo dos primitivos eremitas que se abastatão com as hervas, raizes, frutas silvestres, e aguas dos montes, não só cortarão pelas demônias na quantidade do sustento, não só o estreitarão com regra de jejuns, mas em vários de seus institutos o expurgarão de todo animal terrestre ou volátil, não consentindo, quando muito, senão em algum marisco secco e fraco, para regalo das festas. E he para notar como ainda os mais rigidos observantes logravão saude inteira e robusta, e chegavão ao ultimo fio da velhice: *mens sana in corpore sano*.

Annos ha que me recordo do ter achado em uma Gazeta de Lisboa, citaz-se creando em Manchester uma seita, que por filosofica defendia tomar qualquer sustento animal. Era noticia de Gazeta, não affirmarei que tivesse pé, e se a teve, não sei em que parou.

In que estamos com Ingleses, fallemos de Franklin. Este homem, a quem a probidade e o juizo fizeram filosofo e liberal, e não a devassidão e o estouvamento, tendo lido, diz-lo elle, o livro em que Tryon recommenda a dieta vegetal, determinou-se em a observar. Vendo por obra, e limitando-se em arroz e lentilhas, e ás vezes ainda em menos, como passas, bolacha ou pão, com uma gota de agua, não só furtou do seu salario (era ainda então compositor de imprensa) com que poder comprar livros, mas do seu tempo accrescentou

para estudos o que as refeições e digestões lhe poderão consumir; fez progressos proporcionados á clareza de ideas e fortaleza de percepção, que são o fruto da temperança no comer e beber. Seguiu constante por algum tempo, não pouco, até que chégua á ilha de Block, assiste a uma pesca, revolveu-se-lhe nas entranhas as máximas do seu Tryon, dá por genero de assassinio aquelle matar viventes, que nem tinham feito nem estão capazes de fazer o mínimo mal. Poem-se os mortos no lume, recende o guizado; o filósofo no seu tempo gustára apaixonadamente de peixe; entra pelo nariz a tentação, estremece a filosofia, e em boa hora lhe acode com uma bulla de composição, lembrando-lhe, como ao albrir e limpar d'aquelles peixes, lhes vira dentro do buxo outros peixinhos mais pequenos. “Pois que he isto, diz elle entre si, se vós vns. a outros vos coméis, porque não hei de eu também comer-vos a vós?” N'essa hora e com esta palavra se lhe quebrou o fadario; o que annuo hein prova, acrescenta o bom humeni, seimos nós raimages racionais, sabendo, como sabemos, nchir pretextos plausiveis para quanto nos póde dar gôto.

Outro autor muito afamado de nossos dias, Raynal, era igualmente sobrio. A Senhora Marquessa d'Alorna, que muitas vezes o teve a jantar, me contou, que nunca o viu comer mais que algumas pombas lietas e fruta, nem beber senão água. Era, observava ella, como um coppyva das Ninfas, custando a crei como

com aquellas refeições de idillio se podessem sustentar tantos nervos d'alma e do pensamento.

Se depois de autores de livros se pôde citar quem não sabe ler, em Grada, lugarejo da Baírrada, vivia um moço que eu conheci, o qual nunca provára vacca. Perguntado a cause, não era religião; nem filosofia; nem tradicional, mas effeito de um vehementissimo e obstinada amor que tinha aos bois, com quem se creara, com quem vivia, lavrava, e dormia paredes meias. Rustico era, e sem o cuidar discorrir e fallava com o Sabio de Cheronca; quando dizia, que por todo quanto o mundo tinha, não venderia nunca o boi que em seu serviço envelhecera.

Além os monges, filosofos e amigos dos bois, ha ainda uma grande quantia de homens, puro comedores de vegetaes em quasi todo o anno: são os moradores das serras e aldeas pobres, a quem a estreiteza de sua fortuna mal da licença para chegarem á carne por entrada e paschoa, e poucas mais vezes e só escassissimamente, ao pescado, vizita mui rara em terras mesquinhas do sertão. De chonpanas hei eu, e quasi de inteiros lugares, pelas abas da Serra do Caramulo, onde oito annos vivi, que de pouco mais se sustentão que do pão de centeio e milho, batatas e alguns legumes; e estes asperissimos banquetes, em que até pelo demais fallece o agro vinho verde de seus

montes, trazem-os contudo mais rijos e sãos no trabalho, do que as grandes ucharias aos uinheiros das cidades.

Acabarei estes exemplos com o que melhor conheço, que he o meu. Quando eu compuz estes versos da *Peste de Maio*, era como ja no Ante-Prologo disse, todo Gelsénico: tratava a alma toda a nadar no coração empupado com os mais brandos affeitos do mundo, como rosa a boiar em vaso de leite: amava as plantas e tratava com ellas como com entes sensitivos; todos os entes sensitivos amava-os como amigos e companheiros: tinha fantasia pronta, que muito ajuda em todo o genero de bem querer; esta me revelava do continuo e me alaviava de suas fabulas e cores a particular vida e existimo mundo de cada insecto; e porque esse seu mundo e vida dizia tanto com o meu, e o commum de seus substanciaes interesses com o commum dos substanciaes interesses dos homens, acontecia que imaginando-me ora gilo, ora passaro, ora borholêta, tinha aprendido uma perfeita, e se dizê-lo posso, egoista charidade para com todos elles. Ouvi debater a questão do uso das carnes: as razões affirmativas pedião ter mais força, mas as negativas dizião com o meu gosto; he meia persuasão; caião-me tão bem, que logo me dei, se não por convencido, por persuadido; e como persuadido e convencido escrevi os versos, que por isso aos indifferentes e de contrária sentença, devem parecer, como em verdade são, sobrejos, exagerados e declamatorios.

Era o escrito-fruto de minha opinião; mas esta, como acontece, se roborou por elle, e até tal ponto se confirmou, que do que até ali não passara de poetica theoria, instituí fazer pratica minha em toda a vida, renunciando qualquer genero de alimento animal. Por duas vias se fazia de mal o tenta-lo, ja porque em couza tão excludida do geral não d'ixarião de cair estranhezas e zombarias, ja porque tanta sobriedade entré quem a não usava, era genero de martirio continuamente renovado. Mas contra estes dois contrastes prevalecião outros dois argumentos: primeiro, minha consciencia, que repugnava banquetes de sangue: segundo, a premissa em que estava, de que as faculdades da alma se havião de adelgaçar e crescer onde o corpo fosse favorecido da paciencia. Mettente Pythagorico aos vinte e trez d'Agosto do anno de 1892, tendo sido gastos os mezes, que desde afeitura do poema decorrião até esse, em acabar de me resolver e aparelhar para tão grande façanha; e permaneci na observancia do voto até vinte e trez d'Agosto do seguinte anno. Acabei noviciado, e em lugar do professor, despedi-me. Tive muitas razões; e ainda que pouco se me havin de dar agora do que se podesse dizer á esca de um individuo, que n'esse tempo tinha o nome que eu hoje tenho, e do qual, segundo as theorias dos medicos, não conservo hoje uma só particula, sendo em um, vivo e junto; elle outro, morto e disperso por todo esse mundo; todavia, porque ainda temos commuar um leyssoia,

que he o nome, quero lançar pontualmente na balança do juizo dos meus leitores os seus porques; e bons ou máos, serão estes. — Primeiro: que a abstinencia de uma só pessoa não poupava uma unica existencia de animal. Segundo: que era presunção ridicula o destituir-se um sujeito, por alguns argumentos, de uma opinião e uso quasi universal, sendo assim que todos os homens, guerreando-se entre si por creanças religiosas, por systemas philosophicos, por principios de politica e sciencias, por modas e gostos, todos se conformavam no comer das carnes. Terceiro: que realmente era obstinação o desconhecer como a natureza nos não aparelhara só para comer e digerir vegetaes. Quarto: estar-nós ella dando nos próprios animaes, que uns de outros se sustentão, uma prova de ser menos escrupulosa do que Pithagoras e a paesia. Quinto: que elle propria os multiplica á proporção do que uns a outros devem trazer. Sexto: que se ella faz com que cada passada, cada pedra que moveimos, cada gota de agua que engolimos, cada fruto ou folha que aproveitamos, cada sopro que inspiramos ou expiramos, cada movimento emfim que fazemos, ainda dos mais indispensaveis para a vida, a destrua a milhões e milhões de entes conhecidos, e a numero talvez ainda maior de desconhecidos, não ha porque mostrenha a grande peccado, o aumentar-mos por nosso bem a lista com mais algumas unidades. Setimo: que o adelgaçamento e crescimento de minhas faculdades intellectuaes que eu esperara

d'aquelle mais leve nutrição, não só se não tinha verificado, mas antes o contrario succedera, pôto que de diversas causas podesse pendar o successo: e por muito tempo me ficou o costume de, quando via versos fracos e desengraçados, dizer: Devião estes de ser compostos por quem não comia senão herbas. Outavo, ultimo, e não leve motivo: que ainda que pouco dado ás delicias da gula, o cheiro e presença de melhores igitarias do que as minhas, de dia em dia me tentava mais, e quando succedia achar-me entre gente alegre e em mesa de festa, as ondas de tentação, que eu forcejava dissimular o melhor que podia, crescião e redobravão com os motejos dos circunstantes, que bem poderião ter sal, mas não que adubasse as minhas insossas herbas.

De todas os varios antecedentes deduzo, que sem embargo das objeções, autoridades e exemplos, o uso das carnes se ha de ter por licito, e por dithirambico o que lá fica no texto: mas que fora do caso de necessidade ou clara utilidade, e alem do ponto em que essa necessidade ou utilidade pararem, toda a sevecia contra viventes he immoral, injusta, insensata, e digna de muito grande castigo.

E tanto isto assim he, que, porque todo o carniceiro de officio contrahie na alma e nos modos alguma couza de cruento e de tigre, em muitas partes se tem por infame. Em Portugal, nenhum mechanico honrado o de conta ac-

ceitaria um tal para sogro ou genro, ainda com grosso cabedal de renda; nem de boca plebea pode sair mais afrontosa injúria que o nome de magarefe. Em Inglaterra não os admittem jurados em causa crime. Na principal ilha das Canarias encontrarão seus descobridores, que os naturaes, com viverem à lei de sua rudeza silvestre, “havião por conta mui torpe esfolar alguém gado, e n'este mister de magarefes lhes servião os cativos que tomavão; e quando lles estes falecião, buscavão homens dos mais baixos do povo para este officio, os quaes vivião apartados da outra gente e não os communicavão em aquelle mister” (*Barr. Dec. 1. L. 1. C. 12.*) — Bem hajão os inglezes, que formão sociedades para proteger animaes, e abençoado seja o inglez Deputado Martin, que para lhes fazer bem, se arrosta com os escarneos dos pragueiros. Bem hajão os allemães, que em seus campos não perdoão multa municipal aos que, no levar rezes pelos caminhos, as atravessão dentro de si na albardadura, ou torpidamente as apinhão dentro em carros. E bem hajã a nossa Camara, quando conseguir desterrar o escandaloso do afrontoso trato que nossos catreiros dão a seus bois, como já desterrou o atroz e immoral matança dos porcos perante os olhos do povo.

Quero rematar com uma reflexão, que já acima podéra ter cabido, mas que por dezejar da-lhe por conselho, pô-la onde melhor se recomendasse, muito de industria deixei para

o fecho. Vai o dito a pais e educadores, a quem toca. Nada importa mais, do que affazer cedo os meninos a uma grande suavidade de costumes: assim foi creado o bom Montaigne. Se os eu tivesse, parece-me que tambem assim os crearia, e bem bons frutos lhes havia de colher na minha velhice. Primeiro que tudo, parece-me que me conformaria com Rousseau em os não alimentar desde o leite senão com vegetaes, por entender como elle, serem estes mais accomodados a suas naturezas, e mais proprios para fisicamente os suavizar e humanar. Mas não quero agora averiguar isto que pertence a medicos; outro he o meu alvo. Não consentira jamais que presenciassem espectaculos de atrocidades ou injustiça; e quando a minha má estrella lhes presentasse, procuraria atea-los com boas razões, mais de affetos e lagrimas que de raciocínios. As urbanas corridas de touros e as aldeanas festas de alanceamento de pombos, frangos e patos, como couzas antiquissimas e nacional feição, ao respeito; mas não levára lá os meus tenrinhos, que são mui branda cera para qualquer bom ou má cunho. Se de alguém lhes fosse insinuada a correntissima abusão de nossos provincianos, de que em casa que devasta ou maltrata os ninhos do seu beirado, tudo vai para traz e de força se ha de guardar por enterramento, calára-me, porque achou razão a Fontenelle em dizer, que se na mão tivesse fechadas todas as verdades do mundo, Deos o defendesse de a abrir.

*Magnanima menzogna, or quando è il vero
Sì bello, che si possa a te preporre?*

Dar-lhes-lhe, da Historia natural poetizada, tanta luz, quanta bastasse para levarem grande interesse nos fados de cada individuozinho que respira: um raio de tal luz pôde bastar para pôr fim a muita dureza que provenha de cegueira. Conheci e tratei com um parochinho de fóra da terra, que desgostoso de que uma sua freguezia, rapariga nova, não puzesse reparo em maltratar animaes, a chamou brandamente, explicou-lhe como tudo que era nascido devia ter algum entendimento, capacidade para dores e prazeres, parentes, amigos e afeições. Com isto só a fez outra, e tão outra desde essa hora, que onde depois se lhe fazia de mister dar morte a uma pomba ou gallinha, ainda que em seu pátio não fossem criadas, já o coração se lhe confrangia, tremião-lhe os pulsos, e chegada á execução, não corria mais sangue da ferida, que mal acertava, do que lagrimas de seus olhos. — De mim mesmo me parece agora, que se escrevi os versos a que me refiro, com commenta-los me alargo tanto, e uma e outra couza de tão boa mente, de tudo deve ter sido raiz a criação, em tudo excellente e n'esta parte bem empregada, que meu pai se empenhou em dar a todos seus filhos.

Outra couza fizera eu principalmente; era commetter-lhes o trato e tutela de alguns animaes caseiros, a quem podessem chamar seus.

Neste exercício aprenderião a ser observadores, vigilantes, serviçaes, tomarião com o gosto da propriedade o amor do trabalho, havendo-se já por algum modo como pais de famílias; costumarse-hião a acautelar, prevenir o avarar; tomarião para toda a vida o gesto de amparar fracos e desvalidos, e de não ver um qualquer indivíduo, sem logo compor na imaginação a historia completa do seu viver, do seu padecer, do seu precisar.

Da efficaçia de tal methodo, e tão simples, e tão formoso, tenho eu uma muito amavel prova de minhas portas a dentro. Uma mulher, toda boa, toda extremenosa, tomou unicamente a peito o vingar-me da natureza; cerca-me de continuo, como um anjo, de amor e de luz; empresta-mu olhos para eu ver o mundo e as obras dos seculos; tira deante dos meus passos todos os espinhos no caminho da vida; inventa-me um encantamento novo para cada minuto; diz-me e faz-me entender como a verdadeira felicidade se não compoem de grandes pedagos, mas sim de atômozinhos que de longe se não podem perceber; repete-me e persuade-me que nasci para as Misas e para o amor, e não para a politica, nem para os odios, serve-me, vela-me e defende-me como a filha, ama-me como a esposa, zela o meu nome como o de irmão; lançou a sua vida na minha vida, o seu pensamento no meu pensamento; existe pela meu amor, morreria se lhe elle faltasse. Quem lhe ensinou tão generosa, tão nova benevolencia?

quem lhe deu tantos segredos de fazer feliz as suas aves e pombas, a sua amiga, e alguns livros, unica sociedade da cella, onde desde seus annos verdes a Providencia uia estava guardando e aperfeiçoando (*).

Pag. 243. verso 18 e seguintes

O mesmo coração, desejos, gostos,
Que tem nossas mortaes no peito occultos,
Tem as Ninfas tambem de.

Por estes versos começa uma torrente caudal de couzas rãs e doidas acerca das mulheres;

(*) Tudo isto, que eu julgava para sempre meu, passou! Apronte a Deos mostrar-me a do relance a felicidade! Pouco mais de dois annos a illustre e digna sobrinha de Nicolau Tolentino de Almeida, a Senhora D. Maria Isabel de Saenna, Coimbra Portugal, se sacrificou toda a felicitar-me: o Pai de todo o amor e de toda a virtude a chamou logo para o seu seio: era aquella um Anjo que saltava no ceo. Esta Nota ao poema, vai como se achava feita quando ella ja me não escreveria, senão a esparçou, mas elle se comprazia de me ouvir dictar. Quando o seu fim era ja inevitavel, todos o sabião se talvez ella mesma, e eu contava ainda com largas annos de fortuna. O mesmo advirto quanto ás mais Notas e representameos d'este Livro, que tudo estava pronto (faltando só algumas poucas notas que não fiz nem ja farei) antes do fatal dia em de Fevereiro passando: dois se imprimião estranhamente no Post Scriptum do Prologo. Se outrem não tivesse enquerado esta data, e me não advertisse da inexactidão em que me informado eoi, ainda agora a poderia eu ignorar: esse dia, as esperas e os sequentes não tiveram para mim nenhuma raiz nem de luz, nem de esboço, nem de alguma coisa das couzas que estendião os dias. — 12 de Maio de 1837.

e relações dos dois sexos, que ora mais, ora menos turva, se vai alongando até pag. 254. Apesar de se devolver por leito de quasi proza, e por entre margens para meu gosto mal assombradas, bora seria que por ellas nos poderíamos ir detendo a pescar, e a examinar algumas das couzas mais graúdas que vão na chéa: seriam questões apraziveis de ociosa philosophia, mas prometti no prologo despreza-las; perdoar-lhes-hemos, deixa-las ir seu caminho. Passem a seu salvo as regras de namorar á antiga; a arte não de amar mas de enredar e colher, como o fão quantos com titulo de amar se tem escrito; a poligamia, menos de Mahometano do que de Tupinamba; o divórcio e ultteriores nupcias dos divorciados e divorciadas; a botecuda nudez dos sexos &c. La se aventião como poderem todas essas puerilidades com seus inimigos, que se de minha Musa nascerão, muito ha que eu e ella as desherdámos. O meu ponto agora lie assentar boas pazes para sempre com as damas. Todas minhas Obras, não só esta, *Cartas de Echo, Amor e Melancolia, Noite do Castello, Crimes do Bardo*, me devem ter perante ellas representado cavalleiro descortez de desleal poesia. Tempo lie de mudar de cores, abjurar o erro, e para merecer o perdão, que ellas de pura boas concedem antes de pedido, romper lanças em favor de sua fama, não só contra inimigos, se os podem ter, mas contra num proprio, pelas ter aggravado. He uma Nota estreita atena para tão singular duello: mas emhora, que para outro dia e campo desafiado fica o eu man-

cebo desatinado e alívio d'outro tempo por mim grave, reflexivo e respeitoso; o eu versajador por mim pensador; o eu academico e solteiro por mim cazado e recolhido; enfim por mim conhecedor do terreno do combate o eu ignorante d'elle, a cuja face ja n'esta hora atrevesso a luva, e lhe digo "Montiste, e mercê de Deos e de minha Dama, provar-to-hei." Mas pois que he forçado ficar para outro dia a pendencia, aqui não farei mais do que um pouco ensaiar-me para ella, campeando soltamente e esgremindo nos ares.

Nenhuma couza tem sido mais experimentada ao mundo e mais vezes definida que o amor, nenhuma ha tão mal e imperfectamente comprehendida como o amor. F. Illo do amor dos homens, unico de que os homens podem fallar: o das mulheres he ainda mais incomprehensivel, e certamente muito mais espantoso, quando verdadeiro. O que pretende dar regras de amar, como alguns outros fizeram antes de mim, e como eu proprio supponho que pretendi, assemelha-se ao astrônomo, que tendo endoidecido a forca de ter velado as noites a observar os astros, presumi-se, riscando órbitas com o lapis, constrangê-las a segui-las: as esferas e os afféctos caem do nada no sopro de Deos, resplandecem com a sua luz propria e misteriosa, vão-se ora afastando ora aproximando de seus centros pelo caminho que sua natureza lhes ordena, eclipsão-se na hora prescrita, desapparecem quando Deos fôr servido; sem que em tudo isso haja que-

zer, escolha, presciência, ou conhecimento de nossa parte. Amamos uma mulher, e certa mulher, porque temos de a amar; porque he necessidade sua e nossa que a amemos; amamo-la pelo modo que a natureza quer e não outro, não he uma acção mas uma paixão: se a premio o premio he gratuito, se a punição he injusto o castigo, porque não rechem sobre um effeito de eleição. Ama-se uma mulher, repito, sem o procurar, sem o cuidar, sem arbitrio, a despeito do razão, da vontade e dos votos, como á rosa, como á lua, como á harmonia, como aos sabores dos frutos deliciosos. Para ellas se vai como os rios dos montes para os valles, como a chamma para o ceo, como a pedra do ar para a terra, como o menino para os peitos da ama, como o coração para o prazer. N'estas occasiões tudo em nós he extraordinario, e se o posso dizer, sobre-natural: sentimo-nos forças que não possuíamos para querer, seguir, abraçar e reter: o pensamento se torna infinito, porque o objecto que procuramos, como uma metade nossa que nos foge, nos apparece infinito. Por dentro d'aquellas graças físicas, de que os sentidos se namorão, imagina-se um mundo estranho e illimitado de perfeições, de que se namora a alma: ali se deseja tudo, quanto he capaz de embellezar a vida; o desejo he logo esperanza, a esperanza corteza, a certeza delirio, e novamente desejos; e quem porá limites o desejos, a delirios, a esperanças? O abrangimento do infinito da Divindade em um corpo humano não he misterio que o amor não saiba muito bem entender. He

aquí o lugar de confessar que a este sobre-humano conceito, que da mulher amada se faz, mil vezes corresponde plenissima realidade.

Por mais que a natureza se aprimore em modelar, tornear, cortar, amaciar, brilhar, banhar e endoçar o físico da mulher, as suas graças, o seu merito, o seu ser de mulher não são esses dotes, sujeitos ao tempo e dependentes de um ar, assim como nas flores não são mel as pétalas vistosas e coradas, o cheiro suave e attractivo, que o sol e o vento attenuão e desbaratão. Diz-se que as feiticeiras tem o seu encantamento em um novêlo; o novêlo do feitiço das mulheres está no seu coração e no seu espirito, que n'ellas he tamhem coração. O coração da mulher não mora desenganadamente reclinado no peito como o nosso, por toda sua alma esvoça perdido de amor, gozando de amor, como uma ave mãe e feliz por todos os ramos de um bosque de primavera: sente-se lie o frémito das azas, ouve-e-lie a harmonia em tudo quanto diz, em tudo quanto cala, no que faz como no que deixa de fazer, no que pensa, recorda ou espera, nas lagrimas e no riso, no enfado e no contentamento, na vigilia e no sono. O coração lie está á porta interior de cada sentido recebendo as impressões: para elle e por elle veem, para elle e por elle ouvem, para elle e por elle presencião a natureza, communicão com ella e conhecem. Um sopro divino formou a alma do homem, a da mulher de um beijo delicioso deveo ser formada.

Este afféto, esta doçura, esta, quero eu dizer-lo, feminidade da mulher são de tão alta natureza, tão estremos de liga, tão independentes do fim mesmo para que a providencia a destinou, que me parece ainda despojada de sentidos, poderia amar vehementemente como os espiritos angelicos. Que será quando os sentimentos confluem, para atear com sua materia inextinguivel este fogo celeste? ; quando a Vestal, afrontando todo o futuro, deixa apagar no altar da Deusa de sua infancia a luz virginal que velou portantos dias e noites? ; quando a natureza insólita d'estas trevas desconhecidas, se entregou toda e com todo seu futuro ao ente que a implorou como Divindade, e que ella sabe e sente em si tornara feliz por cima de todas as felicidades? ; quando uma vez encetou prazeres, cujo maior encanto para ella he da-los recebendo-os, e não os receber sem no mesmo tempo consumir mais de um doloroso sacrificio? Oh então he o amar do amor? o afféto, que já em profundeza não podia crescer, cresce em superficie, e transborda todo e para toda a parte, como um perfume abundante; então he que sem voz pronunciou o sempre; que sentio apertar-se-lhe nas entranhas a indissolubilidade do consorcio, porque o amor de fantasia se fez realidade, de desejo destino, de anspiro occulto gloria; a tudo tem já direito porque já deo tudo, não pôde dezejar ser de outrem porque a outrem não teria tanto que dar. E he esta a grande differença da mulher ao homem, e do amor ao amor: o d'ella tem

um abono e côr de eternidade, o nosso um elemento e uma côr de tempo. Podéra ser emblema do nosso, uma não alterosa e possante, surta em uma bahia aprazivel, mercadejando e folgando com a terra, empavezando ufania de flaumulas e galhardetes, aferrada ao fundo do mar com uma unha de ferro, mas podendo de uma hora para outra arranca-la ou picar a amarra, desfaldar as velas que sempre estão prestes, e vogar atravez de todas as ondas, por cima de todos os abismos, a mercadejar e folgar no extremo opposto do mundo: emquanto a semilaffeição, como barquinha contente e desambiciosa, feita para os ocios de sua enseada, coroada a popa ora de flores abertas ora de esperançãos verdes, sem deitar nebulina ancora, não foge nunca d'entre aquellas margens conhecidas; por entre ellas vai e vem avoejando de continuo, levando e trazendo sempre commodos e alegrias, sem curar que de sua barra em fóra boja outros mares, n'esses mares outras bahias; delicia-se na sua, onde tudo a festeja e saúda por seu nome, onde se entende com todos os ventos, todos os refugios conhece para o dia da tempestade. O amor do homem, com os sentidos satisfeitos muita vez se satisfaz e adormece; como o frizzo dos Jogo Olympicos, que chegado apoz violenta carreira alocar na meta, surdo até ás vozes da gloria que o esporeou, se estitava para repouzar ou para morrer. O amor da mulher, satisfeitos os sentidos, se restaura, resurge mais puro e extremenoso, mais viver e

promettedor; semelhante às plantas, quando desfolhadas nos afrontamentos do verão se des-sedentão com a chuva de uma nuvem que passou, e vigorosas reserdecem para embalsminar os ares do seu valle. Uma de muitas razões que para esta differença podem concorrer, he que n'esta hora adquire a mulher direitos, o homem contrahio obrigações: as obrigações pe-zão, os direitos agradão, as obrigações limitão e apoucaão, os direitos accrescentão e engran-decem. Trocarão-se os papeis na scena, o se-guidor esquiva-se, a perseguida segue. O amor do homem he só amor, o amor da mulher he amor e amizade: elle, porque pertence ao mun-do, á gloria e a tantas outras paixões, só tem meio coração, meia vontade, meio tempo pa-za dar á sua companheira; esta, separada do mundo pelo mesmo mundo e pela natureza, por isso mesmo mais raramente necessivel a outras paixões, dá ao seu amigo todo o cora-ção, toda a vontade e toda a vida; dar-lhe-hia se pudesse mais vida, e mais coração; mas não mais vontade: com elle, por elle, e para elle existe; na propria ausência o tem presen-te; e quando cessa de abraça-lo, he para se go-zar de o ter abraçado, e cuidar como logo o abraçará de novo, e volverá a ser d'elle ama-da, fazendo-o feliz.

Tal he o theor da natureza: tem excêções e numerosas. Corações ha de homens, que sem ser effeminados, não desdirião n'um peito fe-minino; e corações de mulheres, que talvez

bem nascidos e bem fadados, mas torcidos de-
 pois pela educação, quebrados pela sociedade,
 corruptos pelos exemplos, merecem as sátiras,
 demasiadamente geraes, com que os autores de
 sua degeneração todos os dias lhe poem ferre-
 te: mas essas, mais infelizes do que culpadas,
 os desgraçados que as pintem e condemnem, eu
 pinto a mulher amante, a mulher perfeita, a
 mulher mulher, a mulher como a concebi, co-
 mo a conheço, como a adoro. Foi esta a que
 Deos fez e temperou de poesia e harmonia lá
 na origem do mundo, quando viu que não era
 bom que o homem vivesse só. Esta he a que
 depois de nos dar a vida, no-la suaviza e apu-
 ra; no-la multiplica em entes novos; no-la
 adoa nos momentos derradeiros; nos ama ain-
 da, quando ja não somos; dá seus beijos amo-
 rosos a uma pedra, porque do nosso nome lhe
 conserva uma letra; e consummando o seu des-
 tino de amar, felicitar, sacrificar-se, ajoelha-
 da na terra, nos vizita no mundo das sombras;
 estreitando o seu commercio com os ecos que
 a esperão, para nós só os invoca, e depois de
 no-los ter dado em amostra no tempo á força de
 amor, á força de amor no-los grangêa na eter-
 nidade.

Custa a crer como um ente, que he me-
 tade da nossa especie, que das duas he a
 mais amavel metade, a mais carinhosa, em
 tantas coisas nosso igual para nos attrahir, mas
 com tantas differenças de nós para se nos unir
 ainda mais, que se tem defeitos de nós os re-

cebe, e nos dá em troca, sem o cuidar, tantas das virtudes que possuímos, custa, digo, a crer como um talento, a quem sua própria fraqueza devesse tornar inviolavel, pôde ver-se em todos os tempos, e provavelmente continuará a ser até ao fim dos seculos, alvo e emprego das críticas mais desabridas, e mais grossieras calúnias. Divindade extraordinaria, a quem seus proprios ministros e sacrificadores insultão adorando-a, e que de cima deseja altar, frugil mas eterno, inalteravel em sua mansidão, derrama sobre bons e máos a felicidade ! Que a filosofia as injuriasse não espantára. La Bruyere foi cruel para com ellas, La Rochefoucault furioso, nenhum d'elles justo, nem sequer francez: a filosofia não anda sem os filosofos, e todos sabem como os dados a esse triste officio, são pelo demais almas secas e incapazes de avaliar branduras, entendimentos sem olhos de imaginação, unicos proprios para julgar da verdadeira belleza; homens eufem eremiticos, rusticos e ignorantes no meio da sociedade; e pura remate de suspeição, já alongados pelo inverno da vida: da-se a filosofia a que as mulheres já não querem.

A poesia não tem sido menos descomediada: a poesia, que d'ellas e para ellas nasce, cujas Divindades foram com razão pelos antigos fabuladas em forma femiñil, como as Grayas; como os Genios de tudo quanto ha amavel na natureza, a poesia, a seu máo grado, lhes tem sido rebelde todas quantas ve-

zes os poetas, por de sobrejo amantes e zelosos, precisarão desubafar desgraças verdadeiras ou fantásticas: a lira acostumada a lhes entoar serenamente não louvares senão hinos, ressona execrações, ás quaes responderão numerosos echos; porque onde o numero dos ingratos e indignos era grande, não podia o dos maltratados e queixosos ser pequeno: e d'ahi nascêrão essas civis guerras da literatura a favor e contra o sexo, guerras batallhadas nas salas e sarões, nos passeios e romagens, nas merendas das comadres e nas academias, desde o Japão até Portugal, desde os serões da areia diluviana até os nossos dias, em que o amor cedeo á politica, e as questões das mulheres, ás questões dos ministerios: *Factus est repente de cælo tonus, tamquam advenientis spiritus vehementer* . . . Ah! vinha já querendo-se intro-metter o meu demonio meridiano: apage!

Para as grandes peijas de que fallava, se despejarão todos os arsenaes da mística theologia, da metaphisica, da historia sagrada e profana, das fabulas e anecdotes, da fisiologia e novellas. Ficou largamente juneado o campo de cadaveres em folio, em quarto, em octavo, em doze, em dezeseis, em trinta e dois, em sessenta e quatro; de pergaminho, de marroquin, de seda, de taboa, de papelão, de carneira, de papel: defuntos quasi todos sem amentia, e cujos nomes, se os houvesse de compilar, encherião maior livro do que este. Depois do derramamento de tantos rios de tinta, não-

da pende a incerta questão; ainda até no fim do mundo se tem de trazer para ella cousas que pareçam novas; e as cinzas de Lucrecia, Dido, Phryne, Sapho, Aspasia, Arria, Cornelia, Osmia, Heloiza, Christina, Catharina, Maria Thereza; as cinzas das que habitarão cazas, haras, palacios, mosteiros; as cinzas de Ninivitas, Gomorritas, Babilonicas, Espartanas, Atticas, Romanas, Africanas, Boteendas, Amazonas bellicosas, Indicas Bailladeiras, Viuvas Indostanicas, continuarão a ser revolsidas, pisadas e adoradas por modos sempre differentes, e quasi sempre cegamente, até á consummação dos seculos. A mulher fisica principia a ser conhecida, a mulher intellectual sê-lo-ha, a mulher moral he o infinito.

A mocidade, quadra da vida em que reinão os mais encontrados ventos, emoutras a maior vassalla e tributária do sexo, he, fallando, escrevendo, e talvez pensando; a sua maior detractora. Uma conversação de mancebos, embora amantes, não se detem senão em rebaixar o merito das mulheres: nascidos os disêreis das pedras de Deucalião e criados ás tentas das lobas. Qual pode ser a causa d'esta mais que montezinha ferocidade? Será inveja á superioridade modesta? sem despeito de vencidos? não; essas victorias, e ainda essas superioridades em virtudes, que não são as distinctivas do nosso sexo, facilmente se perdoão. He a causa o mesmo natural instinto, que faz que os soldados em tempo de guerra, sero-

ando entre as armas á fogueira ociosa do senzanello, encareção as derrotas do inimigo, e lhe assaquem fraquezas que não tem, para a si próprios accrescentarem animos e determinação para as futuras pelepas.

Paeil he carecer das loucuras da idade que ja não temos, ou que ainda não temos; blazona-se d'isso, mas não he virtude: carecer porrem dos vícios proprios dos nossos annos seria virinde, mas tão rara he, que o desposni-la deve merecer vénia dos sizados. Era eu em toda a fôrça de minha adolescencia, quando entre coellaneos e a seu conteúdo, cantava em meus versos desatinados os fracos e imperfeições de algumas mulheres, como fracos e imperfeições de todas ou da maior parte. Da falsidade que n'isso havia me corro, mas muito mais do pouco delicado tom do meu cantar, porque se me figura agora delito ainda muito mais grave, do que attribuir-lhes defeitos, o pintar-lhos inamavelmente: a graça he o seu primeiro mérito, injuria-las graciosamente ainda não he de todo injuria-las. De muita nuvem se desaffronta, e de nuni grande carga respira um coração confessando suas culpas, mormente quando pelas confessor se torna a entrar absolto e regenerado na estima e benevolencia das dominadoras do mundo: quasi se solga, como me está succedendo, de ter tido a culpa, para merecer a vénia e saborear a reconciliação.

Transfuga dos arrames dos levantados, ás trin-

cheiras d'ellas me recolho, não só com as armas com que as guerreiei. para as defender, mas com uma bandeira para chamamento e reunião de outros. Ressuscitaria, se pudesse, para o meu novo campo todos os bem nascidos espiritos das idades cavalleiras e cortezes, para procurarmos salvar da ultima ruina o fennil imperio, que de dia para dia vai sendo entrado, talado e engolido da Política; fero monstro em que tão mal assentã" nome fennino! E se o conseguissemos, se os moços que deixarão os affeitos pelos debates, as sociedades pelos clubs, os versos e cartas apaixonadas pelos jornaes frios e pringuentos, quizessem volver a seu natural officio de amar, de agradar e divertir-se, j. como se não amaciaria esta bruteza quasi civil de nosso tempo illuminado, em que se não sabe ler! A propria Liberdade lucratia, porque os seus nervos e verdadeiros espiritos vitaes não são outros senão as virtudes e as bondades: j. e quem como as mulheres, nas poderia ainda attrair da praça onde se briga, odêa e persegue, para a casa onde se quer bem e se folga, para a casa onde até a ultima velhice nos educâmos, para a casa onde de bondades e virtudes nos dão ellas a todos os momentos exemplos vivos e formosissimos? *Tellus, et domus, et placens uxor!* Oh se eu pudesse mostrar este meu pensamento, como me está florejando na alma! dizer com palavras a mulher como a sei no meu coração!.. mas fennina he a mão com que escrevo, j. como deenharia ella o seu retrato?

FIM DA FESTA DE MAIO.

Se o fim de qualquer obra lie a sua coroa, custará a achar obra tão mal coroadada como esta *Primavera*. Dos quatro Poemas lie a *Festa de Maio* o infimo, não contribuindo pouco para isso o seu estirado comprimento: e da *Festa de Maio* a infima parte he sem nenhuma dúvida a segunda e última. Boa e mui fertil era a idea primitiva, naqual, mas só na qual, mui casualmente me encontrara com o allenião Gerstenberg no dithirambo que traz titulo *Chipre*. Desensolveo elle a sua, pôsto que em prosa, como poeta mui valente: derramei eu, e enfraqueci a minha em pobrissimos versos (era tempo que na maior parte dos dias compunha trezentos e mais) que bem poderão, sem detrimento de pensamentos, ser reduzidos ao terço do seu numero. Já poderei parecer importuno com tanto repetir confissão das minhas faltas; mas antes isso, do que se diga que eu as covo ou tapo, ou com tantos annos ainda não caí em as cohecer cabalmente. Quem a este meu cortar pelas proprias roupas chamasse affectação, muito se enganara comigo: censuro-me, não para atallar aliheas censuras; menos para provocar defezas aos que sempre folgão, quer em bem quer em mal, de encontrar as opiniões dos que escrevem; mas censuro-me e em todas minhas couzas marco seu

prego, para que os agora principiantes lá ao
 deante se não queixem de mim, como eu pu-
 dera agora queixar-me de outros, com cujos
 livros me criei. Consciência e Verdade, ainda
 em meaquinhãs letras, devem de ser escrupu-
 losamente servidas: tem uma e outra alguma
 coiza de tão divinas, que por mais dolorosos
 sacrificios que de nós lhes façamos, na-las pa-
 gão com íntima satisfação. Certo he que fa-
 zendo o que eu faço, se corre perigo de vir a
 um grande dissabor, como he, depois desincc-
 ramente confessados os defeitos, saírem os nes-
 cios na arte de criticar, e que nunca uma só
 linha escreverão, aproveitarem-se cobardemen-
 te de taes revelações, vozen-las como desco-
 brimentos seus, e vingando-se de tua propria
 esterilidade, triunfar miseravelmente dos des-
 cuidos, sem nenhuma menção das boas partes.
 Ja isso por mim passou depois que dissertei
 acerca da invenção da *Noite do Castello*. On-
 de tal se escreveu, quem o escreveu, e como
 o escreveu não o dissei, que não quero em li-
 vros meus andar cativando dementes para a
 posteridade, se he que meus livros tem de lá
 chegar, como cá chegarão alguns bem ruins
 dos tempos atrás. É a final, que valera seme-
 lhantes pregões e taes pregoeiros, comparados
 com as duas maiores inimigas que são a
 verdade e a consciencia! podéra acrescentar a
 vergonha. Em meu conceito nada. Por tanto
 sigão elles por seu caminho, onde se afogão
 em lodo, e todos lhes cospem na face: e eu,
 que nem sequer tenho em asaz de conta para

os odiar, continue a dar documentos do unico merito de que me prêzo, que he a candura. Para dar culto á Verdade e á Consciencia, não sacrificarei aliêdas fannas, que me não pertencem, mas pela minha rasgarei a fôrça: far-lhes-hei de meu sujeito intellectual, o que de seus corpos diz Pernambuco Mendes que fazião la em Timagoogo certos penitentes, que em procissões públicas se hião espedaçando ante os carros triunfaes dos seus idolos, e por fim se arreinhavão por deante das rodas, para serem tallados e esmagados: *a que toda a gente, como refere o bom peregrino, com uma grande grita dedia: pachitoo a furião; que quer dizer: a minha alma com a tua. E decendo logo de cima do carro um sacerdote . . . se chegava áquelles bemaventurados ou malaventurados . . . e ajuntando os pedaços e as cabeças . . . mostrando ao povo de cima do mui-to sobrado do carro onde hia o idolo, dezendo n'um tom muito sentido: " Rogai peccadores todos a Deos, que vos faça dignos de serdes santos como este que agora morreo em sacrificio de cheiro suave. "*

FIM.

MAIS PRIMAVERA.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

ADVERTENCIA.

Os trez seguintes Artigos vem, *mutatis mutandis*, trasladados da *Guarda Avançada*, Jornal campeão da Causa e da Razão, como todos os d'esse tempo, sem exceptuar um unico; Jornal exaggerado, e muitas vezes injusto sem querer, como o serão sempre os redigidos por almas novas e ardentes, sinceras e poéticas, inexpertas e temerarias, que presumem que uma revolução póde realizar os filantrópicos sonhos de um solitario; Jornal emfim de que eu fui collaborador, quando vivia para a politica, ainda que não da politica, e do qual perante minha consciencia me recordo com pezar mas sem peijço, porque talvez fez males e grandes males, não aspirando senão ao bem. Tanto he verdade, que só a moderação he capaz de dar frutos abençoados! Relêa-se o meu Prologo do *Tributo Portuguez*. Aqui não quero accrescentar mais nada sobre materias, sim importantissimas, mas que eu ja dou todas por um malmequer-zinho dos campos. — São pois os Artigos substancialmente os mesmos. Pena será, se passado agora tanto tempo depois de escritos, os que por la estão espectadores das cousas públicas os acharem muito mais applicaveis aos presentes dias; e ainda maior lástima, se para o diante não vierem a perder boa parte de sua verdade.

Reinato com o luto, que no Prologo dei-

xei prometido, de meu mestre e amigo o
 Snr. Antonio Ribeiro dos Santos: fragmento
 copiado do Num. 2 do *Jornal dos Amigos das
 Letras*. Se a alguém parecer que não cãe este
 sob o título de *Primavera*, paciência; recebão-
 no como Nota, agasalhem-no como filho de
 gratidão. Para mim recende elle muita prima-
 vera de puericia, e de um jardim das Musas.



MARÇO

(PRINCÍPIO DA PRIMAVERA)

Estes aqui os primeiros dias da graciosa estação. Das flores lhe chamirão os poetas; melhor podêião chamar-lhe flor do anno. A terra, como vivia ainda verde que se enfeitava para novas bodas, a terra pelo sol repassada de amorosa quentura, vendo-o volver a alaga-la, depois de lhe haver por tanto tempo fugido, arrega-se de todas suas galas, esperançosa sorrir por entre a sua grinalda florida, embebe-se em perfumes, acerca-se de musicas voluptuosas, e suspira brandamente dentro nos arvoresdo re-
 cenvestidos, nos valles alestifados, pelos margens dos rios outra vez serenos. Com razão foi a Primavera consagrada dos antigos ás Musas e Graças: com razão se escollião as suas vésperas para o Pontifice Maximo accender o novo fogo, que devia durar todo o anno: com razão os pais de nossa lingua derão a esta parte do anno um nome feminino, e os pintores apparencias de formosa moça; enquanto Estio, Outono e Inverno pela aspereza, pela força, pela gravidade, pertencião a outro sexo. Cada fonte se oliza em um espelho; cada pedra se veste em assento aveludado: cada haste nua se desaperia n'um ramalhete: tornão-se os bosques outras tantas republicas populo-

ras, cujos cidadãos, livres como as virações, voão, cantão, brincão, acanheião-se, desposão-se, educação a sua prole bafejada do ceo, e parecem não respirar senão o prazer da independencia, da ternura e da melodia. A natureza revoca á vida innumeraveis especies de animaes de que o Inverno só continha o germen; ás outras infunde, como nos passaros, um contentamento, uma ligeireza, uma attração, que o Inverno lhes havia roubado ou amortecido. Do ceo chove fecundidade sobre tudo que he vivo; e tudo o que he vivo súa trajado de festa, e por toda a parte encontra mesm que Deos lhe asqalha, carregada de sua abundancia com luxo, magnificencia e formosura.

A humana especie não podia em tão geral favor ser esquecida, antes foi o seu quinhão de todos o mais largo. O amor, que para nós não tem uma estação exclusiva, n'esta entretanto se nos desenvolve com recrescida actividade: he porque o proprio ar, impregnado de elementos vitaes, nos está condo aos peitos uma extraordinaria energia: he porque tudo em de redor exemplos são que nos cativão: he porque o alvoreço e festa do universo convidão o coração a gozar: he porque ao florir da rosa dos jardins, muita e muita rosa esmorecida se reanima nas faces da belleza: he porque a voz da mulher então súa, não sei como, ainda mais doce; e tanto ellas mesmas sem o saber o sentem, que em toda a parte em que as horas e circumstancias do seu canto não andão

assentadas nas torres da moda, insensivelmente se achão a cantar, e este novo attrativo parece n'ellas uma necessidade, como he nas aves da primavera. Dir-se-lhe-ia que a natureza nos manda as flores nos dias em que o amor nos instiga a offerecê-las.

Mas os feitiços da Primavera não se limitão nos da recreação e amor. Um medico vos dirá que he ella a estação da saúde; um sabio a do vigor mental; um navegante a do principio de confiança nos seus mares: o artífice a saúde como a que abre a porta a longos dias; o pastor como a mãe da abundancia; o agricultor vê as esperanças do anno desparzidas por suas terras, por suas vinhas, por seus pomares. Ah! só os homens das cidades, tristemente condenados à indigência e ao luxo, quasi não encontram a primavera no seu anno! Para esses reduz-se a mais algumas horas de luz, e a uma pouca mais serenidade em um ceo sem horizontes. Se ao menos se pudesse esta serenidade reflectir nas nossas almas!... mas os redemoinhos das novidades, os raios das intrigas ambiciosas, o frio do desalento e carregadas nuvens ao longe esterilizão tudo, e se uma ou outra flor de esperança nos desabrocha a medo, lá está logo a reflexão, filha do conhecimento dos homens, que a faz com um sopro desaparecer. O anno dos nossos destinos leve um inverno bem longo e rigoroso: n'elle sulcámos a terra para semear liberdade e ventura, adubámos-la com o nosso sangue e corpos de nos-

eos irmãos, regámo-la com o nosso suor e lágrimas; e agora que nós e nossos filhos esperavamos ao inenot a florescencia que nos nugu-rasse frutos para o futuro, a Deos approuve de outro modo, e uma torrente de iniquida-des, que não quer parar, continúa a assolar a terra de nossos avós.

ABRIL.

Este mez, assim designado por abrir o seio da terra á fecundidade; consagrado desde a infancia de Roma á Deoza da formosura, á Mãe das Graças, Amores, e Jogos, he o primeiro que ouza, por debaixo ainda das ultimas nuvens chubvosas do inverno, sair e folgar com teu manto verde, e bordado de flores. O dia da sua entrada era para os nossos antepassados uma festa popular, menos estrepitosa que o Carnaval, de que parecia imitação, mas tambem mais innocente e serena. Ignoro ■ esse costume o herdão elles de nações mais antigas, com quanto dos Romanos o não houvessem, de quem tantos outros lhes vierão. Tão pouco me recordo de haver tido alguma origem historica aos brinquedos rituaes do primeiro de Abril; mas sabido he que elles existão em nossa terra, e ainda hoje se lhes conservão os restos, mormente pelas Provincias. O dinheiro pregado nas ruas, as cartas, e presentes de lôgro, a pedra que chamavão das agulhas, a lôrea de Judas, e outras quejandas bagatelas para ric, estão entretendo n'esta hora bastantes dos nossos aldeões do norte.

As lembranças velhas tem para mim muito grande saudade, e doçura; doe-me o coração quando vejo ir-se perdendo estas seculares tradições que a nioguem fazem mal, ainda que

nascidas em berço de superstição, e que de hom-
tinhão o transportar-nos a tempos sabidos, e
remotos, ou a tempos mais remotos ainda, e
ignorados. É que lie o que as apaga, e fica
em seu lugar? Jodas, polveira, e desgraças.
Oh! donde estará um poeta amigo dos senões
e da innocência, que se aficção em três mores-
varios: Fastos do nosso bom Portugal? No dia
da confusão descontrolada do presente, nós im-
jariamos essa obra como santa reliquia em ter-
ra de infelizes: variamos um iris, vão mas brilha-
te, entre nubes de tormenta. Para excitar
algun bom engenho a no-lo dar; he que
eu começo, e continuarei sempre a recordar
mis seus dias proprios: as nossas antigua-
lhas: o que farei com muita avides, porque
d'aqui a alguns annos, o investiga-las, será ja
tarde. Assim os pintores Italianos se de-
leitão copiando as restos amortecidos das
pinturas a fresco que sobre-virem no grande
Imperio, e os antiquarios trasladão avidamen-
te os enrolados livros das cidades soterra-
das, antes que de todo se desfagão em pó.

MAIO.

He a appareição d'este mez uma festa da natureza, em que sempre os homens se alegrão: quizeramos poder tributar-lhe algumas flores pelas tantas que nos elle concede. Não temos o seu encomio d'aquillo que sendo sensivel a todos não carece de ser descrito. Zêfitos e rosas, solas e rouxinocs, abelhas e borboletas, a terra toda verde, o ceo todo azul, as noites começando a fugir como envergonhadas de esconder as alegrias da natureza, objetos tão que ainda que desde a origem do mundo se apresentem sempre novos, já se tornão lugares communs nas descrições da poesia. Voltemo-nos para as recordações; embalemos e adormecemos com ellas por um pouco o espirito martirizado dos absurdos e crueldades d'estes inhos tempos, em que já se não crião fabulas risonhas e innocentes, coloridas pela imaginação, animadas pelo amor.

Forão os homens antigos os que idolatras da concordia, para melhor a insinuarem á terra, collocarão nos astros a sua imagem brilhante, e ao signo de Maio chamarão o signo dos Geminos. Elles forão os que sensiveis aos encantos das Artes, consagrarão este mez a um Deoz, que vivificando a natureza pela luz e calor, presidia com a Lira na mão aos prestigiosos artificios que a embellezão. Almas petrificadas

ha ali, para quem estas saudades do mundo antigo são frívolas, comparadas com um artigo de gazeta; para nós he delicioso andar mergulhando pelo oceano dos seculos, e não voltar a assentar-nos na nossa Ilhota escabrosa e esteril, senão carregados dos coraes, das pérolas, das riquezas formosissimas, que se cá não produzem. O fundador de Roma dedicou aos mancebos (*Juvenes*) o mez de Junho; era essa a idade que lhe fazia ganhar vitórias, mas já primeiro havia consagrado o Maio aos velhos (*Majores*), porque feroz como era, Romulo experimentava o affêto que nos atraiê para com o antigo. Passemos por alto Festas misteriosas da Deusa Bona, celebradas pelas Romanas no primeiro de Maio, em todo o segredo dos Penates e sem testemunha de varão; visitas das Vestaes ao Pontífice Maximo e príncipes Magistrados da Republica; contemplemos a expiação dos Leuites, pois que usos nossos me parecem ter d'ahí recebido origem.

A meia noite levantava-se o pai de familias, lia-se descalço, calado, e cheio de terror santo, á fonte, dando por todo o caminho amudados estalos com os dedos para afugentar os genios máos. Lavava tres vezes as mãos, e tornando-se para casa, vinha atirando uma a uma, por cima da cabeça e para traz de si, favas negras, de que truzin cheia a boca, e articulando taes palavras — com estas fôras meravigliosa a mim e aos meus: — o que por nove vezes repetia, sem olhar para traz, para não es-

pantar o espéctro que vinha apauando as favas negras. Tomava agua por uma ou duas vezes, batia n'um vaso de bronze, e para conjurar a sombra a lhe largara casa, por nove vezes repetia — *Sahi, ó munes paternos.* — Eis provavelmente d'onde provierão estes sustos vagos que ainda se dão a sentir nos homens rusticos no princípio de Maio; este uso do se repartirem e comerem castanhas secas para evitar que o Maio se apodere de nós. A imaginação do bom povo perdeu de vista essas larvas, mas o medo que ellas produzirão lhe ficou: he uma especie de moeda, que saçada como está de passar de mãos em mãos, ainda conserva a sua valia.

Outros costumes de Maio tem o nosso Portugal, a que folgáramos que alguém escavasse e descobrisse a raíz, sendo certo que na historia a dever ter. O Maio pequenino, que seguido de todas as crianças do bairro, corre enfeitado de flores, as ruas da cidade, ao som de um cantar antigo e uniforme; aquellas mi-mosas Maías tão arraiadas e donoras, que á orla dos caminhos se encontram comprimentando os passageiros; aquell'outro estilo, já talvez hoje passado, de se deitarem n'um mesmo leito um casal de crianças innocentes, para se lhes cantar em roda um como epitalâmio, ou trova de suas bodas; os descantes amorosos dados com a viola n'esta occasião pelos aldeões ás suas escolhidas; não provirá tudo isto de alguma já perdida lembrança de cultos da Deusa

Maia? E a usança de ornar com flores Mainas as portas e interior das casas, não será reflexo distante dos festejos Romanos á Dea Bonna?

A religião, que para si tomou ornato de tantas joias do Paganismo, não se desdenhou também de perfolhar este mez. Em muitas freguezias, pelas nossas provincias do norte, o bom Parocho vai benzer no princípio de Maio a bandeja de rosas que entre os devotos se distribuem e se communhão, porque esta flor abençoada traz felicidade. — Vem depois aquellas tão esperanças, tão cantadas e tão sabidas Ladainhas de Maio. — Hoje os camponeses de França vão plantar o seu Maio á porta das pessoas honradas da sua freguezia: os Ingleses renovão de certo modo as antigas *Vigilias de Venus*: os Gregos, como se os seus poetas d'outro tempo os inspirassem ainda, e a era das Elegias tornasse a reviver, vão decantar amores e pendurar grinaldas nos umbraes das suas inclinações: e os moradores de Roma, segundo nos foi dito por quem lá foi n essa terra de ruínas, ainda agora se reúnem na fonte de Egeria a respirar as delicias da natureza, debaixo d'aquelle ceo de tanto amor, que não a pensar em Numa e na grandeza antiga dos Romanos, de que a elles só veio em herança a terra coberta de muitas ruínas.

Para que servem todas estas memorias, nos estão perguntando os insaciáveis de Politica?

e nós não lhes sabemos responder senão que a nós estes pensamentos nos fazem muito bem, e que aos amigos de passatempos innocentes se não ha de prohibir o que a ninguem faz mal. Deixai-nos ser algum dia do anno semi-pagãos. São as superstições da Politica ambiciosa as que empecem a felicidade, mas estes graciosos prejuizos de nossos pais a nenhuma couza do mundo danão. E de mais, se havemos de dizer toda a verdade, a sc, que a estes pobres erros a companhia, costuma trazer consigo muita piedade religiosa, e n'ella alguma doutrina moral, que nem sempre vai por onde vai a decenganada Filosofia. Ditozo d'aquelle engenho que podesse trazer outra vez ao mundo a innocencia que nós lá ficou no paiz das fabulas! mas interromper um sonho de poesia quando se julga que a felicidade vem apoz os nossos passos, voltarmos-nos, como Orfeo, para abraçar, e vermos-la fugir e desaparecer n'um ai, e um mundo de realidades dolorosas estender-se immenso deante de nós, oh! isto he muito triste!

A' CERCA DA PESSOA DO Sr.

Antonio Ribeiro dos Santos.

Pósto que o escrever de Varão não conheci-
do dentro e fóra d'este Reino, qual foi o Sr.
Antonio Ribeiro dos Santos, já possa a mu-
lta parecer escusado, o deixar de o fazer, mais
que seja por alto, nem a oportunidade da
ocasião me consente, nem menos me con-
sentiria o gosto, que sempre do refrescar essas
memorias me resulta; por quanto na prima-
vera de minha vida, e primeira manhã de mi-
nha poesia, foi que a boa de minha fortuna
me deu conhecer este Nestor de nossa Litera-
tura, que já então, ao cabo da sua longa e
proveitosa carreira, ornado de muitos meritos
de sciencias e virtudes, respeitado e apontado
de longe, pousava sereno e magestoso, aguar-
dando pela sua hora, á beira da eternidade.

Que fosse nascido nas terras do Douro, d'on-
de lhe prouye tomar nome de Elpino Duriens-
e; que fizesse com bons mestres seus estudos;
que se tornasse, lendo na Universidade de Co-
imbra, um de seus mais lustrosos luminares;
que na Igreja e no Estudo occupasse mui su-
bidos empregos; que fosse o amigo e centro do
quantos bons engenhos em seu tempo flore-
ção, não faltará quem o escreva entre seus ou-
tros muitos louvores. Tão pouco me deterei

dispartindo entre a Jurisprudencia, a Historia, as Antiguidades, a Literatura, e a Poesia o opulentissimo cathalogo de suas Obras, cuja maxima, e por ventura optima' parte, ainda até agora não viu a luz. Não hão de ser mãos tão debéis como as minhas as que revolvão tamanhos troseos, nem em tão pequeno espaço como este coubera retratar completo Homem que abrangeu duas idades, bem fazendo-lhes mutuamente a uma pela outra; anticipando em meio do seculo passado o gosto, o apuro, a philosophia d'este nosso; transplantando para o presente o estudo, a boa fe, o saber do passado; e legando ao futuro thesouros que andou desencantando das antiguidades remotissimas. Menos arremessados são meus desejos, e mais seguros, que só quero levar meus leitores a com este bom velho encetarem conhecimento.

Corre a primavera do anno de 1814 ou 15, que eu certo o não sei. A morada de Elpino, que em um dos mais desafrontados altos de Lisboa está formosamente situada, longe do bulicio, como bem cabia á sua indole pacifica e genio estudioso, he um templo de Musas, religiosamente vedado nos olhos e vozes de profanos, isto he das mãos e ignorantes, unicos de todos os entes para quem sua porta e animo não erão hospedeiros. Por aquellas salas, graveemente ataviadas á laia dos nossos antigos, de sedas e arrazes, alcatifas, trechos, espaldadeiras e soberbos quadros dos mais perigrinos pintores, reina o silencio, e uma lembrança dos

antigos e abundosos tempos de nossos avós, que tanto conforma com os nobres e portuguezes pensamentos de suas poesias, as quaes se raras vezes vão sublimes, nunca, nem por sombras, desmentem da boa moral e da philosophia. Aqui o bom Elpino nos recebe cordialmente, a meus irmãos e a mim; os filhos do seu amigo são seus amigos, os estudiosos das Musas portuguezas e romanas são os seus amores. O ancião, que ainda entre sabios poderá ter ouvido como oraculo, remoe-se conversando com meninos, apouca-se para que o melhor comprehendão, ornalhes a moral e o estudo com quantas flores sabe; do centro da gloria lhes ensina por onde se abre o caminho que para lá conduz; e pelo grande espirito e persuasão com que falla, talvez consegue crear algumas vehementes vocações literarias. Outras vezes nos convida para a bibliotheca, suas delicias, e nos acompanha com a alegria na boca. Os seus olhos, como que ao fim de tanto lèr ja quizessem descansar para sempre, não lhe alumia o caminho; e semelhante áquelle grande Bardo Ossian, a quem velho e cego, piedosa conduzia a moça Malvina para os lugares usados de sua inspiração, no hombro de uma menina, sua afilhada e leitora, segurava o bom de Elpino uma das mãos, emquanto com a outra arrimada a um bordão, palpava o caminho, e se ajudava em seu quebrado andar.

Era a bibliotheca o intimo retiro d'este ermitão do Parnaso, fugida para longe das en-

sas, pôsto que tão quietas, e frescamente assentada em meio de muitas socalbras, verduras e aromas de seu jardim, hortas e pomares. Grandíssima cópia de livros, longamente procurados e custosamente juntos, e entre os quaes se estremavam no numero e riqueza os Gregos, os Romanos, e os antigos Portuguezes, ali estavam juntos, entre os susurro estudioso das ramas e os cantares descuidosos dos passaros. Um Apollos de marmore com a sua lira em punho, parecia estar-se mui bem cabido e contente no meio d'aquelle seu alcagar, cercado de tantos seus entores, servido por tão venerando Sacerdote. Lembranças são estas que trago colhidas de minha infancia, e que transplanto para aqui, por não querer que se perçam.

A'quelle Homem, n'aquellas tardes, e de baixo d'aquelle tecto, devo a grande veneração que ainda hoje consagro aos meus livros latinos, não poucos dos quaes mo deu elle proprio; e tocados de suas mãos poeticas, me inspirão ainda agora poesia e virtude, até cerrados, e n'elles confio que me hajão de servir de pranchas, com que n'este pélagos de freneticas e descompostas innovações, me não deixe, como tantos que mais valião do que eu, totalmente sossobrar. Nos seus ouvidos indulgentes lançava não só as principias dos meus versos, mas ainda as traças e esperanças de obras que borbulhavam de uma seiba virgem do quatorze annos. Escutava elle tudo com desvellada benevolencia, umas vizes apontando-me me-

lhotes caminhos ou mais fúteis, outras desviando-me de commettimentos maiores que meus annos e forças; agora revelando-me regras, logo insinuando-tuas com exemplos, com que sempre fiel e muito a ponto lhe acudia a memoria. Não he verdade que ha em tudo isto um não sei que, por onde o que o pratica não pôde menos ser de um grande homem? Oxalá meus esforços melhor houvessem respondido a suas diligencias, ou me não houvesse elle desaparelhado no começo da carreira, para a qual apenas me aparelhou! Sim, porque embora me hajão a vaidade, a gratidão pede que eu publique, foi este Pontifice das Musas que me iniciou no seu culto, e no seu paternal enthusiasmo me disse — Tu serás poeta. — Szena digna de um pincel eloquente: um ancião corado de louros, e cego como Homero, sagrando ao culto da mais bella das Artes, um menino cego como elle!



INDEX.

	Pag.
A nte-Prologo	5
Prologo	25
<i>Post-Scriptum</i>	47
Epistola a Primavera	49
Dedicatória a minha Irma	61
Duas Palavras de Introdução	63
Epistola	67
O Dia da Primavera Poemetto	75
Dedicatória a minha Mãe	77
Historia da Festa da Primavera	79
O Dia da Primavera Canto I	
<i>A Manhã</i>	95
O Dia da Primavera Canto II	
<i>A Tarde</i>	111
Notas ao Poemetto antecedente	131
Nota 1. ^a (<i>Elmano e Filinto - versificação esdrúxola e aguda &c.</i>)	131
Nota 2. ^a de Augusto Frederico de Castilho	162
Os Cantos de Abril Idillio	167
Dedicatória a meu Pai	169
Advertencia	171
Os Cantos de Abril	173
Nota ao Idillio (<i>Excerpto de alguns versos da primeira edição do Idillio, rejeitados n'esta segunda</i>)	186
A Festa de Maio Poemetto	189

Dedicatória ás Senhoras da Lapa dos Esteios	191
Historia da Festa de Maio	193
A Festa de Maio Canto I.	199
————— Canto II.	225
Notas á Festa de Maio	263
Nota 1. ^a (Com a traducção para latim dos amores de Galateia no Cant. 1 da Festa de Maio)	263
Nota 2. ^a (Piedade para com os animaes — alimento animal &c.)	269
Nota 3. ^a (Em desaggravo das mulheres)	291
Nota 4. ^a (Sobre o 2. ^o Canto da Festa de Maio)	305
Mais Primavera	309
Advertencia	311
Março (Principio da Primavera)	313
Abril	317
Mai	319
A'cerca da Pessoa da Sr. Antonio Ribeiro dos Santos	324

FIM

Lista de Assignantes.

S. M. F. A RAINHA D. MARIA II.
S. M. I. A. DUQUEZA DE BRAGANÇA.
S. A. R. O PRINCEPE D. FERNANDO AUGUSTO.

A. A. A. Moreira.	D. Anna Ifig. do Valle de
Ab. M. ^a J. Paiva-Manco.	S. e Mehozes.
Abrabão Weelhaue.	———— Lucinda Mont. ^{te} .
A. Carneiro.	———— Ludovina.
Achilles De Pereira.	———— Margar. ^{da} Frue-
A. Eustaquio da Silva.	tuosa de Ar. ^o
Ag. ^{to} de Castro da Gama	———— Victoria da Ro-
Lobo.	cha Torres.
———— José Pereira.	Anonimo. 2 Exem ^{pl} .
———— Roiz da F. Soares.	Anselmo J. ^o Braamcamp.
A. J. R. Leitão.	Ant. ^o Adolfo Ferr. ^o Sar-
Albino P. de Figueiredo.	mento. 16 Exem ^{pl} .
Conselh. ^o Alexandre Alb.	———— Adrianoda Mata F. ^{to}
de Serpa Pinto. 4 Ex.	———— Ag. ^o Per. ^o Lacerda.
Alexandre Lahmeyer.	———— Alves Souto.
D. Alvaro.	———— Aluisio Jarvis d'A-
Amaro Coutinho Pereira.	rouguia.
Anacleto José da Silva.	———— Augusto Goncalves.
André Joaquim Ramalho.	———— B. de Brito e Ca-
———— Perez.	nha.
A. Neves de Sequeira.	———— Cardoso e Silva.
Angelo Augusto Martins.	———— C. da Costa e Sousa.
D. Anna C. Guimarães.	———— Coelho Bragante.

Ant.^a da Costa Paiva, 130

Exempl.

— Dias d'Arevedo,
— — Monteiro,
— — Rodão,
— Diniz Couto Valente
— Ezequiel d'Aguiar,
— P. Mag.^{as} Cout^o
— P. Mendonça Araez,
— Frz. Alves Fortuna,
— Florencio Reixa,
— Fr. Alv. Guimarães,
— Peire Castello Br.^o
— da Freitas,
— Gand. S.^a Monteiro,
— G. Barreto de Pina,
— Gomes Lima,
— Glz. d'Alm.^{as} Rino,
— Gneifao Bello-Per.^a
— Guilherme da Costa,
— Henriques Doria,
— Jacinto Santarem,
— Joaquim de Abreu,
— Cons.^o Ant.^o Joaze^o
— da Costa Carv.^o 5 Ex.
— Joaz.^o Reis Junior,
— — da Silva,
— — Taix.^a S.^a
— J. d'Oliveira Lima,
— José d'Avila,
— J.^a Bot.^o da Cunha,
— — Ferr.^a de Sousa,
— — Glz. Basto,
— — — Duarte,
— — — de Oliveira,

Ant.^o J.^o de Oliveira e S.^o

— — R. Guim.^o Ex.
— — de Sa Camello,
— — da S.^a Milheiros,
— — de Sousa Martins,
— — Teixeira Leal,
— — da Vaz.^{as} 20 Ex.
— — Leite Pereira Lobo,
— — Lopes de C. Alm.^{da}
— — Lour. Coelho, 5 Ex.
— — Luiz Nog.^a e Freitas,
— — M.^o R. Abranckes,
— — — Vargas,
— — M.^o d'Almeida e S.^a
— — — de Campos,
— — — Perreira,
— — — L. M. Quêiroz,
— — — Machado,
— — — Thovar Lemos,
— — — Martins dos Santos,
— — — de Mello Breynon,
— — — N. Roiz. Cancell.
— — — Nunes dos Reis,
— — — Pedro de Carvalho,
— — — P. X. O. B. Leite,
— — — Pereira de Paria,
— — — Porfirio de Freitas,
— — — Ramos Azev.^o Maia,
— — — Rib. Azev.^o Bastos,
— — — Ribeiro de Faria,
— — — Sald.^a R. Albuquerque,
— — — Samp. X. Casqueiro,
— — — dos Santos Monteiro,
— — — da Sá Per.^a Samp.
— — — da Silva Bastos,

Ant.^a da Silva Leijão.
 — S.^a Monteiro. 2. Ex.
 — Sotero S.^a Falcão.
 — Thomaz Aquino S.^a
 — Vicente de Sousa.
 — Vieira de Carvalho.
 A. P. Ardison.
 A. P. B. de Galdanha.
 A. R. Sealy.
 Assembleia Lisbonense.
 — Portuense.
 Associação Civilisadora.
 Augusto.
 — Frederico Ferr.^a
 Dr. Augusto Lavit. 2. Ex.
 Augusto Maria Dermott.
 — Victor Sabbo.
 Aureliano J.^a de Moraes.
 Ayres Sá Nogueira. 3. Ex.
 — da Silva Coelho.
 Balthazar Lopes de Ca-
 lhoiros e Menezes.
 Bandeira — Ex-Governador
 do Castello. 4. Ex.
 Barão d'Arganiza.
 — de Ruivoz.
 Barnabé F. Paula Ataide.
 Bartholomeu dos Martires.
 Bento Alão.
 — de Almeida.
 — G. Brito Taborda.
 — Guilherme Klingler.
 — 3. Exempt.
 — J.^a Teixeira Penna.
 — de Moura Portugal.

Benlo Pereira.
 Bernardino J.^a dos Santos.
 Bernardo José de Miranda.
 Busch.
 Dr. Cabral Teix.^a Moraes.
 Caet.^a Alberto Orlandi.
 — J.^a Alves d'Araujo.
 — José M.^a de Sena.
 — Xavier Diniz.
 C. Almeida.
 Camillo da Silva Ferraz.
 Candido José Roiz Vieira.
 Cap.^{to} Engenheiro Carv.^a
 Carlos Augusto Poppe.
 — Gould. 5. Exempt.
 — de Sá.
 — Vieira da Silva.
 Carneiro.
 Castro Almeida.
 C. P. Altavilla.
 Christovão M.^a dos Santos.
 Cipriano A. Rib. Freire.
 Cipriano Dom. Vianna.
 C. Lagrange.
 D. Clara Clorinda Lopes
 Pereira de Vasconcellos.
 Clem.^a A. O. M. Alm.^a
 — Augusto Bolonha.
 D. Clementina Adelaide
 da Silva Monteiro.
 C. Massa.
 C. M. Caula.
 Conde da Cunha.
 — do Lunyares.
 — de Mello. 6. Ex.

Conde de Villa Real.
Condeça de Belmonte D.
Jerouima.

_____ de Mello. 8 Ex.

_____ de Villa Real.

Cosme José Dias. 10 Ex.

Daniel Cesar S.^o Porraz.

_____ Sotero Caio dos S.^{os}

D. A. R. Varella.

David Ubaldo S.^o Leito.

Dingo Ant.^o de Sequeira.

_____ Aug. C. Constancio.

_____ P. M.^o Bandeira.

Domingo Garcia Peres.

Domingos Fr. Santos Lm.

_____ Monteiro de Al-

buquerque e Amaral.

_____ Ribeiro de Faria.

_____ dos S.^{os}

Duque da Terceira.

Duqueza da Terceira.

C.^o E. C. C. F. Furtado.

Eduardo Frederico Loya.^o

Emilia C. de Figueiredo.

D. Emilia Martinini.

Epifanio Fr. do Miranda.

Ernesto Adolfo de Freitas.

_____ M. V. Montenegro.

_____ José Ferreira.

D. Faustina M.^a das Do-

minações Simões.

F. C. de M.

Feliciano Alon.^o Vidal.

Fernando Affonso Giral-

des de Mello e Sampatu.

Fernando Theod. Arnaut.
F. L. Bettencourt.

Figueiredo. 18 Exempt.

Filippe Folque.

Fortunato José Barreiros.

_____ N. M. e Mello.

D. Francisca de Noronha.

Franc.^o Abrantes.

_____ Adriaõ Pereira. A

_____ Afonso da Costa

Chaves e Mello. 12 Ex.

_____ Alves Sousa.

_____ Alm.^o Reiza.

_____ Ant.^o de Pinho.

_____ Corqueira. R.^o

_____ F. S.^o Ferraõ

_____ dos Santos.

_____ de Assis Almeida.

_____ Alon.^o C.^o

Real.

P. Francisco d'Assis Biga.

Franc.^o Brito P. Almeida.

_____ Candido Mend.^a

_____ da Castro Freire.

_____ C. Judice Samora.

_____ da Conc.^o Soares.

_____ Dias Brandão.

_____ Eduardo Andrade.

_____ Fabião de Mend.^o

_____ Gaspar Lahmeyer.

_____ Gomes Loureiro.

_____ Joaz.^o da Cunha

Travassos Cast.^o Branco.

_____ da Ponsosa.

_____ dos Santos.

Franco J.^o de Freitas.
 — J.^o de Sousa Nunes
 — Tavares Junior.
 — Luiz de Souza.
 — da Mãe dos Homens
 Annes de Carvalho.
 — M.^o C. Pimenta.
 — — de Nogueiras.
 — M. Silv.^o Menezes.
 — — de S.^o Brandão.
 — — de Maria Coelho.
 — M. Walsh. 4 Ex.
 — Nunes da Silva.
 — Paula Costa Feio.
 — — Sag. Lemos.
 — — S.^o V. Boas.
 — — V. Campos.
 — — Zuzarte.
 — P. Taboada Junior.
 — P.^o de Magalhães.
 — — Raim. d'Andrade.
 — — da Silva Falcão.
 — — Vieira S. Barradas.
 Frederico Aug.^o Martha.
 Pructuosi Dias Mendes.
 — — de Paiva Carl.^o
 F. Z. Fer.^o d'Ar.^o 5 Ex.
 Dr. G. Centazzi.
 Gabriel Fran.^o Ribeiro.
 — — Lopes de Lima.
 G. A. Pereira de Sousa.
 Gaspar dos Reis e Sousa.
 — — Schindler.
 D. Genoveva Victoria da
 Rocha Farinho.

D. Gervasia Joaquina de
 Sousa Falcão.
 Greg.^o Mag.^o Collaço.
 Guilherme Ignacio Rasto.
 H. D. Wems.
 Henriq. J. Passos Chaves.
 Hermano Estanislão Or-
 tandi.
 H. Hodgson. 10 Exempl.
 H. J. Moser.
 H. O. Mayn. 2 Exempl.
 Honorio Ces. Alendonça.
 Ignacio Cabral Azev da
 Silveira Barros.
 Vice Almirante Ignacio da
 Costa Quintella.
 — — José de S.
 — — P. Qi.^o Emaus.
 D. Ignez Raim. Prado.
 D. Hedefonso Olheiro.
 Isidoro H. C. Semmedo.
 Izidro Costa.
 Jacinto de Freitas Oliv.^o
 — — José de Mattos.
 — — José de Sá Lima.
 — — de Sousa Falcão.
 — — — — 2
 Exempl.
 Jacomo Pereira de Carv.^o
 J. Bento Pereira.
 J. B. Masia.
 J. B. S.^o L. de Almeida
 Garrett.
 J. C. Ramos.
 Jeronimo José da Silva.

Jeronimo Per.^a Vaseconc.^o
 — da S.^a Cardoso.
 J. P. Dario.
 J. P. Passos.
 J. P. R. S. de Azevedo.
 J. F. Thomas.
 J. G. Toussaint.
 J. J. A. Redondo.
 J. J. da C. J.
 J. J. Loureiro.
 J. J. Maniti.
 J. M. Chaves.
 J. M. F. Dias.
 J. M. S. Freire.
 João A. de S.^a Queiroga.
 — A. Lobo de Moira.
 — Anastacio Simões.
 — Antonio Biga Nunes.
 — Colasso da S.^a
 2 Exempl.
 — Marques.
 — Pereira.
 — Bap.^{ta} da Costa.
 — da Cunha Fer.^a
 — e Mafra.
 — Sabo Junior.
 1.^o João Baptista da S.^a
 João Bpt.^a S.^a Malafaia.
 — Bento da Costa.
 — Bouifacio Guimarães.
 D. João da Camara.
 João Coelho de Gibraltar.
 — da Silva.
 — Dias X. do Loureiro.
 — Ferr.^a Azev.^{do} Junior.

João Ferr.^a Camp. 10 Ex.
 — dos S.^{tes} S.^a J.
 P. João Franc.^a B. Lança.
 João Gomes Rolão.
 — dos Santos.
 Dr. João Gong. Miranda.
 D. João Gong. M. Rubalo.
 João Guilherme Caldeira.
 — Ignacio Corvo.
 — Januario V. Rezende.
 — José da Assumpção.
 — Ferr.^a de Sousa.
 — Freitas Aragão.
 — Machado Ferr.^a
 — Lameira M. V. Lobos.
 — Lourenço Ferr.^a Bra-
 ga. 4 Exempl.
 — Luiz de Sousa Falcão.
 — Talone.
 — Manoel de Aral.
 P.^a João Maria Carneira.
 João Maria Feijó.
 D. João Martins Falcão.
 João da Matta e Silva.
 — Mend. A. Barbarino.
 — Neves Gomes Eliseu.
 — Nogueira Gandra.
 — Nunes da Silva.
 — Pedro Coelho.
 — Heitor Aleant.^a
 — Nol. Cunha.
 — Per.^a Queiroz Basto.
 20 Exempl.
 — Silva Fonseca.
 — Procopio Tavares.

João Saccadura Botte Cor-
 te Real. 2.º Exemp.
 — da Silva Falcão.
 P. João Silva Pessanha.
 João da Silva Setrão.
 — de Sousa Falcão.
 — Vie.º P.º Mald.º
 — de V.º N.º de Vasc.º
 Corcica de Barros.
 Joaq.º Xavier da Maia.
 — Ant.º Aguiar. 5.º Ex.
 — — Barbosa Torres.
 — — da Costa.
 — — da Poncest.
 — — Tenreiro.
 — — Vidal da Gama.
 — Augusto Burlama-
 qui Marecus.
 — Barteto de Castilho.
 — Corrêa Moreira.
 — Felix Moreira 6.º Ex.
 — Francisco Danim.
 — Gomes V.º Gaio.
 — José Bernardes.
 — — Costa Macedo.
 — — Costa Portugal.
 — — da Cunha.
 — — Dias Lopes de
 Vasconcellos. 3.º Exemp.
 — — Figueira.
 — — Gilo.
 — — Lobo.
 — — Marques Cald.º
 — Julio da S.º Ferraz.
 Cons.º Joaq. Larchar.

Joaq. Lucio Arbues M.º
 — das Neves Franco.
 — Pedro Abreu Lima.
 — Romão Lob.º Pires.
 — da Silva Cordeiro.
 — da Silva Machado.
 — Torquato Alvares Rê-
 beiro 6.º Exemp.
 — Victor S.º Gormão.
 — Urbano de Sampaio.
 D. Joaq.º Carlota Fons.º
 Jorge Oom.
 José Anastasio Pereira.
 — Antonio de Almeida.
 — — de Castro.
 — — Cob.º d'A-
 zevedo Gentil.
 — — Mello Ar.º
 — — da Silveira.
 — — Soares M.º
 — d'Ar.º Coutinho V.º
 — — Machado.
 — Aug.º Correa Leal.
 — Bernardino Krazão.
 — de Brito.
 — Caetano Rebello.
 — Candido Alb. Torres
 Barata Arzujo e Lima.
 — Carlos Cerveira Val.º
 — — da Costa P.º
 — — Guimarães.
 B.º José Cesar da Silveira.
 José C. M.
 — do Coração de Jesus.
 — Crispim da Cunha.

José Ed.^{do} da Silva Alves.
 — Ennes.
 — Ezeq.^{al} da Costa Ricci.
 D. José Felix da Camara.
 P.^o José Fernandes de Oli.
 v.^m Leitão Gouv.^o 3 Ex.
 José Ferreira da Silva.
 — Firmino de Lourido.
 — da Fonseca.
 — — — — Veiga.
 — de Freitas Oliveira.
 — Gonçalves Aires.
 — Gregorio Talote.
 — Homem de Fig.^{do}
 P.^c J.^c Ign.^o H.^lu^{es} Mira.
 José Ignacio Puna e Assiz.
 Dr. José Joaquim de Carv.^o
 José Joaq.^m Castro Lemos.
 — — — — D.^lo Cordeiro.
 — — — — Moroni.
 — — — — dos Reis.
 — — — — Reiz. Seuro.
 — — — — da Rosa.
 — — — — Lopes Vieira.
 — — — — de Loureiro e Alm.^{da}
 — — — — Loureiro Vianna.
 — — — — Luiz de Brito.
 — — — — Maduro Junior.
 — — — — Manoel de Almeida
 Ar.^{do} Corrêa Lacerda.
 — — — — de Mattos Ba-
 rata e Lima.
 — — — — Oliv.^m Mach.
 — — — — Maria Condeixa.
 — — — — da Costa.

José Maria Crujeira.
 — — — — Desso.
 — — — — Estaves.
 — — — — Fr.^{so} Almada.
 — — — — Ganço.
 — — — — Grande.
 — — — — Mor.^m Bergara
 — — — — Nogueira.
 — — — — Paganino.
 — — — — P.^{ra} B.^{ca} Lessa.
 — — — — P.^m Castro S.^a
 — — — — Rosado.
 — — — — Segur.^{do} L.^{mos}
 — — — — Sergio Ponseca
 da Silva.
 — — — — Silv.^m Estrella
 — — — — Strauss.
 — — — — de Vilhena Pe-
 reira de Lacerda.
 — — — — do Mello Breyner.
 — — — — Melquiades Leger.
 D. José Miguel Noronha.
 José M. Q.
 — — — — das Neves Mascarenh.
 o Mello.
 — — — — Silva.
 — — — — Palmeiro Tenreiro.
 — — — — Pedro da Carv.^o e S.^m
 da Silva.
 — — — — P.^m Faria M.^{do} Costa.
 — — — — Perry.
 — — — — Pimenta Calça.
 — — — — Pinheiro Caldas.
 — — — — de Prado Fraguza.
 — — — — Raimundo Bello.

José Ricardo P.^{ma} Cabral.
 — Roiz, da S.^a Vianna.
 — dos Santos Nazareth.
 — Servulo Costa e S.^{as}
 — Silverio da Fonseca.
 — Silvestre de Andrade.
 — Sousa Falcão Senior.
 — — Junior.
 — Tello Mag.^{as} Collaço.
 — Vaz Araujo Veiga.
 José Victorino Freire da
 Fonseca Cardoso.
 — — Zuzarte Coe-
 lho da Silveira.
 Jovencio Pedroso Oliv.^{ma}
 J. Paulo da Silva.
 J. P. N. X. de L. Brito.
 J. P. R. G.
 J. R. Blanco.
 J. R. Manco.
 J. R. Pinto.
 K. Pinto.
 L. A. M. Brandão.
 L. J. de Gouvea.
 Leandro Capistrano d'Al-
 meida Figueiredo.
 Lourenço de Almeida.
 — — Justiniano Lima.
 — — M. Telles Mattos.
 L. T. H. de Brederode.
 Luziano S. Carv.^o para si
 e seus amigos 40 Ex.
 Luiza Mathey.
 Luiz A. Bello Reis Junior.
 — Antonio de Freitas.

Luiz B. Ribeiro Vianna.
 — Caet.^o Guerra Santos.
 — C. Alm.^{da} Botelho.
 — da Costa Pereira.
 — — Pinto.
 — Joaquim de Sampaio.
 — José da Silva.
 D. Luiz M.^{ma} da Camara.
 Luiz de Mello Breynier.
 — — — — Cordeira.
 — Miguel d'Azevedo.
 — O. da Costa.
 M.^{ca} Alves do Rio Junior.
 — Antonio Rodrigues.
 — — Vianna.
 — Bento Rodrigues.
 D. Manoel da Camara.
 M.^{ca} de Castro Pereira.
 — — — — e Silva.
 — Coelho Bragante.
 — Felix Oliv. Pinheiro.
 — Ferreira Borges.
 — Francisco Dias.
 — — — — das Neves.
 — Gonçalves Pombro.
 — I. Cunha Menezes.
 — I. Moreira Freire.
 — Joaq.^{mo} Cardoso Cas-
 tello Branco. 2.^a Ex.
 — — — — Fortes.
 — — — — Freire.
 — — — — Moreira.
 — — — — Pereira Silva.
 — — — — Santiago.
 — José Cordeiro Galvão.

M.^o Jesú Esteves Campos.
 — da Motta.
 — Maria da Rocha.
 D. M.^e M. Sousa Falcão.
 M.^e Per.^a Lima Tavares,
 — Ramos.
 — Ruiz Costa Salgado.
 — dos Santos.
 — Thomaz S.^o Menezes.
 — de Vasconcellos.
 — Urbano.
 Marcellino Ant.^o Mbraes.
 D. M.^e B. C. Villella.
 — C. S.^o Falcão.
 — Carlota Vidal Ga-
 ma Lobo.
 — Carmo Guimarães.
 — C. Guimarães.
 — Clara Brazaucamp.
 — F. Paes de Mattos.
 — H. Sousa Falcão.
 — José Ozorio.
 — J. Sanchez Brito.
 — Luiza d'Albuquerque.
 — 2 Exempt.
 — Magdalena Sousa.
 — Manoel Vidal da
 Gama Lobo.
 — M. Silva Falcão.
 — R. Sousa Falcão
 Ferrer.
 — Viceneia de Mello.
 — Xavier Falcão.
 D. Margarida Silva Ma-
 chado Figueiredo.

D. Marianna C. Ribeiro.
 — — — G. Pereira de
 Bessa.
 — — — Noronha.
 — — — da Silva Ma-
 chado Figueiredo.
 Marquez de Fronteira.
 — do Saldanha.
 M. F. da Costa.
 Miguel Ferreira da Costa.
 — Fran.^o Saldanha.
 — João Coelho.
 — Joaquim Pires.
 — J.^o Okeche, 2 Ex.
 — M.^a Gomes de An-
 drade e Leiros.
 M. J. M. Dantas, 2 Ex.
 M. T. H. de Brederode.
 N. H. Klingelhoufer, 3
 Exempt.
 D. Nicasio Canete y Mo-
 ral.
 Nicoláo Maria Nobre.
 Nicoláo C. P.^o Queiroz.
 — S. James.
 Nuno José Gonçalves.
 Pedro A. N. Domingues.
 D. Pedro Cunha Menezes.
 Pedro Jacome de Calhei-
 ros e Menezes.
 — José de Oliveira.
 — M.^a Costa Almeida.
 — Paulo Ferr.^a Sousa.
 — — Vasconcellos.
 — P.^o Moraes Sarm.^o

Bacharel Pedro dos Santos Freire.

Pedro de Silva Ferraz.

— de Sousa Cardoso.

P. G. Tounaint.

P. M. Lagan. 4 *Exempl.*

Prior da Magdalena.

— de Marv.^a de Sant.^{ma}

— do Milagre de Sant.^{ma}

Quintino Teixeira Carv.^o

D. Quiteia da Silva Machado Figueiredo.

Rafael Antonio de Brito Pimenta d'Almeida.

— Archânjo de Carv.^o

Reis e Irmão.

Roberto Wanzeller.

Rodrigo de Azevedo Sousa da Camara.

— José Dias Lopes de Vasconcellos.

— Limpo Rav.^{es} Pereira de Lacerda.

Rosa Coelho de Gibraltar.

D. Rosa Dinguina Lopez

Pereira de Vasconcellos

Sebastião André Xavier.

— Casqueiro Vieira Gago.

— de Gargamala.

— J. Villaga Gama.

Sebastião Xavier Botelho.

Servulo M.^a de Carvalho.

S. J. de Gouvea.

Silvino Christão Barros.

Simplicio Moura Mach.^{do}

Tertuliano Turibio Lobato

Pinto Ferreira.

D. Ther.^a Hedeviger Leite

de Moraes Castilho.

— — Maria Botelho.

— — Miquelina Alves de Sousa.

— — Theodora da Sociedade Martins.

— — Xavier Botelho.

Thomaz Aq.^o S.^{as} 2 *Ex.*

— — Pinto Saavedra.

— — Rufino Monteiro.

Thomé A. Fenz. Roxo.

Teófilo Francisco Carn.^{to}

D. Vasco Gutierrez Cunha.

Vicente Alavilla.

— — Pires da Gama.

D. Vie.^{te} Segur. Menezes.

Victorino José Gomes.

— — Manoel de Oliveira Mascarenhas.

Visconde do Porto Covo.

2 *Exempl.*

Vital Jorge da Maia Cathão.



